**Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública**

**Entre a cruz e o desejo: experiências de renúncia da
atração pelo mesmo sexo na Igreja Adventista do
Sétimo Dia**

Josué de Castro Filho

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Saúde Global e
Sustentabilidade para obtenção de
Doutor em Ciências.**

**Orientador: Prof. Dr. Rubens de
Camargo Ferreira Adorno**

**São Paulo
2021**

Entre a cruz e o desejo: experiências de renúncia da atração pelo mesmo sexo na Igreja Adventista do Sétimo Dia

Josué de Castro Filho

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Doutor em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Rubens de Camargo Ferreira Adorno

**Versão Revisada
São Paulo
2021**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FSP/USP: Maria do Carmo Alvarez - CRB-8/4359

Castro Filho, Josué
Entre a cruz e o desejo : experiências de renúncia da
atração pelo mesmo sexo na Igreja Adventista do Sétimo
Dia / Josué Castro Filho; orientador Rubens Camargo
Ferreira Adorno. -- São Paulo, 2021.
367 p.

Tese (Doutorado) -- Faculdade de Saúde Pública da
Universidade de São Paulo, 2021.

1. Religião. 2. Homossexualidade. 3. Igreja Adventista
do Sétimo Dia. 4. Cura Gay. 5. Pesquisa Qualitativa I.
Camargo Ferreira Adorno, Rubens, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a todas as pessoas que estão na linha de frente do combate à pandemia de COVID19.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por absolutamente tudo.

Ao meu namorado pelo amor recebido.

Aos meus amigos pelo constante incentivo e carinho.

Ao professor Rubens de Camargo Ferreira Adorno pelas orientações acadêmicas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Global e Sustentabilidade por me aceitar como estudante de doutorado.

À Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo por me proporcionar a oportunidade de alcançar meus sonhos.

À CAPES por apoiar financeiramente a realização da pesquisa e por possibilitar um estágio doutoral na Inglaterra.

À Universidade de Nottingham pelo acolhimento no estágio doutoral.

Ao professor Andrew Kam-Tuck Yip pela aceitação da coorientação no estágio doutoral, pelas supervisões e pelo estímulo a buscar por novos horizontes.

Aos colegas de doutorado Thiago Godoi Calil e Bruna Alonso – da Faculdade de Saúde Pública da USP – e Zoe Rubenstein, Jack Aldridge, Ashley Lewis, Álvaro Ramirez March, Ruth Tarlo e Karolina Trdlicova – da Escola de Sociologia e Políticas Sociais da Universidade de Nottingham – por tornarem esta jornada acadêmica muito mais prazerosa.

EPÍGRAFE

“Mas o que é filosofar hoje em dia senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Senão consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe?”

Michel Foucault

RESUMO

Tendo em vista que as opressões das subjetividades em assuntos relativos ao gênero e à sexualidade são questões importantes no cenário global contemporâneo e que as reações conservadoras aos movimentos de luta por direitos da população LGBTQIA+ mantém atuantes tais opressões, elaboramos um estudo qualitativo com características etnográficas em uma corporação religiosa internacional, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que descreveu e analisou por uma linha foucaultiana a temática da renúncia de práticas homoeróticas. Através de entrevistas e encontros com pessoas atreladas a instituição que afirmaram sentir ou já terem sentido desejos por pessoas do mesmo sexo, e de observações de um Ministério criado em uma das igrejas desta corporação para apoiar a renúncia homoerótica, percebemos grande variabilidade no discurso sobre a “abnegação”, o que pode ser decorrente de diferentes contextos sociais e geracionais em que os participantes estavam inseridos. As narrativas atuais de “transformação” do desejo se entrelaçam com experiências homoeróticas anteriores e técnicas de si implementadas para o autocontrole, tornando a “abnegação” uma categoria não pura, mas situacional e determinada pelas normatividades e discursos de verdade dos locais transitados. Evidenciamos que enquanto para algumas pessoas a renúncia da prática homoerótica trazia sentido e propósito para a existência, para outras tal abdicação era um fardo causador de diversos sofrimentos e ideias suicidas, sendo necessário alertar quanto a periculosidade do monopólio do discurso religioso fundamentalista sobre a atração homoerótica. Concluímos, portanto, que é fundamental que se promova o acesso igualitário a outras interpretações da realidade em função de garantir condições de existência dignas para estas subjetividades.

Descritores: Religião; Homossexualidade; Igreja Adventista do Sétimo Dia; Cura Gay; Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT

CASTRO FILHO, J. **Between the cross and the desire: experiences of renouncement of same sex attractions at the Seventh day Adventist Church.** 2021. Tese (Doutorado) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

The oppressions of subjectivities in matters related to gender and sexuality are important issues in the contemporary global scenario, and the conservative reactions to the social movements for the rights of the LGBTQIA+ population maintain those oppressions. With these oppressions in mind, we've elaborated a qualitative research with ethnographical characteristics to describe and analyse the subject of the renouncement of homoerotic practices in an international religious corporation, the Seventh Day Adventist Church. We interviewed and met people linked to the institution who claimed to have – or having had – same sex attractions, and observed a Ministry created in one of the churches of this corporation to support homoerotic renunciation. In these meetings and observations, we perceived a great variability in the discourses about this issue, which may be due to different social and generational contexts of the participants. The current narratives about the “transformation” of the desire are connected with previous homoerotic experiences and with techniques of the self that were implemented for self-control, which shows that the “abnegation” is not a pure category, but situational and determined by the normativities and the speeches of truth encountered in a specific place. We have seen that while for some people the renouncement of homoerotic practice brought meaning and purpose to existence, for others such abdication was a burden that caused severe suffering and suicidal ideations, demonstrating the danger of the monopoly of the fundamentalist religious discourse about same sex desires. We conclude, therefore, that it is vital to promote equal access to other interpretations of reality in order to guarantee dignified conditions of existence for these subjectivities.

Descriptors: Religion; Homosexuality; Seventh Day Adventist Church; Gay Cure; Qualitative Research.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
 PARTE 1 – ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	18
1. A ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO	19
2. AS TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS	25
3. OS TENSIONAMENTOS NOS ENCONTROS	41
3.1 As Interferências	42
3.2 Implicações do Poder Falar e do Falar Num Contexto Acadêmico	55
4. OS MARCOS TEÓRICOS.....	60
 PARTE 2 - ENTREVISTANDO	66
INTRODUÇÃO	67
1. AS PARTICULARIDADES E HISTÓRIAS DOS ENTREVISTADOS	68
2. RAZÕES PARA NÃO EXERCER A ATRAÇÃO PELO MESMO SEXO	91
2.1 Os Critérios Para A Salvação, A Vida Eterna, O Paraíso Celestial	92
2.2 A Generalização da Promiscuidade e A Busca da Santidade Sexual	98
2.3 As Infecções Sexualmente Transmissíveis Como Resultado das Práticas Homoeróticas e A Suposta Saúde Física.....	103
2.4 Os Supostos Sintomas Psicológicos, O Chamado Vazio de Gênero e A Suposta Dependência Emocional	106
2.5 A Decepção e Frustração Sensorial e Relacional nas Experiências Com Pessoas do Mesmo Sexo.....	111
2.6 As Pressões Heteronormativas Sociais e Familiares	119
2.7 O Desafio Que É “Sair Do Armário”	123
2.8 A Ilegalidade do Ato, O Isolamento Social e A Luta por Sobrevivência	126
2.9 O Propósito de Vida Na Religiosidade e No Trabalho Evangelístico	128

3. COMO É A VIDA DE “ABNEGAÇÃO” E DE RESISTÊNCIA ÀS PRÁTICAS HOMOERÓTICAS?	131
3.1 Entre A Cruz e O Desejo	132
3.2 Alegria, Prazer, Bem-Estar, Realização e Paz na Abnegação	135
3.3 Angústia, Ansiedade, Abandono, Solidão, Depressão, Confusão e Cansaço na Abnegação	142
3.4 As Ideações Suicidas	150
3.5 As Tentações	152
3.6 O Controle de Si Nos Discursos de Abnegação da Atração Pelo Mesmo Sexo	158
3.7 A Presença e A Ausência de Relacionamentos Amorosos	175
3.8 O Preconceito e As Experiências Desagradáveis Na Igreja	183
4. AS DIVERSIDADES NO DISCURSO:	190
4.1 Sobre O Que Seria A Atração Pelo Mesmo Sexo	190
4.2 Sobre A Identidade	194
4.3 Sobre Cura, Transformação e Milagre	197
4.4 Sobre a Paz	207
4.5 Sobre a Aceitação Relacionada Às Práticas Homoeróticas	212
4.6 Sobre A Compulsoriedade Das Práticas Eróticas Com Pessoas Do Sexo Oposto ou Do Celibato	216
4.7 Sobre a Pecaminosidade de Atos Relacionados À Sexualidade	220
PARTE 3 – PALESTRAS E TESTEMUNHOS DO COMBATE HOMOERÓTICO ..	226
INTRODUÇÃO:	227
1. OS PRIMEIROS MOVIMENTOS	227
2. AS APROXIMAÇÕES AO MINISTÉRIO	232
3. A ATRAÇÃO PELO MESMO SEXO COMO UM “FENÔMENO AMBIENTAL”	235
4. A ATRAÇÃO HOMOERÓTICA E HOMOAFETIVA MASCULINA	243

5. O TESTEMUNHO DO COMBATE DA ATRAÇÃO HOMOERÓTICA E HOMOAFETIVA MASCULINA	252
6. A ATRAÇÃO HOMOERÓTICA E HOMOAFETIVA FEMININA	265
7. O TESTEMUNHO DO COMBATE DA ATRAÇÃO HOMOERÓTICA E HOMOAFETIVA FEMININA	280
8. “ <i>TEM CURA?</i> ”	290
8.1 O Método do Ministério	293
8.2 A Mentoria	298
8.3 O Contexto Religioso do “Tratamento”	302
8.4 A Adoção da Psicanálise Pós Freudiana Para Uma Concepção da Atração Homoerótica E Homoafetiva Como Um Distúrbio	311
9. A FAMÍLIA E O ACOMPANHAMENTO DOS PAIS	324
10. UM OUTRO TIPO DE MINISTÉRIO.....	333
11. O DESAFIO QUE FOI ETNOGRAFIAR	335
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 342
 REFERÊNCIAS.....	 348

APRESENTAÇÃO

Para mergulharmos neste estudo, é importante compreender que o tema desta tese e seus objetivos se coadunam com o campo da saúde global pelo fato das questões de gênero e de sexualidade serem, na atualidade, questões importantes dos processos políticos ideológicos em vários pontos do mundo. A negação da identidade muitas vezes é a resposta provinda de diversos constrangimentos que podem promover a constituição de subjetividades assujeitadas e gerar sofrimento social.

Em segundo lugar, é necessário esclarecer que este texto não defende, de forma alguma, a opressão dos movimentos de “cura gay”. Ao contrário, este trabalho apoia a igualdade de direitos à população LGBTQIA+ e visa trabalhar em combate à violência dirigida a esta comunidade. Justamente por isso que tomamos cuidados para não constrangermos ainda mais os sujeitos participantes desta pesquisa. Ao longo deste estudo, objetivou-se observar respeitosamente as narrativas e os modos de vida dos participantes em todos os encontros, criticando as fortes relações de poder e opressão homofóbica que existem no ambiente e no discurso religioso que induzem seus membros a reprimirem seus desejos e condutas homoeróticas.

Os sujeitos desta pesquisa não estão alheios aos discursos que os atravessam e que em grande parte das vezes guiam suas condutas. É justamente por isso que um estudo como este é importante: para descrever quais são as premissas, as prescrições, as ideias e as experiências que direcionam os caminhos dos sujeitos e constroem suas subjetividades.

Observamos com sensibilidade os movimentos cotidianos de busca de algo que dê razão para a vida e entendemos que todos estamos, de alguma maneira ou outra, buscando algo que dê sentido a nossa existência. Foi a partir da constatação de que algumas pessoas veem propósito para a vida na abstenção das práticas homoeróticas que minha aproximação a elas e descrição de seus modos de vida foram profundamente cuidadosas para com os aspectos éticos de pesquisa com seres humanos.

Este estudo não tem o objetivo de afirmar que um modo de vida que se abstém de atividades homossexuais seja melhor, superior, mais saudável, mais legítimo ou mais íntegro do que aquele que tem práticas homoeróticas. Não tentamos, com esta

investigação, demonstrar que pessoas que sentem atrações sexuais pelo mesmo sexo devam reprimir seus desejos. Tampouco é o objetivo desta pesquisa colocá-las como exemplo de vida para outras pessoas que passam pela mesma situação.

Por isso, este estudo não é, nem deve ser utilizado como um instrumento para o favorecimento de intervenções reparativas da atração homoerótica ou para a promoção de terapias de reorientação sexual. Cabe aqui afirmar que a investigação não tem nenhum vínculo com instituições ou movimentos que promovam a reorientação sexual e / ou a “heterossexualidade compulsória”, como explicam Natividade e Oliveira (2007). A investigação não tem, de forma alguma, intenção de contribuir com ideias que corroborem com a intolerância à comunidade LGBTQIA+ e com a consideração de que somente algumas determinadas formas de expressão sexual e de gênero devam ser propagadas por serem saudáveis, morais, legítimas, íntegras, etc.

Enfatizamos que não temos o objetivo de concordar com iniciativas institucionais ou individuais que fundamentem a homofobia, que defendam a violência de gênero e que justifiquem a violência sexual que ocorre nos diversos espaços sociais, inclusive nas igrejas. Ao contrário, este trabalho se torna pertinente por querer descrever, e não promover, a experiência de atores da vida religiosa que negociam sua atração sexual pelo mesmo sexo no espaço religioso.

A produção desta tese está atrelada a uma trajetória acadêmica que é indispensável de apresentação. A atração erótica pelo mesmo sexo e a religião sempre foram temas próximos à existência do pesquisador e o influenciaram a estudá-los de forma concomitante para a obtenção de título de mestre em 2016. Decidiu-se, naquela época, escrever uma dissertação sobre a intersecção dos temas de religião, atração homoerótica e masculinidades. Sob a orientação do professor Rubens Adorno, foi realizada uma etnografia digital num grupo virtual da rede social *Facebook* que pertencia ao “SDA Kinsip” – um grupo internacional de pessoas provindas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, alguns membros afastados da igreja e outros membros ainda atuantes, que tinham atrações eróticas e afetivas por pessoas do mesmo sexo e que, sigilosamente, discutiam sobre suas práticas, seus desejos e diversos outros temas. Por 9 meses este subgrupo específico de homens foi observado e suas publicações e comentários que ali apareciam foram catalogadas. Dentre os 15 grandes temas em que todas as publicações foram agregadas, propôs-se focalizar as questões relacionadas às masculinidades e ao sofrimento social

causado pela diversidade sexual no ambiente religioso. A partir de então, pudemos constatar que quando homens com atrações homoeróticas provindos de uma comunidade religiosa conservadora se relacionavam numa outra comunidade que lhes dava a possibilidade de explorar seus sentimentos e desejos sexuais sem julgamento, eles reproduziam atos de solidariedade e aceitação da variabilidade de gostos, de expressões de gênero e de significados que compõem um conceito ampliado de masculinidade. Observamos que

“o pertencer a um grupo que compartilha experiências de violência pode dar um significado ao sofrimento social que transcenda a vitimização e promova a sensação de segurança e bem-estar, permitindo que seus participantes também discutam outros temas que vão além da sexualidade, e que são importantes para compor a totalidade de suas vidas” (CASTRO FILHO, 2016, p. 118).

Após escrita a dissertação, ficava claro que o compartilhamento das questões relacionadas ao exercício homoerótico e a possibilidade de haver um local seguro para que esse exercício pudesse ser expressado gerava nos participantes deste grupo sensações de acolhimento e bem-estar distintas das sensações de sofrimento que algumas vezes surgiram dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Sofrimento que tinha a ver com a opressão sentida por discursos de exclusão, por percepção de isolamento e até mesmo por agressões físicas ou psicológicas direcionadas a estas pessoas também no ambiente religioso.

Também foi percebido nesta pesquisa anterior que a liberdade para a expressão da atração pelo mesmo sexo era fundamental para a sensação de bem-estar observada nas publicações deste grupo e vimos que esta liberdade lhes era dada pela reinterpretação das normativas sociais que direcionam os modos de vida, incluindo a reinterpretação dos textos bíblicos de forma a perceber a atração pelo mesmo sexo como fenômenos não pecaminosos.

Entretanto, logo após a publicação desta dissertação, publicações provenientes de várias denominações religiosas, juntamente com as da Igreja Adventista do Sétimo Dia, foram encontradas, mostrando outros cenários e outros personagens falando sobre as razões para o não exercício homoerótico por questões que englobavam o alcance do bem-estar, da realização pessoal, do preenchimento de um “vazio interior”, da melhora da depressão e da ansiedade sentida por estes sujeitos.

Percebíamos que este movimento tomava peso com o apoio de alguns profissionais cristãos da psicologia que, como descrito por Gonçalves (2019), se mobilizavam juridicamente para defender que o exercício homoerótico era uma expressão desviante da normalidade sexual e que merecia sofrer intervenções psicoterapêuticas.

O estranhamento gerado pela tamanha discrepância entre o que tinha sido descrito com aquilo que ultimamente se entrava em contato motivou a vontade de estudar este fenômeno. Surgiu, então, a ideia de pesquisar como era a experiência de pessoas que estavam envolvidas no campo da religião e que decidiam não pôr em prática seus desejos por pessoas do mesmo sexo. Enquanto no mestrado estudamos a experiência do exercício homoerótico, agora, no doutorado, pesquisaremos um outro grupo que fazia um movimento contrário.

Após um período de aproximadamente quatro anos e meio que incluíram estudos sobre governamentalidade e o dispositivo da sexualidade, observações de campo, contato com pessoas que diziam fazer renúncias sexuais em suas vidas e um estágio doutoral em estudos de sexualidade e religião pela Universidade de Nottingham, construiu-se um estudo que descreve e analisa a experiência de renúncia dos desejos e das práticas sexuais de pessoas que têm atrações pelo mesmo sexo e são providas da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Este estudo se utilizou de uma contribuição etnográfica para as pesquisas de campo e – também por conta da formação acadêmica em psicologia traçada pelo doutorando – se empenhou em realizar entrevistas em profundidade com pessoas adventistas que diziam se abster de práticas homoeróticas para complementar a discussão sobre a renúncia dos desejos.

A tese demonstra o que faz com que algumas destas pessoas decidam traçar um caminho em direção à renúncia dos desejos homoeróticos presentes em suas experiências de vida e que técnicas utilizam para o controle de si mesmas. É uma tese de caráter internacional, que focaliza uma igreja global com doutrinas centralizadas e verticalizadas e que promove reações similares mundialmente, como o “Ministério Perseverar em Cristo” – brasileiro – e o “Finding Peace Ministries” – estadunidense – estudados nesta investigação.

Para demonstrar esta pesquisa em formato de tese, a estruturamos em três partes: a primeira trata das trajetórias teóricas e metodológicas que conduziram os passos da pesquisa. No primeiro capítulo, mostramos a forma como foi

esquemática a investigação. No segundo capítulo, apresentamos a maneira como se deu a aproximação com campo e os encontros com as pessoas entrevistadas. No terceiro capítulo demonstramos os tensionamentos dos encontros, as interferências e as implicações sobre o falar deste tema num âmbito acadêmico. No quarto e último capítulo focamos os marcos teóricos foucaultianos que embasaram nossas análises e reflexões.

Na segunda parte encontram-se as entrevistas realizadas com pessoas que, acompanhadas ou não por ministérios de apoio à abstinência homoerótica, diziam trabalhar para deixar de lado as práticas e os desejos por pessoas do mesmo sexo. No primeiro capítulo falamos sobre as histórias e as particularidades dos participantes que tiveram seus discursos mais profundamente analisados. No segundo capítulo discutimos os motivos para renunciar ao desejo homoerótico. No terceiro capítulo falamos sobre as experiências cotidianas da abnegação e, no quarto e último capítulo, apresentamos as diversidades encontradas nos discursos relacionadas à atração sexual pelo mesmo sexo e suas implicações na intimidade dos participantes.

Na terceira e última parte da tese estão descritas as observações feitas em campo, indo a uma igreja adventista brasileira que possui um Ministério – o “Ministério Perseverar em Cristo” – de apoio a pessoas que queiram não praticar suas atrações pelo mesmo sexo. No primeiro capítulo foram descritos os primeiros movimentos que possibilitaram encontrar um Ministério como o estudado. No segundo capítulo, mostramos como foi o processo de aproximação ao campo de observação. No terceiro capítulo discorremos como o Ministério refuta afirmações da atração homoerótica como proveniente da genética e fundamenta a ideia de que desejos sexuais pelo mesmo sexo são respostas de transtornos encontrados no ambiente. Do quarto ao sétimo capítulo, discorremos como o Ministério apresenta explicações para a atração homoerótica masculina e feminina, com testemunhos de vida que intercalam estas explicações. No oitavo capítulo encontraremos as técnicas do Ministério no acompanhamento das pessoas que são auxiliadas por ele. No nono capítulo falamos como o Ministério acompanha as famílias que buscam por apoio técnico e emocional para lidar com seus membros que têm atrações homoeróticas. No décimo capítulo fazemos uma breve descrição de outro Ministério adventista similar ao observado, mas que surgiu nos Estados Unidos. O décimo primeiro e último capítulo da tese fala sobre os desafios da observação participante realizada e as análises construídas a partir desta contribuição etnográfica.

Uma nota importante a ser feita a quem lerá este manuscrito é que o texto em geral é apresentado em primeira pessoa do plural, exceto nos momentos de inserção em campo, que serão narrados em primeira pessoa do singular. Boa leitura.

PARTE 1
ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1. A ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO

Este é um estudo qualitativo e interpretativo, que busca o “sentido vivido dos atores” (BEAUD, 2018) que têm em seu cotidiano o ideal de não praticar os desejos homoeróticos que sentem. Para ser construída, esta tese obteve ricas contribuições etnográficas, tendo sido possível – através destas contribuições – ampliar o contato com a cultura – tornando aparente as especificidades locais invisíveis e busca o significado desta pluralidade – (MAGNANI, 1996), dialogar com o outro através de um desenraizamento do pesquisador e de um mergulho profundo na vida de quem se pretende compreender (URIARTE, 2012) e somar o material produzido da experiência vivida aos conhecimentos, tecnologias, relações, afetos e impactos recursivos da subjetividade (RAIKHEL e GARRIOTT, 2013).

A investigação como está apresentada nesta tese teve seu projeto corrigido e repensado algumas vezes, tendo passado por algumas mudanças importantes desde que foi concebida. Primeiramente, pensamos em fazer um estudo que explorasse a experiência de abnegação do desejo homoerótico em diversas religiões cristãs, mas ao revisar o projeto do estudo, entendemos ser mais adequado o foco numa religião específica – a da Igreja Adventista do Sétimo Dia – em função de maior precisão interpretativa na produção das análises desta investigação. Esta alternativa, de trabalhar com a Igreja Adventista, também surgiu a partir da percepção da dificuldade de se aproximar de comunidades a serem observadas e de pessoas que concordassem em falar abertamente sobre questões muito delicadas e, muitas vezes, secretas para a comunidade religiosa. Percebemos que seria apropriado realizar este trabalho considerando somente a Igreja Adventista do Sétimo Dia visto que já havia uma proximidade estabelecida com a instituição provinda do estudo realizado para o mestrado.

De acordo com Schwarz e Greenleaf (2009) a Igreja Adventista do Sétimo dia foi originada e formada nos períodos de 1839 a 1888, nos Estados Unidos, e tem raízes nos reavivamentos evangélicos do século XVIII e nos reformadores protestantes. Ela se fundamentou a partir do foco doutrinário da segunda vinda de Jesus à terra e na defesa do sábado, o sétimo dia da semana, como o dia de guarda e adoração à Deus. Os autores dizem que as doutrinas importantes da igreja se constituem nas ideias de “imortalidade condicional, o sábado do sétimo dia, a

presença do espírito de profecia na igreja, uma compreensão mais ampla das três mensagens angélicas de Apocalipse 14, e a crença no ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial” (p. 11). Os mesmos autores relatam que com o passar dos anos a igreja construiu outras instituições para fortalecerem a missão da religião, como escolas, estabelecimentos de assistência sanitária e empresas de publicações.

O recorte religioso que fizemos para este estudo também auxiliou no caráter internacional da pesquisa, que se propõe a descrever as narrativas de pessoas ao redor do mundo que estão sob um sistema de crenças específico. Schwarz e Greenleaf (2009) descrevem que nos primeiros anos da Igreja, percebeu-se uma “responsabilidade para com o mundo” no sentido de levar suas ideias a todo o globo para que outras pessoas pudessem se informar sobre elas; assim, “formaram uma junta missionária para inspecionar o envio de obreiros a outros países” (p. 11). Segundo Oliveira Filho (2004), a Igreja Adventista do Sétimo Dia começou a enviar missionários para fora de lá desde o ano de 1874, mandando seus “obreiros” para a Escandinávia, Dinamarca, Inglaterra, Rússia, Austrália, para o Pacífico Sul, a África, a Ásia e a América Latina, formando nestes locais Divisões, Uniões, Associações, Missões – que são sedes administrativas da igreja –, além de mais hospitais, editoras e educandários.

Recentemente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma igreja organizada mundialmente, que, de acordo com as Estatísticas Mundiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia de 2016 e 2017 (publicadas no ano de 2019), se encontra presente em 213 dos 235 países reconhecidos pela Organização das Nações Unidas, com 86.576 igrejas e 20.727.347 membros em todos os continentes.

Esta igreja é uma corporação hierarquizada e, de acordo com Oliveira Filho (2004), teve seu marco de centralização oficialmente dado na Conferência Geral da igreja no ano de 1901. A partir de então seu campo de atuação no mundo foi dividido em Uniões

“formadas internamente por associações ou missões locais, estas compostas pelas congregações, respondendo as unidades administrativas denominadas de Uniões à Associação Geral. [...] Mais tarde, em 1913, surgiram as Divisões englobando as Uniões e completando a estrutura da organização em suas linhas mestras de atividade que, continuando a se desenvolver, resultaram em constante crescimento do número de “funcionários obreiros”. (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 168, 169)

Por conta desta centralização administrativa, a Igreja Adventista do Sétimo Dia se institucionaliza e consegue estruturar suas práticas e suas crenças denominacionais repassando continuamente as orientações de maneira vertical, ou seja, do nível administrativo mais alto da igreja – da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia – até os últimos participantes da hierarquia institucional – os membros das igrejas. A partir da elaboração de como a religião se organiza, Passos (2006) descreve que a institucionalização “assegura a coesão do grupo em torno das visões e das práticas religiosas que o caracterizam como distinto dos demais e do conjunto da sociedade” (p. 55). De acordo com Carvalho (2014), esta institucionalização da Igreja Adventista do Sétimo Dia formalizou e fixou significados, valores e papéis religiosos, criando no grupo professante condutas mais uniformes. Isso dificulta o surgimento de preceitos heterodoxos pelo fato de as igrejas estarem sempre ligadas à instituição, o que torna possível encontrar devotos em todo o mundo que sejam guiados pelas mesmas diretrizes e bases ideológicas. Tal fator foi deveras importante para a escolha desta denominação religiosa.

É importante notar que além de fundamentar uma crença e uma prática religiosa, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma corporação. Estudá-la possibilita verificar como as corporações – religiosas ou não – têm um impacto político nas questões das sociedades contemporâneas. A Igreja Adventista do Sétimo dia é, portanto, uma corporação internacional que produz impactos em temas políticos, sanitários e de sustentabilidade na contemporaneidade, sendo impossível isentá-la de responsabilidade especialmente quando se coloca frente a questões relacionadas a direitos humanos e diversidades de gênero e de sexualidade.

É importante considerar, entretanto, que ainda que tenha se elegido a Igreja Adventista do Sétimo Dia como recorte denominacional para o estudo da renúncia de desejos e práticas homoeróticas, o movimento de “cura gay” que acontece no meio adventista reflete um movimento transnacional e interdenominacional cristão, abarcado por diversas denominações e congregações principalmente evangélicas (NATIVIDADE, 2007). Como estudaremos na Parte 3, a literatura utilizada pelo ministério adventista de auxílio à abnegação homossexual é interdenominacional e utilizada por diversos outros ministérios evangélicos e pentecostais. Como já dizia Maria das Dores Campos Machado (2013),

“na esfera religiosa cristã, particularmente no pentecostalismo, persiste a concepção de “desvio comportamental”, alimentada pela ação mágica dos espíritos e pela difusão rápida da AIDS entre os homossexuais brasileiros. Por um lado, são as entidades malignas que causam a orientação e a conduta homossexual, por outro, só o poder do Espírito Santo pode livrar os indivíduos dos riscos deste tipo de interferência maléfica na vida sexual” (p. 290-291).

Nos primeiros planejamentos também pensávamos que este estudo seria construído com base na interpretação densa de entrevistas que pretendíamos fazer com as pessoas que imaginávamos encontrar. Utilizaríamos suas experiências, suas reações aos fenômenos vividos, suas relações e suas expectativas de vida para a produção das análises deste manuscrito. Entretanto, no decorrer do processo de realização da investigação, os meios digitais nos proveram caminhos que nos levaram a campos onde seria possível realizar uma observação participante. Foi por intermédio da internet que conheci o “Ministério Perseverar em Cristo” e que pude contatar a Edson, um dos coordenadores desta iniciativa. Me deparando com esta possibilidade, decidi também ir a campo, observando algumas ações do “Ministério Perseverar em Cristo” para vivenciar pessoalmente suas reuniões e seus discursos.

Começamos, então, a nos deparar com os desafios que esta pesquisa nos trazia. Uma das perguntas mais frequentemente levantadas era como encontrar pessoas que estivessem dispostas a conversar comigo acerca de seus desejos homoeróticos e da decisão de não os satisfazer. Ao realizarmos a pesquisa, entretanto, percebemos que o contato com um participante nos possibilitava a conexão com outro possível participante e assim por diante. Assim, conseguimos formar uma pesquisa com três redes principais, tendo cada uma delas um “informante chave” principal – referenciando o termo clássico que William Foote White (2005) usa para indicar as pessoas que possibilitaram adentrar o campo real e virtual.

Em “Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada”, através da observação participante num bairro pobre uma cidade americana, William Foote White (2005) estudou um grupo de imigrantes italianos envolvidos em práticas de contravenção e, para aumentar sua rede de contatos, fez os primeiros vínculos e contatos com sujeitos que já eram inseridos no grupo a ser estudado. Ele começou se vinculando primeiramente à assistente social do centro comunitário do local, que o conectou com Doc – personagem principal da obra –, que o auxiliou a contatar outras figuras importantes para a construção do trabalho.

A Internet nos possibilitou encontrar alguns participantes e realizar com eles algumas entrevistas, especialmente as internacionais. Por isso que se faz importante comentar sobre o caráter híbrido deste trabalho: além de terem sido realizadas atividades presenciais, a investigação obteve grandes contribuições das ferramentas digitais para alcançar participantes e acompanhar alguns deles em suas jornadas religiosas. Temos aqui, então, uma obra que se utilizou de informações obtidas tanto de forma tradicional – “em carne osso” – quanto através dos meios digitais. Planejamos que as entrevistas seriam feitas preferencialmente pessoalmente e que, quando a / o participante estivesse num local muito distante, faríamos encontros digitalmente, por meio de videoconferências e de mensagens de texto.

Para exemplificar quão importante foram os meios digitais para a realização desta tese, apresentamos o seguinte fato: conversei com 20 participantes. Destes 20, 12 se situavam em outro continente no momento em que eu os abordava; 4 estavam no mesmo país que eu, mas em uma cidade muito distante; somente com 4 participantes consegui entrevistas *in loco* – sendo que para um deles tive que me deslocar a outro estado brasileiro para fazer a entrevista presencialmente. Para que conseguisse realizar as entrevistas com os participantes, conversei com 2 informantes presencialmente – um no Brasil e outro na Inglaterra – e 3 informantes remotamente – um nos Estados Unidos, outro na Inglaterra e outro na Mongólia.

Seguindo às entrevistas, decidimos realizá-las de forma não estruturada, entrevistas livres, não guiadas por uma lista de questões previamente esquematizadas. Como em Beaud (2018) observamos que a entrevista livre possibilitou um melhor encadeamento das ideias da / do participante, provendo-lhe maior fluidez de pensamentos. Isso fez com que temas não anteriormente previstos surgissem nos diálogos e tornassem as conversas mais informais e não fragmentadas. As entrevistas tinham um caráter de conversação para a obtenção dos significados providos pelas(os) entrevistadas(os). Ao falarem livremente sobre o não exercício da atração homoerótica, elas / eles produziam elementos para análise e interpretação (DE MATTOS, 2005).

Nos encontros com as / os participantes, eu geralmente apresentava o objetivo, a justificativa, e a forma como tinha esquematizado a investigação e, assim, perguntava: “qual é a sua experiência ao sentir atrações sexuais pelo mesmo sexo e não praticar estes desejos?”. Abria-se, portanto, à / ao participante da pesquisa a possibilidade de dizer o que ela / ele acreditava que deveria falar perante este tema.

A partir do ponto de partida, a / o participante narrava sua história, sua experiência, suas opiniões sobre o tema, sendo indagada(o) quanto as questões que nos geravam interesse. Às vezes, questionava algo que não estava necessariamente voltado ao último assunto apresentado pela(o) entrevistada(o), mas que tinha surgido por conta do assunto discutido.

As entrevistas ampliaram nossas perspectivas das existências dos modos de vida que buscamos descrever ao nos oferecerem amplos panoramas sobre o que acontece na vida destas pessoas, como elas reagem ao fenômeno da atração homoerótica no meio religioso, como elas convivem com ele, com quem elas compartilham dele e para onde elas vão a partir dele. Pelas entrevistas foi possível enriquecer e complementar as observações em campo – que serão apresentadas na última parte deste trabalho – dando maior integralidade e diversidade ao conteúdo construído.

Não podemos deixar de destacar a transversalidade deste estudo. Ainda que esta investigação tenha acompanhado quatro reuniões do “Ministério Perseverar em Cristo” e tenha entrado em contato com alguns dos participantes por mais de uma vez – com algumas pessoas houve um contato esporádico num período de até dois anos, conversando especialmente por mensagens de texto –, este trabalho não tem necessariamente um caráter longitudinal. Foi um estudo que se deu pelo atravessamento de uma investigação à vida das pessoas e ao seguimento deste grupo num momento específico. Este trabalho não se propôs a comparar diferentes momentos do grupo ou dos participantes, nem a acompanhar as pessoas por um longo período de tempo a fim de descrever as características das trajetórias das pessoas por conta de uma observação num determinado período de tempo – ainda que em alguns casos pudemos ter visto variações comportamentais. Afirmamos que a construção desta pesquisa priorizou a investigação num momento determinado da história destes participantes e deste grupo, sendo possível que mudanças de crenças e de modos de vida venham a ocorrer futuramente nas trajetórias dos sujeitos deste estudo.

Consideramos a potencialidade de contínua transformação das pessoas e de seus comportamentos ao longo de suas vidas pela influência de diversos fenômenos que questionem e abalem as bases de influência das subjetividades e das formas de existir no mundo. Heilborn (1996) em seu artigo que trabalha a expressão “ser ou estar homossexual” aponta que a identidade sexual acontece pela contínua atualização de

princípios de classificação social e de valores. Este processo contínuo de fabricação do sujeito que acompanha as mudanças sociais, faz com que o sujeito moderno tenha um campo de possibilidades para suas escolhas que vai se modificando e lhe dando novas configurações de opções para o exercício da atividade humana.

2. AS TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS

Para que a investigação acontecesse era necessário encontrar pessoas que se dispusessem a falar sobre suas intimidades, algo obviamente nada fácil de se conseguir. Sempre que este estudo de doutorado era mencionado a algum público, várias perguntas surgiam, especialmente referentes a como encontraríamos pessoas que aceitassem participar desta investigação. Como encontraríamos gente de dentro e de fora do Brasil que fosse da Igreja Adventista do Sétimo Dia e que estivesse disposta a falar? Gente que confiasse na seriedade do estudo para se abrir e que tivesse coragem de abrir o coração num tema tão delicado.

Foi nesse sentido que este trabalho contou com uma contribuição etnográfica para ser construído. Foi a partir de deslocamentos e de ida a campo para participação em eventos, para a realização de entrevistas, para a criação de diálogos e para escutar narrativas – também através da internet e de meios virtuais, ou seja, atividades “online” – que pudemos desenvolver este estudo.

Como havia verificado, algumas pessoas já haviam publicado abertamente depoimentos em várias redes sociais da internet – *Youtube* e *Facebook* principalmente – que deveras auxiliaram nesse processo de busca por participantes.

Mas além dos achados na própria rede de internet, posso dizer que tive dois informantes-chave ou indivíduos-chave principais na realização dos contatos e encontros. O primeiro foi o coordenador da associação “SDA Kinship”, que darei o nome de Brian e o segundo foi Edson, o coordenador do “Ministério Perseverar em Cristo”.

A primeira conexão foi com Brian por conta dos laços que construímos nos estudos anteriores para a titulação de mestrado. Brian é coordenador da comunidade “SDA Kinship”, uma associação que promove a aceitação da diversidade sexual no

meio da Igreja Adventista do Sétimo Dia¹. Como ele coordena um grupo internacional, sua atuação poderia auxiliar na abrangência da informação sobre o acontecimento deste estudo, e na busca por pessoas dispostas a falar de suas experiências e a dar seus depoimentos sobre o não exercício das atrações homoeróticas. Após uma conversa por mensagens de texto, ele publicou informações do projeto de pesquisa no perfil do Facebook da comunidade e por seu intermédio, foi possível o contato com algumas pessoas de fora do Brasil, como um jovem do Zimbábue, outro dos Estados Unidos e outro das Filipinas.

O jovem das Filipinas – que soube da pesquisa por Brian – estava em busca de, em suas palavras, *“um príncipe para viver para sempre com ele, mas com Deus no centro do relacionamento”*. Este rapaz, que darei o nome fictício de Cedric, me revelou que é um devoto Adventista do Sétimo Dia, mas que queria muito sair das Filipinas para poder encontrar um amor verdadeiro e viver com ele, já que sua família é muito preconceituosa ainda que saiba que ele tenha atrações por pessoas do mesmo sexo. Ele me disse que viveu em celibato por muitos anos, mas atualmente entrou para a “SDA Kinship” para poder encontrar um marido. Cedric dizia, *“eu acho que todos na Kinship já têm parceiros e namorados. Eu só quero ter um namorado que tenha a mesma crença que eu”*.

Ao perguntar-lhe se ele conhecia alguém que poderia fazer parte desta pesquisa, ele me respondeu que quando se juntou à igreja conheceu alguns membros e missionários que tinham atrações pelo mesmo sexo, *“mas eles tentavam não praticar a vida gay por conta dos ensinamentos da religião”*. Segundo Cedric, ele mesmo já foi missionário e sabe que, assim como ele agia no passado, alguns dos outros missionários hoje ainda estão lutando para se manterem abstinentes. Para ele, a missão foi um meio que encontrou para buscar uma transformação do desejo homoerótico, mas não obteve sucesso.

“É muito difícil quando você é seu maior inimigo e fica achando que você precisa seguir a interpretação do pastor com relação à Bíblia e à homossexualidade. [...] Eu me juntei à missão pedindo a Deus que me transformasse em heterossexual e

¹ SDA Kinship não é um grupo pertencente à instituição da Igreja Adventista do Sétimo Dia, tampouco uma igreja inclusiva à pessoas LGBTQIA+, mas sim um grupo independente que acolhe pessoas com identidades sexuais e de gênero não heteronormativas que tiveram algum vínculo com esta igreja, promovendo espaços dialógicos e de convívio social.

que em troca eu me dedicaria por um ano e meio como missionário voluntário. Isso porque você sempre acha que foi criado errado e que você é uma falha, [...] mas nada aconteceu e eu continuo gay”.

Cedric ainda disse que sente ter conhecido outras pessoas com atrações homoeróticas quando visitava outras igrejas enquanto era missionário, mas que ele não tem coragem de ir falar com eles sobre esta pesquisa: *“dá muito pra saber que eles são gays, mas eu não quero perguntar isso pra eles e não quero parecer preconceituoso. A maioria deles não é assumida”.*

Sugestão: De fato, este era um dos problemas encontrados logo ao idealizar a pesquisa. Como abordar as pessoas sem ser invasivo e sem causar constrangimentos? Como convidar alguém desconhecido para participar deste estudo e falar sobre o gerenciamento de seus desejos homoeróticos? Confrontar alguém perguntando se a pessoa tem atrações sexuais pelo mesmo sexo parecia um tanto indelicado, mas as indicações de boca a boca conseguiram resolver este embate.

Outro informante-chave importante para esta pesquisa foi o coordenador do “Ministério Perseverar em Cristo”, o Edson. Edson se tornou a figura principal para o contato com outros participantes da pesquisa, tanto brasileiros quanto estrangeiros – especialmente norte-americanos –, quanto para realizar o campo no Ministério da igreja por ele coordenado. Foi a rede de conexão formada a partir de Edson que rendeu mais encontros e entrevistas com pessoas dispostas a falar.

A trajetória para encontrar informantes e participantes desta pesquisa foi intensa e excedeu as expectativas do projeto da investigação. Enquanto pensávamos que eu conseguiria realizar somente 10 entrevistas, tive contato com 4 informantes e acessei 20 pessoas. A rede de conexões formada neste trabalho pode ser contemplada a seguir, na Figura 1.

Como pode ser observado na Figura 1, foram três informantes-chave principais, Brian, Edson e, é claro, a Internet, que também ofereceu caminhos para encontrar pessoas e, com elas, realizar entrevistas que compusessem este trabalho. Como já descrito anteriormente, na internet, encontrei pessoas nas redes sociais, nos sites religiosos e nas plataformas de compartilhamento de vídeos. Outros informantes também contatados foram Selma, Nelson e Isidoro, nomes fictícios utilizados para cumprir com as normas éticas da investigação.

Ao me aproximar de Selma em 2018, uma jornalista Adventista que vive na Mongólia, eu pensava que ela poderia ser uma informante-chave que contribuísse para formar uma rede de participantes do lado Oriental do mundo. Em uma conversa sobre esta pesquisa ela apontou que o tema era muito interessante, mas que na Igreja Adventista que frequentava, na capital da Mongólia, este tema não era considerado. Em sua visão, este assunto não era cogitado como um problema a ser enfrentado; para ela, os membros daquela comunidade religiosa não comentavam sobre esta questão nem a igreja como instituição parecia se preocupar com a temática, como se isso de fato não existisse ou não fosse relevante para a elaboração de estratégias de enfrentamento. Selma não sabia de ninguém que poderia me indicar e não acreditava que seria possível encontrar naquele local nenhuma pessoa para a pesquisa já que o tema da atração pelo mesmo sexo e, por conseguinte, sua abnegação, não era muito abordado.

Outro informante-chave com quem tive contato a partir do intermédio de Brian e sua organização foi Nelson. Nelson é um componente britânico da “SDA Kinship” que pôde se encontrar comigo na época em que fiz um estágio de seis meses na Universidade de Nottingham pelo Programa de Doutorado Sanduíche, financiado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Neste estágio, eu buscava entrar em contato com outras investigações e pesquisadores que lidavam com a intercessão existente entre diversidade sexual e religião, mas também mirava em angariar participantes para a pesquisa que fossem europeus ou que vivessem daquele continente.

Numa tarde de domingo típica de Londres, fria, nublada e chuvosa, me encontrei com Nelson em uma loja de departamentos próxima à estação de metrô de Piccadilly Circus, na zona oeste desta cidade. Ao chegar ali entendi seu pedido por nos encontrarmos numa loja de departamentos: seu namorado precisava comprar uma jaqueta pesada para o inverno e, caso nos víssemos somente depois daquela tarefa, teríamos menos tempo para conversarmos sobre a pesquisa. Passamos um tempo conversando sobre a vida e o cotidiano, as mudanças no trabalho, meu período de estudos em Nottingham e finalmente, após comprado o casaco, decidimos sair da loja e ir a um restaurante para nos aquecermos e ficarmos mais à vontade. Paramos num restaurante italiano, pedimos nossas massas e sentamos para discutirmos as possibilidades. Nelson muito simpático e atencioso, não podia ficar muito porque tinha que pegar o trem de volta para casa antes que fosse muito tarde, já que no outro dia acordaria cedo para trabalhar. Mesmo assim, me indicou dois possíveis participantes, de nomes fictícios Adam e Raul, e um possível informante que poderia me ajudar a encontrar outros participantes europeus, cujo nome ele dado foi Isidoro.

Isidoro era um pastor que, segundo Nelson, lidava com o tema da atração pelo mesmo sexo de forma bastante aberta naquele país e que poderia conhecer alguém que passasse por tal situação. O encontrei através do *Facebook* e lhe mandei uma mensagem de texto privada por esta mesma plataforma. Isidoro prontamente me respondeu a mensagem e começamos a conversar. Em nosso diálogo, o pastor me disse que provavelmente devem existir centenas de pessoas assim, mas que ele não as conhecia porque os locais onde ele trabalhava na época de nossa conversa e onde já tinha trabalhado anteriormente eram extremamente tolerantes e inclusivos com pessoas que tinham atrações homoeróticas e as aceitavam nas igrejas sem nenhum problema. Ele conhecia algumas pessoas que se identificavam como homossexuais,

que colocavam suas atrações em prática, mas que poderiam se sentir teologicamente culpadas por isso. Entretanto ele não conhecia ninguém que suprimia tais desejos. Segundo Isidoro, algumas destas pessoas acreditam que não estão de acordo com o plano de Deus, mas não rejeitam a possibilidade de amarem e de serem amadas. Ele também dizia que muitas outras sentiam que ter atrações pelo mesmo sexo era parte do plano de Deus. Infelizmente ele também não conseguia pensar em nenhum participante que poderia indicar para a pesquisa, mas me apontou outro pastor que talvez conhecesse alguém com quem eu poderia conversar, de uma igreja a oeste de Londres.

Contei para Nelson sobre minha conversa com Isidoro e combinei com ele de irmos juntos a esta igreja indicada pelo pastor. No sábado combinado, acordei cedo, coloquei sapatos sociais e uma roupa mais formal, que é justamente a maneira como os adventistas se vestem para ir à igreja, e peguei o ônibus em direção à estação de trem de Euston. Lá, me encontraria com Nelson e pegaríamos juntos o trem para a estação mais próxima da igreja; depois pegaríamos outro ônibus para chegarmos até a igreja onde este pastor supostamente se encontraria. Após esse longo e demorado trajeto, finalmente chegamos. O serviço de adoração já tinha começado e nós nos sentamos na parte de trás do recinto onde um culto era feito pelos jovens membros. Este local não era o salão em que os cultos geralmente aconteciam, mas sim um outro espaço dentro dos arredores do templo onde reuniões menores e menos ordinárias ocorriam. Soube que havia dois cultos acontecendo na mesma hora e nós ficaríamos no culto dos jovens, onde provavelmente este pastor estaria.

Tivemos a infeliz surpresa de saber que naquele sábado, tal pastor não se encontrava no local. Nossa frustração se dissipou um pouco após sermos convidados por conhecidos de Nelson, que congregavam nesta igreja. Almoçarmos com eles naquela tarde e, após o agradável almoço, Nelson aproveitou para me mostrar um pouco daquela região e de outros prédios administrativos que a Igreja Adventista tinha estabelecido ali.

Ao retornar a Londres, tentei manter contato com este pastor que deveria encontrar neste evento, mas infelizmente não consegui estabelecer uma conversação com o pastor. Ele não respondeu às minhas mensagens e tampouco sei a razão para que isso tenha acontecido.

Sem muitas outras saídas, entrei em contato com os indicados por Nelson: Adam, um rapaz inglês e Raul, um estudante universitário que tinha vindo à Inglaterra

de um outro país asiático, para realizar ali seu curso superior. Ambos já tinham seus respectivos parceiros e se mostravam bastante realizados e firmes em terem encontrado parceiros amorosos do mesmo sexo. Ainda assim, os dois travavam muitas batalhas com seus familiares por conta deste exercício afetivo e sexual e estavam constantemente tendo que lidar com estes conflitos.

Primeiramente tentei me encontrar pessoalmente com Adam e conseguimos marcar de tomarmos um café no centro de Londres numa segunda-feira à noite. Decidimos entrar numa cafeteria próxima de Leicester Square para nos esquentarmos, já que estava chovendo e eu tinha me dirigido ao local de bicicleta – ou seja, eu cheguei totalmente encharcado. Prendi minha “magrela”, que tinha alugado da Universidade de Nottingham, num desses ferros destinados ao estacionamento de bicicletas e fomos à cafeteria. Nos sentamos na parte de cima do estabelecimento – completamente lotado – e tivemos uma conversa muito interessante e deleitosa sobre os desafios que pessoas que assumiam publicamente suas atrações homoeróticas enfrentam em suas famílias Adventistas enquanto tomávamos chocolate quente e cappuccino.

Adam me contou um pouco de sua história, de seu afastamento da Igreja – se percebendo agnóstico no instante em que conversamos –, e me falou sobre sua dificuldade em se relacionar com sua mãe. De acordo com ele, sua mãe não gostava de tocar no assunto de seus desejos por pessoas do mesmo sexo, coisa que parece ser muito frequente nas famílias Adventistas conservadoras, principalmente após ter entrado em contato com algumas delas ao acompanhar o trabalho do “Ministério Perseverar em Cristo”. Também conversamos bastante sobre a pesquisa, sobre questões que poderiam enriquecê-la e sobre a necessidade de ela ser realizada. Adam não conhecia ninguém que poderia indicar para fazer parte desta pesquisa, mas mesmo assim conhecê-lo e ter sentado para conversar com ele naquela cafeteria foi um dos encontros mais agradáveis que tive enquanto estava fazendo aquele estágio na Inglaterra.

Com Raul não consegui conversar pessoalmente por questões geográficas, mas trocamos várias mensagens tanto por *Facebook* quanto por *Whatsapp*. Segundo Raul, sua experiência de sair do armário também foi dolorosa: ele faz parte da quinta geração de adventistas na sua família, que é bem conservadora, mas se sente feliz por ter feito isso. Após um processo de desconstrução e reconstrução de suas crenças religiosas, reaprendendo sobre Deus à sua maneira, ele se mantém indo à igreja, mas

não se abnegando de seus desejos homoeróticos. O rapaz disse não estar extremamente feliz, mas feliz de modo suficiente e em paz consigo mesmo. Em suas palavras: *“Eu finalmente me sinto ‘normal’ pela primeira vez, ironicamente e sinto que posso amar, como uma pessoa normal”*.

Como Adam, Raul tampouco conhecia outras pessoas que afirmavam abnegar de suas atrações homossexuais e que fossem adventistas.

E assim chegava ao fim da linha da rede de conexão estabelecida a partir de Nelson. De fato, esta foi a menor rede construída na trajetória desta pesquisa. Mesmo assim, nestes tortuosos caminhos europeus, conheci pessoas incríveis com histórias únicas de superação, de negociação dos desejos e das relações que me fizeram perceber similaridades nos desafios que pessoas com atrações pelo mesmo sexo e de origem Adventista têm ao redor do mundo.

Relembrando, a partir de Brian tive a oportunidade de conversar com um americano, Jason, e com um rapaz do Zimbábue, William, que serão apresentados a seguir. Também tive foi possível falar com Cedric, das Filipinas.

Seguindo com as conexões formadas pelos informantes, as redes geradas por Edson, o coordenador do “Ministério Perseverar em Cristo”, e pelos contatos encontrados na Internet renderam 14 ótimas entrevistas. Na realidade, a rede de Edson não é muito diferente da rede dos contatos que a Internet possibilitou se as compararmos em termos de quantidade de pessoas abordadas e entrevistadas: enquanto na rede de Edson abordei 9 pessoas e entrevistei 8 para o estudo, na rede formada por intermédio da Internet abordei 7 pessoas e entrevistei as 7 para o estudo.

Na rede de Edson, somente com Zaqueu não foi possível fazer uma entrevista porque não tínhamos horários compatíveis para conseguirmos realizar um encontro pela internet e, infelizmente, acabei perdendo seu contato para futuros encontros. O interessante é que a rede de Edson proporcionou duas outras entrevistas por intermédio da entrevista com Douglas, que após nossa conversa, indicou a Rute e o Evandro: pessoas com quem também pude conversar sobre suas experiências de, segundo eles, abnegação das práticas homoeróticas e transformação destes desejos por pessoas do mesmo sexo.

Na rede formada pelas pessoas encontradas na Internet, houve uma indicação posterior à primeira entrevista feita: após falar com Lúcio, ele me indicou a Hugo. Ivone foi outra pessoa encontrada na internet. O contato aconteceu numa tarde de segunda feira, por videochamada através do *Skype*, já que estávamos em

continentes diferentes naquela data, ela no Brasil e eu na Inglaterra. Como Adam, Ivone aprendeu a ter um relacionamento com Deus percebendo os versículos bíblicos de forma diferente, se sentindo em paz consigo mesma e permitindo-se receber e dar amor a alguém de mesmo sexo que ela. De acordo com as palavras dela, incorporar a religião é sempre uma experiência espiritual individual:

“Quantas e quantas vezes a gente não ouve que Deus é amor? Quantas e quantas vezes a gente não ouve que Jesus tira os nossos fardos, que o julgo é suave e leve. E eu fiquei me questionando isso. Eu falei, ‘pera aí, se o julgo é suave e leve, por que é que eu estou me sentindo tão culpada? Tem alguma coisa errada’. Se Jesus não me liberta, tem alguma coisa errada. [...] Eu acho que cada pessoa meio que interpreta de acordo com aquilo que ela precisa ouvir. Só que eu não acho que isso tá errado. Eu acho que na verdade é a forma como Jesus fala com cada pessoa. [...] Pra quem não é [LGBT], é aquilo e pronto né? Mas pra quem é e sofre com isso, não faz sentido, porque você lê, relê, relê e você não se vê naquilo. [...] Então eu acho que é uma experiência muito pessoal mesmo. E eu busco sempre estar em paz. Jesus é paz. Se eu não estou em paz, então tem alguma coisa errada. Eu acredito assim”.

Kendel (2019) já escreveu em sua dissertação de mestrado sobre o fenômeno de sofrimento de pessoas com desejos sexuais pelo mesmo sexo nascidos e criados na Igreja Adventista na Noruega. De acordo com ele, após fazer entrevistas em profundidade com 10 pessoas com atrações homoeróticas naquele país, ele concluiu que após os participantes fazerem esforços tremendos para rejeitar ou suprimir suas identidades homossexuais e, por causa disso, sofrerem grande aflição e angústia, a maioria deles ou rejeita sua identidade Adventista – como ocorrido com Adam – ou tenta integrar as identidades Homossexual e Adventista – como visto em Cedric, Raul e Ivone. O pesquisador também apontou que crescer Adventista tendo atrações homoeróticas na Noruega se provou ser muito difícil e contribuiu para uma quantidade significativa de angústia e de doença mental. De acordo com Kendel (2019), tais temas emergentes na experiência Adventista podem ser reenquadrados de forma a criar espaços seguros para membros com tais atrações onde eles possam receber formas de reconhecimento que desenvolvam relações positivas consigo mesmos. Outros estudos sobre a integração entre identidades adventistas e homossexuais também podem ser encontrados em Drumm (2005, 2008, 2011).

Mas como este manuscrito não se debruça necessariamente no fenômeno de integração, mas na supressão dos desejos e práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, faremos uma última discussão sobre a dificuldade de encontrar participantes para a investigação antes de mergulharmos nas entrevistas e nos participantes em si.

Este trabalho conseguiu alcançar algumas pessoas do Brasil, dos Estados Unidos e uma pessoa do Zimbábue. Infelizmente não consegui conexão com pessoas que fizessem uma renúncia de suas atrações homoeróticas no continente europeu, asiático nem da Oceania. Obviamente o tema da pesquisa fala sobre intimidades. É de um teor delicado que impede que encontremos facilmente as pessoas, entretanto, é importante que notemos as peculiaridades culturais que também influenciam no encontro com tais sujeitos.

As culturas dos locais de onde foi realizada a procura por participantes para esta pesquisa nos dão informações para discutirmos as implicações de ser adventista e ter atrações sexuais pelo mesmo sexo em diferentes espaços. Se pensarmos na Noruega de Kendel (2019), onde a igreja adventista decresceu 3% nos últimos 10 anos em número de membros (ANNUAL..., 2019), ter práticas homoeróticas socialmente não implica em encarceramento e perigo de vida. Ao contrário, existem leis que protegem o cidadão e o trabalhador que se identifica como homossexual de injúrias, violências e discriminações, sendo possível, desde 2009, casar e adotar filhos (MENDOS, 2019). Talvez estas condições façam com que pessoas se sintam seguras em deixar a igreja e não tentem suprimir seus desejos por tanto tempo. E talvez seja por isso que eu não encontrei no período de pesquisa ninguém da Noruega para realizar este estudo, por exemplo.

Agora se pensarmos no Zimbábue de William, onde a igreja Adventista cresceu, em número de membros, 72% em 10 anos (ANNUAL..., 2019) e onde é ilegal ter práticas homoeróticas (MENDOS, 2019), é provavelmente mais seguro permanecer na igreja e tentar suprimir as atrações pelo mesmo sexo do que sair da igreja e sofrer opressão da sociedade. Talvez seja este o fato que possibilitou contato com William nesta investigação.

Portanto, é importante considerar que as peculiaridades nas diferentes culturas criam condições que fazem com que pessoas que têm atrações sexuais pelo mesmo sexo sejam ou não sejam percebidas pelas próprias comunidades – como dizia Selma – e procurem ou não procurem ser notadas. No Brasil, por exemplo, a Igreja Adventista cresceu 25% em número de membros num período de 10 anos

(ANNUAL..., 2019), mas nestes 10 anos leis que protegem o público LGBT de discriminação também foram implementadas (MENDOS, 2019). Ou seja, tais movimentações jurídicas podem fazer com que mais membros com atrações homoeróticas se sintam seguros em serem notados pela igreja ainda que demonstrando o desejo de não ter práticas homoeróticas.

De acordo com os dados de uma pesquisa mundial sobre leis referentes à orientação sexual, criminalização, proteção e reconhecimento da população que se identifica como Lésbica, Gay, Bissexual e Transgênero (MENDOS, 2019), a Mongólia de Selma e as Filipinas de Cedric estão no grupo dos 20 países asiáticos em que a prática homoerótica não é um crime. Mas é somente no Território Britânico Ultramarinho – Território Britânico do Oceano Índico – (INGLATERRA, 2014) e em Taiwan (RAMZY, 2019) que o casamento entre pessoas do mesmo sexo é legal e realizado atualmente no continente asiático. É provavelmente pela dificuldade de casar e de encontrar um ambiente favorável para praticar a homossexualidade nas Filipinas que Cedric queira tanto sair de lá e ir para países mais receptivos.

Outras nações asiáticas podem apresentar reações bastante hostis a pessoas com práticas homossexuais. A Malásia, por exemplo, está entre os 21 países asiáticos que consideram um crime exercer práticas homoeróticas, segundo Mendos (2019). Na Malásia uma pessoa condenada por crime de práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo pode sofrer pena de até 20 anos de cadeia e ser chicoteado para o pagamento de fiança. No Iran, na Arábia Saudita e no Iêmen a pena de morte por este comportamento é presente e implementada.

Mendos (2019) também aponta que o Zimbábue de William está entre os 32 países Africanos que condenam a prática homoerótica. Por isso percebemos no fazer vários contatos com um zimbabuense um grande feito.

Conversando com Brian, o primeiro informante, sobre os cruzamentos entre homossexualidade, cultura e religião, ele me providenciou as estatísticas dos integrantes da organização que ele gerencia, a “SDA Kinship”. Acreditoamos que estas estatísticas, apresentadas na Tabela 1, também possam explicar um pouco a dificuldade em acessar estas pessoas.

Tabela 1 – Número de Membros da SDA Kinship Por País em Maio de 2020							
País	Número de membros	País	Número de membros	País	Número de membros	País	Número de membros
Samoa Americana	1	Equador	5	Lituânia	1	Sérvia	1
Antígua e Barbuda	1	El Salvador	8	Madagascar	1	Serra Leoa	1
Argentina	39	Fiji	1	Malásia	4	Singapura	1
Austrália	107	Finlândia	3	Ilhas Mariana	1	Eslováquia	1
Áustria	2	França	9	Maurício	2	Eslovênia	1
Barbados	1	Polinésia Francesa	1	México	79	África do Sul	46
Bélgica	6	Geórgia	1	Moçambique	1	Espanha	23
Belize	1	Alemanha	59	Holanda	29	Ilha de São Cristóvão	1
Bermuda	2	Gana	6	Antilhas Holandesas	1	Essuatíni (Suazilândia)	1
Bolívia	4	Guadalupe	1	Nova Zelândia	11	Suécia	4
Bósnia e Herzegovina	1	Guatemala	6	Nicarágua	3	Suíça	4
Bulgária	1	Haiti	1	Nigéria	5	Tanzânia	4
Botswana	4	Hungria	1	Noruega	9	Tailândia	2
Brasil	268	Islândia	2	Paquistão	4	Trinidad e Tobago	6
Bulgária	3	Índia	7	Panamá	3	Uganda	16
Canada	103	Indonésia	5	Papua Nova Guiné	2	Ucrânia	1
Chile	22	Irlanda	4	Paraguai	2	Emirados Árabes Unidos	1
China	3	Israel	2	Peru	12	Reino Unido	62
Colômbia	45	Itália	10	Filipinas	51	Estados Unidos	2053
Congo	1	Jamaica	7	Polônia	7	Uruguai	1
Costa Rica	8	Japão	3	Portugal	9	Venezuela	12
Cuba	1	Quênia	50	Porto Rico	4	Ilhas Virgens	1
República Checa	3	República da Coreia	5	Romênia	3	Zâmbia	3
Dinamarca	8	Letônia	1	Rússia	4	Zimbábue	4
República Dominicana	6	Lesoto	3	Ruanda	3		

Com muita propriedade, numa conversa por *WhatsApp*, Brian explicou um pouco sobre como as diferentes culturas lidam com o entrecruzamento da homossexualidade e a igreja Adventista. Ele disse que, de fato, existe uma adesão muito menor dos países considerados orientais à “SDA Kinship” quando comparada à adesão dos países considerados ocidentais. Países com poucos membros na “SDA Kinship” como Japão – 3 membros – República da Coreia – 5 membros – Malásia – 4 membros – Rússia – 4 membros – e Tailândia – 2 membros – têm muitos fiéis Adventistas – respectivamente 15.207, 252.502, 57.295, 42.840 e 13.813 membros (ANNUAL..., 2019).

Segundo Brian, isso provavelmente esteja relacionado às mentalidades das culturas que, associadas à religião, consideram inquestionavelmente errado uma

pessoa ter práticas homoeróticas. Assim, Adventistas que têm desejos por pessoas do mesmo sexo supostamente não questionariam sua própria sexualidade nem tentariam conhecer outras pessoas nessa situação, pensando que são os únicos a se sentirem dessa forma na sua cultura. Por conseguinte, eles podem não procurar na internet questões que relacionam religião e atração pelo mesmo sexo, podem ter acessos bloqueados a determinados sites na internet, como é possível acontecer na China – que tem 3 membros inscritos na SDA Kinship –, ou podem não ter acesso à internet, como em muitos lugares da Ásia, África e América.

Brian também faz uma reflexão importante sobre como os termos “gay” ou “homossexual” podem ter diferentes significados nas diferentes culturas. Segundo ele, ainda que ser “gay” ou “homossexual” seja inaceitável em alguns países, algumas pessoas destas localidades mantêm práticas homoeróticas às escondidas, sem firmar vínculos com tais parceiros, mesmo estando num casamento heterossexual e ainda assim não se identificando como homossexuais. Tais pessoas não veem em suas práticas uma revelação de suas identidades, como acontece com mais frequência nas culturas ocidentais. Nessas mensagens Brian disse:

“Em algumas partes do mundo, como na África, talvez, ‘gay’ não é aceito, mas muitas pessoas são gays ou fazem coisas gays, mas eles também são casados e tem 10, 12 filhos e talvez 2 ou 3 esposas, porque isso é o que é socialmente aceito, como na Bíblia, e aí eles têm um parceiro masculino paralelamente. Alguns membros me escrevem e dizem que estão procurando por uma mulher, mas eles ainda são gays e ainda querem fazer atividades sexuais gays com outros caras, mas eles querem uma mulher para se esconder ou para não romper com uma linha familiar. [...] Tudo depende de como o país, a sociedade e a política permitem que você possa falar sobre isso, que você escute sobre isso nos noticiários, e este tipo de coisa”.

Em outra mensagem, Brian fala que ter uma liderança de seu grupo no país, como há no Brasil, faz com que as pessoas se tornem membros da “SDA Kinship” mais facilmente. Como é possível ver na Tabela 1, o Brasil é o segundo país, atrás dos Estados Unidos, com maior número de membros listados nesta organização: 268. É provavelmente por este fato que 14 dos 15 entrevistados desta pesquisa são ou brasileiros ou estadunidenses.

Segundo Brian, na Romênia por exemplo, há muitos Adventistas e provavelmente muitas pessoas que têm práticas ou desejos homoeróticos na igreja, mas o fato de não existir uma pessoa que se levante e lidere localmente faz com que haja poucos inscritos.

Outra situação complexa acontece no Quênia – que tem 50 membros inscritos – e no Zimbábue de William – que tem 4 membros inscritos. De acordo com Brian, nestes locais existem muitos Adventistas e, ao mesmo tempo, muitas pessoas que têm práticas homoeróticas e também muitas lideranças que fazem este tipo de apoio. Entretanto a falta de acesso barato à internet e o risco da exposição e do encarceramento por conta da diversidade sexual faz com que uma grande rede seja organizada e gerenciada localmente, com membros que não estão oficialmente inscritos nas listas da “SDA Kinship”. Assim, Brian presume que existam mais pessoas com atrações e práticas homoeróticas provindas da Igreja Adventista do que o número constado na organização.

A “SDA Kinship” é uma organização que também advoga em prol dos direitos do exercício do homoerotismo de seus membros, ou seja, podemos inferir que em suas estatísticas há mais pessoas que têm práticas homossexuais do que pessoas que suprimem estes desejos. Estes dados não nos possibilitam prever quantas pessoas podem estar nestas situações de abnegação, mas ao menos nos informam um pouco sobre o acesso que a membresia tem a um grupo que lida com a situação de intercessão entre Igreja Adventista do Sétimo Dia e a atração pelo mesmo sexo. Consideramos pertinente mostrar estes dados para explanar quão difícil foi encontrar pessoas não brasileiras e não estadunidenses para entrevistar.

É fundamental pontuar a oportunidade e o privilégio de entrevistar um grupo muito heterogêneo de participantes. Um rol formado por pessoas de gerações muito diferentes, que estavam em momentos de vida muito distintos: algumas pessoas estavam na faculdade – como Dimitri – e outras já aposentadas – como Jack. Algumas estavam em situações emocionais de tristeza – como acontecia com Charles –, outras muito felizes – como Douglas – e outras um tanto confusas quanto para onde ir e o que fazer – como Jason.

Outro fator que evidencia esta diversidade é a atitude diferenciada dos entrevistados frente aos desejos homoeróticos: alguns deles estavam decidindo suprimir seus desejos na época da entrevista – como na primeira entrevista com Charles –, outros já tinham este hábito há muito tempo – como Jeremias. Alguns

entrevistados se questionavam se deveriam negar tais atrações – como Charles –, outros estavam convictos sobre esta necessidade – como Dimitri – e outros já estavam certos de que iriam cessar com a abnegação para ter relacionamentos com pessoas do mesmo sexo – como Hugo.

Umas pessoas diziam que foram completamente transformadas no sentido de não sentirem mais desejos homossexuais – como Rute – outras diziam que a luta contra as atrações ainda acontecia – como Jeremias. Algumas pessoas estavam casadas com pessoas do sexo oposto – como Douglas –, outras estavam namorando com o sexo oposto – como Silas – e outras estavam solteiras exercendo o celibato – como Pedro. Algumas tinham sido vítimas de discriminação – como Andrea –, outras nunca sofreram nenhum tipo de preconceito – como Dimitri. Algumas pessoas já tinham passado por relacionamentos longos com pessoas do mesmo sexo – como Lúcio –, outras nunca tinham se relacionado com ninguém do mesmo sexo – como Hugo. Alguns participantes eram muito fervorosos e participavam de vários ministérios religiosos – como Pedro – outros eram mais questionadores quanto a algumas atitudes da igreja – como Oliver. Algumas pessoas já tinham saído da igreja e retornado – como Douglas, Lúcio e Jack – outras nunca saíram da igreja – como Hugo, Jeremias e Dimitri. Somente um dos entrevistados tinha medo de ser perseguido, isolado ou mesmo encarcerado caso alguém descobrisse seus desejos homoeróticos: William, o único participante do Zimbábue.

Por conta desta diversidade tão grande e também por termos adotado um formato de entrevista livre, as conversas construídas muitas vezes não falavam necessariamente dos mesmos assuntos e tomavam rumos específicos de acordo com as experiências das pessoas. Portanto, alguém que estivesse vivendo a angústia e o sofrimento de estar entre a cruz e o desejo, geralmente se focava no relato de tais conflitos. Já outro participante que estivesse há muito tempo envolvido com ministérios religiosos de santidade sexual mirava seu discurso nas causas da atração pelo mesmo sexo, nos argumentos religiosos – ou não – da abstenção, nas práticas de gerenciamento do desejo e nos resultados deste. Enquanto um participante americano enfatizava em como o secularismo está entrando na igreja, um participante do Zimbábue falava com mais frequência sobre os riscos de perder a vida e a liberdade pelo exercício da homossexualidade, sendo a abstinência uma forma de sobreviver naquele país.

Um questionamento muito frequente das pessoas convidadas a participar desta investigação era havia intenção de provar alguma coisa, se existia alguma hipótese inicial, ou se as entrevistas seriam utilizadas para colaborar com uma ideia preestabelecida, uma premissa anterior. Este questionamento dos participantes, muito pertinente por sinal, provavelmente tinha a ver com o cuidado em não entrarem numa pesquisa que quisesse provar aquilo que eles não estavam de acordo, como seria se houvesse intenção de provar os malefícios do não exercício de práticas homoeróticas.

Associado ao cuidado descrito acima, algumas pessoas também tinham a preocupação de que fosse escrito sobre elas algo contrário ao que estavam me falando. Alguns participantes abertamente solicitaram que seus discursos não fossem distorcidos nem interpretados fora do contexto da narrativa dada por eles. Algumas pessoas até pediram as transcrições e os áudios das entrevistas para que tivessem uma cópia com elas. Eu sempre ressaltava aos entrevistados que o intuito desta pesquisa era descrever suas experiências, suas histórias e percepções sobre a abnegação do exercício homoerótico, me comprometendo a apresentar suas perspectivas da forma como eles me relatavam suas trajetórias, utilizando suas palavras, expressões e racionalizações sobre os fenômenos que aconteciam em suas existências.

Outra preocupação muito frequente era com a manutenção da confidencialidade e do sigilo. Somente um participante não se preocupou que seu nome fosse publicado; mesmo assim, como planejado, todos os nomes foram mudados e todas as informações que possibilitassem que os participantes fossem identificados também receberam leves modificações para proteger a intimidade dos entrevistados. Às vezes, o cuidado era levado tão a sério que alguns participantes preferiam fazer as entrevistas de outras formas que não presencialmente: um dos participantes pediu para fazer uma chamada de voz que não houvesse nenhuma possibilidade da divulgação do rosto dele; outro participante solicitou que fizéssemos as entrevistas por mensagens de texto e por e-mail. Todas as exigências das entrevistadas e dos entrevistados foram atendidas para cumprir com os compromissos éticos de proteção e cuidado da integridade física e psicológica dos participantes.

3. OS TENSIONAMENTOS NOS ENCONTROS

Ir a campo e conversar com as pessoas que se dispuseram a falar sobre suas intimidades foi uma atividade envolta por tensões tanto pela delicadeza do tema quanto pela proximidade que tive com a igreja e com suas concepções sobre as atrações e as práticas sexuais. O processo de produção deste estudo foi construído por encontros que demandavam da abertura dos entes que participavam deste fenômeno dialógico para alcançar o objetivo de retratar experiências de abnegação do desejo. Era esta abertura à relação entre pesquisador e participantes que proporcionava diversas tensões nos momentos em que mantínhamos contato.

Nos questionávamos como os participantes se sentiriam se soubessem que estavam frente a frente com um estudante de doutorado que teve tanta proximidade com os temas e com as experiências que este estudo trata. De fato, eu não me apresentava falando de meus aspectos pessoais nos momentos dos encontros com os participantes. Em campo, eu informava que era um estudante de doutorado e que tinha muito interesse em fazer uma pesquisa como esta. Mas no final dos encontros também perguntava a pessoa que estava sendo entrevistada se ela gostaria de fazer perguntas sobre a pesquisa, sobre a motivação para realizar esta investigação ou mesmo sobre questões pessoais, relacionadas a mim mesmo. Isso daria aos entrevistados a chance de saberem informações mais particulares. Em algumas entrevistas nenhum questionamento foi levantado. Mas noutras vezes alguns questionamentos nos levaram a conversar sobre temas mais pessoais como minha vida íntima, minha história, minha visão pessoal sobre o exercício das atrações homoeróticas, etc. Estas novas informações sobre mim causaram algumas reações nos sujeitos da pesquisa que são importantes de serem analisadas. Tais reações também corroboram com a crítica à possibilidade de completa neutralidade, como descrita por Bizerril (2008), e de não-interferência do pesquisador quando vai a campo, como apresentada por Santos (2012) e Silva (2009).

Não imaginávamos como seria a reação dos participantes ao saberem de todas essas informações após os possíveis questionamentos, mas pensávamos que esta poderia ser uma forma muito importante de formar vínculos e de gerar a sensação de que eu, de alguma maneira, estava escutando-os de um lugar mais próximo, mais possível de compreensão. Fraser e Gondim (2004) já falavam sobre a necessidade

da proximidade entre pesquisador e entrevistado nas pesquisas qualitativas para a compreensão do mundo do participante da pesquisa; da mesma maneira Fontana e Frey (2000) também situam a entrevista qualitativa como produtora de um texto negociado em que a construção do conhecimento e o acesso da realidade são construídos intersubjetivamente, a partir das trocas verbais e não verbais entre pesquisador e entrevistado, sendo que não há como assegurar o distanciamento entre os atores neste tipo de pesquisa.

Neste capítulo, serão apresentados estes importantes acontecimentos que se deram nas relações e vínculos construídos pelo processo de realização desta pesquisa. Questionar, escutar, ser questionado, falar e receber as reações por conta da minha fala: foi assim que me tornei um “entrevistador participante”.

3.1 As Interferências

Uma das questões mais desafiadoras para a vinculação e construção de um ambiente agradável para a discussão deste tema delicado era a linguagem utilizada nos encontros. Na maioria das vezes os participantes ou tinham no Inglês sua língua materna ou o português como primeira língua. Somente por uma vez o inglês era a segunda língua: com William. Embora tivesse fluência na língua inglesa e capacidade para conversar com pessoas neste idioma, era claro que meu repertório linguístico era muito menos robusto e diversificado do que em português. E acredito que essa falta de repertório léxico em inglês tenha dificultado, ao menos em algumas entrevistas, a interação e o aprofundamento em alguns assuntos emergidos.

Num desses encontros ocorridos em inglês, Evandro estava falando sobre sua plenitude de vida e felicidade na abnegação da realização dos desejos homoeróticos. Evandro era um dos participantes que viajava o mundo dando seu testemunho para as igrejas que o solicitavam e o financiavam para nelas discursar. Enquanto conversávamos, ele estava comando um café da manhã num terraço com vista para uma das florestas do país da Oceania a que tinha sido convidado para falar. Observando a intersecção desses dois fatores – felicidade na abnegação com as viagens internacionais de trabalho evangelístico – decidi perguntar-lhe se sua sensação de felicidade também não deveria ser proveniente do privilégio de viajar,

conhecer novas pessoas, novos contextos e novas culturas, enquanto outras pessoas com atrações pelo mesmo sexo, mas sem essas oportunidades, poderiam não se sentir tão satisfeitas e realizadas com a abnegação como ele. Perguntei se ele achava que sua jornada em direção a santidade não seria menos especial, ou realizadora, ou entretida caso ele não saísse viajando e tendo novas experiências. Senti, entretanto, que a forma como formulei esta pergunta provocou nele tanto incômodo, como se eu estivesse desafiando-o ao questionar a legitimidade de sua felicidade como não atrelada à renúncia homoerótica, que sua resposta surgiu um tanto raivosa:

“Escuta Josué, isso é muito engraçado, isso é muito engraçado, eu não consigo nem ficar ofendido por essa declaração, porque você sabe de uma coisa? No mundo [da moda] eu era uma estrela. Eu estava fazendo muito dinheiro. Eu dirigia Mercedes conversíveis, eu morava num condomínio de frente para um lago com um barco, tinha uma casa com uma piscina, sabe? [Agora] eu vivo nas montanhas, numa cabana de madeira, com uma humilde loja no meu porão, e você sabe de uma coisa? Você quer falar sobre uma vida que é realizada? Se Deus tivesse me prendido em um poço, como Jeremias, e eu tivesse sido deixado ali para morrer, isso seria ainda mais realizador que o que o mundo tem a oferecer. E sabe, se Deus me dá a oportunidade de viajar ao redor do mundo, eu não sou uma estrela, eu sou somente um pecador miserável como todo mundo. E eu tenho uma história miserável que a metade do mundo não tem, mas se Deus me dá a oportunidade de compartilhá-la com alguém, mesmo se eu não tiver a oportunidade de fazer parte desse mundo, tá tudo bem. E esse é realmente o resultado final. Não fui eu que fiz isso, ele [Deus] que fez. E se ele me der uma porta para passar, eu vou entrar. E seja o que for, é muito melhor do que qualquer coisa que o mundo tem a oferecer. Mas deixe-me dizer, esta não é uma vida glamurosa, e sou constantemente atacado pelo movimento pró-gay que está acontecendo na igreja. Sou atacado por outras igrejas e pessoas que se enganam sobre o que é o ministério e a mensagem, e seria muito melhor se eu me escondesse dentro de um buraco e nunca visse outra pessoa novamente do que continuar este ministério, mas sigo em frente com o poder que Deus dá para continuar contando essa história, e isso realmente é tudo. A humildade que tenho de acordar a cada dia enquanto as pessoas jogam dardos a mim tentam me destruir, e até as coisas que acontecem dentro do ministério, o estresse do dia a dia, sabe. Sou como rato de aeroporto, sabe, não é uma vida glamurosa, ninguém está levando minhas malas.

Fico sentando em aeroportos por horas a fio e viajando a noite toda, com o jet lag, e falo por horas depois de sair de um avião. Deixe-me corrigi-lo. Esta não é uma vida glamurosa”.

Após sua resposta, disse à Evandro que não era minha intenção ofendê-lo de forma alguma e que achava minha pergunta importante somente pelo fato de as experiências de abnegação entre as pessoas serem um tanto diferentes. Percebia, entretanto, que a atitude agressiva de Evandro aumentava ao decorrer da entrevista e consegui entender, alguns minutos após esta resposta anterior, que seu incômodo se baseava não somente com as palavras que eu utilizava para me expressar, mas em sua crença equivocada de que eu, o pesquisador, era um adventista:

Evandro: “Eu estou curioso em saber onde você está nisso tudo.”

Josué: “Onde eu estou em que contexto? Quer dizer, eu não entendi...”

Evandro: “Qual é a sua opinião?”

Josué: “Minha opinião sobre isso? Eu na verdade não tenho opinião sobre isso, porque essa é uma pesquisa muito específica. Quer dizer, a questão é como e o que faz com que as pessoas não exerçam suas sexualidades dentro da igreja e...”

Evandro: “Isso é um pouco dissimulado, Josué, porque você sabe, você decidiu fazer um trabalho inteiro sobre a questão homossexual e você diz que você é um adventista e...”

Josué: “Eu não sou!”

Evandro: “Você não é adventista?”

Josué: “Não eu não sou adventista.”

Evandro: Oh, ok, tá certo. Tá certo. Eu peço desculpas, você é cristão?”

Josué: “Eu sou agnóstico.”

Evandro: “Oh, ok, tá certo. Isso faz todo o sentido e eu retiro minha pergunta. Eu peço desculpas. Achei que você fosse um adventista. [...] Não, eu peço desculpas. Nunca quis fazer essa suposição. [...] Josué, eu realmente me sinto mal por isso, sinto muito, não levei isso em consideração que quando você é agnóstico é todo um cenário diferente, ou sei lá. Sabe, talvez ajudasse em outras entrevistas que você deixasse a pessoa saber de que ponto você está falando, porque é exatamente onde eu estava na cultura gay. Eu sabia que Deus existia, mas não queria nada com ele. Eu não queria nada com o Deus que eu sentia que me rejeitava, que não queria nada comigo,

e tentei toda a minha vida fazer com que Deus gostasse de mim. E eu pensei que simplesmente não poderia fazer isso e que simplesmente não era bom o suficiente para Deus. E foi assim que dei as costas para ele. E então, quer saber, eu provavelmente teria sido mais gentil com você, provavelmente não teria sido tão, talvez não tão aberto com você, ou talvez seja o que você queria. Talvez você realmente quisesse alguém aberto”.

Independente das opiniões pessoais que discorde dele com relação ao que signifique ser agnóstico – um assunto que nós não conversamos no encontro – parecia ser muito importante para Evandro saber qual era o meu lugar de fala, como me constituía como sujeito e qual era a minha opinião sobre esse tema para que ele soubesse como se comportar, o que responder e como responder. Saber disso tornou sua atitude em direção a mim extremamente mais dócil.

A interferência que eu causava no campo em que pesquisava ao ser interpelado e ser solicitado a falar demonstrava como era impossível manter uma postura completamente neutra frente a quem me perguntava sobre minhas intimidades, minhas crenças e minhas relações ao passo que as conversas se estendiam. Minhas colocações pessoais nunca eram expostas caso não houvesse um pedido explícito da pessoa que estava sendo entrevistada de que eu falasse, entretanto eu sempre perguntava aos entrevistados se eles tinham alguma pergunta – qualquer pergunta – a fazer já que estávamos ali conversando. E, como dito no parágrafo anterior, minhas respostas às perguntas emergidas também geravam nos participantes reações interessantes que talvez não aconteceriam caso minhas respostas não ocorressem.

Foi o que aconteceu com Douglas. Desde o começo de nossa conversa Douglas sabia da proximidade que um dia tive com a religião, mas não sabia das atrações homoeróticas que também compartilho com os participantes desta pesquisa. Ao nos direcionarmos ao fim de nossa entrevista, Douglas me perguntou como eu tinha feito as pesquisas sobre atrações homoeróticas na igreja Adventista e adicionou na pergunta se eu conhecia a SDA Kinship. Ao respondê-lo que sim e que eu fazia parte dessa comunidade ele me perguntou:

Douglas: “Então, isso significa, você é gay?”

Josué: “Sim, sou gay.”

Douglas: “Você é gay?”

Josué: “Sim.”

Douglas: “Bem, você não me disse isso de cara.”

Josué: “Bem, você não me perguntou.”

Douglas: “Mas estou perguntando agora e agradeço que tenha contado”.

A partir do momento em que os participantes perguntavam algo sobre mim ou sobre as origens da vontade de pesquisar este tema e ficavam sabendo de algumas informações pessoais, como minha proximidade com o contexto religioso, sobre as atrações pelo mesmo sexo contidas em mim, sobre minha pesquisa anterior, sobre minha carreira acadêmica, estas noções geravam neles relaxamento, o que tornava o clima de nossa conversa mais descontraído. E isso era refletido nos estados curiosos que os participantes apresentavam ao formular e direcionar as seguintes perguntas sobre mim:

“Você se assumiu com quantos anos?”

“Com quem você falou?”

“A pessoa que você falou era da igreja, da família ou da vizinhança?”

“O que fez você pensar que [a pessoa com quem você tinha primeiro revelado que era gay] era a pessoa certa para você desvelar seu segredo de vida?”

“Você sofria por ser oprimido socialmente por sua tendência homossexual ou seu sofrimento vinha do próprio sentimento homossexual?”

“Com quem foi sua primeira experiência?”

“Quando foi sua primeira interação com homens?”

“O sexo gay é só chupar e ter penetração anal?”

“Quantos anos você tem?”

“Você está num relacionamento?”

“E hoje você é casado?”

“E você? Conseguiu finalmente encontrar um parceiro?”

“Sua família sabe?”

“Como eles [sua família] reagiram?”

“Na tua família, quando você se assumiu, causou uma... um rebuliço?”

“Você acredita sobre ex-gay e ex-lésbica?”

“Acredita que alguma pessoa pode virar hétero?”

“Você tem chegado até a uma conclusão do tema?”

“Você está querendo provar alguma questão pessoal sua ou foi uma coisa totalmente impessoal?”

“Você ia a igreja?”

“Você estuda a Bíblia?”

“Sua dúvida na existência de Deus poderia ser algo relacionado às suas orações não respondidas ou algo parecido? Ou o que poderia ser a razão da sua dúvida?”

“Você atua como psicólogo atualmente?”

“Quando uma pessoa chega ao seu consultório, apresentando esse quadro de inconformidade com o próprio gênero, existe um modelo padrão, como uma cartilha, como lidar com esses casos?”

“Você acha que minha dificuldade em me expressar é porque eu não me sinto confortável ao tentar ser alguém que eu não sou?”

Aparentemente as entrevistas serviam de lugar privilegiado para que alguns participantes pudessem falar de coisas que não falavam com ninguém. Minha presença ali, com os meus atributos revelados, era como um novo e mais interessante aspecto para a relação criada naqueles encontros. Tal mudança de clima aconteceu, por exemplo, nas interações com William. A primeira conversa com ele aconteceu por uma chamada de áudio cheia de interrupções e ruídos por conta de dificuldades de conexão com a internet onde o participante se localizava. Estava com muita dificuldade de entendê-lo e, então, decidimos terminar a chamada para continuarmos conversando por mensagens de áudio e de texto.

Ao conversarmos por mensagens, William estava muito mais descontraído e curioso sobre mim e minhas características. Muitas das perguntas acima apresentadas foram dele, especialmente sobre como eu exercia minha sexualidade e como eram as intimidades entre pessoas do mesmo sexo, como tinha sido meu histórico homossexual e quais eram minhas crenças religiosas. Entre uma resposta e outra também o perguntava sobre suas perspectivas em tais temas e coletei muitas informações a partir desta interação. Caso não tivesse mantido contato com ele por meio daquelas mensagens, provavelmente não as teria acessado.

William até indicou o meu número de telefone a um outro rapaz que também morava em Zimbábue e que também sentia atrações eróticas por pessoas do mesmo

sexo. Este, porém, tinha um tom mais sedutor em suas mensagens e por duas vezes fez elogios gratuitos sobre minha aparência enquanto trocávamos mensagens. Esses elogios também aconteceram nos primeiros contatos com Cedric, a primeira pessoa que descrevi no capítulo anterior. Logo nas primeiras mensagens que trocamos, Cedric fez perguntas sobre meu estado afetivo e, ao saber que não estava solteiro, me parabenizou e disse que seu sonho era encontrar alguém de mesmo sexo para poder construir uma relação amorosa. Ambos Cedric e o amigo de William não buscavam abnegar de seus desejos ou não colocá-los em prática por isso não fizeram parte desta investigação.

Diante da oportunidade de fazer qualquer pergunta no contexto em que estávamos inseridos, Dimitri também fez perguntas pessoais. Foi por termos entrado no assunto de como as famílias respondiam a esse tema que ele falou que temia que sua família o “*apedrejassem, de cabeça para baixo no óleo quente*” caso soubessem de suas atrações homoeróticas.

A longa conversa com Charles também foi marcada por interferências fomentadas por suas perguntas relacionadas às origens desta investigação e a mim. Por um bom tempo Charles perguntou de meu histórico e sobre como eu tinha lidado com questões que de alguma forma compartilhávamos em nossas vidas. Foram tantas as questionamentos de Charles que em certo momento eu disse, num tom descontraído, “*mas esta entrevista não é sobre mim*”, fala que foi contestada por ele com a afirmação, “*É que essa parte tá mais legal, e eu já contei tudo*”.

Rimos um pouco neste momento, mas logo após eu o perguntei como ele se sentia ao ter entrado em contato com o meu histórico pessoal. O rapaz respondeu que se sentia confuso, que não sabia por qual caminho seguiria com sua vida, mas afirmava que tinha sido bom saber da minha história porque ela o “*motivava pra continuar*”. Ele afirmava que tinha vontade de sumir, de sair de fininho e começar sua vida do zero em outro ambiente, com outras pessoas, sem ter que destruir a imagem que tinha construído para os outros no local onde ele se encontrava. Continuamos nossa conversa por mais alguns minutos e ele terminou falando que se pudesse, falaria tudo o que estava sentindo para sua mãe caso ela conseguisse lidar bem com suas informações. Também disse que achava que seu tempo na igreja estava acabando por perceber que talvez seu perfil não se encaixava mais naquele ambiente e terminou sua fala com a afirmação: “*Não sei. É muita confusão, essa idade. Muita*

coisa acontecendo [...] ainda mais passar por isso sozinho. É o peso maior, passar por isso sozinho”.

Ao nos despedirmos, agradei por Charles ter aberto seu coração a mim e ele afirmou que poderia utilizar tudo o que conversamos na pesquisa contanto que seu nome não fosse revelado. Eu já havia lhe indicado algumas clínicas universitárias para que ele pudesse ser acolhido psicologicamente caso achasse necessário, como mostrado outras vias de acesso à cuidados em saúde mental através do Sistema Único de Saúde percebendo a forma como se sentia sozinho e entristecido. Também me coloquei à disposição caso ele quisesse conversar e falar mais sobre seus sentimentos, ainda que num papel não necessariamente psicoterapêutico.

Uma semana após nosso primeiro encontro presencial, Charles me mandou outra mensagem de texto perguntando se poderíamos nos ver novamente porque gostaria de conversar pessoalmente comigo. Combinamos, então, que nos encontraríamos num dia de semana, no período da manhã para tomarmos um café numa padaria próxima à Avenida Paulista. Não sabia o que ele queria dizer, mas como tinha me colocado à disposição para ser alguém com quem ele pudesse desabafar, pensei que algo importante havia acontecido. Chegado o dia, nos avistamos na rua mesmo; nos cumprimentamos de forma menos formal como no primeiro encontro, andamos juntos até a padaria, encontramos uma mesa, pedimos nossas bebidas e logo Charles explicou o porquê de solicitar este encontro. Ele queria dizer que decidiu não mais renegar seus desejos e que iria deixar de lutar contra seus pensamentos associados ao envolvimento erótico e afetivo com pessoas do mesmo sexo.

Perguntei o que aconteceu para que ele mudasse de atitude e o rapaz respondeu que após nossa conversa e o contato com minha história, teve sua percepção ampliada sobre a vida e sobre as possibilidades de viver, sendo que não mais fazia sentido para ele continuar se reprimindo. O semblante de Charles não era o mesmo de consternação como em nosso primeiro encontro, mas também não deixava de mostrar certa preocupação quanto ao futuro. Ele relatou que ainda não estava preparado para falar com sua mãe sobre suas atrações e que não poderia colocar seus desejos em prática enquanto estivesse dividindo a casa com ela, mas que agora vislumbrava um futuro mais compatível com aquilo que almejava ter afetivamente.

Aproximadamente um ano após este encontro, entrei em contato com Charles novamente, agora para tratar de algumas burocracias do processo de redação desta tese e, para minha surpresa, recebo dele esta mensagem:

“Então, tava aqui tentando lembrar daquele momento, faz um pouco de tempo, mas lembro que realmente tava sofrendo muito, tava quase beirando a depressão, o que não me deixou [deprimido] é que sempre pensava que isso iria passar um dia, que iria começar a entender as coisas, que as pessoas iriam me respeitar como sou, não teria mais que mentir, tudo isso era um peso. E depois as coisas foram acontecendo naturalmente. Conheci o [meu namorado...] e vi que as coisas estavam ficando sérias. [...] Convidei ele pra ir [...] almoçar na minha casa, conhecer minha família, minha irmã suspeitou na hora. Já minha mãe não; minha família começou a vir até mim e perguntar na boa, e pessoas até lá da minha terrinha [...] vieram até mim e me deram muito apoio. Até que minha mãe percebeu e confrontou a nós dois. Foi difícil no momento pra todo mundo. Ela ainda não aceita, eu sei disso, mas respeita muito, acho que a preparei muito pra esse momento, assisti até ‘Orações para Bobby’ com ela, sempre choro quando assisto esse filme. Ela entendeu meu sofrimento e hoje até chama o [meu namorado] pra almoçar em casa. Fico feliz que aquele tempo passou, era otimista mas tinha medo que nunca passasse, estava chegando no meu limite e agradeço muito a você e a algumas pessoas que conheci nesse caminho que me ajudaram a amadurecer e sair um pouco da caixinha, é claro que ainda tenho alguns conflitos mas são bem menores do que antes”.

É notável, pela mensagem de Charles, que as interações ocorridas em nosso primeiro encontro geraram nele consequências consideráveis. Torna-se importante ressaltar que em momento algum o objetivo da investigação era de gerar mudanças ideológicas, atitudinais ou comportamentais nos participantes. As mudanças apresentadas por Charles, por exemplo, durante o processo de investigação demonstram tanto a natureza transversal deste trabalho quanto os aspectos éticos e metodológicos das pesquisas com seres humanos que apontam para a impossibilidade de completa neutralidade e não interferência do observador participante no campo em que atua. Não há como dizer que as pessoas que fizeram parte desta pesquisa sempre pensarão e atuarão da maneira como relataram em

nossos encontros, como também não há como afirmar que tais encontros não poderão em nada ter afetado ou afetar participantes e pesquisador.

As mudanças que aconteceram mesmo ao decorrer da própria pesquisa nos discursos dos participantes demonstram como a variável do tempo pode transformar futuramente muitos dos modos de vida aqui relatados. Por exemplo, com alguns participantes pude manter um contato mais prolongado e fazer conversas em diferentes momentos – o que aconteceu com Charles e William, por exemplo. Em alguns destes contatos mais frequentes, ambiguidades e descontinuidades estiveram presentes e me forçavam a formular reflexões menos excludentes e categóricas e mais inconclusivas e controversas.

Foi o que aconteceu com Oliver. Com fizemos uma chamada de vídeo de aproximadamente uma hora e meia e mantivemos contato mais fragmentado com diversas conversas por mensagens de texto. Logo no começo da entrevista por vídeo chamada, Oliver afirmava que sempre gostou de mulheres e que sempre preferiu por mulheres. Se sempre gostou e sempre preferiu mulheres eu imaginei que não seria algo difícil para ele permanecer num relacionamento considerado heterossexual e formar uma família. Entretanto, com o passar de nossa conversa, Oliver apresentava em seu discurso conflitos internos com relação a sua atração por mulheres mesmo dizendo que sempre as via como mais atraentes: ele dizia que sempre sentia curiosidade sexual pelos meninos, que sempre se viu diferente daquilo que se considerava ser masculino pela sociedade em geral e que seu contato erótico e afetivo com o mesmo sexo aconteceu por influência do meio em que vivia e da moda que tinha se criado em cima dos relacionamentos com pessoas do mesmo sexo. Oliver também dizia que não era fácil domar seus desejos com os estímulos visuais de homens atraentes que apareciam em seu cotidiano e que se Deus tivesse transformado suas atrações, ele teria formado uma família e tido mulher e filhos como os demais membros de sua família. Por fim, Oliver terminou seu discurso dizendo que achava que era mais fácil para ele viver sozinho e que, em sua situação, preferia permanecer assim já que se tivesse relações amorosas e sexuais tanto com homens quanto com mulheres, se distanciaria de Deus.

Ou seja, as primeiras falas de Oliver discordavam grandemente daquilo que ele me apresentava no decorrer da nossa conversa. Seu discurso trazia grandes dificuldades em traçar uma narrativa linear que encaixasse todas estas informações

de forma fluida já que as falas continham fatores discordantes convivendo ao mesmo tempo. Mas não era somente com Oliver que isso acontecia.

Outro exemplo de descontinuidade no discurso ocorreu numa das falas de Douglas depois de eu ter dito que me considerava gay. Depois de uma entrevista recheada por relatos dele mesmo sobre transformação de seus desejos, de milagres em suas atrações e mudança completa de tendências e atitudes pelo treino comportamental e pela ação do Espírito Santo, Douglas me relatou que possuía um “gaydar”. “Gaydar” seria o neologismo formado pelas junções dos termos “gay” e “radar” que significa a habilidade, geralmente possuída por pessoas que também são gays, de alguém captar e distinguir quem é gay de quem não é. Douglas me justificava que ainda que seu “gaydar” não tenha funcionado comigo, ele tinha essa capacidade porque já foi gay: *“Você sabe que nós temos um gaydar, certo? De alguma forma ele falhou com você. Não é 100% [eficaz], eu não sabia que você era gay. Mas tudo bem, eu já fui [gay] então, você sabe, eu sei [quem é gay e quem não é]”*.

Aparentemente, portanto, os treinos comportamentais e o Espírito Santo fizeram mudanças significativas na vida de Douglas, mas deixaram que alguns resquícios das “*tendências hereditárias e cultivadas*” – citando uma frase do mesmo Douglas – permanecessem, como o “gaydar” por exemplo.

William também demonstrou algumas divergências em seu discurso ao longo do tempo que fomos conversando. Na primeira conversa, que durou em torno de 30 minutos em chamada de áudio por *WhatsApp*, ele disse que estava em paz com Deus e consigo mesmo, ainda que tivesse que conviver renegando suas atrações homoeróticas. Entretanto, em outras mensagens de texto, William demonstrou exatamente ao contrário: falava como estava angustiado por ter arranjado uma menina para namorar tentando “*normalizar as coisas*” e mostrava quão terrível era a sensação de perceber ser uma maldição por estar nessa situação em sua comunidade.

Na última mensagem que trocamos antes do término da escrita desta tese, William disse que tentou sem sucesso ter um relacionamento à distância com um rapaz da África do Sul. Ao eu perguntá-lo por que decidiu, enfim, ter um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo, ele respondeu: *“Eu só queria estar em paz com o que eu gosto”*.

Claramente este fenômeno de instabilidade nos discursos tem a ver com as tensões entre a maneira como os participantes percebiam e interpretavam suas

atrações e, ao mesmo tempo, como as negociavam com seus contextos com o passar do tempo e após determinadas experiências vividas.

Seria ingênuo demais, entretanto, pensar que interferências providas das interações no campo ocorreriam somente na direção de pesquisador para participantes. Pois, de fato, algumas das verbalizações das narrativas e dos questionamentos dos participantes em alguns contextos geravam uma impressão como se o pesquisador fosse a quem o discurso se direcionava, e não à investigação. Por mais de uma vez os participantes apelaram pelo meu retorno à igreja, e questionaram se seria possível que algum dia minhas convicções religiosas e atitudes quanto às práticas homoeróticas mudassem.

Por vezes a conversa com Douglas se assemelhava a um discurso evangelístico, um comício político, ou uma propaganda publicitária - que busca anunciar seu modo pleno de vida com o objetivo de convencer os ouvintes de que aquilo é o certo a se fazer para se ter uma vida feliz. Percebi que era justamente isso o que estava se passando ali logo ao término de nosso encontro. Findando o discurso sobre como ele acreditava que Deus deveria ser adorado, entramos numa discussão sobre se Douglas estava falando sobre suas perspectivas e seus entendimentos – representando somente a si mesmo – ou se ele estava falando como um representante da igreja, em nome da igreja. O diálogo se dava assim:

Douglas: “Um ministro e um cristão devem representar a Deus. E se você está pregando a partir da palavra [da Bíblia], você pode pregar com poder, ousadia e autoridade, porque não vem de você mesmo.”

Josué: “Mas entre nós, aqui, nesta relação que a gente está tendo agora, é você, é só você. Tudo o que você fala, a religião, é a sua crença.”

Douglas: “Eu não quero apresentar a mim mesmo aqui. Não é sobre mim.”

Josué: “Ainda é.”

Douglas: “Eu estou tentando fazer você voltar para a igreja! [Risos].

Josué: “Ainda é você.”

Douglas: “Sim. É a palavra do meu testemunho. [Em] Apocalipse 12:11, [diz-se que] vencemos Satanás, o acusador dos irmãos, pelo sangue do cordeiro e pela palavra do nosso testemunho. Esta é minha experiência”.

Enquanto eu dizia a Douglas que percebia sua experiência espiritual e existencial como única a partir de suas vivências tanto pessoais quanto institucionais, ele, por outro lado, queria se distanciar do discurso sobre si mesmo e me dizia que vivia um modo de vida de completa abnegação e negação de si a ponto de suas palavras não serem suas, mas sim de Deus. Ele afirmava que a pessoa com quem eu estava conversando não estava apresentando a si mesma – ou ao menos não queria mostrar a si mesma – ao falar de sua experiência, mas queria demonstrar a atuação divina agindo sobre ele em seus desejos, pensamentos e comportamentos – discurso que exemplifica o que Foucault (2004) dizia sobre as tecnologias de si e de renúncia de si na cultura cristã. Mas Douglas estava, além disso – ou através deste discurso – querendo me convencer a voltar para a igreja.

Douglas não era o único, entretanto, na empreitada de evangelizar o pesquisador. William, após me indagar e, por conseguinte, saber de minhas crenças e perspectivas espirituais, fazia o possível para tentar me mostrar que ele entendia minha incredulidade e que sabia como me sentia. Mesmo assim, tentava me convencer mandando mensagens com afirmações do tipo: *“Deus existe, meu querido irmão, ele está lá!”*, *“Deus te criou à sua imagem. Você é especial para ele. Pessoas como você são aquelas as quais Deus está à procura. Um dia no céu [outras] pessoas ficarão chocadas ao saber porque e como você foi salvo!”*, *“Eu gostaria que nos encontrássemos. Eu compartilharia meu testemunho contigo [...] e isso faria uma diferença porque alguém da sua orientação compartilharia a esperança contigo”*.

Numa dessas trocas de mensagens de texto sobre as crenças religiosas ele dizia que gostaria que eu um dia entendesse a fé em Deus como ele entende e que visse as coisas como ele vê, ainda que reconhecesse compreender minha mentalidade e que respeitasse meus pontos de vista. Percebendo, mesmo assim, que eu não cedia aos apelos de suas mensagens, William me respondeu: *“Eu levei um tempo para pensar sobre sua situação e ver onde eu posso ajudar, mas honestamente eu tenho falhado. Eu acredito que sua situação precisa do próprio Deus para te ajudar”*.

Outros participantes eram um pouco mais sutis e demonstravam que gostariam que eu me apropriasse de suas crenças através de perguntas que pudessem revelar se o testemunho deles havia me tocado e me feito repensar em retornar à igreja. Jack e Rute fizeram essas perguntas. Chegando ao final da conversa

com Jack, ele me perguntou: *“Como eu, com mais anos de experiência, tive mudanças no meu estilo de vida, você acha possível pra você?”*. Tentei dizer que nada era impossível, mas expliquei que minhas perspectivas atuais eram mais relativistas sobre bem e mal e que percebia que tudo dependia de como cada um percebia a realidade, e recebi estas respostas dele: *“Uau. Você tem uma mente muito moderna. Anyway. [Risos ...]. Eu vou orar por você. [...] Proteção divina nunca é de menos. A gente vive num mundo tenebroso cheio de coisas ruins. [Risos]”*.

Rute fez uma pergunta um pouco mais direta com relação a minhas crenças a partir daquilo que estava observando na minha pesquisa e pelo testemunho de sua experiência de vida:

“Você acha que é possível, através de seu estudo, de chegar a uma conclusão diferente daquela que você tem concluído [para sua vida]? [...] Você acha que é possível algum dia chegar a outra conclusão daquela que você agora alcança? [...] O que eu falei acertou você em cheio? Quando eu falei sobre tentação e quando eu falei que qualquer que seja a tentação, que Deus simplesmente não a retira da pessoa, eu toquei em seu âmago? Isso faz sentido para você?”.

Não me era agradável sentir que estava passando por tentativas de conversão e evangelização, mas em nenhum momento sentia como se estivesse sendo empurrado contra a parede ou desafiado de maneira desrespeitosa por Rute ou pelos demais participantes que me fizeram perguntas parecidas. Todas as pessoas que participaram desta investigação demonstravam respeitar meus pontos de vista e querer colaborar solidariamente com a pesquisa, talvez até com o objetivo de produzirem em mim empatia, aprovação ou mesmo aderência com relação a suas condutas e crenças. Talvez a brusca transformação de atitude de Evandro, por exemplo, também estava associada a esta hipótese, especialmente por ter ocorrido após saber de nossas incompatibilidades de fé.

3.2 Implicações do Poder Falar e do Falar Num Contexto Acadêmico

Por parte de alguns participantes e geralmente no fim das entrevistas, expressões de alívio emergiam. Às vezes tal fenômeno acontecia depois de interações mais próximas, principalmente após eu perguntar às pessoas que contribuíam para a pesquisa como se sentiam participando da investigação. Esta, por exemplo, foi a resposta de Jason ao ser questionado sobre seus sentimentos perante a pesquisa:

“Não é um sentimento ruim. Eu me sinto aliviado e ainda... esquisito. Como se eu pudesse falar mais. Como se eu pudesse continuar falando. Pelo fato de como isso tem me feito sentir, me faz sentir como... acho que está me fazendo sentir como se eu pudesse fazer qualquer coisa e não estivesse errado. Eu não sei como falar isso, não sei como expressar”.

O ambiente construído pelas conversas e entrevistas da investigação era privilegiado por propiciar um local de escuta para verbalizações muitas vezes impossíveis de serem externalizados pelos participantes em suas comunidades religiosas. Era por poder falar abertamente num contexto acadêmico e seguro que Jason dizia se sentir melhor:

“Eu honestamente expliquei minha vida inteira para você. Já fui honesto com outras pessoas, mas não expliquei tudo isso e eu me senti confortável com isso. E me sinto melhor. Eu acho que a única coisa que me faz sentir desconfortável agora é falar sobre esse tema. Porque eu geralmente não falo sobre ele desse tanto. Mas eu preciso, porque vai fazer me sentir melhor. Segurá-lo não ajuda”.

Charles também expressava esse sentimento após ser questionado sobre sua experiência ao ser entrevistado: *“me sinto eu mesmo. Sem máscaras, sem nada assim. Me sinto bem. [Pausa]. De você saber quem eu sou, coisa que minha família nunca vai poder saber. Nunca mesmo”.*

Ao mesmo tempo, alguns participantes também demonstraram gratidão pela oportunidade de uma conversa sincera e por ouvirem minha história. O mesmo Charles, da fala anterior, disse ao fim de nossa conversa que foi bom ter ouvido minha história porque, como dito anteriormente, gerava nele mais motivação para continuar vivendo.

Outros participantes também agradeceram por me considerarem o portador de suas histórias e por saberem que eu poderia ser uma pessoa confiável para difundir as experiências academicamente. Isso aparecia numa fala em que Dimitri reconhecia a importância da produção desta investigação, atribuindo ao pesquisador coragem por se propor a realizá-la: *“Por mim eu ficava falando até a meia noite. Por isso que eu falei que você é um herói porque é muito triste você ver quão pouca informação tem sobre esse assunto, principalmente aqui no Brasil. Você é um herói, parabéns”*.

Gratidão similar à de Dimitri também aparecia nas falas de William que dizia estar contente em saber que alguém estava preocupado em considerar o tema da maneira como a investigação estava sendo produzida.

Com Rute, mesmo ao saber de nossas disparidades nos âmbitos da sexualidade e da religiosidade, ela dizia estar agradecida por entender que eu permanecia produzindo questionamentos sobre esses temas e que, por conta disso, certamente poderia ser uma benção para outras pessoas.

Silas também dizia que esta investigação é muito importante e que prestava serviço à igreja e à sociedade em geral por informar sobre diversas experiências de pessoas que sentem atrações homoeróticas. Segundo ele, mostrar essa pluralidade é importante para que a população tenha maior conhecimento sobre as diversas formas que seres humanos podem viver e se sentir bem, o que traria visões mais esclarecidas sobre o tema da atração entre pessoas do mesmo sexo e a diversificada resposta a ele:

“A partir do momento em que você descreve os diferentes relatos, você tá dando oportunidade para outras pessoas que tiverem acesso, lerem e dizerem assim, ‘olha, pra essas pessoas essa opção foi boa, foi suficiente, trouxe felicidade, trouxe um contentamento, uma estabilização dos sentimentos, da maneira de enxergar o mundo’, enfim”.

Pedro seguia a mesma linha de agradecimento de Silas, mas além disso, ele acreditava que a pesquisa também era resultado da ação divina sobre a humanidade:

“Eu tô aqui contigo agora, nesse momento, feliz, porque eu sei que tu tá sendo um instrumento de Deus. De verdade. Eu creio que tu es um instrumento de

Deus. Que você nasceu pra isso. Eu acredito que você nasceu pra isso. Porque tem um texto que Ellen White diz, no livro Atos dos Apóstolos, que ela diz que Deus criou cada um com um propósito. Único. Único. Como diz em Jeremias capítulo 1, a gente nasceu... cada um nasceu pra uma coisa. Você nasceu pra isso, pra ser a voz daqueles que não são ouvidos. Pra mostrar pra todo mundo que a gente chora, que a gente sofre, mas também a gente pode aprender a conviver bem. Porque tu não és um discurso vazio mais. Você agora se tornou a voz da gente, entendeu? Lembra de João Batista? Tu és quem? Tu és o Messias? Não. Tu és Elias? Não. Eu sou a voz que clama no deserto. Eu acredito que tu tá sendo a voz que clama no deserto da gente. De verdade, eu creio que tu es isso. [...] Hoje tu pode tá sendo o suporte de um monte de gente. [...] Quando tu traz isso de uma maneira séria, tu tá dizendo: ‘tem isso aqui’. Mas eu achei legal também essa tua construção porque todos só pensavam de um lado. Agora você, poxa vida, ‘tem gente que pode ser feliz também desse jeito’”.

Por muito tempo contemplei a ideia de “ser a voz” do outro, de ser “a voz que clama no deserto”. Foi necessário um pesquisador, um terceiro, se levantar no ambiente acadêmico e pesquisar uma temática como esta para tornar audíveis falas de algumas destas pessoas; para mostrar aquilo que não é possível ser mostrado por quem vive na pele a experiência.

Esses silenciamentos produzidos pela instituição religiosa representam a produção de subjetividades assujeitadas, de construção de sujeitos impedidos de falar. Seria o que Jeremy Carrette (2000) chamaria de “corporalidade espiritual”. Para o autor, que analisa o cristianismo por uma lente Foucaultiana, o cristianismo é uma religião confessional. Para encontrar a salvação, os crentes precisam conhecer a si mesmos para poder confessar. Eles precisam organizar seus pensamentos, categorizar seus comportamentos, nomear seus desejos para encontrar seus fracassos e confessar seus pecados a Deus, pedindo perdão a ele. “O cristianismo se baseia fundamentalmente no ato de falar, na verbalização da verdade. Falar é acreditar e falar é conhecer a verdade. O cristianismo é uma religião de enunciados, uma submissão ao falar, crer e agir” (p. 27). Esse processo de conhecer a si mesmo para impedir que se caia em tentação no futuro é o que Foucault falaria sobre a subjetividade formada através da influência da igreja. Portanto, a imposição religiosa do exame de pensamentos e da exposição das ações sexuais no ato da confissão está relacionada à transformação da sociedade ocidental.

Mas a fala também está relacionada ao silêncio. Existe um elo entre as operações de silêncio e fala. O mecanismo de poder do cristianismo parte das estruturas institucionais que manipulam e controlam pelo silenciamento. Ao interpretar Foucault, Carrette (2000) descobre alianças complexas entre poderes médicos e religiosos na luta contra os hereges e os loucos; a mesma tecnologia de poder é replicada na construção da prisão: o silêncio como parte do controle disciplinar. A religião cristã desenvolveu essa tecnologia em exercícios monásticos e estes foram incorporados às estruturas da prática penal. "Havia uma função corretiva distinta no uso do silêncio, procedimento adotado no silêncio e na solidão da cela" (p. 32).

Quando Carrette (2000) se refere à corporalidade espiritual, ele está falando dos corpos silenciados pelo cristianismo. O corpo que se tornou silencioso, dócil, é o corpo atingido por esta forma de disciplina presente nos atos da religião cristã.

Outros corpos, todavia, como os de Douglas, ou Evandro, ou Lúcio não necessitavam de um silenciamento. Ao contrário, eram testemunhos vivos difundidos pela própria igreja para servirem de exemplo para outras pessoas. Suas falas eram apoiadas pela igreja – ou ao menos por segmentos mais influentes da igreja – e financiadas para que aparecessem nas mídias oficiais e que viajassem pelo mundo.

A dualidade entre o silêncio de uns e o discurso de outros também é considerada por Carrette (2000) quando apresenta que a autoridade eclesiástica para silenciar os corpos é a mesma autoridade que gera um discurso político, que fala à população o que é o certo e o que é o errado nas relações sexuais, no desejo, no casamento, nas performances do corpo e assim por diante. Por isso o autor rotula que as ideias de Foucault sobre o cristianismo também se baseiam, além de uma "corporalidade espiritual" – como visto anteriormente –, numa "espiritualidade política" representada no fenômeno das falas públicas de Douglas, Evandro e Lúcio.

Segundo Carrette (2000), a igreja cristã é para Foucault parte de uma rede de instituições que deseja controlar a fala e o silêncio. Através de uma estratégia que mantém a verdade sobre tudo, ela governa o eu individual e os estados-nação com as operações do dito e do não dito; "E é precisamente esse mecanismo de coerção que permite a Foucault desenvolver suas ideias de uma 'espiritualidade política'" (p. 32). Assim, Carrette (2000) expressa que a preocupação final de Foucault sobre religião é expor a tecnologia do poder presente na disciplina e no discurso religioso. Foucault demonstra, assim, que objetivo da pregação religiosa seria criar um monopólio da experiência. Através da ordenação religiosa, categorização e

subjetivação da vida humana, a igreja cristã permite que a humanidade se aproxime apenas de certas práticas e interpretações das ocorrências da vida.

Ainda que as falas de Douglas representassem, segundo ele, as falas de Deus e por isso fossem endossadas pela igreja, ele também agradecia pelo interesse em conhecer sua experiência principalmente por saber de minhas atrações por pessoas do mesmo sexo:

“Estou fascinado por falar com você, especialmente sabendo que você é gay. Eu penso, uau, que privilégio em poder falar com você, porque nem toda pessoa gay chegaria a mim dessa forma. Muitos vêm a mim como um oponente ou um inimigo. E eu não vejo isso em você de forma alguma. Você está honestamente pesquisando pelo meu entendimento e pelo porquê de eu estar onde estou. Eu agradeço por isso”.

Cada encontro desta investigação era uma experiência única que me gerava diferentes sensações. Uns causavam certo desconforto pela maneira um pouco mais incisiva de tentativa de convencimento dos próprios discursos, outros geravam empatia pelas angústias e conflitos relatados. Uns relatos surpreenderam dizendo que não houve percepção de pressão exterior para as decisões de abnegação das atrações por pessoas do mesmo sexo, e outros impactaram ao observar justamente o contrário. Ainda que a instituição religiosa promovesse a constituição de subjetividades assujeitadas, tal assujeitamento era representado de maneira muito pessoal, com maneiras individuais de incorporação das práticas religiosas e sexuais e negociações particulares entre crenças e desejos.

4. OS MARCOS TEÓRICOS

Os marcos teóricos que fizeram parte da gênese da pergunta do trabalho e do guia de análise das observações e interações ocorridas estão baseados nos fundamentos de Michel Foucault, especialmente para os termos de “governamentalidade” e “experiência”.

Um dos temas mais importantes nos estudos de Foucault foi a questão do governo, tanto no sentido de conduzir a conduta dos outros quanto a conduta de si

mesmo (FOUCAULT, 2004; 2010). O termo “governo” é usado por Foucault para analisar as conexões entre o que ele chamou de tecnologias de si e tecnologias de dominação, a constituição do sujeito e a formação do estado.

O conceito de governo usado por ele é mais amplo, mais generalizado, que abrange mais aspectos do que aqueles que geralmente são apontados para o poder político do estado para guiar a população. O governo de Foucault lida com formas de poder que podem ser encontradas em textos filosóficos, religiosos, médicos e pedagógicos e que estão relacionadas ao autocontrole, orientação para a família e para as crianças, administração da casa, direção da alma, etc.

“A prática do governo, por um lado, são práticas múltiplas, já que muita gente governa: o pai de família, o superior de um convento, o pedagogo, o professor em relação à criança ou ao discípulo. [...] Há, portanto, ao mesmo tempo, pluralidade das formas de governo e imanência das práticas de governo em relação ao Estado, multiplicidade e imanência dessa atividade”. (FOUCAULT, 2008a, p. 124).

A palavra “governamentalidade” é uma categoria criada por Foucault para falar sobre práticas de governo que, através das relações entre poder e saber, se transformaram nos instrumentos mais importantes para a sujeição da população a um governo. O termo aparece em diversas obras, mas principalmente em “Segurança, Território, Populações” (Foucault, 2008a) e em “Nascimento da biopolítica” (Foucault, 2008b). Nestas obras o autor apresenta, em última análise, como o neoliberalismo ensina as pessoas a governarem-se a si mesmas, a fim de não ter que pressioná-las física, ativa e forçadamente a fazer o que um governo dizia.

Em “Segurança, Território, Populações” Foucault (2008a) discute os fundamentos das relações de poder e chega ao conceito de governamentalidade através de uma linguagem histórica, descrevendo como as formas de poder foram gradualmente se transformando do poder do soberano para o poder disciplinar e, por conseguinte, para a governamentalidade.

Governamentalidade é o termo que o filósofo usou para descrever o que ele chamou de a arte de governar: uma nova maneira de pensar em como governar. Nesta nova maneira de se governar, o objetivo de governo é o indivíduo, mas mais especificamente, a mente do indivíduo. Na prática, governamentalidade baseia-se na capacidade de uma pessoa controlar-se a si mesma, guiando suas próprias condutas em função do alcance de um suposto benefício que tem sua comprovação sustentada

pela produção de conhecimento do poder disciplinar. Seriam, por exemplo, atos de autodomínio em prol da manutenção da saúde, para o aumento do bem-estar individual e social, buscando o bom funcionamento das instituições, para o desenvolvimento econômico da produção.

Quando uma instituição de poder disciplinar utiliza de seu poder construído por um saber para promover ações de autocontrole nas pessoas e em seus comportamentos com o discurso de que a partir disso ela manterá as pessoas vivas, saudáveis, prometendo prevenir as doenças e reduzir agravos, Foucault (2008a) dá a isso o nome de biopoder, que seria uma estratégia política composta de um conjunto de mecanismos para lidar com o fato biológico, com as características biológicas fundamentais da espécie humana – tema que é abordado em “Nascimento da Biopolítica” (2008b) e em “História da Sexualidade 1 (FOUCAULT, 2014a).

“Os processos de vida são levados por conta por procedimentos de poder e de saber que tentam controlá-los e modificá-los. O homem ocidental aprende, pouco a pouco, o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai em parte no campo de controle do saber e de intervenção do poder”. (Foucault, 2014a, p. 153-154).

Seguindo, a governamentalidade está relacionada ao exercício do poder sobre as mentes da população por meio de técnicas de autogoverno, associadas às capacidades de autodomínio. Isso acontece de acordo com o discurso ideológico da entidade que está governando, de uma maneira que a força se torna cada vez mais desnecessária para restringir os governados.

Portanto, a governamentalidade lida com a participação voluntária dos governados no governo de si mesmos. É como se o indivíduo consentisse em ser dominado e voluntariamente preso às ordens que lhe disseram para manter esse controle próprio. Foucault (2008a) refere que quando existe a necessidade de pensar sobre si mesmo, de se perceber, de criar técnicas de autogoverno, ou seja, de pensar sobre como deve-se atuar frente às demandas da relação entre saber e poder e do biopoder, tal ambiente torna propício a construção de novas subjetividades individualizadas.

Esta sensação de individualidade, de percepção que estão sozinhas e não num grupo homogêneo, faz com que as pessoas tenham a sensação de que estão sendo exclusiva e atentamente observadas, o que promove ainda mais a obediência às normas postuladas: quando alguém percebe que está sendo observado, provavelmente agirá como lhe foi dito e viverá de acordo com a lei ainda que não exista ninguém de fato vigiando. Assim, a impressão de estar sendo vigiado produz no indivíduo um guarda interno que, este sim, pode observar tudo e saber de tudo o que se faz. Neste sentido, a governamentalidade produz subjetividades mais obedientes.

Falando sobre as origens da governamentalidade, Foucault (2008a) demonstra que essa nova maneira de se governar tem raízes no cristianismo com a atividade pastoral de levar a população a obedecer por uma relação muito estreita com Deus – que tudo sabe, tudo vê e está olhando a cada um individualmente –, produzindo um novo tipo de subjetividade: seria o que Foucault (2002) chamaria de sujeitos assujeitados, ou de modos assujeitados de estar-no-mundo.

Segundo Foucault (2008a), o pastorado é baseado no Deus hebraico que se relaciona com a humanidade conduzindo-a, direcionando-a, diferentemente do que acontecia com os deuses gregos. Enquanto o Deus grego é territorial, tem sua cidade, seu templo, o Deus hebraico caminha, se desloca e se coloca a frente de seu povo dirigindo-o, mostrando para onde ir.

O poder pastoral é um poder individualizante, o pastor vigia a todos e a cada um, sendo esta técnica cristã de poder a origem das técnicas de poder modernas no governo das populações. É um poder que se exerce mais sobre uma multiplicidade do que sobre um território.

Por outro lado, as orientações gregas constituíam o que se poderia chamar de artes da existência:

“Práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixavam regras de conduta, como também procuravam se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer da sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. Essas ‘artes da existência’, essas ‘técnicas de si’, perderam, sem dúvida, uma certa parte de sua importância e de sua autonomia quando, com o cristianismo, foram integradas no exercício de um poder pastoral e, mais tarde, em práticas de tipo educativo, médico ou psicológico” (Foucault, 2014b, p. 16).

A moralidade grega estava voltada numa relação consigo que permite não se deixar levar pelos apetites e pelos prazeres, em função de ter domínio e superioridade sobre eles, mantendo seus sentidos num estado de tranquilidade, permanecendo livre de qualquer escravidão interna das paixões e atingindo um “modo de ser que pode ser definido pelo pleno gozo de si ou pela soberania de si sobre si mesmo” (p. 39). A exigência de austeridade implicada pela constituição desse sujeito senhor de si mesmo estava longe de ser comparada à obediência cristã, à dependência integral de Deus, ou à submissão a uma lei intemporal.

Por outro lado, de acordo com Foucault (2008a) a pastoral cristã não teria a ver com o desenvolvimento de uma estética de práticas voltadas à intensificação de ações consigo mesmo, de uma reflexão sobre o cuidado de si que é passível de mudança e transformação no tempo, de uma criação estilizada de técnicas de si em função de ser o senhor de si mesmo – que era o intuito dos gregos ao procurarem os conselhos dos filósofos –, mas estaria voltada a uma obediência pura e irrestrita, a uma renúncia da vontade própria, à submissão de um indivíduo a outro indivíduo e não a si mesmo, à dependência integral ao pastor que é aquele que sabe a verdade sobre sua ovelha, que vai dizer à ovelha o que ela é e que ela deve fazer:

“ser humilde não é saber que se pecou muito, ser humilde não é simplesmente aceitar que qualquer um dê ordens e submeter-se a elas. Ser humilde, no fundo, é principalmente saber que toda vontade própria é uma vontade ruim. Se, portanto, a obediência tem um fim, esse fim é um estado de obediência definido pela renúncia, a renúncia definitiva a toda vontade própria. A finalidade da obediência é mortificar sua vontade, é fazer que sua vontade como vontade própria morra, isto é, que não haja outra vontade senão a de não ter vontade” (FOUCAULT, 2008a, p. 235).

A constituição de subjetividades seria um dos três pontos principais para o que o filósofo chamaria de experiência. O que ele chamou de “pontos focais da experiência” (FOUCAULT, 2010) surgiu em tópicos como a experiência da loucura, a experiência da criminalidade, a experiência da sexualidade. Ele estudou profundamente e descreveu esses tópicos em um formato histórico, como fez em “História da Sexualidade” (Foucault 2014a, 2014b, 2014c) e em “Vigiar e Punir” (1987).

Segundo Foucault (2014b) experiência seria “a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (p. 8). Estes três fatores descritos acima também podem ser utilizados com outros termos, sendo

“verdade” ou “conhecimento” sinônimos para “campos de saber”, “poder” sinônimo para “normatividade” e “sujeito” sinônimo para “subjetividade”.

Esta experiência não seria universal, mas sim específica, particular a um lugar, situada em um determinado contexto cultural e histórico que gera condições para a constituição de subjetividades características a este contexto. Ou seja, Foucault preocupa-se não com o sujeito universal e ontológico, mas com o sujeito histórico, o sujeito de uma época e de um local. O autor pergunta quais são as condições para que, ao mesmo tempo, verdades se tornem plausíveis, normatividades e sejam fomentadas e subjetividades sejam constituídas.

“As condições políticas, econômicas de existência não são um véu ou um obstáculo para o sujeito de conhecimento, mas aquilo através do que se formam os sujeitos de conhecimento e, por conseguinte, as relações de verdade” (Foucault, 1999, p.27)

Desta maneira, o sujeito é um acontecimento histórico impossível de ser visto fora deste contexto; ele só se constitui por conta deste contexto. Por isso, para Foucault a subjetividade não tem a ver com o mundo interno; ela é criada a partir de um contexto que possui verdades sendo discursadas por instituições que impõe às pessoas e seus corpos normas de condutas.

É num tempo e num espaço determinado que se constroem verdades fundadas nos valores adotados por este contexto histórico. São estes valores da época que permitirão o acontecimento de procedimentos para a obtenção de verdades, que legitimarão discursos, e autorizarão indivíduos a fazerem tais discursos.

Se torna apropriado, portanto, empregar os conceitos de governamentalidade e de experiência de Michel Foucault como pano de fundo para analisar a conduta de renúncia dos desejos e práticas homoeróticas – as técnicas de si para a realização da obediência – baseada num discurso de verdade presente no contexto cristão do início do século XXI em que as / os participantes deste estudo se encontram e se constituem como sujeitos.

PARTE 2 ENTREVISTANDO

INTRODUÇÃO

Como o intuito desta empreitada era de descrever a experiência de pessoas religiosas que decidiam por abnegar de suas atrações homoeróticas e homoafetivas, encontramos nas entrevistas, tanto em encontros pessoais quanto em conversas por vídeo conferência, em ligações de voz e em mensagens de texto, ferramentas muito propícias para observar e construir uma análise a partir das narrativas de vida de pessoas específicas. Utilizaremos os termos “homoerótico” e “homoafetivo” para expressar respectivamente práticas sexuais e práticas românticas entre pessoas do mesmo sexo. Veremos que o termo identitário “homossexual” é rechaçado por alguns participantes que não querem se identificar como tais, preferindo se intitular como “homoafetivos”, principalmente pela vontade de se distanciar daquilo percebido como erótico, sexual, libidinoso, da carne, tentando se aproximar a uma identidade mais “pura” e “santificada”. Portanto a palavra “homoafetivo” poderá ter dois sentidos dependendo da situação em que o texto for apresentado: um sentido de “afeto entre pessoas do mesmo sexo” e outro sentido identitário para adventistas que têm atrações pelo mesmo sexo, mas rechaçam o termo homossexual.

A seguir veremos como as diversas visões sobre as atrações homoeróticas serão discutidas e comparadas ao explorarmos com maior profundidade o não exercício da atração pelo mesmo sexo pelas narrativas de vida de quem faz este tipo de renúncia.

Importante destacar que a experiência de “abnegação” envolve um processo contínuo de negociações e gerenciamento do conflito, com possibilidade de mudanças durante o curso de vida, em que os sujeitos resistem, se assujeitam, abandonam, permanecem, etc. É especialmente o momento presente das trajetórias de vida dos participantes que iremos observar.

Para uma descrição densa destas experiências, primeiramente faremos uma descrição particular de cada participante envolvido na pesquisa para que o leitor consiga compreender, durante as seguintes seções, o contexto das falas emitidas por cada participante sobre cada tema explorado. Seguiremos por tematizar os discursos obtidos nos contatos feitos em: razões para não exercer a atração pelo mesmo sexo, maneiras de se viver a abnegação e diversidades no discurso sobre o homoerotismo no contexto da religião e religiosidade. Por último, exploraremos como as interações

com os participantes geraram tensões considerando a alteridade e o estranhamento etnográfico característicos desta investigação. Afeto.

Cada participante tem uma história única e uma concepção particular sobre a atração homoerótica que foi construída em sua jornada. A próxima seção servirá para que o leitor se familiarize com as histórias dos participantes.

1. AS PARTICULARIDADES E HISTÓRIAS DOS ENTREVISTADOS

- Jason

Nos conhecemos por intermédio de Brian, o coordenador da Kinship. Jason fazia parte deste grupo e nos aproximamos quando ele soube sobre a minha pesquisa e veio conversar comigo por meio de mensagens na plataforma do *Facebook*. O rapaz se mostrou interessado pelo tema e disse se encaixar nos critérios para participar da investigação. Ele foi a primeira pessoa com quem conversei. Após algumas mensagens, já marcamos uma conversa por videochamada que foi realizada logo no dia seguinte. Fiquei surpreso com a facilidade com que nos aproximamos e não esperava que conseguiria marcar conversas com meus participantes com tal tranquilidade. Isso me fez entender que Jason encontrou na pesquisa uma forma de poder se expressar e falar daquilo que sentia e que não podia falar com mais ninguém. Foi justamente o que eu vi em nossa conversa: um canal para poder descarregar suas angústias, conflitos e confusões internas. Jason é um homem cisgênero, branco, médico, que mora nos Estados Unidos, tem 38 anos, é casado com uma mulher e é pai de dois filhos. Jason não nasceu de família adventista, mas foi batizado aos 12 anos de idade num dos templos da denominação. Na entrevista feita por *Skype*, ele relatou que na infância recebeu provocações e insultos de pessoas próximas e de familiares por conta de seus maneirismos, ainda que não entendesse muito bem que maneirismos eram esses. O rapaz contou que percebia que algumas pessoas em seu trabalho faziam boatos sobre a possibilidade de ele ser gay, mas que ele continuava agindo como sempre. Jason se identificava como bissexual, mas sofria muita angústia e se sentia confuso por não saber quais decisões tomar na vida: disse que se sentia

vivendo como se não fosse ele mesmo, que se percebia sendo controlado e que, mesmo se sentindo assim, não queria deixar a família e ser taxado como “*o pai que abandonou a mulher e filhos por um outro cara*”. Em relação à espiritualidade, ele afirmou que após ter estudado as crenças religiosas Adventistas, achou que muitas faziam sentido, mas que outras não eram interpretações corretas da Bíblia. Referia que ia à igreja mais por poder se socializar, mas que nunca se sentiu à vontade entre os adventistas; segundo ele, sempre se sentiu julgado entre os membros de sua igreja.

- Dimitri

Dimitri é um homem cisgênero, estudante de medicina veterinária, com 25 anos de idade, solteiro, que mora no Brasil e vive sozinho. Dimitri me foi indicado por Edson, quem me mandou seu contato e que possibilitou nossa conversa. Dimitri concordou em conversar comigo, mas pediu que não fizéssemos a entrevista por vídeo chamada, já que temia que este vídeo vazasse e que outras pessoas e familiares o identificassem pelas imagens. Assegurada esta demanda, Dimitri confidenciou por ligação de voz via *WhatsApp* que ele vem de família adventista muito conservadora e, como ela, acredita fortemente na Bíblia e em seus preceitos. Dimitri jamais questionou suas crenças e não se atreve a fazer isso para poder praticar seus desejos, observando nesta prática um ato de oportunismo. Até aproximadamente os 10 anos de idade teve experiências eróticas com meninas e meninos e relatou que nesta época se sentia mais atraído por meninas do que por meninos. Segundo ele, depois dessa idade, as coisas começaram a mudar e seus desejos começaram a se direcionar mais por meninos. Dimitri nunca se sentiu hostilizado nem na igreja nem na escola com relação a sua performance. Somente revelou para duas pessoas sobre suas atrações por ter muito medo de que alguém de sua família descubra. Existiu uma grande frustração em Dimitri por Deus não o ter transformado, mas na data da entrevista, o rapaz dizia estar conformado com a falta do milagre da transformação do desejo. Ele disse também que no início da adolescência ficou muito revoltado com essa situação; sentia que era um fardo “*insuportável, imensurável*”. Teve depressão na adolescência, sentia muita dor, tristeza e sofrimento. Quando conversamos, Dimitri não pensava, “*em hipótese alguma, em ter um relacionamento com uma mulher*”

nessas condições", só se ele fosse curado. Contou que até já desejou ter um relacionamento com outro rapaz, mas como não conseguiria manter o segredo longe da família e como ainda percebia esta prática como um pecado, não pensava em implementar tal vontade. Dimitri confessou que de vez em quando um sofrimento muito grande o assola por conta desta situação, mas que isso não é corriqueiro. Percebe que "*é assim mesmo*" e que vive de maneira abstinente para ser compatível com as normas de santidade ensinadas pela igreja. Dimitri também tem amigos virtuais que sabem de seus desejos homoeróticos, mas eles não conversam muito sobre esta questão: eles também têm atrações pelo mesmo sexo e não as praticam. Ele relatou não se sentir sozinho emocionalmente porque Jesus supre suas questões emocionais: acredita que no futuro receberá uma recompensa de Deus e que será um exemplo aos que não conseguiram dizer não à tentação.

- Jeremias

Jeremias é um homem cisgênero, branco, brasileiro, de 37 anos de idade, solteiro, formado em física e pesquisador de um dos institutos científicos de uma das universidades federais brasileiras. Também indicado por Edson, Jeremias também participava do "Ministério Perseverar em Cristo", estando presente em todos os encontros que observei. Conseguimos nos encontrar pessoalmente para uma entrevista em um dos shoppings de sua cidade. Num dos corredores deste local, sentamos para fazer a entrevista enquanto tomávamos um açaí. Sempre muito simpático, Jeremias me relatou que teve um pai provedor, mas ausente e não amoroso. Referiu que quando mais jovem tinha medo dos meninos e se isolava deles. Aos 14 anos Jeremias começou a se sentir atraído por um amigo da igreja e decidiu se declarar para ele em segredo. Este rapaz não cumpriu o sigilo que tinha prometido e falou para algumas pessoas da comunidade o que tinha escutado de Jeremias. Tal situação fez com que o pastor da igreja ficasse sabendo e o chamasse para conversar. Ele se sentiu traído e exposto, mas ao mesmo tempo sentiu que a igreja não o excluiu nem o recriminou. Em suas palavras, Jeremias "*não queria viver a vida homossexual*" e percebeu que, de fato, não desejava isso após alguns poucos encontros que teve com outros rapazes. Determinado que não queria praticar suas tendências, Jeremias

buscou outras leituras sobre o tema e encontrou os livros de Joseph Nicolosi (1991), um dos autores citados pelo Ministério; importou os livros em inglês e os leu numa época em que o autor não era muito conhecido no Brasil. Neste tempo, Jeremias percebeu que o que ele lia batia com sua história de vida e desde então sentiu que suas atrações homoeróticas são uma resposta a traumas que ele vivenciou no passado. O rapaz disse que após a leitura e após começar a fazer terapia, notou que seu medo pelo universo masculino reduziu e então começou a sentir atrações por mulheres, o que não ocorria antes. Mesmo assim, na data da entrevista ele não tinha uma namorada nem achava que ter um relacionamento na vida era algo “*nevrálgico*”, por isso ele estava focando na carreira e em ajudar as outras pessoas com atrações pelo mesmo sexo também através de seu testemunho. Ele afirmou que não queria arranjar um relacionamento só para não ficar sozinho, só para resolver a solidão, que vai namorar quando realmente quiser se relacionar afetivamente. Jeremias também disse não ter vergonha de falar do que sente e de seus desejos, afirmando que o que o define como sujeito não são suas tendências, mas sim como ele se comporta. De acordo com o rapaz, poder admitir isso para si e para os outros causa nele boas sensações. Na data da entrevista, Jeremias disse que fazia terapia para poder lidar com os traumas profundos de seu passado; afirmou que algumas vezes sentia falta de concretizar seus desejos homoeróticos, mas por perceber que um outro homem não conseguirá atender o que ele realmente necessita, prefere não os realizar. Mesmo assim, Jeremias disse estar emocionalmente feliz e realizado, sendo que por vezes dava seu testemunho em igrejas sobre o que tinha aprendido quanto às atrações homoeróticas. Jeremias acredita que Deus aceita todas as pessoas como elas são e que as práticas homoeróticas só são desaconselhadas por ele porque Deus sabe que elas causam problemas e fazem mal para quem as pratica.

- Charles

Charles é um homem cisgênero, branco, solteiro, brasileiro, de 21 anos de idade, estudante universitário de fonoaudiologia e adventista de berço. Conheci a Charles por indicação de Edson, que o contactou primeiro, perguntou se ele se

disponibilizaria a participar da pesquisa e, então, passou seu número de telefone para que eu o alcançasse. Ao mandar uma mensagem para ele, me apresentei como o pesquisador e sugeri um encontro presencial. Combinamos de nos encontrar num shopping do centro de São Paulo para podermos conversar pessoalmente. Quando cheguei, Charles já havia começado a degustar um lanche que comprou num dos restaurantes *Fast Food* da praça de alimentação e, com fome, eu decidi acompanhá-lo comprando um lanche no mesmo estabelecimento. Sentei em frente a ele e, em meio aos embrulhos e copos descartáveis, começamos a conversar. Charles começou me contando que até a adolescência não tinha falado com ninguém sobre o assunto de seus desejos homoeróticos e que só depois dos 18 anos, quando não aguentava mais, tentou pedir ajuda para alguém. Disse que sua família era muito conservadora e que um dia, ao tentar contar para sua mãe sobre suas atrações por pessoas do mesmo sexo, ela não quis escutá-lo mais após ele fazer suas primeiras confissões sobre seus desejos; sua mãe ficou completamente desequilibrada e não falou com ele por uma semana. Por conta disso ele voltou atrás, pediu desculpas e disse que não era nada daquilo. Segundo ele, sua mãe sempre teve medo que um de seus filhos fosse gay, o que fazia com que o jovem sentisse que sua família não se importava com ele. Por conta disso, já tinha pensado em se suicidar algumas vezes. Em sua primeira fala, Charles disse que se olhava no espelho e se “*achava um lixo*”, não conseguindo se aceitar e sentindo que tudo que fazia na sua vida era errado. Charles era acompanhado remotamente pelo “Ministério Perseverar em Cristo” como Dimitri também era. Na época da entrevista, Charles se sentia muito solitário porque alguns dias atrás tinha revelado a seus melhores amigos sobre suas atrações homoafetivas e percebia que após esta ocasião, eles começaram a isolá-lo, não conversando mais com ele como antes. Seu discurso era cheio de experiências de sofrimento. Ao contar sobre o sentimento de solidão social e familiar e angústia em ter que abnegar seus desejos, muitas lágrimas escorriam pelo seu rosto. Em alguns momentos sua fala foi interrompida por conta de seu choro. Ele também disse que se sentia longe da masculinidade por não gostar de coisas relacionadas a este universo, como assistir, debater e jogar futebol. Assim, sentia medo de se aproximar de outros homens e tranquilidade ao estar entre as mulheres. Charles se mostrava um tanto cético se Deus podia ou não transformar as preferências sexuais das pessoas. Nas suas palavras, “*se pudesse escolher, escolheria ter relações sexuais normais*”. Ele disse que era “*muito pesado e doloroso negar a si mesmo constantemente*”. O rapaz também contou

neste primeiro contato que já teve algumas experiências homoeróticas e que os casos sempre aconteciam com meninos que se identificavam como heterossexuais, inclusive da igreja, que, segundo ele, só queriam usá-lo. Charles se questionava se esse Deus podia ser tão ruim assim para não o levar ao céu mesmo que tivesse um relacionamento com outro homem na terra: ele sentia muita falta de ter um companheiro para poder amar e ser amado por ele. Durante a entrevista, Charles perguntou sobre minha história e minhas decisões e disse que foi bom saber da trajetória que trilhei, sentindo-se motivado para continuar buscando sua felicidade. Após nossa primeira interação, o participante continuou mantendo contato comigo de maneira esporádica e mudou muitas de suas concepções após esta conversa inicial, fato que já foi aprofundado no capítulo sobre os tensionamentos e interferências ocorridos nos encontros.

- Douglas

Douglas é um homem branco, cisgênero, casado com uma mulher, americano de 63 anos de idade, comissário de bordo aposentado e muito atuante como ancião de uma Igreja Adventista nos Estados Unidos. Conheci a Douglas após Edson o ter me indicado como uma pessoa atuante discursando mundialmente sobre seu testemunho e sobre como encontrar a santidade sexual pelo não exercício do homoerotismo e homoafetividade. Afortunadamente, na época em que estava indo a campo, Douglas visitaria o Brasil por duas semanas para fazer algumas palestras fora do estado de São Paulo. Alguns dias antes de sua chegada no Brasil, combinei com o empresário que o estava recebendo uma data e um espaço onde poderia encontrá-lo. Após algumas horas de viagem cheguei ao local que me foi designado e percebi que era o a sede administrativa da empresa deste executivo. Fui muito bem recebido por ele e por Douglas, que já me esperava no escritório deste empresário. Sozinho com Douglas neste ambiente corporativo, conseguimos conversar por toda aquela manhã. Nascido em uma família Adventista, Douglas relatou que sempre foi um menino diferente dos demais: muito sensível e delicado. Gostava de estudar, amava música e trabalhos manuais. Falou também que era muito espiritual, que amava a

Deus e a igreja, que amava ser cristão e Adventista, e que sempre foi muito envolvido com a música de diversas formas na igreja. Douglas nunca teve a intenção de sair da igreja, mas, segundo ele, um abuso sexual que sofreu aos 5 anos de idade fez com que sua mente muito nova fosse confundida e que sua trajetória de vida fosse desviada desde muito cedo. Em seu relato, Douglas disse que por ter sido desvirtuado, sua mente foi direcionada de forma errada para admirar mais os meninos do que as meninas, sendo que tais pensamentos se intensificaram quando chegou na adolescência. A partir de então começou a ter conflitos mentais, não sabendo como resolver tal situação. Ele também relatou que sabia que biblicamente ter práticas homoeróticas não era correto, mas não conseguia controlar seus pensamentos e fantasias, já que por muito tempo criou um padrão cognitivo, um hábito de pensar daquela maneira. Mesmo assim, para permanecer cristão – algo que ele queria – e para tentar resolver seus conflitos sexuais, Douglas se casou com uma mulher. Permaneceu por alguns anos com sua esposa, mas como os desejos ainda o invadiam e faziam com que ele não conseguisse resolver suas questões, decidiu se separar e sair da igreja para poder enfim colocar seus desejos em ação. Após alguns anos tendo relacionamentos com outros homens e participando de comunidades gays, Douglas voltou a estudar a Bíblia e os livros Adventistas e, por ver a impossibilidade de conciliar vida cristã com as práticas homoeróticas, se reconverteu, retornou à igreja, deixou o parceiro que tinha, treinou sua capacidade de não cair nas tentações sexuais com outros homens e casou-se novamente com uma mulher. Na data da entrevista, Douglas já era pai de duas crianças e disse que tinha uma vida sexual muito satisfatória. Comparando suas experiências, Douglas analisou que o *“caminho cristão é muito melhor que a vida gay”*. De acordo com ele, se desapontou com o que encontrou fora da igreja, sentindo-se vazio entre uma diversão e outra. Também naquele dia, ele afirmou se sentir muito mais seguro de sua salvação eterna após a morte e mais feliz do que quando estava fora da igreja. Retornando à igreja, Douglas se tornou um palestrante Adventista, sendo convidado mundialmente para dar testemunhos sobre sua conversão. Na noite da mesma data em que conversamos, também tive a oportunidade de ouvi-lo discursar na igreja em que recebeu o convite para falar. Lá, Douglas, falou sobre sua história, sobre suas opiniões quanto ao que seja a atração pelo mesmo sexo, sobre como ele superou esta atração, sobre o que pessoas com estas atrações deveriam fazer para as superarem e sobre o que a

comunidade religiosa, familiares e amigos poderiam fazer para ajudar pessoas nesta situação.

- William

William é um homem cisgênero, preto, engenheiro, de 31 anos, solteiro, nascido no Zimbábue numa família de adventistas. Ele soube de nossa investigação através da divulgação feita por Brian em seu grupo de apoio a Adventistas que não se consideram heterossexuais e, voluntariamente, se dispôs a fazer parte da pesquisa. Combinado o horário para a ligação por *WhatsApp*, conseguimos fazer uma chamada de áudio numa tarde de outono de 2018, no meio da semana. A ligação estava com uma conexão muito ruim, mas conseguimos manter uma conversa profunda naqueles minutos. Após esta entrevista mais curta, continuamos nos comunicando por mensagens de texto e de áudio. Na entrevista, William disse que o adventismo estava profundamente enraizado em sua subjetividade, já que ele tinha constante contato com a igreja e seus membros. William se deu conta dos seus desejos por pessoas do mesmo sexo aos 10 anos de idade, mas sempre esteve consciente das proibições e dos perigos de colocá-los em prática em seu país: a sociedade de Zimbabwe criminaliza estas ações. De acordo com ele, “*você pode pegar prisão perpétua*” pelo exercício da homoafetividade. Por isso, sempre manteve tais desejos em segredo e nunca teve nenhuma experiência sexual com outro homem. Segundo William, ninguém de sua comunidade sabe sobre ele. O rapaz também referiu que não é possível, na sociedade dele, ter relações homoafetivas porque isso seria muita exposição. William se queixou que sua família está sempre o vigiando e o pressionando a se casar. Mesmo frente a todas estas incompatibilidades entre as regras do país, as normas da igreja e suas atrações sexuais, na entrevista William afirmou estar em paz consigo mesmo, que aprendeu a ser feliz por conta do amor de Deus por ele, que se sentia confortável e que tinha muitos momentos de bem-estar e prazer. Ele não disse ter medo de ser gay naquela sociedade, mas que não se sentia à vontade em falar para outras pessoas sobre suas atrações. Seu discurso é repleto de expressões cristãs evangelísticas, de agradecimento por Jesus ter morrido na cruz para dar a ele a salvação eterna, pelo cuidado e proteção que ele recebe em seu país,

pela felicidade em acreditar em Deus, etc. Na entrevista, fiquei com a sensação de que seu agradecimento também tinha a ver com a segurança física e psicológica que a religião lhe provia ao também aconselhá-lo a não praticar seus desejos homoeróticos. A crença dava um propósito existencial para a ilegalidade civil das práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, o que o protegia de ser preso. Após a entrevista por chamada de áudio, continuamos em contato por mensagens de texto e de áudio e percebi que nestas mensagens, William se colocava de forma muito menos formal e mais livre para falar sobre suas inseguranças, frustrações e lutas mentais, algo que não combinava com o que ele tinha falado na entrevista. Nestas mensagens ele se demonstrou muito angustiado com as pressões para que se casasse e muitas vezes se questionava as origens de suas atrações. Ele estava convencido de que “*ser gay não é uma escolha, mas sim algo natural*”. Também disse que nascer gay em sua comunidade era uma maldição e que preferia manter os vínculos sociais e comunitários do que se isolar de todos para viver uma vida atuando de acordo com seus desejos homoeróticos.

- Andrea

Andrea é uma mulher cisgênera, preta, profissional de contabilidade, brasileira, solteira, de 38 anos de idade. Consegui o contato dela por intermédio de Edson. Muito simpática, ela me pediu para que fizéssemos a entrevista por e-mail, e assim consentimos em manter um diálogo escrito. Andrea viveu até os 34 anos como lésbica e achava que só seria feliz mantendo um relacionamento com outra mulher. Segundo ela, sempre se apaixonava e fantasiava em ter relacionamentos amorosos e achava todo esse clima romântico muito lindo. Mesmo assim, ela sentia que em seus relacionamentos sempre se anulava por completo para satisfazer aos desejos da outra mulher. Após conhecer alguns Ministérios cristãos de acompanhamento e apoio de pessoas com atrações pelo mesmo sexo, percebeu que era muito carente e dependente emocional, o que explicava seu padrão de comportamento nos relacionamentos com outras mulheres. Andrea disse que não sabia que se anulava e que era dependente de suas companheiras até o momento que entendeu a questão homoafetiva feminina através das palestras e das leituras indicadas pelos ministérios

que a auxiliavam. Segundo ela, após ter se reconhecido como mulher pelo intermédio destes ministérios, começou a mudar de atitude frente às outras mulheres, não se tornando mais dependente do amor e do reconhecimento delas. Por e-mail, Andrea escreveu que sua escolha de abdicar dos relacionamentos com outras mulheres é totalmente racional. Quando eu questionei se a carência e a dependência emocional eram questões somente dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, ela reconheceu que tais questões não eram particularidades da conjugalidade homoafetiva, mas manteve seu discurso de que em suas relações era isso o que acontecia. Enquanto trocávamos e-mails, ela dizia estar bem e feliz, tendo aprendido a ser dependente somente de Jesus, pois só ele supria suas necessidades e carências, e só ele a ajudava em suas ansiedades e guiava seus pensamentos. Andrea dizia que nenhuma mulher a dava a felicidade, o consolo e a escuta que Cristo dava.

- Silas

Silas é um homem cisgênero, brasileiro, de 25 anos, estudante de direito, e que foi criado num sítio de uma zona rural. Na data de nosso encontro para realização da entrevista, ele estava morando numa cidade grande e namorava com uma garota. Nos conhecemos por meio de Edson, mas indiretamente; Silas compareceu a uma reunião do “Ministério Perseverar em Cristo” em que eu estava observando e lá começamos a conversar no fim do encontro enquanto nos dirigíamos para o metrô. Após este breve contato, voltamos a nos falar por mensagens de texto. Marcamos uma entrevista à distância, por telefone, pela impossibilidade de realizar uma chamada de vídeo ou uma entrevista presencial. Silas contou que, desde pequeno, já se percebia diferente dos irmãos e dos demais meninos - que pareciam mais viris e agressivos que ele - e que já tinha uma insatisfação com suas próprias performances não hegemônicas e atrações homoeróticas. Ele percebia que elas tinham relação com a não identificação de si mesmo com o sexo masculino, sendo que desde a infância já existia um conflito entre o que seu corpo queria – significando uma atração pelo mesmo sexo – e o que a sua mente desejava – que era formar uma família composta por homem e mulher. Ele também disse que foi abusado sexualmente por pessoas do

sexo masculino e feminino na infância e que isso confundiu sua mente quanto a sua masculinidade. Na entrevista, o rapaz me confidenciou que, por uma fase de sua vida, se envolveu em alguns relacionamentos homoafetivos para tentar assimilar ou mesmo aceitar seus desejos, mas de acordo com ele, estas experiências acabaram reforçando sua rejeição pelas relações entre homens porque as considerava vazias de sentimento e o faziam se sentir usado, lembrando o tempo que foi violentado sexualmente. Por conta disso, logo após estas vivências, passou por um tempo estudando e questionando questões relacionadas à atração pelo mesmo sexo e conseguiu entender e resolver o que acontecia com ele. O participante não descreveu detalhadamente de onde vieram as informações e os conteúdos de seus estudos quanto à homoafetividade, mas falou bastante sobre momentos de introspecção dos quais tirou suas próprias conclusões. Foi em sua juventude que Silas conheceu o “Ministério Joel 2:25” que, como o “Ministério Perseverar em Cristo”, é uma iniciativa cristã que apoia e orienta pessoas que não querem ter práticas homoeróticas – ministério que provavelmente também serviu como instrutor e orientador das condutas e ideais do jovem rapaz. Após contatar este ministério e aprender seus ensinamentos, ele manteve o contato com outras pessoas envolvidas na iniciativa e, na data da entrevista, ainda participava de um grupo de *WhatsApp* composto por pessoas daquele ministério e de outros para debater sobre questões inerentes à homoafetividade e as implicações do não exercício dela. Silas não nasceu em uma família adventista, mas se converteu à esta denominação quando tinha 13 anos. Sua entrada na igreja consolidou ainda mais as mudanças em seus comportamentos e modos de vida de acordo com os ensinamentos ali pregados. Para Silas, o que o fez rejeitar suas atrações homoeróticas não foi somente a questão religiosa, mas a sua falta de identificação com as pessoas que se identificavam como homossexuais e também o desejo de não ter tais atrações logo em tenra infância. Ele referiu que sempre se imaginava namorando alguém do sexo oposto e que nunca sofreu homofobia em sua trajetória de vida. Na entrevista, ele falou que não mais tocava no assunto da atração pelo mesmo sexo: seus desejos homoeróticos e homoafetivos eram deixados, segundo ele, numa “*caixinha do esquecimento*”; e eles não o incomodavam e não o prejudicavam em seu dia a dia. Silas acreditava que esses desejos não eram um problema, mas sim uma característica sua: num momento de nossa conversa, ele me disse que acreditava que era bissexual e que os momentos de desequilíbrio da infância fizeram com que os desejos por pessoas do mesmo sexo

se sobressaíssem aos desejos por mulheres. Silas explicou que com as coisas se reequilibrando no passar do tempo, os desejos pelo sexo oposto despertaram e ficou mais fácil para ele escolher ter relações amorosas com mulheres. O rapaz se dizia muito feliz e realizado por estar namorando uma mulher por mais de três anos e disse que ela sabia de suas atrações pelo mesmo sexo, mas que estava disposta a manter-se num relacionamento com ele a despeito delas.

- Rute

Rute é uma mulher cisgênero, casada com um homem, branca, de 47 anos de idade, nascida e criada nos Estados Unidos por uma família Adventista e conservadora. Na data da entrevista Rute era uma analista de recursos humanos, mãe de três filhas e bastante fervorosa. Consegui seu contato por intermédio de Douglas, que me passou seu e-mail. Trocamos algumas mensagens eletrônicas e logo marcamos uma entrevista por vídeo conferência, que foi nosso único encontro. Na entrevista, que aconteceu num dia de semana, ela falava comigo no meio da tarde – onde ela estava nos Estados Unidos – e eu falava com ela no início da noite – onde eu estava na Inglaterra. Rute me contou que aos 3 anos de idade já sabia que era diferente das outras meninas e que tinha, em suas palavras, “*esse profundo e sombrio defeito*” da atração por mulheres. Tentou de várias maneiras esconder esses sentimentos e ignorá-los por muito tempo já que nunca foi uma menina rebelde. Ela disse que sempre quis ser uma pessoa boa, obediente os pais e a Deus. Quando estava na faculdade ouviu uma colega de classe dizendo que tinha sido curada por Deus de suas atrações homoeróticas. Rute se aproximou desta colega para saber como ela tinha conseguido tal feito e com ela teve sua “*primeira experiência lésbica*”. Depois desse evento, ela relatou que ficou ainda mais confusa e que buscava o perdão e a mudança de comportamento pedindo o apoio de Deus, mas ao mesmo tempo não se sentia digna do amor de dele, achando que era uma pessoa errada por muitas vezes cair em tentação. Após quatro anos de tentativas frustradas de, em suas palavras, “*consertar a si mesma*”, namorando com outros homens da igreja e tentando ter os “*sentimentos corretos*”, jogou a toalha e decidiu viver a vida identificando-se como lésbica. Nesse tempo teve vários relacionamentos, alguns longos, outros mais

curtos e até chegou a pensar que Deus a tinha criado lésbica e que ele a amava assim como ela era. Entretanto, segundo ela, Deus começou a chamar sua atenção com alguns acontecimentos, como a morte de pessoas próximas, para fazê-la voltar à uma vida de santidade sexual. Ela pensava: “*se eu morrer hoje, estarei pronta para me encontrar com Deus?*”. Nesse ínterim, outras pessoas começaram a admoestá-la, como seu pai, sua mãe, sua prima, dizendo de maneira amorosa que ela deveria parar com sua vida de pecado e deixar de ser um impedimento para a salvação de sua namorada. Após um mês de estudo e leitura da Bíblia de forma literal, Rute se aproximou a Deus em oração e se entregou completamente a ele, deixando em sua responsabilidade a transformação de seus desejos. Rute disse, então, que Deus a tirou da situação em que estava e começou a transformá-la pouco a pouco. Segundo ela, Deus a deu novos gostos e preferências, deixando de ser uma mulher com trejeitos brutos, com performances ditas masculinas e se aproximando a coisas relacionadas às mulheres, tornando-se mais delicada, gostando da cor rosa, apreciando vestidos e até mesmo ficando interessada em outros homens da igreja. Na época em que a entrevista ocorreu, ela celebrava 10 anos de casada e dizia se sentir muito feliz e realizada com seu marido em todos os aspectos. Ao perguntar se ela acreditava que seu sucesso poderia estar relacionado a uma característica bissexual, Rute firmemente me respondeu que antes não se sentia atraída por homens e que se fosse bissexual e pudesse escolher o sexo oposto, nunca teria passado por todo o drama deste estilo de vida e nunca teria desobedecido a Deus.

- Oliver

Encontrei a Oliver por meio de uma publicação numa rede social sobre o tema da renúncia das práticas homoeróticas e assim pude manter contato com ele numa entrevista por chamada de vídeo e algumas outras mensagens de texto. Oliver é um rapaz cisgênero, solteiro, jornalista, brasileiro, de 35 anos, nascido entre 3 irmãos numa família com pai e mãe religiosos, mas não adventistas. Se tornou adventista já adulto, após ter passado por um relacionamento com outro homem durante alguns anos. Oliver se interessou pela igreja adventista por julgar que ela considerava o ser humano em sua totalidade, preocupando-se com questões de saúde, questões sociais

e com as questões espirituais. Ele também disse admirar a maneira como a igreja adventista se organizava administrativamente e como os discursos e as mensagens eram pregados uniformemente ao redor do mundo. Entretanto, o rapaz também apontou ter se frustrado com a igreja pela forma como ela utilizou de seu exemplo – a conversão de uma pessoa que teve relacionamentos com pessoas do mesmo sexo por mais de 10 anos – como um troféu ou um chamariz para batizar mais pessoas. Ele se queixou que depois de seu batismo ninguém mais o tratou com tanta proximidade da forma como faziam enquanto lhe davam estudos bíblicos e por isso se afastou institucionalmente da igreja. Em nossa entrevista, Oliver disse que sempre soube que tinha alguma coisa errada com ele e que sempre teve problemas com o sexo masculino: gastava a maioria de seu tempo com as meninas, não gostava de futebol, tinha medo dos meninos – os achava muito violentos – e pensava que eles deveriam ser mais sensíveis. Oliver referiu, então, que para resolver seu medo com relação ao mesmo sexo, decidiu enfrentar esse medo se relacionando com ele, por isso teve relações homoafetivas. Essa informação é muito parecida com o que Edson disse em suas palestras no “Ministério Perseverar em Cristo” com relação a atração pelo mesmo sexo ser um trauma que causa medo do mesmo sexo e que pessoas traumatizadas desta maneira tentam reparar seus medos tendo relações sexuais e afetivas com pessoas do mesmo sexo. Oliver disse que até foi a uma psicóloga para tentar entender a causa de seu medo e desarranjo emocional associado ao sexo masculino e descobriu que a virilidade que o causava repulsa também o atraía. Terminando o processo terapêutico, resolveu romper com um namoro de 3 anos com uma menina e começar a experimentar relações afetivas e sexuais com outros rapazes. Nesta época estava na faculdade, o que, segundo ele, o impulsionou ainda mais a ter experiências homossexuais já que “*estava na moda*” ter este tipo de envolvimento. Fazendo uma retrospectiva de sua vida, Oliver contou que acreditava ter se deixado levar por muitas coisas que o fizeram se render às práticas homoeróticas. Ele achava que, na verdade, sempre gostou de mulheres, mas que tinha curiosidade sexual pelo mesmo sexo. A partir das primeiras experiências com rapazes, que, segundo Oliver, foram prazerosas, ele buscou encontrar cada vez mais êxtase sensorial e prazer sexual experimentando outras modalidades de interação sexual, como orgias e sexo sem proteção, de forma frenética. Ele também disse que em meio a estas experiências, percebia que sempre havia algo que o chamava a retornar aos caminhos de Deus. Antes deste retorno teve uma relação homoafetiva

estável mas decidiu largá-la também para poder ter um relacionamento pleno com Deus. Na data da conversa por vídeo chamada, o entrevistado não se interessava mais por ninguém e disse que lidava com seu medo da masculinidade de forma indiferente: era indiferente ao medo e aos homens. Preferia o celibato também para não sofrer o risco de voltar à vida desenfreada de antes, por perceber que vive bem sozinho e por pensar que há algo muito maior reservado para ele caso se resguarde em sua vida presente. De acordo com ele, se não conseguisse viver sozinho, já teria abandonado a Deus há muito tempo; para ele, se ele está com alguém, ele não está com Deus. Não achava que era infeliz; ao contrário, percebia que vivia uma vida plena com Deus, ainda que às vezes tivesse que fugir da tentação para não se envolver novamente com os desejos homoeróticos.

- Jack

Jack é um homem cisgênero, solteiro, assistente social, brasileiro, de 56 anos, nascido numa família pastoral adventista bastante tradicional. Já havíamos nos falado anteriormente pelo Facebook para discutir sobre minha pesquisa de mestrado no âmbito de sexualidade e religião, e ele já tinha me contado um pouco de sua história no passado, o que me deixou numa posição confortável para convidá-lo para fazer parte desta investigação. Ele concordou em ser entrevistado por mim, mas demoramos alguns meses para que a entrevista pudesse acontecer por incompatibilidade de agendas. Finalmente, conseguimos marcar um encontro por videochamada que aconteceu num domingo à tarde. Jack afirmou acreditar que existe um elemento genético para as atrações pelo mesmo sexo e contou que desde os 6 anos de idade já percebia que era muito diferente de seu irmão. No ensino médio teve suas primeiras experiências homoeróticas e gostava muito destas interações sexuais com o mesmo sexo; sempre achou natural se envolver afetivamente e sexualmente com homens. Quando alcançou sua maioridade Jack decidiu pôr seus desejos em prática e o fez por 25 anos, mesmo que nunca tivesse deixado de acreditar em Deus. Segundo ele, fazia o que queria e não tinha remorso nem culpa de suas práticas; gostava do que fazia e viveu várias relações amorosas, umas mais longas e outras menos. Sua vida era confortável, tinha estabilidade financeira, estava no auge de sua

carreira, tinha bens materiais e bons amigos. Jack contou que, com o passar do tempo, se aproximou de pessoas que se consideravam heterossexuais e começou a rejeitar o mundo da diversidade sexual, mesmo antes de voltar à igreja, porque achava que aquele era um mundo muito pervertido. Ele também disse que, por alguns anos, foi militante dos direitos das pessoas consideradas LGBTQIA+, e relatou que acreditava estar fazendo a coisa certa ao se posicionar politicamente desta maneira neste tema. Entretanto, afirmou que nunca se sentiu parte daquilo e que não aceitava muitas das coisas que os homens que se identificavam como gays faziam, mesmo tendo tido práticas homoeróticas por tantos anos. Jack disse que não gostava da promiscuidade, não gostava do uso de drogas, do uso de objetos sexuais e que isso “*é um estilo de vida homossexual*”. Ele reconheceu que também existem essas práticas sexuais nas relações entre homem e mulher, mas percebia que neste âmbito as práticas eram mais “*clean*” do que as homoeróticas. De qualquer maneira, Jack disse que ainda que não estivesse sofrendo e que não tivesse problemas, sentia uma urgência totalmente espiritual que o induzia a não gostar de onde estava e querer algo melhor para sua vida. Segundo este participante, o espírito de Deus o estava chamando de volta à igreja com os questionamentos que surgiam em sua mente, perguntando-o por que ainda permanecia em ambientes cheios de drogas e com pessoas que faziam coisas que Jack não gostava. Então, ele disse que numa manhã de domingo, ao se surpreender com a beleza do nascer do sol, se questionou quem fez o sol e todas as outras coisas e logo respondeu sua própria pergunta: Deus, Jesus Cristo. A partir de então o entrevistado começou a procurar e a estudar quem era Jesus e seguir seus ensinamentos. Ele disse que o processo de retorno não foi fácil, mas que milagres aconteceram, como o recebimento de livros de estudo da Bíblia em sua casa sem que ele dissesse que estava procurando retornar à Jesus. Jack relatou que o dia de sua decisão mais firme de voltar à igreja foi numa época de carnaval, quando, segundo ele, se deu conta de que ao estar no sambódromo observando o desfile das escolas de samba, estava neste ato adorando outros deuses africanos, adorando a Satanás, “*o deus do Inferno*”. Jack relatou que não acreditava naqueles outros deuses e que por isso deveria sair daquele local e voltar à igreja. Na data da entrevista ele disse que atuava bastante na igreja que frequentava e que dava estudos bíblicos a pessoas que queriam conhecer a Deus. Disse também que sua luta contra os sentimentos homoeróticos era diária e que nunca deixou de ter tais desejos.

Segundo Jack, ele quer fazer um trabalho pelas pessoas com atrações pelo mesmo sexo para ajudá-las a ter uma relação muito boa com Deus.

- Lúcio

Lúcio também foi um achado da internet. Após encontrar um vídeo jornalístico falando de sua conversão, procurei a jornalista responsável pela matéria, que entrou em contato com ele e que conseguiu a permissão para que eu, então, pudesse abordá-lo. Agendamos a entrevista num horário adequado para os dois e conseguimos realizá-la de forma precisa e objetiva por vídeo chamada através do *WhatsApp*. Lúcio é um homem cisgênero, branco, fisioterapeuta, brasileiro, solteiro, professor universitário, de 37 anos, que nasceu numa família adventista, mas que ficou por um período de sua vida fora da igreja tendo experiências homoeróticas e homoafetivas. De acordo com o entrevistado, quando pequeno suas brincadeiras eram mais com as meninas, mas ele afirmou que não tinha desejos homoeróticos naquela época. Lúcio também achava que seu pai era muito agressivo o que o fazia não querer ser como ele. Lúcio me confidenciou que aos 11 anos de idade, logo após seu batismo na igreja adventista, sofreu seu primeiro abuso sexual de um conhecido da família; após esse evento, sofreu outras violências semelhantes provindas de outras pessoas até seus 15 anos. Foi ameaçado pelos abusadores durante todo esse tempo para que não contasse a ninguém sobre o que ocorria e relatou que se sentia intimidado e com medo que alguém descobrisse. Também disse que o medo de que outras pessoas descobrissem o impedia de namorar com meninas ainda que tivesse interesse por namorá-las e tivesse desejo por elas. De acordo com Lúcio, ele foi induzido a viver o que ele chama de “*estilo de vida homossexual*” por conta do abuso sexual que ele sofreu; por estes abusos lhe causarem uma sensação de prazer, ele aprendeu a querer ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. Ainda assim, Lúcio disse na entrevista que sempre valorizou o modelo tradicional de família, com pai, mãe e filhos, almejando constituir uma família como a maioria das outras pessoas. Esta vontade fez com que ele adotasse uma criança enquanto estava casado com outro homem. Ainda que estivesse longe da igreja, ele permitia que seu filho acompanhasse sua avó – a mãe de Lúcio – na igreja, o que propiciou que este menino

também se tornasse adventista e também convencesse a Lúcio a se arrepender de seus pecados e retornar à igreja. Lúcio disse que se “*incomodava com a promiscuidade do meio gay*”. Este participante também se incomodava com sua performance e falou que ela não era compatível com quem ele era: falava que sua voz e seus jeitos não condiziam com o homem que ele era. A acumulação destas insatisfações com os conflitos com seu companheiro, a proximidade com os livros de Ellen G. White e a influência dos programas da TV Novo Tempo – o canal televisivo da Igreja Adventista no Brasil – fizeram com que Lúcio se redirecionasse para a religião. O participante disse que enquanto estava fora da igreja nunca pensou que pudesse retornar e deixar suas práticas homoeróticas, mas atualmente percebe que na igreja tem uma vida muito melhor. Considera que tem conversas mais saudáveis, menos críticas e menos fúteis comparando às interações que tinha antes com seus amigos que se identificavam como gays. Em seu depoimento, Lúcio afirmou que quando se rebatizou na igreja Adventista, já estava com estes traços comportamentais e sexuais transformados. Ele acredita que seja possível que pessoas com atrações pelo mesmo sexo possam influenciar o desejo e a sexualidade de outras pessoas próximas, como filhos adotados por exemplo. Entretanto, ele disse que no caso de seu filho, Deus agiu para que ele não fosse afetado por seus pais adotivos e permanecesse com suas atrações pelo sexo oposto.

- Hugo

Consegui o contato de Hugo pelo intermédio de Lúcio, que já o conhecia de outras oportunidades e me indicou para a investigação. Adicionei a Hugo no *Facebook* e por lá começamos a conversar. Após algumas mensagens de aproximação e apresentação, marcamos uma entrevista online que nos foi possibilitada pelo *Messenger* do *Facebook*. Hugo é um homem cisgênero, preto, terapeuta ocupacional, brasileiro, de 27 anos, solteiro, que nasceu numa família adventista e que sempre foi muito fervoroso e atuante na igreja. Até o momento da entrevista, ele dizia que nunca tinha tido nenhum contato sexual ou afetivo com nenhuma pessoa do mesmo sexo, tendo, na verdade, lutado por muito tempo contra suas atrações pelo mesmo sexo e esperado por um milagre divino de transformação de seus desejos homoeróticos –

algo que, segundo ele, nunca veio. Nestes conflitos, teve algumas crises de depressão em que questionava sua existência e seu próprio valor, e pensava em se matar. Hugo até tentou namorar com uma moça para tentar gerar uma mudança em suas atrações, mas se sentiu muito perturbado e infeliz enquanto estava neste relacionamento. Aos 19 anos de idade, viu um documentário chamado "For The Bible Tells Me So" (2007) que fez com que repensasse suas opiniões sobre a homoafetividade: o documentário apresenta uma outra abordagem acerca do assunto da atração pelo mesmo sexo no cristianismo. Hugo também me contou que nesta época, os estudos em psicologia e em saúde mental presentes em sua graduação o ajudaram a ver a si mesmo e ao mundo de outra maneira, fatores que também contribuíram para uma mudança de pensamento quanto à abnegação dos desejos homoeróticos e homoafetivos. Na entrevista, o rapaz confidenciou que recentemente tinha "*saído do armário para alguns amigos*" e que tinha decidido que não mais abnegaria de suas atrações homoeróticas porque sentia a necessidade de corresponder às suas necessidades afetivas, sociais e sexuais, sua necessidade de amar e ser amado. Ele contou que as reações das outras pessoas sobre esta decisão eram variadas; algumas pessoas o apoiavam enquanto outras reagiam de forma negativa, algumas até utilizando discursos de ódio para com sua posição de não mais abnegar seus sentimentos. Hugo revelou que estava se sentindo feliz e aliviado por ter tomado esta decisão, mas que também se sentia triste pelas pessoas que não conseguiam olhar para ele com empatia e compreensão. Referiu que quer que pessoas marginalizadas por se identificarem como LGBT saibam que "*elas não precisam se adequar a um perfil predeterminado sócio historicamente para que sejam aceitas por Deus, porque Deus está acima disso tudo*". Hugo também disse que a igreja causa prejuízo a algumas pessoas ao se apegar a classes de representação social e a tradicionalismos presentes em algumas declarações oficiais. Segundo ele, alguns desses posicionamentos foram produzidos de forma irresponsável para com pessoas que sofrem e com pessoas que são marginalizadas. Mesmo assim, Hugo mantém sua fé e seus valores de santidade com relação a como as pessoas deveriam se relacionar afetivamente, mesmo que de forma homoafetiva. De acordo com ele, elas deveriam esperar o casamento para terem relações sexuais, não deveriam trocar frequentemente de parceiros afetivos e deveriam manter um padrão de fidelidade e de monogamia como a igreja orienta seus casais entre homem e mulher. O questionamento de Hugo quanto às regras da igreja se baseava mais na impossibilidade do amor entre iguais do que nas demais crenças

religiosas: ele permanecia frequentando todos os cultos, crendo nos preceitos religiosos e oferecendo estudos bíblicos em pequenos grupos, fazendo trabalho missionário, visitando enfermos e afastados e ajudando na limpeza da igreja. Hugo disse que os serviços religiosos fazem parte de seu estilo de vida e que não pretende deixar a igreja por se manter crente e por apreciar os serviços, a dinâmica e as cerimônias da igreja.

- Pedro

Encontrei a Pedro da mesma maneira que contatei a Jack: vasculhei nos meus contatos cibernéticos pessoas que poderiam aceitar conversar comigo estando numa situação de abnegação de práticas homoeróticas. Pedro também tinha me conhecido por minhas pesquisas anteriores e entrou em contato comigo no passado para discutir sobre algumas ideias levantadas pelos estudos. Nos aproximamos pelo *Facebook* e começamos uma conversa bem amigável pela ferramenta de mensagens desta plataforma. Ele sempre se mostrou cordial e muito disposto a colaborar com esta investigação. Após alguns dias conversando, marcamos uma videochamada por estes mesmos meios digitais e conseguimos realizar a conversa. Pedro é um homem cisgênero, branco, engenheiro mecânico, solteiro, brasileiro, de 36 anos de idade que nasceu numa família adventista muito conservadora. Muito devoto à igreja, ele exerce o cargo de ancião da igreja que frequenta, dando estudos bíblicos em seu tempo livre e evangelizando mesmo quando está fazendo seu trabalho. Pedro me confidenciou que pouquíssimas pessoas confiáveis sabem de suas atrações homoeróticas e que teme que esta informação possa prejudicar seu cargo na igreja e as atividades evangelísticas que tanto ama realizar. Ao decorrer da entrevista, o rapaz disse que em sua infância, sua família, que era muito conservadora, nunca o educou quanto a questões de sexualidade, mas mesmo assim ele sempre percebeu que tinha atrações por pessoas do mesmo sexo. Quando outros meninos levavam revistas pornográficas para a escola, Pedro se recusava a olhar aquelas imagens e por isso era insultado de gay por tais alunos; aquilo gerava nele muita angústia, culpa e nojo de si a ponto de ficar frequentemente doente, o que resultou em dois anos de repetência na escola. Segundo Pedro, durante sua adolescência ele compulsivamente esfregava seu corpo

inteiro com escova por sentir-se sujo e por acreditar que “*era uma maldição*” para as pessoas ao seu redor, se isolando socialmente por não querer infringir maldições aos outros. Ele também falou que quando era adolescente, um de seus familiares supôs que ele estava se envolvendo eroticamente com um primo, algo que Pedro nega que tenha acontecido; tendo esbravejado com ele, o familiar ficou por dias o evitando por conta desta suposição. O participante disse que este familiar o matou por dentro; o fez se sentir deprimido e pensar em suicídio diariamente por um longo período de tempo. Após muito sofrimento, Pedro decidiu fazer psicoterapia e revelou que este processo de tratamento mental o ajudou muito, tirando a angústia que sentia, ajudando-o a aceitar a si mesmo e a não ter mais nojo de quem é. Na época da entrevista ele percebia suas atrações homoeróticas não como algo defeituoso de sua existência, mas sim algo que faz parte da experiência de viver como espécie humana, algo que não é pecaminoso, mas sim um jeito de ser tão normal e natural quanto a atração por pessoas do outro sexo. Pedro contou que passou por um problema de saúde que quase tirou sua vida e, após este evento, passou a se permitir sentir e aceitar suas emoções. Assim, ele não rejeitava os desejos homoeróticos que vinham à sua mente e tal atitude era para ele algo libertador. Noutro momento da entrevista, ele disse não precisar ser forte para combater a tentação, para não pecar, que não precisava ter domínio e controle sobre seus pensamentos e desejos e que o que realmente precisava era ser ele mesmo. Pedro falou que está mais flexível com sua forma de pensar se comparado à quando era mais novo porque aprendeu que precisa viver intensamente cada coisa que acontece em sua vida e que quer “*sentir tudo*”. O rapaz não vê pecado em sentir, em se atrair, e afirma que “*sentir é aquilo que evidencia que estamos vivos*”. Ele sente que tem paz, mas nega que esta paz tenha sido dada pela igreja, dizendo que “*só o olhar perdoador de Jesus*” o trouxe esse sentimento de tranquilidade. Pedro disse na entrevista que havia um homem a quem ele amava muito, ainda que que não tivesse relações sexuais com ele; dizia que este sentimento era o que o mantinha vivo. Entretanto, Pedro ainda estava em dúvida quanto a se algum dia iria praticar seus desejos: não sabia como seria sua vida caso isso acontecesse, mas assumia que algumas vezes tinha vontade de largar tudo para formar uma família e compartilhar a vida com aquele homem, para amar e ser amado por ele.

- Evandro

Evandro é um homem cisgênero, branco, estilista, estadunidense, de 56 anos de idade, que faz um trabalho voluntário dando palestras internacionalmente sobre temas relacionados à pureza sexual e à santidade espiritual. Segundo ele, muitas igrejas adventistas ao redor do mundo o convidam para dar seu testemunho ao conhecerem sua mudança de vida; no momento em que o entrevistava ele tomava um café da manhã num país da Oceania, onde haveria um evento em que iria dar seu testemunho e falar sobre as atrações pelo mesmo sexo. Conheci Evandro por indicação de Douglas que passou seu contato para que marcássemos a entrevista. Evandro não contou sua trajetória e seu histórico prévio à decisão de sair daquilo que ele chama de “*cultura gay*”, mas disse que havia se afastado daquele ambiente há 18 anos e que nunca mais tinha entrado noutra relação desde quando saiu. Contou que 18 anos antes, ainda quando estava com um namorado, começou a estudar a Bíblia e percebeu que ter práticas homoeróticas não era correto. Mesmo assim não queria largar de seu companheiro porque ele era um bom homem e aquele era o melhor relacionamento que já tinha tido em toda a sua vida. Neste momento conflituoso, Evandro pediu a Deus para que ele trabalhasse em sua vida e permitiu que sua vontade fosse feita; três semanas depois do pedido, seu namorado terminou com ele. Este evento fez com que Evandro percebesse a intervenção de Deus em sua vida. Mesmo assim, deixar de exercer seus desejos homoeróticos aconteceu por um processo muito difícil, se entristecendo ao pensar que ficaria sozinho para sempre, que nunca mais poderia expressar suas atrações sexuais e que nunca mais sentiria a sensação de estar amando. Entretanto, Evandro disse que depois de um tempo sentiu “*a paz que Deus dá*” e afirma que esta paz e este preenchimento existencial “*é muito melhor que sexo*”. Ele também revelou que todo o processo de conversão foi difícil e que no começo travava batalhas para deixar a pornografia, algo que posteriormente conseguiu parar de acessar. Segundo ele, atualmente tem atrações por homens e por mulheres, mas consegue dizer não às tentações com o apoio de Deus através de livros da igreja e da Bíblia. O discurso de completa renúncia de si e entrega do eu a Deus era evidente na fala de Evandro, quando afirmou deixar seus desejos de lado e aceitar humildemente o que Deus quiser para sua vida, seja lá o que for: ir para a cadeia, mudar-se para o interior, viver engraxando sapatos, etc. Evandro também

disse que existem momentos difíceis, conflituosos e que nem sempre as coisas dão certo, mas que ele se sente feliz e completo por fazer a vontade de Deus.

A seguir, na Tabela 2, é possível observar algumas importantes características dos participantes da pesquisa.

Tabela 2: Características dos Participantes da Pesquisa								
Nome	Idade	Gênero	Raça/cor	Nacionalidade	Profissão	Nasceu em família adventista?	Já teve relações homossexuais?	Atualmente casado ou solteiro?
Jason	38	Homem Cis	Branca	Estadunidense	Médico	Não	Sim	Casado
Dimitri	25	Homem Cis	Branca	Brasileiro	Estudante de Medicina Veterinária	Sim	Não	Solteiro
Jeremias	37	Homem Cis	Branca	Brasileiro	Físico	Sim	Não	Solteiro
Charles	21	Homem Cis	Branca	Brasileiro	Estudante de Fonoaudiologia	Sim	Sim	Solteiro
Douglas	63	Homem Cis	Branca	Estadunidense	Comissário de Bordo Aposentado	Sim	Sim	Casado
William	31	Homem Cis	Preta	Zimbabuano	Engenheiro	Sim	Não	Solteiro
Andrea	38	Mulher Cis	Preta	Brasileira	Contabilista	Sim	Sim	Solteira
Silas	25	Homem Cis	Branca	Brasileiro	Estudante de direito	Não	Sim	Solteiro
Rute	47	Mulher Cis	Branca	Estadunidense	Analista de Recursos Humanos	Sim	Sim	Casada
Oliver	35	Homem Cis	Branca	Brasileiro	Jornalista	Não	Sim	Solteiro
Jack	56	Homem Cis	Branca	Brasileiro	Assistente Social	Sim	Sim	Solteiro
Lúcio	37	Homem Cis	Branca	Brasileiro	Fisioterapeuta	Sim	Sim	Solteiro
Hugo	27	Homem Cis	Preta	Brasileiro	Terapeuta Ocupacional	Sim	Não	Solteiro
Pedro	36	Homem Cis	Branca	Brasileiro	Engenheiro Mecânico	Sim	Não	Solteiro
Evandro	56	Homem Cis	Branca	Estadunidense	Estilista	Não informou	Sim	Solteiro

2. RAZÕES PARA NÃO EXERCER A ATRAÇÃO PELO MESMO SEXO

Não é difícil adivinhar que uma das razões pelas quais as pessoas entrevistadas não tenham práticas homoeróticas e homoafetivas tenha a ver com o discurso religioso sobre a pecaminosidade destes atos. As pessoas que participaram desta pesquisa enquadram-se em um determinado universo de valores que prescreve quais são as maneiras espiritualmente adequadas de se comportar em sociedade, incluindo as práticas sexuais.

O processo de constituição de sujeito destas pessoas é encharcado – para uns mais, para uns menos – pelo discurso de verdade absoluta encontrado na interpretação Adventista do Sétimo Dia da Bíblia, que alcança não somente os prazeres do sexo, mas muitos – se não todos – os âmbitos da existência humana. Entretanto, alguns participantes disseram em suas entrevistas que questionavam algumas interpretações Adventistas da Bíblia, como Oliver e Hugo. Na entrevista com Charles, fica evidente como a Bíblia serve de base para a explicação da existência, de sustentação ontológica e cosmológica da vida. Num determinado momento, Charles afirmou, *“eu acho meio difícil não acreditar na Bíblia, entendeu? Em outra realidade, em outro início de tudo, e pra onde tudo isso vai acabar, você tem que acreditar em alguma coisa. E por acreditar nisso, tenho que acreditar em tudo. Entende?”*.

Quando ele dizia *“tenho que acreditar em tudo”* este *“tudo”* a que se referia também tinha a ver com o âmbito da sexualidade, mas não só com ele. Ou seja, não é somente o desejo que definirá o que as pessoas analisadas pensam de si mesmas, o que as constitui como sujeitos, mas sim todo o resto dos atributos apreendidos pela interpretação Adventista da Bíblia. Um jargão muito utilizado nas entrevistas de Douglas e de Jeremias era *“minha tendência sexual não me define como pessoa”* – similar à expressão *“minha biologia não define meu gênero”*. Tal oração expressa muito bem esta circunstância multifatorial da constituição de subjetividades submissas à ideologia religiosa.

Como percebida na reunião de pais do “Ministério Perseverar em Cristo” a palavra “homossexual” está associada a vários outros atributos e modos de vida rejeitados pelos entrevistados. Isso faz com que muitas pessoas com atrações

homoeróticas queiram fugir desta identidade utilizando outro termo para se identificarem; um termo distante de questões relacionadas à promiscuidade, ao uso de drogas, à instabilidade conjugal, à perdição espiritual, à infelicidade, mas sim atrelado a uma busca da santidade espiritual que implica na rejeição dos pecados existentes nos fenômenos humanos. Por isso muitas vezes utilizava-se a palavra “homoafetivo”, ou mesmo a expressão “*pessoa com AMS*” – atrações pelo mesmo sexo – para falar sobre a pessoa que tinha tais desejos e não queria praticá-los.

Existem, entretanto, mais outros aspectos, além dos religiosos, que influenciam a escolha do não exercício dos desejos homoeróticos. Na entrevista de Silas, por exemplo, ele apontou que decidiu deixar de ter comportamentos homoeróticos e homoafetivos por motivos não religiosos e que o desenvolvimento desta decisão aconteceu paralelamente a sua jornada espiritual. Ele afirmou que muitas vezes essas jornadas se cruzaram e que em algum momento a religião influenciou tal decisão, mas, segundo ele, escolher ir contra as atrações pelo mesmo sexo aconteceu de forma separada. Jack também disse que existe algo dentro do ser humano que nos faz perceber que há algo de errado com esses desejos. Segundo ele, a consciência humana alerta as pessoas sobre tal erro evidenciando tal inadequação com a impossibilidade de reprodutibilidade entre pessoas do mesmo sexo.

É dentro destes marcos religiosos e não religiosos que serão expostos a seguir os motivos mais frequentes encontrados nas entrevistas dos participantes que promovem a não prática da homoafetividade e do homoerotismo.

2.1 Os Critérios Para A Salvação, A Vida Eterna, O Paraíso Celestial

Alguns participantes consideram que as práticas homoeróticas são atos pecaminosos que levam à perda do céu e das coisas boas que ele tem a oferecer; a perda da oportunidade de viver a vida eterna num paraíso perfeito após um período de provas terrestres.

Numa parte da entrevista de Dimitri, ele revelou que após conversar com outra pessoa sobre o tema, concordou com a afirmação deste terceiro de que sua

abstinência seria um exemplo para todos os outros pecadores no dia do juízo de que sim, é possível vencer a tentação.

“Ela disse que quando Jesus voltasse, e eu tivesse sido fiel, tivesse ficado do lado dele, tal, eu ia tá dentro da nova Jerusalém né, e aí quando a Nova Jerusalém voltasse, sobre a terra e os ímpios fossem ressuscitados, aí Jesus ia me colocar como exemplo para aqueles que passaram pelo mesmo que eu passei e que disseram que não era possível ser fiel, disseram que era muita tentação... Enfim, seja lá qual fosse a desculpa eu ia tá lá como exemplo de que isso foi possível sim, que alguém nas condições minhas herdasse a salvação tal qual era amplamente oferecida para qualquer um. E que depois daquilo eu ia ganhar a eternidade ao lado de Jesus, que é incomparável com seja lá quantos anos eu tivesse vivido nessa terra”.

Similarmente, ao entrevistar a Evandro, ele falou que depois de estudar muito a Bíblia, teve que fazer uma decisão entre manter sua identidade ou manter sua salvação e ser leal a seu salvador. Ele teve que escolher não agir de acordo com seus desejos homoeróticos para poder escolher a salvação. Segundo Evandro, salvação e práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo são antagonistas. A fala deste participante lembra daquilo que Heilborn (1996) discutia sobre a relação dinâmica e fluida da sexualidade e como os diversos aspectos sociais e ambientais se cruzam e afetam o que se considera natural da experiência humana.

Quando perguntei a Jack, durante a entrevista, se ele não tinha deixado sua vida afetiva com outros homens por medo de ir para o inferno, esta foi sua resposta:

“Não. Não. Porque é o seguinte, é o seguinte, eu sei que existe a eternidade. Não é medo de não ter a eternidade. É a besteira de perder a eternidade. Tá entendendo? É a estupidez de perder a eternidade. Porque essa minha vidinha que eu tenho aqui, eu tenho 56 anos hoje, [...] por que eu vou trocar 56 anos por uma eternidade? [...] Seria loucura. Estupidez total”.

Jack acredita que para aqueles que forem fiéis aos mandamentos de Deus, a boa consequência dessa obediência será uma vida eterna num lugar sem os problemas e as dificuldades terrestres atuais. Um paraíso com felicidade total, muito maior do que se possa conseguir nessa existência. Para ele seria estupidez perder

algo tão maravilhoso, algo muito melhor do que esta existência, por se ater aos prazeres terrestres.

Andrea tinha respostas idênticas à de Jack, dizendo que procura visualizar o que vai perder, nessa vida e na vida eterna caso escolha novamente se envolver emocionalmente com outra mulher.

Rute disse que após ler a Bíblia e interpretá-la de maneira literal, começou a acreditar naquilo que o livro dizia que ela era: *“uma nova criatura”*. Desta forma, decidiu abnegar dos prazeres nesta vida finita para poder existir numa vida perfeita e eterna com Deus. Ela também afirmou que manter uma relação amorosa e sexual com uma mulher também colocava em risco a salvação de sua namorada e que por isso necessitava cessar com estas práticas. Numa parte de seu relato, Rute disse:

“Eu não queria viver para esta vida, porque essa vida é assim ó [Rute estala os dedos] e então partimos. [...] E a próxima [vida] é eterna. É ou a morte e a separação eterna de Deus ou a vida eterna com Cristo. Então eu decidi que era isso que eu queria. Por que viver para hoje? Por que ser um obstáculo para a salvação de quem eu mais amo na minha vida? Então, eu senti que seria egoísta em permanecer em um relacionamento, até para o bem dela”.

Da mesma forma, Douglas falou que ter práticas homoeróticas tira a certeza da salvação. Para ele, a obediência dá a segurança e a paz em saber que ele está no caminho da santificação e em direção ao céu. De acordo com ele, quando as pessoas estão fora da igreja elas podem acreditar que serão salvas, mas elas não têm esta firme certeza:

“A única maneira de termos certeza do céu é através da palavra de Deus. E se não estamos deixando que a palavra seja nossa regra na fé e na prática, não há garantia. Isso é chamado de falsa esperança, de presunção. Você pode esperar que Deus te amará o suficiente para te levar até lá, mas ele não levará rebelião para o céu”.

A palavra rebelião, contrária de obediência, expressa o completo oposto do que deveria ser a vida do cristão para Douglas. Sua visão era compartilhada por Evandro, que também falava sobre essa completa servidão e abnegação de si em

função do caminhar em cima do que a Bíblia dizia. Noutra passagem, falando sobre a negação de si e a adoção dos comportamentos adequados à Deus para a salvação, Douglas também afirmou: *“Deveríamos vir adorá-lo e perguntar, ‘Minha adoração é aceitável?’ É tudo sobre ele, não sobre o que gostamos, certo? É sobre ele”*.

Lúcio mencionou em sua entrevista que Satanás instiga a humanidade à prática homoerótica, dizendo que ela é uma de suas armas para afastar de Deus seus filhos e levá-los à perdição. Segundo ele, *“Satanás ele pode se transformar em qualquer coisa, inclusive em anjo de luz, segundo a Bíblia. Então Satanás ele transforma em objeto de desejo. Ele se transforma. Ele induz. Ele faz a outra pessoa se tornar atraente”*.

Douglas também segue o pensamento de Lúcio e disse que o Diabo usa do da atração pelo mesmo sexo como armadilha para fazer com que as pessoas se afastem de Deus, e para enganá-las o Satanás diz que ter relações com pessoas do mesmo sexo é algo aceitável. Para ele, dizer a única coisa que Deus não pode mudar são os desejos sexuais é questionar a onipotência e soberania de Deus: algo que é o objetivo de Satanás. Segundo Douglas:

“A agenda gay está lá fora, promovendo a homossexualidade como algo que Deus criou e Deus fez e Deus ama e Deus aceita... Não! Isso é uma mentira! [...] Se um prédio está em chamas e alguém está lá; amar é fazê-lo se sentir confortável até que seja tarde demais? Ou você deveria gritar, ‘Fogo!’, e ajudá-lo a tirá-lo de lá? Veja, há um falso ensinamento acontecendo agora sobre amor e aceitação. Isso não é bíblico. Deus ama pessoas gays. Ele ama todos nós. Jesus morreu por não querer que qualquer pessoa gay morresse, ou mentiroso, ou fofoqueiro. Ele morreu para que ninguém perecesse. Mas há mais no evangelho do que apenas amor. Há [...] submissão a seu senhorio. [...] Deus é amor e um pai amoroso sabe o que é melhor para seus filhos. Ele os ensinará, os reprovará, os corrigirá, os instruirá; um pai amoroso punirá seus filhos para corrigi-los ao longo do caminho. Portanto, o cristianismo genuíno não é tudo sobre amor. Esse é o começo. Mas há, então, a rendição, há o discipulado, há a transformação de caráter, há a superação de pecados, há o tornar-se como seu pai; um cristão maduro estará refletindo o pai”.

O discurso de Douglas era bastante focado na salvação da humanidade. Segundo ele, esta salvação não vem somente como um resultado do sacrifício de

Cristo, mas está associada à mudança comportamental do cristão, à santificação. Desta maneira, para alcançar a salvação, as práticas homoeróticas – formas supostamente pervertidas da sexualidade criada por Deus – deveriam ser extinguidas como resultado da aceitação de Jesus, de seus mandamentos e do processo de santificação. Não deixar as práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo era um gesto de falta de lealdade à Deus e ao sacrifício de Jesus, já que Deus tem sentimentos e espera ser amado de volta, sendo a abnegação homoerótica uma demonstração de amor. Assim, Deus se entristeceria ao perceber que não existe reciprocidade sacrificial entre ele e sua criatura:

“Deus ama todos nós. Mas nós o amamos de volta? O amor precisa ser recíproco. E ele diz que ‘se você me ama, veja o que eu fiz por você. Por que você não me ama? Se você me ama, guarde meus mandamentos’. Porque os mandamentos são o caminho para a vida. [...] Deus não tem sentimentos? Ele não tem emoções? Ele não os compartilhou estas emoções conosco? Como cristãos, não devemos considerar seu sentimento acima do nosso?”.

Douglas era muito enfático ao dizer que o modo de vida que Deus escolhia para o ser humano era muito melhor que o modo de vida antropocêntrico porque Deus era muito mais inteligente e tinha uma razão melhor que a dele:

“Eu tento argumentar com Deus. É incrível que Deus diga ‘vamos raciocinar juntos’. Aqui está ele, criador do universo, e ele me convida a sentar com ele e raciocinar. Não basta obedecer. Ele diz ‘vamos conversar sobre isso’. Por quê? Por que obedecer? E se estivermos discutindo juntos, isso significa que ele vai me ouvir. E posso dar todas as minhas razões para o que estou fazendo. E ele vai dizer ‘ok, posso falar agora?’. Se estamos discutindo juntos, ele vai argumentar. E é claro que seu raciocínio vem através da palavra de Deus e através do espírito santo. [...] Eu fiz isso. Lutei com o Senhor por algum tempo antes de tomar minha decisão de deixar a vida gay. Mas o raciocínio dele era melhor que o meu. Enquanto eu ouvia seu raciocínio, era um raciocínio perfeito. E chegou ao ponto que eu não podia mais argumentar com o que ele dizia”.

Na mesma linha de raciocínio, Andrea também disse, *“consigo entender e ver claramente que os planos Dele são os melhores pra mim. Ele já me provou isso diversas vezes, não só no campo da sexualidade. E saber disso só me faz feliz a cada dia”*.

Douglas argumentou que era justamente por estes planos serem melhores que a abstinência de práticas homoeróticas trazia condições mais adequadas e superiores de vida da humanidade na terra. Os planos divinos serviam para que a humanidade tivesse mais saúde, fosse mais desenvolvida, tivesse mais bem-estar, etc. De acordo com ele, o processo de santificação faz parte tanto do bilhete de passagem para o céu quanto de uma vida com mais qualidade. É de Douglas esta fala:

“Jesus promete salvar seu povo não apenas das consequências do pecado, [...] mas do poder do próprio pecado. [...] O salário do pecado é a morte. Ele só pode nos salvar do salário do pecado se pararmos de recebê-lo. Certo? E ele vai tomar e tomou esses salários sobre si mesmo. Mas ele veio nos ajudar a parar de ganhar esses salários. Para que estejamos aptos para o céu”.

Rute também seguia por este mesmo caminho dizendo que Deus sabe o que é melhor para seus filhos e que quer, acima de tudo, toda a felicidade para eles. E por saber que o pecado leva à perdição eterna e a más consequências na terra, ele alerta e aconselha seus filhos para que não decidam praticar atos pecaminosos.

Nesta mesma linha de raciocínio, Jack insistiu que a Bíblia ensina a humanidade a fazer melhores escolhas – para a proteção da saúde – e que se os desejos do coração humano não forem guiados pela Bíblia, eles levarão a humanidade um lugar pior, já que *“o coração do homem é enganoso”*. Jack acreditava que, naquele momento, por não ter práticas homoeróticas, estava numa situação muito melhor do que qualquer outra anterior em sua vida.

“A bíblia nos ensina a fazer melhores escolhas pra nossa vida, ela ensina isso, isso se você concorda, tem que concordar porque faz melhores escolhas, ela ensina você a fazer melhores escolhas. [...] Eu vejo no meu dia a dia pessoas novas que poderiam viver muito melhores estilos de vida, e a gente tá falando todo o estilo de vida, mas fizeram escolhas tão terríveis pra vida deles que eles estão destruindo tudo

o que eles têm, que é o mais precioso, que é a saúde, e morrendo cedo. De maneira terrível, sofrendo, com dor, por causa de escolhas erradas que fizeram contra a vida deles. [...] E as escolhas que a gente quer, a grande maioria das vezes, as nossas próprias escolhas, pelas nossas próprias escolhas, pelo que a gente realmente quer, são destrutivas pra nós. E outra, logicamente que eu acredito na Bíblia, que fala isso também. Que muita coisa, o nosso coração é enganoso. O que a gente quer, a grande maioria das vezes nos prejudica mais do que nos melhora. "

2.2 A Generalização da Promiscuidade e A Busca da Santidade Sexual

Várias pessoas entrevistadas também percebiam que a prática homoerótica causava consequências ruins para a vida no cotidiano. Um desses salários do pecado das relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo geralmente era mencionado pelos entrevistados como o vício ou a falta de controle sexual. A palavra promiscuidade geralmente era utilizada para se referir à esta falta de controle dos impulsos sexuais, como a alta rotatividade de parceiros entre pessoas do mesmo sexo, geralmente homens. Lúcio dizia que o “*meio gay era muito promíscuo*” e que “*no meio do homossexualismo, você não consegue ficar com uma pessoa só*”, mesmo estando dentro de relacionamentos monogâmicos. Segundo ele, tais relacionamentos baseiam sua felicidade na materialidade da experiência sexual:

“É uma felicidade pautada em desejos. Amanhã você tá apaixonado por uma pessoa e tem desejo por ela. No outro dia você já quer outra pessoa no lugar dela. Ou até junto com ela. O meio do homossexualismo é assim. Eu já vivi. Você não consegue ficar com uma pessoa só. Você não vivencia uma pessoa só. E esses casais que têm 18 anos, 20 anos, 12 anos estão sempre levando gente pra dentro da relação pra suprir, às vezes, o acúmulo de bens materiais que fizeram juntos e não podem dividir, então acabam vivendo como amigo e aceitando relações dentro. Então essa é a felicidade pautada nas coisas materiais, nas coisas sexuais. E um dia a pessoa vai ter necessidade de ser feliz. Ou então ela vai cair no suicídio, vai cair na depressão, e é isso que acontece”.

Douglas disse que o pecado que ele mais precisava superar era o da atração por pessoas do mesmo sexo justamente porque ele era muito viciado nela. Ele também afirmou não acreditar em monogamia entre duas pessoas do mesmo sexo, especialmente entre os casais masculinos, porque, segundo ele, *“na comunidade gay o foco e a prioridade é o sexo”*. Desta maneira, este participante declarou que é muito difícil envelhecer gay porque quando você é velho, já não está mais atraente e bonito e por isso é facilmente descartado e isolado.

Evandro também citou a promiscuidade como um resultado de ceder aos desejos homoeróticos. Em seu relato, Evandro disse que passou 20 anos de sua vida sendo dependente de sexo mesmo tendo um namorado; para ele este relacionamento não era suficiente para frear esta dependência. O relato de Evandro também incluiu a prática da masturbação² e o uso da pornografia associados ao pecado da prática sexual com pessoas do mesmo sexo, ainda que que estes também se encontrem nas pessoas que têm interações sexuais o sexo oposto. Segundo ele, quando a mente está voltada para Cristo, *“não se pensa em sexo, ou em pornografia, ou em masturbação”*.

Nos discursos de Douglas, Rute e Evandro encontrava-se a ideia de que o chamado de Deus era para a santidade, e não necessariamente para a construção do desejo sexual por pessoas do sexo oposto, já que não somente as pessoas com desejos homoeróticos tinham lutas para lidar com a promiscuidade. Estes participantes diziam que as pessoas com atrações pelo sexo oposto também necessitam se abnegar de algumas práticas pecaminosas para alcançar a santidade sexual, como não trair, não se masturbar, não se envolver com práticas de sexo não convencionais, etc. Na entrevista de Evandro, ele disse:

“Eu reconheço agora que a escolha que eu faço diariamente, de hora em hora, de andar com Jesus e negar minha carne não é diferente do que qualquer outra pessoa tem que fazer. Só porque um homem heterossexual se casa não significa que ele não se sente atraído por outra mulher ou que não vê outras mulheres. Significa

² Como visto no Tratado de Teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia (2011), Miroslav M. Kiš escreve que a masturbação é promotora de “contaminação mental e atos de agressão” (p. 774). A prática é geralmente condenada pela Igreja Adventista do Sétimo dia e associada à compulsão sexual, como visto em Meira (2011) e Melgosa (2009).

apenas que ele escolhe não se entregar a isso e não seguir esse caminho, porque, novamente, ele também percebe o benefício de viver uma vida pura em Jesus Cristo”.

Neste sentido torna-se importante comentar as diferenças entre a abnegação sexual entre pessoas com atrações sexuais pelo mesmo sexo e pessoas com atrações sexuais pelo sexo oposto: para uma vida considerada “santa” nos termos cristãos conservadores, pessoas com atrações sexuais pelo sexo oposto ao menos podem se realizar sexualmente no casamento com uma pessoa por quem sintam atração sexual. Tais pessoas não necessitam passar por todo um processo de transformação do desejo, de ambientação e sensibilização aos corpos de sexo oposto para se relacionar de maneira adequada aos preceitos religiosos. Se as pessoas que têm atrações sexuais pelo mesmo sexo quiserem manter um modo de vida considerado “santo” para o cristianismo mais conservador, devem ou se manter celibatárias ou passar por um processo de transformação. Ao indagar-lhe sobre essa diferença, Evandro concordou comigo até um ponto, mas disse que mesmo assim todos necessitavam trilhar um caminho de santidade e pureza sexual.

“Eu acredito até certo ponto, mas ainda assim, o ponto principal é que Deus nos chama a todos à santidade. E sabe, mesmo tendo atrações heterossexuais, que eu, de fato, tenho, ainda tenho que ter domínio sobre isso também. Não tenho liberdade de desejar mulheres apenas porque tenho essa atração. Então, quando você é gay ou heterossexual, você não tem o direito de fantasiar e usar sua mente para pensar sobre essas coisas. Então na verdade não é diferente em essência, porque agora que tenho atração heterossexual, mesmo ainda lutando com a atração pelo mesmo sexo, eu tenho que ter domínio de tudo. Eu não tenho o luxo de, já que tenho atrações heterossexuais, poder fantasiar sobre essa mulher. Então, lembre-se, todos somos chamados à santidade”.

Sobre a masturbação, Dimitri disse que era um pecado igual à prática homoerótica e que ele ainda precisava superar tal hábito inadequado. Veremos no capítulo sobre a diversidade do discurso sobre a atração pelo mesmo sexo que existem outras falas vindas dos participantes deste estudo que divergem um pouco sobre a pecaminosidade da masturbação.

Jeremias também falou sobre o mal da promiscuidade, mas por um viés psicopatológico; como se fosse uma estratégia que a pessoa psicologicamente imatura teria para preencher um vazio interior que nunca conseguisse ser satisfeito – como descrito no “Ministério Perseverar em Cristo”.

Em uma fala de Oliver também consta que ele decidiu não mais pôr em prática seus desejos homoeróticos porque quando assim fazia, sua vida era completamente desregrada e descontrolada:

“Eu não tenho vontade de retomar as coisas que eu fazia nessa época, entende? Eu acho que, não sei, se eu retomar, se eu começar a dar brecha, como se diz no Brasil, eu vou começar a fazer o que eu fazia, e eu não tenho vontade de fazer o que eu fazia. [...] A gente tinha relações a 4, a 5... então... ah, pra mim ser gay era isso. A vida gay entre aspas era mesmo sair e fazer sexo com todo mundo. [...] As pessoas quando saem dali das drogas elas falam, ‘Ah, porque nas drogas eu dormia na rua’, ou ‘porque eu roubava tudo dentro de casa’, e essa coisa das drogas assim era mais ou menos o que eu tinha com o sexo. Eu consumia sexo, pornografia, muita coisa”.

Jack também citou que mesmo quando colocava seus desejos homoeróticos em prática no passado, não gostava das formas como seus pares atuavam sexualmente e achava que a promiscuidade e o uso de drogas eram características típicas do estilo da “vida homossexual”:

“Mesmo dentro da vida homossexual eu nunca me senti parte dela, mesmo sendo bem ativo na vida homossexual, entendeu? [...] Eu me sinto como se tivesse na margem. Porque muitas coisas que eles faziam eu não aceitava. [...] Tipo a promiscuidade. [...] Penso que eu fiz coisas que eram promíscuas, por mais [que] não aceitava, não concordava. As drogas, não concordava... muita droga. [...] É um estilo de vida que eu achava muito pervertido. Por exemplo, lugares que você ia, bom, esses eu realmente nunca fui, lugares escuros que as pessoas vão lá e têm sexo anônimo. Eu acho que é uma coisa mais absurda do mundo fazer uma coisa dessa. Entendeu? Muitas coisas que eu rejeitava no estilo de vida. Entendeu? Então pra mim, mesmo que alguns amigos faziam, eu rejeitava, [...] não achava isso certo, isso é totalmente

incorreto isso é perversão completa. E muitas outras coisas, entendeu? Por exemplo, mexer com objetos sexuais, isso eu também nunca aceitei”.

Noutro momento da entrevista, falando sobre o momento que decidiu voltar para a igreja, Jack comentou que estava farto do suposto “*estilo de vida homossexual*” e que, como este estilo não o fez feliz, ele escolheu largá-lo e buscar a Jesus. Lúcio também se utilizou dessa expressão e disse que o que o Espírito Santo faz na vida de quem pratica ações homoeróticas é tentar convencer a pessoa de que o estilo de vida que ela leva não agrada a Deus. Sobre esse estilo de vida, Lúcio fala:

“Nós sabemos que biblicamente Deus ele não criou os homossexuais. Deus criou homem e mulher e não criou um terceiro gênero. Mas Satanás, querendo ser igual a Deus, ele influencia as pessoas através da sedução, viver um estilo diferente. E esse estilo de vida diferente não é culpa da pessoa, porque eu conheço filhos de pastores homossexuais. Eu conheço adventistas homossexuais que não vivem na prática do homossexualismo porque conhecem a verdade e até certo ponto existe um medo ali. Eu conheço pessoas adventistas que praticam o homossexualismo e vivem dentro da igreja, inclusive corrompendo alguns, então esse é o chamado joio, mas pessoas que querem verdadeiramente ser libertas. Eu conheço pessoas casadas que com filhos, dentro e fora da igreja, que querem ser libertos”.

Ainda falando sobre a promiscuidade, Lúcio demonstrou a dificuldade que é para quem tem desejos homoeróticos controlar os impulsos sexuais de tão fortes que eles são:

“Os desejos sexuais eles são muito fortes. Eu sei o que que é sair na noite pra procurar um momento de prazer. Porque quantas vezes eu estava sossegado em casa e tentando ficar tranquilo, e às vezes saía a noite porque os desejos eram muito mais fortes. Seria muito mais fácil às vezes eu ficar em casa e me masturbar. Mas os desejos eram tão mais fortes que me faziam caçar. Então é difícil. É por isso que eu não acreditava que nenhuma pessoa pudesse sair do homossexualismo. E realmente por nós mesmos nós não sairíamos. Poderíamos até ter umas tentativas de 6 meses, 3 meses, mas certamente voltaria porque os impulsos são muitos mais fortes. [...] O [que pratica o] homossexualismo ele vive em prostituição. Prostituição quer dizer que

muitas pessoas vendem o corpo, muitas pessoas praticam o sexo por prazer, e o amor mesmo que a gente diz que sente é totalmente vulnerado, fingido e falso”.

Com relação à questão da promiscuidade, o número de envolvimento afetivos ou sexuais é, na verdade, um problema somente para comunidades conservadoras e religiosas que valorizam a monogamia e veem a liberação sexual como imorais para uma sociedade. Por que uma vida com vários relacionamentos não seria tão plena quanto uma vida com um relacionamento só? Qual seria o problema social acarretado pela promiscuidade numa comunidade secular que promove a educação em práticas de sexo seguro e em relacionamentos baseados no diálogo e no consentimento? Gayle Rubin (1985) já discutiu sobre esse pânico moral e sobre a necessidade de repensarmos as políticas sexuais na sociedade a fim de questionar a consideração de práticas sexuais não convencionais como ações criminosas ou doentias. É a partir desta autora, portanto, que o questionamento surge. Será que a sensação de mal-estar com a troca frequente de parceiros não tem a ver com a valorização da monogamia “até que a morte os separe” como ideal a ser alcançado num relacionamento? Será que a apropriação por estes participantes dos princípios judaico-cristãos passados por seus familiares e comunidade em sua educação e criação não são os motivos que geram este mal-estar?

Por outro lado, será que os problemas de relacionamento entre pessoas do mesmo sexo não são também intensificados com a falta de aceitação, com a hostilidade e com a discriminação que esta população tem sofrido na sociedade e nas instituições? Será que os conflitos dos casais homoafetivos também não estão relacionados à possível falta de apoio emocional vindo da família e da sociedade com relação a esta entidade?

2.3 As Infecções Sexualmente Transmissíveis Como Resultado das Práticas Homoeróticas e A Suposta Saúde Física

Outra consequência ruim provinda da prática homoerótica e associada ao que chamavam de promiscuidade nas entrevistas seria o contágio de doenças

sexualmente transmissíveis. Os depoimentos de Douglas e Lúcio eram enfáticos ao falar sobre como os homossexuais eram mais propensos a contrair o HIV por sua promiscuidade. Na entrevista com Lúcio ele disse:

“Satanás induz, ele nos cega, [...] quantos amigos hoje eu tenho com HIV, por conta de uma noitada, porque não conseguiu segurar o impulso sexual. Quantos amigos eu tenho... vários amigos hoje com HIV por conta de um momento sexual que o desejo era tão grande que nem camisinha colocava. Então essas questões elas só vêm do meio maligno mesmo né?”.

Na conversa com Lúcio, ele disse que percebeu ter chegado ao fundo do poço ao namorar alguém que vivia com HIV. Para ele, ter um relacionamento com alguém portador do vírus HIV significava um distanciamento tremendo de Deus:

“Eu olhava pro céu e falava assim, ‘senhor, a que ponto o senhor permitiu que eu chegasse? Olha onde o senhor permitiu que chegasse’. Não que a pessoa fosse uma pessoa de má índole, ou qualquer coisa, mas [...] aquele jovem que amava a Deus na infância, hoje se encontrar correndo um risco de pegar um HIV ou de outras coisas, eu realmente clamei a Deus. E ali, naquele momento é que eu me encontrei em depressão. Em grande angústia. E eu clamei a deus. E aos poucos eu vi que Deus foi me encontrando”.

Douglas e Jack disseram que Deus os protegeu das infecções sexualmente transmissíveis. Douglas relatou que Deus fez isso por ter um propósito espiritual guardado para a vida dele. Numa das entrevistas, ele disse:

“Eu nunca pratiquei sexo seguro. [...] Meu namorado morreu com linfoma não-Hodgkin, câncer, 36 anos. Uma morte horrível que com certeza foi provocada pela AIDS e mesmo assim, quando eu fiz o teste depois de deixar a vida gay, não tinha nenhuma doença. Eu pensei, uau, não existe razão no mundo para que eu tivesse escapado. E acho que Deus me protegeu sabendo o que ele poderia fazer com a minha vida. Ele me poupou, não porque eu merecia, mas por causa do que ele poderia fazer com a minha vida depois de me render a ele”.

Jack também acreditava que seus bloqueios morais com relação às práticas sexuais menos conservadoras o livraram de ter problemas de saúde:

“Então esses tipos de práticas eu sempre rejeitei, então eu sempre fui assim como se fosse um outsider, eu tava lá mas eu achava muita coisa esquisita que eu não aceitava. Algo que era muito mais que eu poderia aceitar como pessoa. Entendeu? E logicamente que tem a ver um pouco com a nossa criação, e eu sou filho de pastor também, fui criado na religião bem conservadora, mas acho que meu padrão moral chegava num ponto que eu não conseguia passar, eu achava muito demais, não conseguia. E por aí, acho que com todas essas minhas... esses meus bloqueios, foi uma das razões que hoje em dia eu sou super sadio. Não tenho doenças nenhuma, nunca tive”.

Noutro momento de sua entrevista Jack acreditava que as pessoas que tinham práticas homoeróticas e homoafetivas deveriam parar de fazer isso porque era uma ação mais perigosa para a saúde do que outras. Sobre tal prática, ele disse:

“É perigosa né? Não é mais perigosa? Mesmo praticando com todo o cuidado que você pode imaginar, não tem um perigo? Não é mais perigoso do que não ter? Total, nada. Zerado. [...] Mesmo os que falam que são héteros estão morrendo de HIV. Também tem, [...] mas é muito mais prevalente ainda dentro da homossexualidade. Ainda é mais prevalente”.

Outro participante que associou as práticas homoeróticas com as infecções sexualmente transmissíveis em seu discurso foi Oliver. Ele disse que antes de cessar com suas práticas sexuais com homens, se preocupava que com seu comportamento poderia se infectar, utilizando a expressão “pegar uma doença”:

“Sempre achei que tinha algo que me dizia, procura Deus, procura Deus procura Deus, vai atrás de Deus, porque desse jeito, o que você tá fazendo com a sua vida você pode pegar uma doença... e aí foi esse momento que eu procurei, que eu comecei a procurar, ir numa igreja, ir na outra, ir na sinagoga, ir nisso, ir naquilo, eu fui a todos os lugares. Muitos lugares. [...] A igreja que eu pude mesmo ficar e me tornar membro e me batizar [foi] na Igreja Adventista”.

2.4 Os Supostos Sintomas Psicológicos, O Chamado Vazio de Gênero e A Suposta Dependência Emocional

Outra razão presente nas narrativas dos participantes para não praticar o homoerotismo e a homoafetividade se relaciona à interpretação de que o desejo por pessoas do mesmo sexo seria um sintoma de um transtorno de gênero, uma estratégia mental de pessoas psicologicamente imaturas para tentar preencher o vazio de gênero com o afeto ou com os prazeres de uma pessoa do mesmo sexo.

Não foram muitos os participantes que trouxeram este discurso, mas alguns mais próximos aos ministérios religiosos de apoio à abstinência de práticas homoeróticas. Jeremias era um destes participantes: Leitor de Joseph Nicolosi (1991), ele tinha o mesmo discurso do “Ministério Perseverar em Cristo” e dizia que a busca do afeto e do prazer sexual com uma pessoa do mesmo sexo é uma forma de resolver um trauma que não é eficaz e que não vai resolver o problema psicológico. Para ele, a abstinência das práticas homoeróticas não era somente uma questão religiosa e tinha um teor de saúde mental:

“Estou trabalhando, crescendo aí em umas questões, preciso de suporte, preciso de apoio, como todo mundo também precisa, mas eu sei que a solução que muitas pessoas dão pra isso não é uma solução que pra mim vai preencher. E não tem a ver só com questão religiosa não. É questão prática mesmo. É outro caminho que vai preencher isso”.

Andrea, que é acompanhada pelo “Ministério Perseverar em Cristo”, também adotou o discurso da iniciativa e percebia que tal exercício somente acarreta em mais carência, dependência emocional e anulação de si:

“Sempre achei que só ia ser feliz com outra mulher, se ela me quisesse e eu pudesse satisfazer os desejos dela, desde que eu me anulasse por completo. [...] A homossexualidade é só a ponta do Iceberg. O que ninguém vê é que precisa de cura

e transformação. [...] A homossexualidade não é uma doença, já faz muito tempo. [...] Mas sim o sintoma de outras feridas de gênero causadas no passado. Quando essas feridas e neuroses são tratadas, a homossexualidade praticamente desaparece”.

De forma parecida, Oliver disse que na puberdade, não tinha fantasias eróticas com meninos, mas sim com meninas, e que essas atrações direcionadas aos meninos estavam associadas a uma forma de lidar com seu medo da brutalidade e virilidade masculinas. Oliver tinha mais amizades femininas, se aproximava a atividades mais delicadas, não gostava de luta ou de futebol e achava que os meninos deveriam ser mais dóceis e sensíveis. Ao me contar sobre sua busca sincera e incessante pelo sexo masculino, ele disse que o que o atraía nos outros homens era justamente o que o repulsava neles – essa virilidade que o amedrontava. Oliver interpretava que a única maneira como ele conseguiria combater e lidar com esse medo era se relacionando com ele: *“pra fazer, de modo que eu perca, que eu não tenha mais medo da pessoa masculina, eu tenho que me relacionar, não como ele, mas com ele. Então é aí que eu acabei me envolvendo sexualmente com ele, com homens”.*

É interessante notar que na conversa com William, ele também associava sua atração pelo mesmo sexo a uma questão de gênero. Segundo ele, era uma feminilidade interna que o influenciava e que deveria ser combatida para que ele conseguisse sobreviver em sua cultura, se encaixando às normas sociais e religiosas de gênero para um homem:

“Quando percebi o impacto da minha orientação na minha cultura, decidi lutar pela minha existência. Passei por durezas e dificuldades para ser o que sou. [...] Eu senti que a mulher em mim queria sentar e relaxar, passar horas no espelho, aplicar maquiagem e coisas do gênero. Eu sentia que seria tomado por qualquer homem lá fora e me tornaria rico com ele. Mas eu decidi que não preciso de nenhum homem para ser autossustentável. Eu quis ser eu mesmo [autossustentável]. Eu comecei a andar 40 km por dia até a escola. Eu cultivaria o jardim e o campo. Cumprindo todos os deveres dos homens, cortando lenha para arrecadar dinheiro para a minha escola. Andei descalço no frio porque eu queria construir minha vida”.

Percebe-se aqui que a mulher retratada na fala de William é uma pessoa dependente financeiramente do homem, que fica em casa cuidando de sua beleza, que não trabalha com o jardim e o campo e que não sai para construir sua carreira e seu sustento. Características estas que provavelmente têm a ver com a construção cultural dos papéis de gênero em sua comunidade no Zimbábue.

Uma fala de Lúcio também se aproxima daquilo que o “Ministério Perseverar em Cristo” fala sobre a gênese da atração pelo mesmo sexo como um transtorno de gênero. Lúcio explicou que seu pai era muito violento e que desde pequeno, a vontade de não se tornar um homem como ele fez com que a imagem do masculino também lhe fosse distorcida:

“Eu sofri muito na infância. O único regresso que eu tinha é que eu não queria ser igual ao meu pai. Eu não queria ser uma pessoa agressiva, uma pessoa com a condição de vida que ele levava. E eu era mais tímido, mais retraído mesmo. E por isso essas questões me retraíam. Porque aos 12 anos eu ainda apanhava porque cruzava os braços, ou porque punha a mão na cintura, ou porque falava fino, né? Apesar de não entender dentro de mim que aquilo estava me levando para o homossexualismo, porque eu não entendia isso, eu não tinha vivência, não sabia o que era, que essas questões influenciaram um pouquinho, mas depois dos abusos, vieram a florescer né?”.

Os discursos de Lúcio e Silas também sinalizavam que o exercício dos desejos homoeróticos estava relacionado a performances de gênero³ não compatíveis com a masculinidade. Os dois se sentiam insatisfeitos com as questões de gênero em suas existências: ambos diziam que a disparidade entre suas performances de gênero – o jeito de se comportarem como homens – e a forma como eles gostariam de se comportar os trazia desconforto e mal-estar. Eles se sentiam frustrados com a forma como a expressão de suas masculinidades era externalizada e diziam que este jeito inadequado de performar levava ao exercício homoerótico. É interessante notar que os dois afirmaram que foram sexualmente abusados na infância e que este abuso influenciou no surgimento de desejos sexuais pelo mesmo sexo em suas existências.

³ Utilizamos a expressão “performances de gênero” a partir da ideia de Judith Butler (1988, 2013) de que o gênero é constituído socialmente por atos performáticos que são repetidamente reproduzidos num tempo e espaço, e não anterior e gerador destas condutas.

Silas disse que quando pequeno sofreu abuso sexual de pessoas de ambos os sexos, mas que diferente da resposta que tinha quanto ao corpo da mulher – que era de repulsa –, sua reação para com o corpo do homem tinha a ver com atração e desejo para ter posse dele, para ser como ele, para incorporá-lo à sua existência:

“Durante o tempo em que eu tinha muitas questões não resolvidas com o meu passado [...] eu não gostava da minha própria pessoa, eu não entendia, eu não reconhecia meu próprio gênero, eu tinha dificuldade de me identificar como um homem, [...] o desejo homossexual ele se manifestava mais. Parece que talvez eu não fosse pleno o suficiente pra me declarar homem, então [...] o desejo homossexual tornava-se mais forte, o desejo se encontrava no outro homem, a força a masculinidade, a força acho que é a palavra certa. Me sentia fraco, me sentia mais vulnerável, me sentia mais indefeso, me sentia mais desestabilizado, olhava no homem aquela imagem da força, da pessoa que tem [...] convicção daquilo que ele é. Isso me causava uma certa inveja, de querer ser como aquela pessoa, [...] desejo tão forte de ser como aquela pessoa, que eu queria ter aquela pessoa. Enfim. Talvez estar junto com um homem me fazia se sentir melhor, mais amparado, mais acolhido, dessa forma. Mas no momento da minha vida em que eu passei a resolver meus próprios conflitos, mudar minha postura, meu jeito de me enxergar, eu passei a me sentir mais homem de tal forma que eu não precisava mais buscar tal masculinidade em outro homem”.

Segundo Silas, a vontade de não ter práticas homoeróticas veio antes da religião e tinha a ver necessariamente com este desagrado com sua masculinidade.

“O start inicial sempre foi aquele medo de não se aceitar com relação ao sentimento. De não se identificar com aquilo, não desejar aquilo... não é uma coisa assim que eu tenha visto que o homossexual é muito reprimido, é muito agredido verbalmente... não fez parte do meu contexto de onde eu vivi, da minha criação o comportamento agressivo. Mas uma coisa assim, puro, do sentimento mesmo assim de [...] ter repulsa. [...] Por exemplo, desde a tenra idade eu em vários momentos já tinha a demonstração de comportamento homossexual bem claros [...] por isso que eu decidi passar por um processo de aprendizagem e de redescobrir a masculinidade em mim mesmo, mas também de mudar minha visão do masculino como algo

desejável, algo necessário, algo cobiçável e desmistificar a imagem do feminino de uma coisa assim mais intocável, inalcançável”.

Silas também contou que a atração pelo mesmo sexo era só mais um dos problemas mentais que ele passava em sua juventude, como tristeza, baixa autoestima, incompatibilidade com a masculinidade hegemônica, introversão e retraimento social, timidez e pessimismo. Mas, segundo ele, quando conseguiu resolver estas questões, os desejos homoeróticos foram compreendidos, absorvidos e controlados. Para ele, quanto mais psicologicamente bem resolvido estava, menos intenso se tornava seu desejo por sexo e afeto de outro homem.

“Às vezes o pensamento negativo, a baixa autoestima, as situações do dia a dia, porque há uma... há um quadro de tristeza que podia ser aliviada mesmo temporalmente por uma pornografia, uma masturbação, ou até mesmo uma relação sexual. Mas funcionava meio como um remédio que alivia a sua dor temporariamente, mas depois quando passa, a tristeza voltava e aí eu precisava de uma nova dose. Agora quando o problema foi... as tristezas e as amarguras foram resolvidas, aí eu já não tinha mais necessidade desse remédio”.

No caso de Lúcio, nas primeiras falas da entrevista ele me apresentou seu desagrado quanto a sua expressão de gênero:

“Antes eu era feliz, eu tinha muitos amigos, eu tinha uma vida social bem ativa, eu tinha muitas coisas, mas eu não me reconhecia. Quando eu me olhava no espelho, a minha voz não condizia com a imagem que eu via. A minha voz era totalmente diferente. Eu não me encontrava dentro de mim, né? O que existia dentro de mim não era o que eu via no espelho. [...] Então assim, eu tinha, eu me via no espelho uma imagem de um homem né, com barba, cabelo, [...] mas eu tinha traços femininos. Eu era delicado, minha voz não condizia com a minha barba, em outras palavras eu miava. Então não condizia com a minha estrutura física. [...] Trabalhando com criança, com adulto, e eu às vezes tinha que segurar as emoções, o gesticular, porque era difícil mesmo. [...] Mas aí eu não me reconhecia por essas atitudes porque não era o que eu queria viver. De certa forma eu fui induzido a viver esse estilo de vida”.

De acordo com o discurso de Lúcio, ficava evidente que sua performatividade de gênero não hegemônica e sua atração por pessoas do mesmo sexo o deixavam frustrado. Entretanto, na data da entrevista, Lúcio afirmou que estava muito realizado e tinha encontrado a paz e felicidade em Jesus e nas transformações que tinha percebido em sua vida. Quando este participante dava seu testemunho a uma pessoa que também tinha atrações homoeróticas, ele dizia que tentava mostrar através de sua experiência de vida a possibilidade de uma maior felicidade:

“Eu mostro pra ele Jesus. E mostro a minha alegria em estar com Jesus. Mas eu digo pra ele assim, ‘olha, se você é feliz vivendo assim, seja feliz vivendo, mas não esqueça que tem um Deus que pode te dar uma felicidade maior’. Porque quantos homossexuais hoje eu conheço que são depressivos, que querem se suicidar, que querem uma vida diferente, que não entendem porque que são homossexuais, que choram comigo dizendo ‘olha, eu sofro muito’, né? Então eu entendo que aquela tristeza que eu vivi em depressão. [...] Vivia uma vida que não era minha. E hoje [...] eu me encontro nessa alegria, nessa paz espiritual”.

2.5 A Decepção e Frustração Sensorial e Relacional nas Experiências Com Pessoas do Mesmo Sexo

Além dos argumentos religiosos e do suposto prejuízo em saúde física e mental, outro fator que influenciou a decisão dos participantes de se abster das práticas homoeróticas tinha a ver com as decepções que tiveram em suas experiências homoeróticas e homoafetivas vividas e com as frustrações das expectativas voltadas à essas experiências. Jeremias, por exemplo, disse, *“quando eu fiquei com alguns homens, não preencheu o que eu queria. Os encontros que eu tive, as coisas que eu vivi, eu percebi que não era ali”.*

Como Jeremias, outros disseram que os momentos íntimos com pessoas do mesmo sexo também não tinham sido bons. Nas falas de Charles, por exemplo, ele contou que suas experiências não foram prazerosas pelo fato de que todos os relacionamentos que tinha vivenciado tinham sido superficiais. Ele também demonstrou que os pensamentos que o rondavam no momento em que se

relacionava, o lembrando de que aquela interação não era correta – principalmente aos olhos de sua família –, também o faziam sentir menos satisfação nas relações homoeróticas e homoafetivas:

“Quando eu praticava [atos homoeróticos] as pessoas com quem eu me relacionei foi, tipo tudo raso assim sabe? Eu nunca namorei com homem. Então eu não tenho experiências boas. [...] As pessoas que eu me relacionei foi só sexo, entendeu? Nunca teve... porque eu não queria criar um relacionamento, porque eu sabia que eu não poderia ter um relacionamento, por causa da minha família. Ter que mentir toda a vez que tá saindo, ter que... é muita coisa, entendeu? Eu nunca fui acostumado a mentir, a falar vou fazer isso e fazer outra coisa, então era muita pressão. [...] Talvez por minha culpa também. Mas por causa de toda a situação que eu tava vivendo, que eu estou vivendo”.

Na entrevista com Jack, ele revelou sua insatisfação com as práticas sexuais com outros homens, explicando que elas se constituíam, muito frequentemente, de um “sexo sem amor”. De acordo com ele, sexo sem amor, sem relacionamento, não preenche, é oco, vazio. Em sua perspectiva, o sexo da forma espiritualmente correta, num relacionamento monogâmico, entre pessoas de sexo oposto, com amor e consideração, é aquele que, de fato, preenche. Por isso que Jack acreditava que a atração entre pessoas do mesmo sexo não era boa, porque existia muita gente com tais atrações fazendo sexo sem amor. Ele reconheceu que “sexo sem amor” também ocorria em interações entre homem e mulher, mas enfatizou que isso acontecia muito entre casais homoafetivos.

“No sexo sem o relacionamento, como acontece muito no mundo gay né? Um sexo sem relacionamento, sem amor. [...] Não é só do homo, eu sei o que acontece na vida do heterossexual também. Eu sei que eles também fazem isso. Mas não é bom. Isso não é um... isso não preenche nada na tua vida. É só, oco, vazio. Te deixa, te deixa pra baixo, sabe? [...] Pode ser aquele momento ali, aqueles segundos ali que é interessante e excitante, mas não te deixa bem. Te deixa mal”.

Numa parte dos relatos de Andrea, ela também mostrou, ainda que superficialmente, as frustrações que teve com relação a suas experiências amorosas

com mulheres. Andrea percebia que às vezes não era bem cuidada pelas moças com quem se relacionava e se sentia que tais comportamentos não a satisfaziam emocionalmente. Ela disse:

“Na igreja, também sofri essas paixonites e tinha que me afastar da criatura para resolver o problema e claro, ele nunca se resolvia. Em 2013 eu [...] aprendi a me conhecer como mulher e que o que sentia era uma baita dependência emocional pelas outras [mulheres], que muitas vezes iam embora e me deixavam com migalhas para suprir minhas carências, quando deixavam essas migalhas... as ferramentas ensinadas lançaram luz onde só havia dor e saudade”.

William também falou numa de nossas conversas que não tinha vontade de ter relacionamentos com outros rapazes que se identificavam como gays porque, segundo ele, via que eles tinham outras prioridades na vida. Enquanto William queria se desenvolver profissionalmente e ter sua independência financeira, ele parecia perceber os outros rapazes gays como relaxados e dependentes financeiramente de outros homens. Nas mensagens de texto trocadas, William me escreveu:

“Eu fiz o melhor que podia para conseguir encontrar alguém como eu. Quem respeita a religião e os relacionamentos entre duas pessoas, não importa a orientação, mas a maioria dos caras que conheço está atrás de sexo e dinheiro. Eu acho que sou diferente de como eles priorizam a vida. Eu não quero viver sempre do lado de quem recebe. Eu amo trabalhar para mim”.

Douglas tinha um discurso que falava sobre como ele se decepcionou com as experiências homoeróticas e relações homoafetivas que teve fora da igreja e como ao voltar percebeu-se muito mais feliz. Ele afirmou:

“O tempo todo que eu estive na vida gay eu estava machucando alguém ou sendo machucado, sabia? Quando eu não estava animado e me divertindo e todas essas coisas, havia muita dor, desânimo, depressão. Eu nunca tive depressão desde que me tornei cristão. Mas na vida gay passei por depressão várias vezes pensando que poderia ser suicida. [...] Minha vida hoje é muito melhor”.

Numa parte da entrevista de Evandro, referindo-se às práticas homoeróticas à expressão estar “no mundo” ele disse:

“Escute, Josué, o ponto principal é que o caminho de Deus precisa ser melhor do que o que o mundo oferece. Caso contrário, eu voltaria imediatamente. [...] Eu não quero uma meia experiência artificial com Deus. [...] E você sabe, se não fosse mais gratificante que o mundo, eu estaria no mundo”.

Silas também acreditava, pelas experiências homoeróticas que teve, que as relações entre dois homens são relações superficiais, que são pobres em vinculação profunda, sendo o sexo o foco das interações e o que vem antes nas relações. Na entrevista, quando perguntei sobre o que o fazia rejeitar seus sentimentos homoafetivos, Silas respondeu que a falta de sentimento e o abuso sexual que sofreu quando era criança faziam com que ele não quisesse se envolver desta forma:

“Eu acho que a falta de sentimento. É uma coisa muito [...] superficial, como se fossem pessoas vazias tentando se relacionar, tentando preencher um sentimento de falta no outro. Como eu tive na minha infância algumas ocorrências de abuso, no momento das relações parece que aquele mesmo sentimento da infância voltava, de estar sendo usado, de estar sendo um objeto, então é uma coisa assim... de sentimento, uma coisa assim... qual é a melhor palavra pra me referir? É uma coisa assim que não tem conteúdo sabe? É diferente de um relacionamento quando você realmente conhece a pessoa, quando você tem um sentimento por ela, de afeto, de carinho, de companheirismo e assim você tem uma relação que acaba sendo o fruto desse sentimento fértil, como se ele se manifestasse através da relação sexual. Quando na fase, assim, homossexual, o sexo vem antes. E às vezes depois, nem acabava se originando o sentimento mais profundo, mais enraizado, não. Às vezes acaba até mesmo vindo o desprezo, o abandono, a indiferença, então pra quem tá buscando um sentimento fértil, um vínculo, um laço, não encontrava nesses relacionamentos”.

Ao falar sobre a gênese da atração que ele tinha pelo mesmo sexo, citou tanto uma frustração com uma masculinidade não hegemônica⁴ que percebia demonstrar quanto abusos sexuais que sofreu de homens e de mulheres, que, segundo ele, o fizeram ficar mais confuso ainda quanto a suas atrações e sua percepção de si. Ao descrever sobre os abusos, Silas falou:

“Parece ter havido na mente uma associação de prazer, de sentimento, parece ter havido no cérebro uma reação de prazer com homem, de alguma coisa física, de uma coisa carnal, do toque, e com a mulher uma coisa mais da repulsa né? Do medo. Mas como eu disse, Josué, que esse era o convívio familiar, é... eu cresci em um ambiente que, dado ao porte físico dos meus irmãos, que é bem diferente do meu, o masculino ele é... o masculino na forma assim de um corpo viril, de prática no esporte, de ter um relacionamento com namoradas, tipo, isso era exaltado, enquanto o comportamento [...] de uma pessoa mais sensível, um porte físico não tão musculoso já não era tão celebrado. [...] Então, aí vem o abuso, que acaba reforçando isso, e a ideia de que você pode proporcionar e receber prazer de um homem, não necessariamente de uma mulher. E por um outro lado o abuso por parte de mulher acabou por ainda mais trazer a rejeição por parte feminino. Enfim. Todos esses aspectos acho que contribuíram, como eu disse agora pouco, pra uma imagem negativa, uma imagem falsa do que é o masculino para mim e do que era o feminino.”

Muitos dos participantes desta pesquisa utilizaram a expressão “*estilo de vida homossexual*” ou “*vida gay*” para se referirem um modo de vida com frequente rotatividade de parceiros e parceiras, com uso de drogas e com falta de controle de si. Diziam que esse estilo de vida não lhes era agradável e que não ele combinava com suas personalidades. Esse jargão trouxe a impressão de que os locutores que assim discursavam acreditavam que, de fato, havia somente um único estilo de vida que traduzisse o que seria a experiência da atração pelo mesmo sexo. Douglas, Oliver, Jack, Evandro, Lúcio e Rute utilizaram estes termos nas entrevistas para fazer

⁴ Utilizamos o conceito de masculinidade hegemônica de Connel (1987) que descreve como alguns atributos e performances são socialmente esperados para os homens, ditando o estilo ideal, superior, mais adequado de masculinidade e gerando, assim, o domínio de outros sujeitos tanto masculinos quanto femininos.

este tipo de generalização e também para mostrarem que, na época das entrevistas, queriam distância desta vida.

Rute disse que estava farta do que ela chamava de “*estilo de vida homossexual*”: ela contou que estava cansada de trocar constantemente de parceiras, de passar por vários fracassos nas relações amorosas e de se sentir sempre quebrantada por conta de tais fracassos. Ela também disse que os ambientes que frequentava eram cheios de drogas e abuso de álcool, algo que ela não gostava e que, eventualmente, fizeram com que ela voltasse para igreja e deixasse os relacionamentos sexuais e afetivos com outras mulheres de lado para viver uma vida de santidade.

Rute: “Eu sou a única pessoa que eu conheço que esteve naquele estilo de vida e que nunca usou drogas ou abusou de álcool.”

Josué: “Em que estilo de vida?”

Rute: “O estilo de vida lésbico. No meu círculo de conhecidos era tão prevalente! E só naquilo, só no uso e abuso de substância, havia tanto sofrimento. E no relacionamento que eu estava, eu disse que ela tinha se livrado das drogas ilícitas, mas aí ela se tornou viciada nas medicações controladas que ela na verdade necessitava. Mas sempre tinha... enfim, eu fiquei muito cansada. Estou estou sendo muito transparente com você. Eu fiquei tão cansada do sofrimento e do estilo de vida e, como eu disse, de toda... a palavra é infidelidade... todas as coisas que estão relacionadas... eu só estava cansada”.

Quando perguntei se ela achava que continuaria nesse “estilo de vida” se não houvesse todo esse sofrimento e cansaço, e se a fizesse feliz, ela me respondeu que provavelmente sim, mas que Deus usou estas questões e mais algumas mortes que estavam acontecendo ao seu redor para chamar sua atenção para a necessidade de voltar para o que seria o “*estilo de vida cristão*”.

Oliver também mencionou a expressão “*estilo de vida*” neste contexto. Em seu depoimento, ele disse que sua falta de vontade em voltar à vida que tinha anteriormente era porque aquela era uma vida de muita promiscuidade e descontrole. É importante notar que ainda que este modo de vida dito promíscuo não lhe apetecesse tanto, Oliver relatou que não foi necessariamente este o motivo que o fez cindir com tal forma de existir. De acordo com ele, queria realmente ter uma relação

mais profunda com Deus. Associado a isso, noutra parte de sua entrevista este participante contou que para ele, ou se relaciona com Deus ou se relaciona com outra pessoa. As duas coisas não conseguem andar juntas:

“Eu acho que eu tinha vontade mesmo de experimentar Deus na minha vida e colocar Deus na minha vida. [...] Eu acho que a minha questão é, se eu estou com alguém, eu não estou com Deus, entendeu? Eu não sei muito como explicar, mas, se eu tenho alguém na minha vida comigo, eu não tenho mais Deus. Então sozinho eu tenho Deus”.

Jack, Lúcio e Douglas reclamavam que nas relações entre dois homens há frequentes trocas de parceiros, rompimentos nos relacionamentos e promiscuidade, sendo que eles não se encaixavam em perfis de conjugalidade e se sentiam insatisfeitos. Jack disse em sua entrevista que o problema da homoafetividade está no estilo de vida que não traz plenitude. Ele contou também que neste dito estilo de vida ele não foi feliz e citou que os relacionamentos entre homens são muito inconstantes, são numerosos, sendo que quando a pessoa deixa as práticas homoeróticas e homoafetivas, a vida se tornava mais plena por conta da diminuição da quantidade de problemas associados aos relacionamentos interpessoais.

Outros participantes, como Oliver e Lúcio, valorizavam muito as características da constituição da família tradicional – um casamento entre homem e mulher com a geração de filhos – e viam nela um exemplo de conjugalidade almejado. Oliver dizia que caso Deus tivesse transformado seus desejos pelo mesmo sexo em desejos pelo sexo oposto, ele provavelmente teria mulher e filhos, já que gostaria de ter uma família nestes parâmetros. Lúcio também dizia que queria constituir uma família tradicional, mesmo na época em que dizia ainda ter desejos homoeróticos. Numa de suas falas, Lúcio me disse:

“Com 18 anos eu tinha sonhos, sonhos de casar, de ter filhos, de ter... apesar do meu ser por dentro já não desejar mais isso, conscientemente eu queria ser um pai. Que na minha cabeça era o correto. Eu queria ter uma família, com meu pai e minha mãe, meus irmãos são todos casados, e suas questões todas. Só que, apesar de sentir o desejo, a atração, gostar dessas coisas todas [de família tradicional], eu me inclinei pelo lado que eu mais pratiquei [a homoafetividade]”.

Lúcio também confidenciou que teve problemas com seu último namorado ao este ter ficado irritado por saber que Lúcio estava estudando a Bíblia e os livros adventistas. Segundo ele, este rapaz com quem namorava na época incorporou o espírito do diabo ao receber tal informação, dizendo que não queria mais se manter no relacionamento:

“Eu li ‘Patriarcas e Profetas’, ‘O Grande Conflito’ [livros de Ellen G. White] e essas coisas vieram encher meu coração e quando eu percebi, eu já não estava mais na relação. Eu ia pra relação e eu e sentia gripado, com dor no corpo, doente, e nós passamos um período de 2 meses e meio sem se tocar. Sem ter nada, e a pessoa começou a ficar incomodada com isso porque ela descobriu até que eu estava lendo os livros de Ellen White, então ele começou a fazer um rebuliço, assim. [...] E quando eu voltei pra pessoa, que eu fui falar com ela, ‘olha, eu estou indo à igreja e eu não sinto mais vontade de estar com você’, aí Satanás se manifestou, né? Foi algo terrível porque ele se manifestou mesmo dizendo que não podia com aquele Deus que perseguia desde o início, depois a pessoa pegou... numa possessão demoníaca ainda... a Bíblia pra poder querer rasgar, dizendo que ele não podia com Deus, mas que podia acabar com a palavra de Deus, então foi acontecendo coisas assim. [...] Deus me tirou da relação [...] e esses desejos do meu coração eles já começaram a sair”.

Fica claro que os conflitos de relacionamento se intensificaram justamente pelas influências das informações religiosas que Lúcio consumia ao se reaproximar da igreja e dos escritos adventistas. É importante, também, lembrar que Lúcio disse ter passado por violências sexuais vindas de outros homens, vivências que compunham sua ideia do que seria a experiência homoerótica e que eram também interpretadas por um olhar religioso. Assim, além de ter recebido influências das crenças religiosas quando criança, tais preceitos retornavam à sua concepção de vida com as leituras recentes mesmo após Lúcio ter vivenciado algumas experiências homoeróticas estáveis, como o relacionamento homoafetivo duradouro. Ele contou que esta última relação fez com que não mais se atraísse por outros homens e mantivesse seu retorno aos caminhos de Deus.

“Então depois dessa relação, psicologicamente eu já não tinha mais desejo. Eu não olhava mais as pessoas com aquele olho que eu via. Eu falei assim, que tinha anos da minha vida que eu saía pra caçar. Às vezes eu tava no ônibus e me sentia excitado ou atraído por outra pessoa, eu andava na rua, às vezes procurando mesmo, era shopping, essas coisas todas... tinha várias relações... e quando eu me encontrei fora disso, que Deus estava fazendo algo, limpando meu coração, a minha mente, eu fiquei muito feliz, e eu acabei fazendo um pacto com Deus. E esse pacto me trouxe renovação”.

2.6 As Pressões Heteronormativas Sociais e Familiares

Outro motivo importante para alguns dos participantes decidir por abdicar da prática homoerótica era porque tais práticas trariam vergonha, a frustração e a tristeza da família e da comunidade. Um exemplo de discurso bastante carregado com esta pressão social vinha de Charles. Seu maior receio era de que sua família ficasse sabendo de seus desejos e suas práticas:

“Teve até um cara uma vez que eu comecei a gostar, mas eu, mesmo gostando dele, eu tive... durou um mês sabe? Mas eu tive que terminar porque minha família, uma hora... meu maior medo [era] deles descobrirem isso. E foi um cara que eu gostei... aí eu só ficava com as pessoas, mas eu via que eu era usado pra caramba e eu também usava, mas era só isso, sabe? Só sexo, sem sentimento, e eu cansei disso. Cansei. Não dá mais pra você não rolar nada mais, sabe? Um amor. Ser amado e amar. Isso eu nunca senti”.

Em suas falas Charles com muita frequência se mostrava angustiado em não poder expressar seus desejos de amar e ser amado por um homem e demonstrava que um grande impedimento era sua mãe. Ao perguntar-lhe se não pensava em jogar tudo para o alto e fazer aquilo que tanto queria, Charles me respondeu:

“Eu penso. Eu já pensei e penso várias vezes ao dia, mas é algo... minha família entendeu? Minha mãe, o maior orgulho dela é que ela consegue ter todos os

filhos dela na igreja. E uma coisa que ela tem um ódio tremendo, o medo dela da vida que eu percebo desde que eu era criança é que o filho dela fosse gay. [...] Às vezes eu tava sentado, e ela, ‘Senta igual homem!’, sabe? Ficava pressionando assim. Eu sempre senti isso. Sempre. Então é um medo que eu tenho. Eu não queria dar esse desgosto pra ela”.

Charles afirmou que tentou falar com sua mãe sobre suas atrações homoeróticas, mas não obteve acolhimento dela. De acordo com ele, se pudesse escolher, nasceria numa família não religiosa:

“Eu queria não ter nascido num lar religioso. Porque é muito complicado. Se eu fosse pra nascer gay, eu preferia não ter nascido... não sei se eu nasci, mas se eu fosse pra ser, gostaria de ter sido em outra família e num lar que não fosse religioso, que é o maior desgosto, entendeu? [...] Eu sei que ela [a minha mãe] sabe de mim. Não [é que] sabe, mas ela não quer acreditar. Eu já tentei falar pra ela. Tentei falar o que eu tava passando pra ela me ajudar. Mas nem isso ela aguentou porque ela começou a chorar, começou a chorar muito, ficou uma semana sem falar comigo. [...] É, eu tentei falar pra ela me ajudar. Eu não queria ir pra essa vida, e ela não queria nem saber sobre o que eu estava passando... depois eu falei que não era... tentei inventar uma história. Falei ‘ah, não, isso que eu tava passado era passageiro, não acredita não’, pedi desculpa, sabe, e eu prometi pra mim mesmo que minhas relações pessoais, sexuais, essas coisas assim, eu nunca, nunca, nunca iria contar pra ela”.

Dimitri também contou que tinha muito medo que sua família soubesse de suas atrações por pessoas do mesmo sexo, e que se contasse aos seus familiares sobre tais atrações, mesmo que não as praticasse, eles provavelmente o rejeitariam. A seguir descrevo nosso diálogo. Antes de chegarmos a esta parte da conversa, o verbo apedrejar tinha surgido como expressão para demonstrar rejeição e censura. Foi a partir deste termo que o questionei:

Josué: “Você acha que a sua família te apedrejaria?”

Dimitri: “Com certeza. Apedrejar é pouco. Inclusive de cabeça pra baixo. No óleo quente.”

Josué: “Mesmo sabendo que você luta com relação a essa questão, que você está na igreja, que você...”

Dimitri: “Sim, com certeza.”

Josué: “Mesmo com isso. Você acha que eles te excluiriam?”

Dimitri: “Olha, eu não sei se excluiriam.”

Josué: “Da convivência.”

Dimitri: “É porque quase todos eles moram [numa cidade] e eu estou [em outra]. Eu não sei se poderiam me excluir, mas acho que depois da tristeza, da revolta, da raiva, do nojo, ia ser difícil de eles me engolirem, engolirem a minha presença sabe? Isso é uma coisa que iria incomodar eles. Tenho certeza absoluta.”

Josué: “E como você se sente com isso?”

Dimitri: “Varrido né? Varrido”.

Dimitri demonstrou se sentir mal prevendo que nunca teria o apoio de seus familiares, nem se tivesse práticas homoeróticas nem se lutasse contra elas. Ao mesmo tempo ele expôs ter dificuldades em aceitar-se a si mesmo, e que mesmo que sua família o acolhesse, ele nunca ficaria à vontade com sua circunstância.

“Quando a pessoa não é feliz com a condição dela, quando nem ela se aceita, ela pode receber aceitação do mundo inteiro que ainda assim ela vai ficar insatisfeita. [...] Eu jamais ficarei superconfortável, feliz, a vontade, acho que nunca, acho que sempre carrega isso como... você sabe que é um desvio, sabe que é uma coisa má, sabe que isso sempre vai te trazer um monte de problema, sabe que isso vai trazer um monte de dificuldade, então não é uma coisa assim que as pessoas têm pena, têm misericórdia, igual se eu fosse cadeirante: ah não posso andar, mas todo mundo tem pena de mim, sempre vai ter alguém pra empurrar minha cadeira ou me ajudar. Você sabe que é uma coisa assim que, não sei porque, mexe demais com as pessoas, divide opiniões, divide governos, eu não consigo entender como esse mundo, sempre quando entra nesse tema consegue gerar tanta balbúrdia com relação a isso, então eu nunca ficaria feliz, satisfeito, confortável, nunca”.

Em suas falas, Douglas também dizia que decidir por agir de acordo com seus desejos homoeróticos “só trazia dor” para muitas pessoas próximas, como pai, mãe,

parentes e ex esposa, o que fazia com que, no fim das contas, tal decisão não valesse a pena.

Segundo Jason, a decisão de não ter práticas homoeróticas estava amparada no desejo de não causar dor em sua mulher e filhos. Ele não queria que seus filhos ficassem traumatizados ao saber que seu pai os “*trocou por um outro cara*”. Jason também se preocupava muito com a forma como as outras pessoas pensariam sobre ele e dizia que tendia a sempre pensar em si como culpado de algo ruim que aconteceu. Explicando o fato de não agir de acordo com seus desejos homoeróticos, Jason falou:

“Eu acredito que tem mais a ver com a forma como fui treinado a acreditar ou como eu de fato acredito, mas também acho que tem a ver com minha mulher e com estar lá dedicado às minhas crianças. Porque eu acho que sei como isso seria visto de fora, tipo ‘o papai deixou a mamãe por um outro cara’, ou algo parecido. Isso poderia fazer com que eles cultivassem um rancor eterno contra seu pai, e eles nunca entenderiam, sabe? [...] Isso me detém de expressar um aspecto da minha vida, mas também, tipo... eu não sei. Eu definitivamente diria que uma grande coisa seria pensar no que as pessoas pensariam sobre isso, especialmente sobre mim já que eu sou casado. Seria diferente se eu não fosse casado com filhos, mas eu sou casado e com filhos e as pessoas com certeza... quer dizer, algumas pessoas entenderiam, algumas pessoas diriam, ‘bem, você não pode evitar, esse é quem você é’, mas aí outras pessoas diriam, ‘como você pôde fazer isso com sua família?’. E eu me sinto culpado muito facilmente, mesmo quando eu não fiz nada. [Quando] alguma pessoa me zoa falando que eu fiz alguma coisa, por alguma razão eu ainda me sinto culpado mesmo se eu não fiz nada. Então eu não sei como ou por que eu me sinto dessa forma”.

Na entrevista com Pedro, ele também disse que tem muito medo de externalizar suas atrações homoeróticas e homoafetivas porque ama muito a sua família e acredita que se isso acontecesse, ele a frustraria muito. Assim, prefere não divulgar suas atrações nem as praticar.

“Eu não sei como minha família... eu acho às vezes que eu mataria a minha família [ao afirmar que sou homossexual]. [...] Eu tenho muito medo, porque eu amo muito a minha família, sabe?

A comunidade e a família de William também o pressionavam de forma intensa a manter-se em padrões heteronormativos. Muito da conduta de William era justificada por ele para que se portasse como todos os outros homens, para que não chamasse atenção e para que as outras pessoas não descobrissem sobre seus desejos homoeróticos.

“Minha sociedade e sua sociedade são comunidades muito diferentes. [...] Sua comunidade permite privacidade. Mas nossa comunidade não permite privacidade. [...] Minha luta atual é que minha família está esperando que eu me case. Eles estão esperando que eu me case pra ontem. [...] Quase todos os dias recebo duas ou três mensagens de meus parentes próximos e de parentes distantes exigindo que eu me case”.

2.7 O Desafio Que É “Sair Do Armário”

“Sair do armário” é uma expressão que denota falar publicamente sobre um desejo homoerótico que antes estava escondido aos outros. É um acontecimento que gera novas formas de existir a partir da confrontação de diversas barreiras e opressões sociais. Numa dissertação de mestrado que trata sobre contextos de revelação da orientação sexual Luiz Fabio Alves de Deus diz que quanto maior for o número de contextos sociais em que esta informação é compartilhada, maior possibilidade da ocorrência de agressões e de discriminações (DEUS, 2014). Sair do armário é dar a cara a tapa; tem a ver com novas formas de vida e de existência no cotidiano por conta da exposição dos desejos. Não que estes desejos não existissem na esfera privada, afinal eles já se demonstravam presentes para os sujeitos. Porém, a diferença é que ao serem apresentados publicamente, os desejos tomam outra forma de existência: uma existência política.

No caso de nossos participantes, não é para todos que o ato de “sair do armário” significa exercer práticas homoeróticas; como visto nas entrevistas com Douglas e Lúcio, e também nas histórias de Samuel e Rebeca – que veremos na parte 3 deste estudo –, a exposição de seus desejos suprimidos tem a ver com o

evangelismo e o resgate de pessoas com atrações homoeróticas para dentro da Igreja Adventista.

Silas também utilizava o ato de sair do armário para que outros, conhecidos dele, soubessem que pessoas que não exercem seus desejos homoeróticos existem, que são como todas as demais e que não têm nenhum problema. Assim ele dizia:

“Eu senti a necessidade e compartilhei do meu caso, do que eu sinto, do que eu passo com meu melhor amigo e com o meu cunhado. [...] A aceitação deles foi tranquila, foi normal e a gente acaba caindo sempre naquela questão de as pessoas já percebiam, mas não queriam comentar e tudo mais. [...] Dá uma sensação de alívio porque, como você disse, sai daquela coisa que é silenciosa, que é secreta, que é uma coisa assim que a gente [...] mantém um segredo pra si. [...] A gente fica caracterizando a sexualidade como uma coisa assim, um tabu, uma coisa que a gente não pode contar, ninguém pode ficar sabendo, então é uma coisa que lentamente eu estou começando a compartilhar com algumas pessoas para elas saberem disso. Saberem que pessoas como eu que rejeitam uma orientação [homossexual] que elas existem e que elas não são um bicho de sete cabeças, elas são transtornadas... Não! [...] não são mais que [pessoas que] trabalham, que tem sua rotina e tudo mais, mas que tem uma escolha espiritual diferente”.

Por outro lado, para Jason e Charles, “sair do armário” se relacionava sim com a prática de seus desejos homoeróticos/homoafetivos. Jason demonstrava incerteza quanto a permanecer num relacionamento com uma mulher e Charles não estava completamente seguro de que realmente queria permanecer numa posição celibatária. Nas falas dos dois havia medo de buscar aquilo que desejavam, de arriscar decidir por colocarem seus desejos em prática, obviamente por todos os motivos aqui citados anteriormente. Os dois demonstravam estar num momento angustiante. Ao Jason afirmar que na maioria das vezes se sentia deprimido, eu o perguntei por que estava se sentindo assim naquele momento. Esta foi a resposta que ele deu:

“Eu diria que é porque eu tenho medo de fazer as coisas que eu quero fazer. Eu tenho medo de ser feliz demais, de ter qualquer tipo de alegria para mim mesmo porque temo que vá chegar a um beco sem saída ou alguma coisa parecida. Toda a

hora, tenho medo de ser feliz demais, eu acho que estou muito acostumado a bater em mim mesmo”.

Relembrando a fala de Charles quanto a sumir para poder fazer o que realmente queria, eu o perguntei se ele tinha vontade de jogar tudo para o alto em função de se realizar sexualmente com outro homem. Ele explicou que sim, mas que fazer isso era muito complicado e que e que demandava de muita coragem:

“Eu sinto essa vontade assim, sabe? De sumir. De ir pra algum lugar, um país longe de tudo. Mas coragem. Coragem pra fazer tudo isso. Tem que ser muito corajoso. Não sou corajoso a esse ponto. De aguentar muita coisa. Muita coisa vir à tona. [...] Você se assumir? Não sei! Você quebrar todo aquele personagem que as pessoas viam de você. Você mesmo construiu pra que elas percebessem isso. E aí você de uma hora pra outra a pessoa vai olhar pra você e tudo vai mudar. Na minha própria família tudo ia mudar. [...] Minha mãe eu sei que ela ia me expulsar de casa, mas ela ia viver infeliz. Eu ia procurar minha felicidade, mas eu ia acabar com a felicidade dela, entendeu? Era isso que iria acontecer. [...] . Então eu acho que iria ser muito, muito sofrimento. Eu não queria causar isso pra ninguém. E não ia ser só pra ela, ia ser pra todos. Ia ser uma vergonha pra igreja”.

Ambos, Charles e Jason, não queriam interferir politicamente em seus contextos sociais caso viessem a praticar seus desejos homoeróticos e / ou homoafetivos. Para eles, fazer este tipo de quebra e ruptura do *status quo* estava fora de questão ao menos época quando fizemos as primeiras entrevistas.

Ao ser perguntado como era sua rede de apoio social e como se sentia nela, Dimitri afirmou que tinha boas relações fraternas com outras pessoas e que não pretendia se abrir sobre seus desejos homoeróticos aos amigos por não querer arriscar causar um suposto afastamento a partir desta informação:

“Me questiono que caso, por ventura, eles soubessem, será que o sentimento seria o mesmo? Será que haveria rejeição? Será que haveria preconceito? Mas a gente continua aí na vida. Não sei se sabem, se não sabem. Muito provavelmente sabem ou outros não. Depende. Mas eu sempre tenho esse questionamento. E se soubessem: se eu falasse, será que mudaria alguma coisa? Mas também lógico que

eu não vou contar. Então acredito que eu tenha o mínimo pra preencher minhas necessidades sociais”.

2.8 A Ilegalidade do Ato, O Isolamento Social e A Luta por Sobrevivência

O único participante da pesquisa que morava num local em que era ilegal ter práticas homoeróticas era William por morar no Zimbábue. Ao me descrever sua situação, William dizia que teve que criar estratégias para se defender e proteger sua dignidade: *“Quando percebi o impacto da minha orientação na minha cultura, decidi lutar pela minha existência. Passei por dificuldades e dificuldades para ser o que sou. Eu tive que lutar contra o medo do meu contexto cultural”.*

Ao perguntá-lo sobre o que seria para ele essa luta por dignidade, ele respondeu que proteger sua dignidade tem a ver com lutar contra a tentação de ter outros desejos e outras performances que ele sente vontade.

“Sentia que a mulher em mim queria sentar e relaxar, passar horas no espelho, aplicar maquiagem e coisas do gênero. Eu queria ser agarrado por qualquer homem lá fora e ficar rico com ele. Mas tomei a decisão de que não preciso de um homem para ser sustentado. Eu me queria que eu mesmo me sustentasse. Comecei a andar 40 km por dia até a escola. Eu cultivaria o jardim e o campo. Cumprindo todos os deveres de um homem, cortando lenha para arrecadar dinheiro para a minha escola, andando no frio descalço porque eu queria construir minha vida”.

Da mesma forma, quando William diz *“passei por dificuldades para ser quem eu sou”* ele não quer, nesta fala, legitimar uma identidade homossexual, mas o oposto. William almeja ser visto como um homem adequado às normas de gênero de sua cultura, performando na sociedade com as práticas que os homens bem vistos e admirados por sua comunidade exercem nela. Ele demonstrava que queria se aproximar ao modelo de masculinidade hegemônica imposta naquela comunidade e que lutava para alcançar estes padrões, tanto nas relações de trabalho – buscando autossuficiência econômica – quanto nas relações amorosas – tendo começado a namorar uma mulher. Veremos adiante, no tópico sobre a presença e a ausência de

relacionamentos amorosos, que em certo momento William de fato começou a se relacionar com uma garota tanto para tentar transformar suas próprias atrações quanto para desviar questionamentos de sua família e de sua comunidade sobre a possibilidade de ele sentir desejos homoeróticos. Ele não escondia, entretanto, seu incômodo quanto a esta pressão social e quanto a este relacionamento indesejado.

Ao falar sobre quais eram as circunstâncias de onde vivia, William mostrava que além de ser um crime, uma performance não heteronormativa causaria a rejeição social, a privação de oportunidades de trabalho e impedimentos na integração social cotidiana em sua comunidade. Entre mensagens de questionamento sobre a origem da atração pelo mesmo sexo que englobavam suas crises existenciais, sua fé no cristianismo adventista e sua alegria por conseguir participar de uma comunidade, William descreveu quais eram suas circunstâncias em seu contexto cultural e como estava lidando com a situação naquele período de tempo. Num de nossos últimos contatos, William mostrou sua preocupação em relação a sua situação no Zimbábue, mas se utilizava de expressões de confiança para tentar sobreviver:

“Agora estou feliz porque tenho alguém com quem conversar como você; conheci um amigo, um cara com quem costumo conversar. Eu ainda estou dentro do armário. Ainda não conheci muitas pessoas, mas algumas com quem falo são a melhor família que eu posso ter. Mas é difícil mesmo no Zimbábue. Deixe-me ser honesto com você. Eu nunca tive um homem gay no meu quarto desde que comecei a me aceitar como sou. Eu nunca tive um homem gay, nunca dormi [com ninguém]... Só conversamos no WhatsApp, porque [é frequente] a inspeção microscópica das pessoas ao seu redor. Se as pessoas adivinham quem você é, eu corro o risco de perder meu emprego. Estou em risco de ser rejeitado por familiares e amigos. Estou em risco de viver isolado. Pode até ser uma coisa boa não se importar se eles não te amam, e dizer que não tem nada a ver com isso. Mas, no final das contas, você precisa reconhecer que não vive no vácuo, que vivemos em uma comunidade com ética, com amizade, com vínculos, com muitas coisas valoráveis além de nossa orientação sexual. Então é uma aposta de ganhar ou perder: o que você quer ganhar e o que você quer perder? Então, enquanto isso eu disse a mim mesmo, ‘eu acho que preciso ganhar [nos] meus relacionamentos, preciso ganhar [com] meus amigos, preciso ganhar [com] minha família’”.

2.9 O Propósito de Vida Na Religiosidade e No Trabalho Evangelístico

Como já descrito anteriormente, algumas pessoas entrevistadas eram muito atuantes em suas igrejas e comunidades religiosas. Em alguns casos esta atuação parecia preencher parcela significativa do sentido de vida dos participantes. Douglas, por exemplo, era alguém ativo em sua comunidade religiosa, trabalhando em sua igreja local e sendo convidado a dar seus testemunhos de superação da atração pelo mesmo sexo em diversos lugares do mundo. Para Douglas ter retornado à igreja deu-lhe um novo propósito para a existência, sendo que ato de viajar o mundo para testemunhar à outras pessoas sobre a transformação que Deus tinha feito em sua vida fazia parte deste sentido de vida. Numa de suas falas, Douglas me disse:

“Minha vida hoje é muito melhor. Eu nunca tive tanta alegria, paz e segurança. E eu sempre sonhei em viajar, mas nunca poderia pagar. E aqui estou eu no Brasil novamente. [...] Eu já estive em 47 países. E fui a todos esses países por conta do meu testemunho. [...] É como Deus diz, ‘Eu conheço os desejos do seu coração, eu quero realizar os desejos do seu coração, mas você precisa dar sua vida para mim’. E isso é algo que eu realmente provei. Minha vida hoje excede em muito o que eu tinha antes. Seu caminho é o melhor caminho. Quero dizer, posso testemunhar isso porque estive nos dois lados. E eu estava profundamente envolvido na cultura gay”.

Noutra passagem Douglas reitera um discurso que demonstra que para ele as práticas homoeróticas e homoafetivas não trouxeram a realização que ele encontrava em sua vida e em seu trabalho de testemunhar por todo o mundo:

“Eu amo minha vida hoje. Adoro viajar, adoro conhecer pessoas, onde quer que eu vá, conheço novas pessoas que deverão ser [minhas] amigas por toda a eternidade, e realmente gosto muito disso. Muito mais do que tudo que já fiz na vida gay. Não há comparação. E eu gostaria que os gays vissem e acreditassem nisso”.

Como Douglas, Evandro também fala sobre a realização pessoal em poder viajar e falar com outras pessoas sobre as coisas que Deus fez por ele. Logo nos primeiros momentos Evandro citou suas viagens:

“Eu faço muitas viagens atualmente e parece que este ano e possivelmente no próximo ano serão mais viagens internacionais do que viagens no meu país. Então é emocionante, sabe. O que eu percebo é que a situação [do tema da atração pelo mesmo sexo] é a mesma, não importa para onde eu vá, não é apenas um fato isolado para um país, é uma questão mundial, mesmo dentro do adventismo”.

A resposta positiva das pessoas ao ouvirem seu testemunho também o traziam uma sensação de realização com o ministério que fazia, o que reforçava a ideia de que estava no caminho correto:

“Há uma satisfação no trabalho que é realmente emocionante, sabe, especialmente quando você conversa com as pessoas e elas ressoam com o que compartilhamos com elas, e isso lhes dá esperança. Deixa eu te contar: eu estava na praia há dois dias com um senhor, ele é casado e tem filhos [...] e ele realmente queria a vitória sobre seu vício em pornografia. E você sabe o que é tão incrível? Enquanto conversávamos e eu compartilhava algumas das coisas que Deus fez por mim, o cara começou a chorar... o cara estava chorando porque reconheceu que havia esperança para ele. Ele achava que estava preso em seu vício [...] em pornografia e que era uma decepção para sua família e sua esposa. E você sabe de uma coisa? A praia é o melhor escritório que poderia imaginar para ajudar esse irmão a perceber que há esperança em Jesus Cristo. E ele está começando essa jornada. E é por isso que eu faço. É por isso. É incrível que Deus usaria um pedaço de lixo miserável como eu para poder ajudar alguém a encontrar paz e vitória em sua vida”.

É importante notar que quando Evandro utiliza as palavras “um pedaço de lixo miserável” para falar sobre si e sobre como Deus pode utilizá-lo para ajudar uma pessoa a encontrar a paz, ele também reforça a ideia de que não há nada de bom no sujeito, vindo do próprio sujeito, para a manutenção de uma vida com propósito, sendo necessária, para o alcance deste propósito, sua completa subordinação à Deus e às normas divinas. Na entrevista, Evandro se sentia motivado porque acreditava que ele

estava encaminhando as pessoas para o reino dos céus. Ele percebia que pelo seu trabalho, mais pessoas poderão estar no paraíso, o que gerava em si uma sensação gratificante. Evandro dizia que não era fácil fazer o que ele fazia, sendo muito cansativo viver viajando para dar seus testemunhos, mas que ainda assim valia a pena.

“Mesmo os aspectos ruins do que fazemos agora, diariamente, ainda são toleráveis porque sei que, em última análise, o que estou fazendo é o que Deus me deu para fazer. E agora é isso que ele está me dando para fazer, e quando a porta se fechar [...] ou se ele me colocar na cadeia, ou seja lá o que for, será a coisa certa. Será da mão dele. E eu posso confiar nisso”.

Além de Douglas e Evandro, outros entrevistados também diziam que davam estudos bíblicos para as pessoas, como Jack e Lúcio. Lúcio dizia que tinha trazido pessoas com atrações homoeróticas à igreja por conta de seus estudos bíblicos e que sentia neste trabalho uma maravilha feita por Deus na sua vida:

“Hoje eu tenho pregado o evangelho fora; [...] eu tenho uma amiga que era lésbica, [e agora está] batizada, eu tenho uma outra amiga que era lésbica e que a namorada abandonou porque ela aceitou fazer o estudo comigo, aceitou a mensagem. Eu tenho uma outra amiga que era lésbica e que morava junto, que a mulher abandonou porque ela começou a estudar a bíblia e hoje é batizada e é diretora da escola sabatina. Então assim, Deus faz maravilhas e ele tira, ele limpa. [...] E essa vivência hoje me traz muita alegria. [...] Hoje eu saio muito. Eu saio pra dar palestra, eu canto fora, eu prego, sou uma pessoa totalmente diferente da timidez que eu era antes. [...] Mas eu tenho uma experiência de entender o milagre de Deus na minha vida em todos os sentidos. Eu falo que Deus agiu na minha vida em todos os... em tudo. E eu sou uma pessoa que eu vou dar testemunho desse feito de Deus na minha vida até quando eu puder. Porque é maravilhoso”.

Entretanto, com Pedro as conversas tinham um tom levemente diferente quanto a como o trabalho evangelístico o fazia não praticar seus desejos homoeróticos. Segundo ele mesmo que ainda percebesse um conflito entre seu trabalho institucional como ancião da igreja e suas atrações por pessoas do mesmo

sexo, tinha outras concepções que não apontavam a homoafetividade como algo pecaminoso. Pedro não tinha exposto publicamente seus desejos homoeróticos para os membros da igreja, mas não condenava objetivamente as práticas homoeróticas e homoafetivas nem fazia viagens evangelísticas com o intuito admoestar os membros da igreja Adventista sobre esta prática, como Douglas e Evandro faziam.

Por outro lado, ele dizia que seu cargo na igreja era algo muito importante para sua vida e que, já que era impossível ter esta função eclesiástica e realizar suas vontades eróticas, canalizava sua energia sexual para dar amor, conforto e acolhimento aos membros da igreja. Pedro falava que não praticava seus desejos homoeróticos pelo bem comum, mas que trabalhava para que as pessoas se aceitassem completamente, sentindo a paz que ele sentiu ao perceber que Deus acolhe e aceita a todas as pessoas como elas são. Ele dizia também que sua vocação era fazer coisas boas para os outros e mostrá-los que ninguém é perfeito, mas que mesmo sem tal perfeição, ainda são aceitos por Deus.

Pedro não entrava num embate institucional nem gerava conflitos voltados a como o trabalho que exercia na igreja a qual servia o impedia de fazer aquilo que ele almejava fazer – algo que nem ele via como pecaminoso. Ele permanecia em silêncio para não perder uma função que para si fazia muito sentido. A realização do trabalho na igreja o impedia de se realizar sexualmente e afetivamente com outro homem.

3. COMO É A VIDA DE “ABNEGAÇÃO” E DE RESISTÊNCIA ÀS PRÁTICAS HOMOERÓTICAS?

Após descritas algumas razões pelas quais os participantes justificavam a decisão de não terem ações homoeróticas e homoafetivas, discutiremos os relatos dos participantes sobre a percepção que eles e elas têm ao passarem pela situação de sentirem atrações pelo mesmo sexo. Este era o pontapé inicial de onde se desenvolvia toda a conversa com os entrevistados e geralmente ocorria após o momento que eu apresentava a pesquisa e fornecia às pessoas que participavam da investigação as informações éticas e metodológicas que davam base para este estudo. As respostas à pergunta “como tem sido passar pela situação de ter desejos

homoeróticos e não os praticar?” geraram alguns temas sobre o contexto e as implicações da abnegação que serão apresentados adiante.

3.1 Entre A Cruz e O Desejo

Durante as entrevistas, alguns dos participantes demonstraram estar num conflito entre suas crenças religiosas e suas vontades de exercer desejos sexuais e afetivos por pessoas do mesmo sexo, enquanto outros já não se encontravam em conflito naquele momento, ainda que já tivessem passado por ele anteriormente.

A angústia que algumas pessoas adeptas da religião sentem, gerada pela percepção de fortes desejos afetivos e sexuais que brotam espontaneamente em si e que se repelem às normas de sua igreja – e por vezes de sua sociedade – não foi um fenômeno raro de se escutar em meus encontros. “*Dissonância cognitiva*” era a expressão que Rute utilizava para explicar essa situação de acreditar numa coisa e ao mesmo tempo estar numa posição que se distancia desta crença. Para Rute – como para Charles –, nascer numa família religiosa era um fator que predispunha o surgimento de sofrimento existencial na pessoa que tinha atrações homoeróticas.

Ao fazer uma retrospectiva de sua trajetória de vida até aquele momento, Rute afirmava acreditar que poucas pessoas se empenhavam intensamente em tentar ser o que Deus – e a sociedade – queria que elas fossem. Ela complementava esta fala dizendo que se uma pessoa não vinha de um ambiente religioso, de um ambiente comprometido com a “verdade”, ela talvez não vivenciasse esse conflito, essa luta, de forma tão intensa como alguém que tem uma experiência num contexto de fé.

A questão da “verdade”, palavra verbalizada nas falas de Rute ao descrever a crença religiosa, é fundamental na análise deste contexto por uma perspectiva Foucaultiana. Ao discorrer sobre o desenvolvimento das tecnologias de si e as diferenças entre as técnicas de si da antiguidade greco-romana e as técnicas de si da espiritualidade cristã, Foucault (2004) discorre sobre como para o cristianismo o termo “verdade” expressa tanto as verdades absolutas a serem obedecidas – as normas, os dogmas, os cânones – quanto a verdade da pessoa – de si –, a verdade de dentro de si, a verdade sobre si, que revela a “verdadeira essência pecadora contida no pecador” (p. 353).

Por exemplo, por um lado, considera-se a norma religiosa sobre a vida humana – que inclui questões relacionadas à sexualidade – como detentora da verdade absoluta sobre a melhor forma de se comportar para o alcance da santidade e da salvação. Não se abre, aí, espaço para dialogar sobre outras práticas sexuais que estejam fora dessa norma religiosa como componentes da verdade absoluta. Por outro lado, considera-se a atração homoerótica surgida no pensamento da pessoa e em suas experiências sensoriais como a verdade sobre si presente em sua essência, a verdade da pecaminosidade encontrada dentro do ser, inerente à existência humana.

Pelo lado da instituição, existe um discurso de verdade ideológica/religiosa/espiritual e, pelo lado dos pensamentos desejantes e da experiência sensorial do sujeito, existe a verdade de si no corpo/nas representações/nos sentidos que é pecaminosa. Daí, pela lógica cristã, se faz necessária a revelação pela confissão destas verdades de si, seguida de renúncia da vontade própria e da renúncia de si para a salvação eterna. Olhar para si mesmo e perceber os desejos homoeróticos faz com que se obtenha o “conhecimento de si”, que expõe que a verdade sobre o ser é perversa e pecaminosa por se atrair por uma pessoa do mesmo sexo.

Foucault (2004) diz que na cultura da antiguidade greco-romana tardia, a obrigação de conhecer a si mesmo estava em função do “cuidado de si”, enquanto que na cultura cristã “o conhecimento de si” obscureceu o “cuidado de si” ao trazer em sua tradição uma moralidade que vê no “si mesmo” algo ruim, negativo, pejorativo. A renúncia de si se torna, portanto, condição para a salvação. “Conhecer a si mesmo era paradoxalmente o caminho para a renúncia de si” (p. 328).

Por isso, para o cristão o conflito se dá entre a luta da verdade absoluta e imaculada contra a verdade de si, pecaminosa e que deve ser renunciada. Era sobre isso que Jack falava ao descrever, durante a entrevista com ele, sua dificuldade em renunciar a “verdade de si”, mesmo após estar convencido sobre esta necessidade de abnegação dos desejos homoeróticos:

“Algumas vezes eu ainda participei de sexo, no começo, com pessoas do mesmo sexo mesmo sabendo que eu não queria mais, entendeu? Pela dificuldade de deixar pra trás algo que realmente faz sentido pra mim. Ter sexo com homem faz

sentido pra mim porque é o natural pra mim. É o meu natural. Agora é certo, pelo que eu pratico, pelo que eu faço? Não é, não acredito que é certo. Mas é natural pra mim”.

Edson dizia em seu discurso que era por conta deste sofrimento que iniciativas como o “Ministério Perseverar em Cristo” eram formadas: para “amenizar” a dor desta renúncia; para servirem de alívio, de analgésico, de anestésico existencial àquelas pessoas que estavam no caminho da suposta santidade sexual e que tinham que lidar e conviver com a angústia de rejeitar as atrações – percebendo-as como pecaminosas – e de interromper as práticas homoeróticas. Ao dialogar com Jack, ele também contou que fazia um trabalho similar a este, de apoio a pessoas com atrações pelo mesmo sexo em sua igreja, ao notar um grande número pessoas com estas atrações e entender que eles também passavam pelas mesmas aflições que ele já havia passado.

“Eu não rejeito as pessoas por serem homossexuais. Na verdade, eu ajudo, porque tem pessoas na minha igreja também que são homossexuais. [...] E todos passando pelo mesmo processo de desespero de vez em quando, de cair de vez em quando, de... entendeu? É aquela briga entre o que eu quero, o que eu acho que é certo, ou o que eu determino o que é certo. Entendeu? Essa briga, esse conflito tremendo”.

Eram diversas as maneiras pelas quais os participantes descreviam passar por esta situação. Alguns deles afirmavam que se sentiam felizes e realizados por, após as experiências conflituosas, terem escolhido não praticar ações eróticas ou afetivas com pessoas do mesmo sexo, encontrando conformidade com a crença religiosa e sentido de vida ao obedecerem aos preceitos divinos. Já outros participantes se diziam angustiados e aflitos por conta da impossibilidade de suprirem as necessidades levantadas pelos seus desejos.

Outra situação que demonstra esse fato aconteceu na entrevista com Pedro. Ao me contar sobre sua história, ele descreveu um passado de angústia muito intensa por conta de seus conflitos existenciais. Num determinado momento da conversa, disse que não mais sofria por conta de suas atrações homoeróticas por ter conseguido ressignificar suas percepções sobre si, sobre Deus e sobre o mundo após ter passado por um processo de psicoterapia. Após estas consultas psicológicas, Pedro dizia que

já não pensava que era um imoral nem mais considerava desejos homoeróticos como ruins e pecaminosos. Todavia, como abordado no capítulo anterior, este fato não incentivava o rapaz a colocar em prática suas atrações sexuais por conta de uma insegurança quanto ao futuro e quanto a mudanças em seu cotidiano no cargo que tinha na igreja caso fizesse tal decisão. Pedro se encontrava entre a cruz e o desejo quando dizia que algumas vezes tinha vontade de largar tudo e ir viver com o homem que amava, mas ao mesmo tempo não queria perder sua função eclesiástica.

“Não sei não... tá muito complicado na minha cabeça ainda essa situação. [...] Na minha experiência, eu viver isso com ele, seria muito complicado. Porque eu acredito que ele gosta [de mim] também, entendeu? [...] Mas eu não sei como seria a sobrevivência, entendeu? Eu acho que esse é meu grande problema hoje. Porque eu vou dizer uma coisa, de verdade. A minha vontade hoje era sair daqui e ir embora pra lá agora”.

Nos próximos tópicos, será possível observar como as tensões entre as verdades da cosmovisão cristã descritas por Foucault (2004) se desenvolviam na vida dos participantes.

3.2 Alegria, Prazer, Bem-Estar, Realização e Paz na “Abnegação”

Neste tópico, veremos que não foi em todas as narrativas de vida contadas pelos participantes que a angústia apareceu como sentimento primordial ou prevalente.

Sensações como as descritas no título deste tópico faziam parte do questionamento que gerou esta investigação: ao observar algumas pessoas testemunhando senti-las por decidirem não praticar suas atrações sexuais pelo mesmo sexo, resolvemos nos debruçar sobre o tema da “abnegação” das práticas homoeróticas para ouvir mais de perto o que um grupo de pessoas que faziam este movimento falava sobre isso. E, de fato, alguns dos participantes – não todos – apresentavam este discurso que é, também, um questionamento a um conceito generalizante de saúde sexual humana implicado na ideia do alcance do bem-estar

baseado necessariamente na realização de ações que satisfaçam os desejos eróticos surgidos na humanidade.

Douglas, por exemplo, afirmou que sua vida havia se tornado muito melhor após parar com as práticas homoeróticas e com os relacionamentos afetivos com outros homens:

“Minha vida, desde que aceitei a Jesus, supera em muito o que eu tinha na vida gay. [...] Na vida gay, eu me diverti muito, tive muita emoção, muito sexo, muita autossatisfação, mas o que estava perdendo? Não tinha paz, não tinha garantia de vida após a morte, não tinha alegria, estava no limite, [sofrendo] alto risco de problemas de saúde, porque eu nunca pratiquei sexo seguro”.

Evandro também falava sobre esta “paz” que sentiu depois que escolheu viver de acordo com os preceitos cristãos. Ele dizia que se percebesse que sua vida era pior dentro da igreja, seguindo os conselhos religiosos sobre santidade sexual, ele com certeza não mais a frequentaria. Para ele o caminho de Deus precisa ser melhor que o caminho “do mundo” para que continue acreditando e, por perceber tal feito, ele se mantinha nesta jornada de santidade sexual. Noutra passagem, explicou que sua felicidade vinha do preenchimento do vazio existencial que sentia não pelo amor de outro homem ou pelo sexo, mas pelo amor de Cristo.

“E quando comecei a experimentar isso, foi como essa paz, essa alegria, essa vitória que comecei a ganhar e comecei a receber o amor de Deus na íntegra. Mas é claro que eu não teria experimentado isso se não tivesse tomado a decisão de andar com Deus e permitir que ele trabalhasse em minha vida. [...] Eu acredito que se Deus pode fazer isso por mim, ele pode fazer por qualquer pessoa. Se você quer essa paz, ele pode fornecê-la, ele promete. Se alguém não está experimentando essa paz, eu diria a eles que reivindicuem a palavra de Deus, porque em sua palavra ele disse: ‘Grande paz tem aqueles que amam a tua lei e nada os ofenderá. Vou mantê-los em perfeita paz, se apenas sua mente estiver em mim’”.

De acordo com Evandro, algumas pessoas podem até mesmo ter dificuldade em perceber esta paz e que para senti-la pode-se levar um processo longo e complementou seu discurso afirmando que os seres humanos têm o direito de

reivindicar tal paz a Deus e de responsabilizá-lo, porque como ele disse que oferece tal paz, ele deve fornecê-la:

“Ele fez isso por mim. Não sou especial, não sou excepcional. Eu me considero num nível muito baixo quando se trata de cristianismo, porque sou uma pessoa bastante simples, então, Josué, novamente, é algo que Deus prometeu, não eu. Não prometo isso a outras pessoas. Estou usando a palavra de Deus para prometer isso a outras pessoas. Portanto, não é algo que eu dou, e não é algo que eu dei para mim mesmo. É algo que Deus me deu. E, novamente, tem a ver com a palavra dele”.

Paz era uma palavra constante nos relatos de realização na abnegação, como visto no relato de Evandro. Jack também a utilizava ao falar que se considerava muito feliz por decidir pela renúncia homoerótica em função de estar no céu e viver a eternidade. Como no discurso de Douglas, era a certeza de viver no paraíso para sempre por ter obedecido os preceitos divinos, inclusive sobre a sexualidade, que o trazia a paz.

Rute também utilizava da palavra paz para falar sobre o sentimento que tinha surgido nela ao escolher se ligar à Jesus, ao decidir não praticar seus desejos homoeróticos e ao finalmente perceber que não mais sentia atrações afetivas e sexuais por pessoas do mesmo sexo. Segundo ela, não há como ter completa paz e felicidade sem estar próximo à santidade cristã, e a sensação que ela tinha ao pôr em prática suas atrações era uma paz e um alívio ilusórios e que alegria, paz e inteireza existencial ela nunca havia tido antes de se entregar completamente a Cristo. Na data de nossa entrevista, Rute dizia que mesmo se não tivesse o marido nem a família que tinha, ainda assim estaria feliz e em paz.

“A antes eu localizava a minha felicidade no meu relacionamento com os pais ou com amigos, e para mim mesmo no atletismo eu encontrava felicidade e contentamento. Mas se tudo fosse tirado de mim, incluindo meu marido, eu ainda teria alegria e felicidade. E eu nunca estive num lugar como este antes. Quero dizer, acho que você provavelmente já ouviu as pessoas dizerem, sabe, antes a grama era mais verde e o céu era mais azul. Quer dizer, é como se eu realmente respirasse na vida.

Foi como uma experiência que realmente não posso transmitir. Então, eu realmente gostaria que houvesse uma maneira de expressá-la completamente”.

Os discursos de Jeremias também apontavam para um sentimento de realização existencial por decidir se abster de práticas homoeróticas. Num dado momento da conversa, eu lhe perguntei se alguma vez havia se questionado quanto à “abnegação homoerótica” e à abordagem dos autores que ele lia – especialmente a Joseph Nicolosi (1991). Jeremias respondeu que já tinha feito tal interrogação, entretanto adicionou que quando viu correspondências dos escritos deste autor em sua vida e quando percebeu resultados considerados por ele como positivos acontecendo em sua vida, acreditou cada vez mais nas teorias daquele psicólogo. Jeremias também disse que conhecia várias pessoas que antes sentiam atrações por pessoas do mesmo sexo e que, ao fazerem uma elaboração mental na mesma abordagem daquele psicólogo, desenvolveram atrações eróticas e afetivas pelo sexo oposto – fato que lhe gerava confiança e crença na validade da abordagem. De acordo com este participante, ter compreendido o que se passava com ele a partir desta teoria – que a atração pelo mesmo sexo era um sintoma de um trauma emocional – fez com que ele se sentisse aliviado e feliz a ponto de querer testemunhar sobre sua experiência:

“Quero que as pessoas consigam entender o que elas sentem, que elas tenham a oportunidade e chance de entender o porquê do sofrimento delas e tenham ferramentas para trabalhar isso, que eu não tive na época [dos meus primeiros conflitos sexuais], entendeu? E eu percebo o alívio que isso traz pra muitas pessoas. Então é levar isso. [...] Então o que me motiva é levar isso pras pessoas. Algo que eu creio, que me fez muito bem, compartilhar com outras pessoas. [...] Na minha visão hoje, eu percebo que é desinteressado, que é levar pra outros aquilo que eu não tive na época. O susto, o medo, o pavor que eu senti na época da minha adolescência na minha igreja, não ter resposta, eu quero muito que as pessoas tenham o direito de ter essa resposta. De entender o que está acontecendo com elas”.

Sob a perspectiva de Michel Foucault acerca das relações entre saber e poder, o autor explica que quando, num determinado contexto, constrói-se a crença de que há um profissional capacitado para avaliar o outro, que há um profissional

capacitado para dizer ao outro o que ele é, que há um profissional capacitado para falar ao outro o que ele tem, que há um profissional capacitado para supostamente saber mais sobre a pessoa do que ela mesma, cria-se a sensação de que se deve delegar a este outro o poder sobre si, o controle de si, já que este outro é mais sabedor, mais entendedor. O conhecimento gera, portanto, poder. O outro, então, mais conhecedor do sujeito do que ele mesmo, irá conduzi-lo, irá informa-lo, irá explicar a ele quem se é, o que tem e o que se deve fazer. E é, portanto, este o contexto que promove constituições de subjetividades assujeitadas, que necessitam do saber do outro, da fala do outro, para conhecerem a si mesmas e para conduzirem suas vidas a partir da orientação deste outro. Não é de se surpreender que este contexto, portanto, promova em alguns sujeitos, como aconteceu com Jeremias, a sensação de alívio ao receberem uma informação de um profissional sobre o porquê do surgimento de atrações homoeróticas e homoafetivas ao estarem num ambiente em que tais práticas são condenadas.

Durante a entrevista com Jeremias, percebia que esse alívio vinha acompanhado por um discurso de gratidão pelo bem-estar que sentiu ao entender, através da leitura dos textos de Nicolosi (1991), que ele não tinha nascido com atrações homoeróticas e que tais desejos não eram essencialmente dele, que não vinham dele e que ele não tinha culpa de estar tendo aquelas atrações. Percebi que Jeremias, ao fazer testemunhos sobre suas descobertas nas igrejas, estava passando adiante as “boas novas” que tinha encontrado, que estava espalhando a notícia que ele julgava como boa pelo fato de ela poder gerar em outras pessoas um conforto que ele não encontrou no passado em sua igreja por sua falta de conhecimento sobre o tema. De acordo com ele, a consequência mais importante destas informações era a de causar nas pessoas uma melhoria na autoestima ao entenderem que Deus as amava independentemente de suas atrações sexuais:

“E essa alegria, quando a pessoa percebe, quando ela entende o que está acontecendo com ela, que ela não nasceu desse jeito, que ela tem oportunidade de ser aceita... mesmo que ela não queira trabalhar nada, mas que ela entenda que ela é amada por Deus, isso que eu acho o mais importante. Que ela não queira trabalhar nada, mas que ela perceba que ela não é. De repente se ela acreditou num discurso errado na igreja, de que ela vai queimar no inferno, que isso não existe. Que ela é

aceita por Deus. Que Deus a ama independente do que ela sente. Isso é o principal, percebe?”.

Jeremias aprendeu que ninguém é homossexual, que esta identidade não existe e que Deus amava a todos incondicionalmente, independentemente das atrações sentidas. Perguntei, então, a Jeremias como ele considerava as ideias retiradas de textos bíblicos de que pessoas com práticas homoeróticas tem ações “abomináveis” e de que elas “não entrarão no reino dos céus”. Jeremias dizia que há que se considerar o contexto destes textos bíblicos e que na verdade, com estas passagens, Deus quer proteger os seres humanos das coisas ruins provenientes das relações homoeróticas e homoafetivas. Jeremias não negava que tais práticas limitariam as pessoas de alcançar a salvação – o que gera o questionamento se este amor é tão incondicional assim –, entretanto ele dizia que muitas vezes tal discurso era recortado e utilizado por algumas pessoas para convenientemente excluir um grupo específico – pessoas que têm atrações homoeróticas:

“Quando você vê o contexto, você vê que um monte de coisa é abominável. Quando você pega o novo testamento você vê que o que é mais abominável pra Deus, que Jesus falou várias vezes, no velho testamento ele também fala isso muitas vezes, e essa ficha caiu sozinha pra mim, não li nenhum autor, eu fui percebendo, que é super abominável pra ele é você não cuidar dos órfãos, não cuidar da viúva, daquele que está precisando. Então minha visão de Deus mudou muito também. Muitas coisas são abomináveis pra ele, então é isso que a gente trabalha no [“Ministério Perseverar em Cristo”]. Mostrando que [a pessoa] não é abominável, Deus nos ama. Agora por que que ele desaconselha o casamento homossexual? Não é porque a pessoa é abominável. Mas é porque ele sabe que isso não vai fazer bem pra a gente. É um conselho que ele dá pra nós. [...] Muitos casais são muito inconstantes, tem muitos problemas. Não estou dizendo que os heterossexuais não têm, mas a instabilidade, uma série de coisas que acontecem, as neuroses que acontecem nesses casais homossexuais, então nós entendemos que de antemão, ele [Deus] já mostra pra nós o que vai acontecer. Acaba sendo um conselho que ele tá dando pra nós pra que a gente siga. Pra que a gente não se machuque. Então o ato de proibição dele acaba sendo a opinião de alguém que nos criou, que sabe o que é melhor pra nós. Mas a gente tenta desconstruir também porque é um discurso que algumas pessoas pegam

da igreja pra poder excluir. ‘Olha, é abominável, você vai queimar no fogo do inferno’, só que ela esquece que lá fala que o mentiroso também vai, que quem não trata bem pai e mãe também vai, que quem não cuida de órfão, de viúva, também vai, então alguns recortes são convenientes pra alguns grupos”.

Similar à fala de Jeremias era a fala de William com relação a este suposto amor incondicional. Em uma de nossas conversas por mensagens de texto, William me dizia que saber que Jesus o amava incondicionalmente era motivo de agradecimento: *“eu percebi que Jesus me ama. Percebi que Jesus me ama a despeito de como o mundo me olha. Eu vivo porque Jesus me amou. [...] Ele é um Deus amoroso. [...] Aprecio o que Cristo fez por mim. Ele não me abandonou”.*

Este agradecimento, no entanto, pode assumir outra conotação na fala de William ao considerarmos sua situação cultural. Não podemos deixar de associar seu discurso com seu cotidiano no Zimbábue. As proibições homoafetivas, além de produzirem sofrimento, geravam em William um incentivo a se ater a elas tanto por saber que uma entidade espiritual o ama, que não o abandona, que quer salvá-lo e levá-lo para um paraíso, quanto para se proteger da exclusão do Estado. Acreditar nesta mensagem também o livrava de perseguições e aprisionamentos. A crença seria, ao mesmo tempo um gerador de sofrimento e um “fator de proteção” para se esquivar de ameaças estatais à sua integridade física. A crença que o salva é, ao mesmo tempo, a que o persegue já que subsidia, ainda que não diretamente, o entendimento do exercício homoerótico como ilegalidade civil por sustentar que, espiritualmente, esta prática seja um comportamento inadequado, um pecado, uma abominação.

Salvo – espiritualmente e socialmente – por sua abnegação, William usa a expressão *“orgulhoso de minha virgindade como um velho homem de 31 anos”* para mostrar que por ele também passam sensações positivas em sua situação, além das negativas que veremos nos tópicos a seguir.

Outra expressão de felicidade por ter feito escolhas de abnegação de desejos homoeróticos e por perceber que seu modo de vida a levará para o céu vem da entrevista com Andrea. Numa de suas cartas direcionadas a mim ela escrevia: *“hoje estou bem e feliz. As feridas que foram feitas já são cicatrizes. Não doem mais. Perdoei quem me feriu no passado e hoje estou em paz com Deus. Deus está no controle e lá na eternidade, vou abraça-Lo e dizer: Valeu a pena!”.*

Outras pessoas que similarmente diziam que se sentiam felizes foram Silas, Oliver e Lúcio. Os dois primeiros eram um pouco mais moderados em suas respostas, considerando a palavra felicidade de forma mais elaborada, dizendo que a vida era evidentemente cheia de momentos altos e baixos e que a felicidade existencial também continha momentos desagradáveis.

Lúcio já utilizava palavras mais exuberantes para falar sobre seus sentimentos. Segundo ele, as práticas homoeróticas não trazem felicidade total e plena e uma pessoa somente a alcançará através da espiritualidade. Ele dizia na data da entrevista que sua vida na atualidade era muito melhor do que antes, e que em 2 anos recuperou inteiramente os anos anteriores de sua vida:

“Hoje é maravilhoso me reconhecer como ser humano, como um ser criado por Deus. Me sentir eu mesmo. Hoje quando eu me olho no espelho eu me enxergo [...]. Então hoje eu me sinto feliz. Hoje eu me encontrei como ser humano”.

Dizer, entretanto, que não houve relatos de participantes que continham pesar, angústia, tristeza e aflição seria uma grande mentira. Muitas vezes, as próprias pessoas que se diziam satisfeitas com suas vidas nos momentos das entrevistas também confessavam que existiam momentos ruins e difíceis nas mesmas conversas, ou em interações posteriores. Foi o que Evandro disse ao findar de nossa entrevista; depois de lhe dizer que nem todas as pessoas se diziam plenas e preenchidas como ele, e que seu depoimento seria de grande contribuição para a pesquisa, ele respondeu: *Mas sabe, Josué, às vezes há dias em que eu provavelmente não seja tão feliz, sabe? Há dias em que é realmente difícil, sabe?”.*

É sobre essas dificuldades presentes em mais outros discursos dos participantes que trataremos neste próximo tópico.

3.3 Angústia, Ansiedade, Abandono, Solidão, Depressão, Confusão e Cansaço na Abnegação

Os depoimentos dos sofrimentos apareciam mais nas entrevistas de alguns participantes do que nas de outros, ainda que todos, de alguma maneira, confirmassem que passaram por uma batalha e por um sofrimento ao lidarem com os conflitos entre suas atrações por pessoas do mesmo sexo e os ensinamentos religiosos. Douglas, Jeremias, Andrea, Silas, Rute, Oliver, Jack, Lucio, Hugo, Pedro e Evandro não citaram em seus discursos momentos de sofrimento frequentes e presentes causados por esta situação, na época de nossas interações. Já Charles, Jason, Dimitri e William demonstravam em seus discursos que tal sensação era presente com alguma frequência.

Douglas, por exemplo, afirmou ter sido muito difícil passar pela mudança de hábitos logo no começo da trajetória de abnegação, depois que se ele converteu à religião. Entretanto, no restante da entrevista ele falava muito mais da alegria, da realização, do preenchimento e de como se sentia pleno naquela posição – o que também aconteceu nas entrevistas de Rute e Evandro.

Jack também dizia que em sua juventude o questionamento do amor de Deus surgia nele perante a angústia que ele passava ao viver este conflito, mas na época de nossa entrevista ele justificava que este conflito já não existia mais por entender que as atrações homoeróticas e homoafetivas foram consequência do pecado da humanidade que causou transformações em sua natureza.

“Nossa criação, [...] como a religião mais tradicional, ela cria em nós um conflito que me trazia como adolescente, principalmente como adolescente, o sentimento de, se Deus me ama, pra que ele me criou assim? Pra me rejeitar? Esse foi sempre o meu, a minha briga com Deus. [...] Mas hoje eu entendo que] Deus não produziu isso, o pecado produziu isso. As transformações genéticas não morreram. Depois do [surgimento do] pecado que [se] produziu isso. Então não tem nada a ver com Deus”.

Similarmente, Lúcio me contou em nossa entrevista que em sua juventude, quando ia dormir, chorava e orava, pedindo a Deus que tirassem dele seus desejos homoeróticos. Entretanto, Lúcio dizia que naquele momento de sua vida, não mais sofria por conta deste conflito.

“Minhas noites eram depressivas, angustiosas, eram às vezes vontade de tirar a própria vida, era às vezes uma angústia tão grande porque, com a base bíblica que eu tinha, eu tinha certeza que Deus não havia me criado para esse estilo de vida. [...] Hoje, dentro de mim, eu agradeço a Deus todos os dias, porque verdadeiramente ele fez o impossível. Eu nunca acreditei que eu pudesse, ou que alguém pudesse ser liberto do homossexualismo”.

Outros testemunhos, entretanto, eram mais carregados de angústia. Em vários momentos da conversa com Charles, por exemplo, ele teve que interromper seu discurso para controlar o choro, ou mesmo para limpar as lágrimas e soluçar. Foi a conversa mais emotiva desta pesquisa. Ainda que Charles fosse acompanhado pelo “Ministério Perseverar em Cristo”, ele confessou que muitas vezes não via sentido em algumas das afirmações dadas. Num momento da entrevista, ele falou da solidão que sentia e a dificuldade que era fazer esse movimento de conter seus desejos:

“É assim que eu tô tentando viver agora. Tentando evitar, mas é uma luta todos os dias. Você se sente mal a maior parte do seu dia às vezes. As pessoas não sabem o que está passando com você, mas você tem que mostrar que você tá bem, que você tá sorrindo e tudo isso. [...] Também achei que era uma fase, mas não é. E eu acho que não vai passar [Pausa e chora]”.

Charles sentia que era muito difícil fazer mudanças com relação a suas atrações homoeróticas em seu cotidiano e se sentia angustiado por estar sempre se vigiando e policiando para que não fosse muito fundo nos pensamentos e corresse o risco de cair na tentação de colocar seus desejos em prática: *“É angustiante. É muito angustiante porque você é completamente ir contra a sua vontade, contra o seu eu. Você lutar uma luta muito forte. Parece que é lutando contra você mesmo. Então é difícil”.*

Para Charles, a filosofia religiosa “pastoral”, da constante renúncia de si mesmo – como amplamente descrito em Foucault (2004) –, era um peso muito grande para ele carregar, o que o levava a perguntar se Deus podia ser tão ruim ao fazer com que suas criaturas não pudessem ser o que gostariam de ser na terra.

“Será se lá no céu não vai existir nenhum homossexual que acreditava em Deus, amava ele, mas só a prática era diferente? Tipo não deixou a homossexualidade? Às vezes eu penso em muitas coisas, sabe? Até mesmo da existência de Deus. Já tive muitas crises por eu já ter pedido a cura muitas vezes e... e nada. Mas essas pessoas [que dizem ter desenvolvido desejos heterossexuais] já foram curadas. Mas eu que tô sofrendo... Será se Jesus gosta de ver meu sofrimento do jeito que eu tô vivendo? Que, como ele é um pai, e ele me criou, ele não deveria pedir pra fazer algo que talvez eu não consiga. Pedir pra fazer algo que é muito doloroso e vai causar muito sofrimento. Se eu fosse pai, eu não iria querer ver meu filho triste, igual a minha mãe, que não me ajudou e prefere me ver triste na igreja do que feliz fora dela”.

Além da angústia relatada pela necessidade de “abnegar-se” de seus sentimentos por pessoas do mesmo sexo, Charles também dizia que se sentia sozinho na batalha e que ninguém se importava com sua dor. Ao falar sobre como sua mãe não o escutou nem o acolheu, contou ter sentido extrema falta de cuidado e de importância das outras pessoas para com ele, como se ninguém, nem sua própria mãe, o considerasse. Desta maneira Charles somente compartilhava com as pessoas que o acompanhavam no ministério sobre este aspecto de sua vida.

O discurso de Charles não era ausente de vontade de seguir o que a Igreja Adventista do Sétimo Dia pregava como sendo a vontade de Deus para seus seguidores. Na verdade, era esta questão que o deixava mais aflito. Em suas falas, ele se utilizava das expressões “eu queria fazer o que é certo”, “eu queria ter uma vida normal”, “eu queria ter relações sexuais normais”, “eu queria que tudo fosse diferente” para demonstrar como era difícil para ele seguir tais preceitos e como se sentia culpado em, por vezes, não conseguir fazê-lo. Em diversos momentos Charles expressava seu sofrimento por estar em meio a uma guerra desleal entre suas atrações, representações e condutas voltadas ao mesmo sexo, os discursos de verdade da igreja e os tipos de normatividade demandadas pela sociedade e religião. Num determinado momento, Charles me confidenciou que queria que existisse uma alternativa para solucionar tal conflito, mas que como ele não conhecia outra perspectiva e tinha vivido com tal ideologia a vida inteira, tal perspectiva se tornava uma verdade, ainda que ele conseguisse questioná-la. Esta questão já foi considerada no capítulo dos tensionamentos nos encontros quando lidarmos com o aumento das

alternativas de modos de vida pela possibilidade da confrontação de paradigmas a partir do contato com outras ideias e da visualização de novos pontos de vista.

Charles também percebia que era diferente de algumas outras pessoas que “abnegavam” de suas atrações pelo mesmo sexo por perceber que simplesmente não conseguia abster-se de seus desejos como elas. Ao me contar sobre uma conversa que teve com outra pessoa que também tinha atrações pelo mesmo sexo, mas que não tinha práticas homoeróticas, Charles disse: *“eu sei que ele não me entende, pela fase que eu tô passando. Por tudo isso assim, sabe? Tipo, ele conseguiu estar [abstinente], mas eu... é uma luta pra mim. Muito grande”*.

Estar no meio de um conflito intenso entre o que se deseja e as normativas religiosas avessas a tal desejo também fazia com que Jason verbalizasse que se sentia aflito, confuso e indeciso quanto a como viver sua vida. Jason me retratou em nossa conversa um cenário desalentador e gerador de sofrimento provindo de como percebia ser excluído em sua comunidade. Ainda assim, Jason dizia ter dificuldades para confrontá-la.

Por um lado, este participante expressou que percebia que sua família nunca havia dado a ele a devida importância e que no passado, em casa e na escola, sempre o desdenhavam por conta de seus maneirismos; também disse que sempre se sentiu desconfortável e julgado em meio a pessoas da igreja. Por outro lado, dizia que constantemente tentava acatar ao que sua família e as pessoas próximas a ele esperavam dele, tentando *“fazer aquilo que é o certo”*, principalmente para sua mãe e sua esposa. É possível ver aí um movimento de retroalimentação em que, ao se sentir rejeitado, tentava agradar o outro para conseguir sua aprovação, não tinha sucesso em agradar o outro e se sentir aceito e, por conseguinte, fazia novas tentativas para não ser rejeitado.

Segundo Jason, esse movimento de constantemente procurar seguir o que esperavam dele, focando nos outros e ignorando seus sentimentos, tinha criado nele a sensação de que está sendo sempre controlado pelos outros e desperdiçando seu tempo numa mentira, sendo quem não é e fazendo algo que não quer fazer. Assim, se dizia ansioso e deprimido por se perceber no meio deste conflito, chegando ao ponto de ficar paralisado quanto ao que fazer consigo mesmo e com os fenômenos do cotidiano.

O sentimento de abandono também era presente em seu discurso por conta de perceber-se numa posição delicada entre seus desejos e o campo da religião. Pela

falta de um pai, Jason disse ter elegido a Deus para que fosse seu guia, seu conselheiro. Desta maneira, sempre queria fazer o que era considerado o correto e seguia as ordens da igreja na expectativa de ter uma relação com este pai celestial que o cuidava, o orientava e o corrigia. Entretanto, Jason complementava esta fala dizendo que – de forma parecida com Charles – também se sentia abandonado por Deus:

“Eu na verdade me sinto abandonado por ele também. [...] Eu me pergunto, ‘por que ele faria isso comigo?’. Todo mundo diz que alguma hora você terá que ficar cara a cara com Deus. E aí eu digo, ‘eu espero que eu faça isso porque eu realmente gostaria de ter uma palavrinha com ele’”.

Nos discursos de Dimitri, a conformidade com o sofrimento causado por não exercer desejos homoeróticos aparecia como resultado tanto do não enfrentamento dos preceitos religiosos às práticas homoeróticas quanto de estar constantemente lidando com a angústia de perceber suas atrações e não colocá-las em prática. Ou seja, o sofrimento existia, mas como já estava acostumado com ele, não o sentia de forma tão intensa – estava dessensibilizado.

“Uma boa parte da minha vida, até 2016, digamos assim, é um fardo imensurável; realmente é muita dor, é muita tristeza, é muito sofrimento, mas isso oscila. Agradeço a Deus que não é uma coisa assim tão constante. Depende da fase. Tem semana que você tá querendo morrer. E tem outras que você tá de boa. Parece que você nem liga pra isso. [...] Na fase da minha adolescência eu tive depressão. Era um fardo insuportável. Imensurável. [...] E você na sua sinceridade, você jamais pediu pra ser assim, você nunca foi consultado, nenhum momento você escolheu ser assim, você simplesmente foi assim por whatever reason. [...] A doutrina da igreja diz pra você que você não pode fazer aquilo que você tem desejo. [...] Eu briguei muito com Deus, [...] mas assim, o fato de eu querer e ser considerado errado, nunca fez com que pra mim, eu colocar o meu desejo acima do que eu sabia que era o certo. [...] Eu sou uma pessoa que a essa altura do campeonato eu já tenho saturado a minha mente sobre esse assunto. Então já tá cauterizado”.

Outro participante que se demonstrou muito angustiado numa de nossas conversas foi William. Ele frequentemente se apresentava de forma fervorosa e se mostrava comprometido com o evangelismo da igreja em sua comunidade. Entretanto, em um de nossos contatos por *WhatsApp*, de forma muito franca, William disse o quanto ele sofria por sentir desejos por pessoas do mesmo sexo em sua cultura:

“Você precisa entender isso, a vida é terrível, principalmente vivendo na minha comunidade. Um dos meus amigos negros que é gay geralmente me diz: ‘você sabe William, ser gay é uma maldição’. Eu preciso te dizer isso; você pode lutar pelos seus direitos, pode fazer o que for, mas você realmente precisa entender isso: em nosso contexto africano, ser gay é uma maldição”.

Ao justificar seu sofrimento, William dizia que ele não escolhia “ser gay” nem ter desejos homoeróticos e que se essa escolha existisse, pessoas como ele em sua situação cultural poderiam também escolher ter desejos por pessoas do sexo oposto: *“Ninguém acorda e diz ‘quer saber, eu quero ser gay’. Ninguém tem essa escolha. Se toda a pessoa tivesse tal escolha, a gente também poderia fazer escolhas para voltar a ser heterossexual, mas ninguém tem essa escolha”.*

Noutra conversa, William voltou a dizer que suas atrações pelo mesmo sexo eram naturais e que a igreja tinha uma ideia conflitante com a realidade do fenômeno da homoafetividade humana. Entretanto, sua preocupação maior era se as tais atrações eram genéticas e se um filho seu poderia ser como ele. Assim, William se preocupava porque não gostaria que seu filho passasse pelas mesmas aflições que ele estava passando por se perceber em sua situação:

“Aos olhos do adventismo, as tendências homossexuais não têm origens. Alguns afirmam que isso se deve à natureza pecaminosa caída, enquanto outros ainda pensam que é sobre escolha. Mas indo à realidade, a orientação sexual não provém de escolha. É natural. Nós nascemos com isso. Nós identificamos à medida que crescemos, que algo pode ser diferente. Minha pergunta [é], se a religião tem falhado conosco, a ciência devia nos ajudar explicando os fatos autênticos sobre as origens, as reais causas da orientação sexual. Você pode me ajudar [...] com o seu conhecimento atual e até com material que eu possa ler [...] Minha preocupação é com as chances de meu filho ser como eu. Pode não haver evidências concretas sobre

herança genética, mas acredito que há grandes chances de os membros da minha família terem a mesma orientação. [...] Minha preocupação não é que eu odiaria ver meu filho sendo gay. [...] Mas minha preocupação é ver meu filho crescer enfrentando as mesmas lutas que enfrentei ao crescer. Eu sinto que faria algo errado a ele, [...] eu não acho que seja sábio para mim... eu acho que não deveria ter meu próprio filho, especialmente se ele tendesse a ser gay como eu”.

De fato, William me dizia que enfrentava muitas lutas e que estava cansado e aflito tentando não exercer sua sexualidade; ele utilizou a expressão “*estou tentando normalizar as coisas*” e me explicou que isso significava que estava vivendo como um homem heterossexual.

“É como se eu estivesse vivendo uma mentira. Como se eu estivesse carregando uma vela quente derretendo na minha cabeça, apenas pelo bem das pessoas que estão ao meu redor, mas na verdade estou em total escuridão e dor. É como se eu fosse uma alma confusa perdida. O que sinto agora, se olhar para trás nos últimos 31 anos [para] as orações sem resposta desejando a intervenção de Deus, me dá uma esperança misturada com decepção e dor. Eu poderia ter me tornado uma pessoa melhor, mas, às vezes, não tomava essas decisões com medo de mim mesmo, minha confiança e estima foram corroídas. Eu sou uma vítima viva do fingimento. Eu posso escrever muito, porque é isso que estou passando. Mas, finalmente, agradeço a Deus, porque agora estou com saúde e tenho uma carreira. Eu posso escolher, nessa idade, namorar ou não. Fazer sexo ou não. Embora agora ainda opine por de ficar de fora de tudo isso e permanecer virgem”.

William também contou que, com a ajuda de um primo, arranjou uma namorada para poder alcançar as mudanças necessárias para cumprir com os papéis sociais de sua comunidade, mas em algumas mensagens ele disse que também se sentia ansioso prevendo que algum dia ela descobriria suas atrações homoeróticas. O rapaz afirmou, em uma de nossas conversas, que achava que ela já estava suspeitando de alguma coisa relacionada àquilo, e que isso o deixava bastante ansioso.

3.4 As Ideações Suicidas

Os relatos de ideação suicida também apareceram em algumas das entrevistas como resultados do sofrimento gerado por este conflito sobre as atrações sexuais, os discursos de verdade e a normatividade religiosa. Lúcio era um dos entrevistados que dizia que esses pensamentos aconteceram, mas ficaram no passado.

Charles, por outro lado, falava que a única coisa que o impedia de se suicidar na época em que conversávamos era sua vontade de viver:

“Eu já pensei [em suicídio] muitas vezes. Mas a vontade de tentar é maior ainda. Se sobrepõe. [Chora]. Eu já pensei em acabar com toda essa dor que eu estou sentindo. [Chora]. [...] Às vezes eu tô a ponto de explodir assim. Mas eu tento superar isso. Eu aprendi que eu sou muito forte, porque se fosse por outras coisas, eu já teria feito besteira, mas eu tenho vontade de viver”.

Charles disse que a vontade de se suicidar veio especialmente pelo fato de sua mãe fechar os olhos para o sofrimento dele e por perceber que em meio ao seu sofrimento mental ninguém se aproximava dele de forma aprofundada para conhecê-lo melhor ou acolhê-lo.

“É muito difícil falar sobre isso. É algo que... meu... as pessoas não sabem... é você de verdade. Você falando sobre suas angústias, sobre o que você passa no dia a dia, ninguém pergunta isso, ninguém... as pessoas só perguntam, oi, você está bem? Tá, tudo, acabou. E é isso. Bem superficial”.

O que Charles falava na entrevista era que ele se sentia sozinho tanto pela falta de interesse dos outros em o acolherem de forma mais profunda quanto por perceber que não podia se abrir com as pessoas sobre seus desejos homoeróticos – como aconteceu com sua mãe.

No contato com Hugo, ele também disse que a luta contra suas atrações homossexuais não deu certo e o trouxe resultados muito ruins:

“Eu percebi que esse caminho estava me levando pra uma situação irreversível. Por exemplo, por muitas vezes, depois de maior, eu pensei em suicídio, algumas vezes eu já planejei mesmo, fazia ideação suicida muitas vezes. Isso era num curto intervalo de tempo. Algumas vezes eu também pensava em abandonar a fé cristã, que é algo que eu tenho muito apreço né? Então eu percebi que o caminho estava sendo disfuncional pra mim. Inclusive porque eu ficava a beira de uma atitude, a beira de decisões que poderiam me fazer mal muitas vezes, então foi muito difícil, por isso que eu decidi tomar esse caminho que eu tomei agora [de aceitar minhas atrações homoeróticas], mas eu lutei bastante pra permanecer, pra conseguir elevar meu padrão, mas não foi possível”.

Após ter me contado que aceitou tentar construir um relacionamento amoroso com uma moça para tentar fazer com que seus desejos por pessoas do mesmo sexo se transformassem, Hugo disse que seu estado emocional piorou drasticamente, algo que também lhe acarretou em pensamentos suicidas:

“Em 2016 eu entrei em um relacionamento com uma jovem da igreja, mas ela já sabia que eu tinha uma orientação homossexual. [...] Ela sabia porque eu já havia contado. Eu contei pra a maior parte dos meus amigos e da minha família também. Mas ela decidiu, ela me pediu que tentasse começar a ter aquele relacionamento, quem sabe Deus fizesse um milagre e tal, eu pedi que a gente começasse um relacionamento sem beijo. O que se chama por aqui de corte. Então nós começamos esse relacionamento e foi em junho de 2016, mas no início de 2017 eu já estava muito, muito perturbado, porque eu não queria mais permanecer naquele relacionamento. Eu não estava feliz e eu comecei a perceber que a moça estava apegada a mim mesmo que a gente não tivesse contato físico, [...] estava muito apegada e estava fazendo planos, e eu estava bem infeliz no relacionamento mas também não tinha coragem de sair e tinha medo de magoá-la. Então comecei a ter outra crise, outra vez eu pensei no suicídio, pensei novamente em... comecei a repensar a minha existência né, e aí eu percebi que eu não estava no caminho certo

Pedro também foi outro participante que me falou sobre uma angústia geradora de pensamentos suicidas resultantes da percepção de que tinha atrações

por pessoas do mesmo sexo e de que não queria senti-las. Ele justificava que tinha tido uma criação muito fechada, o que causava nele uma rejeição por si mesmo.

“Antigamente eu pensava em suicídio, [...] pensei em suicídio na minha adolescência inteira porque eu olhava, poxa vida... eu tive uma criação muito fechada pra essa questão da sexualidade. Antes eu me sentia um assexuado. Mas na verdade eu percebo que eu não era um assexuado. Eu era alguém que não queria ser, entre aspas, uma maldição, entendeu? Então eu tolhia essa minha sexualidade”.

De acordo com o relato de sua trajetória, Pedro passou uma juventude muito sofrida e autodepreciativa e disse que antes de passar por psicoterapia, tinha sonhos recorrentes cobertos de angústia, além de pensamentos suicidas. Pedro também dizia que sentia que era Deus quem o consolava e quem cuidava dele nesses momentos de angústia:

“Eu tinha sonhos recorrentes de angústia... porque eu tinha um sonho tipo, todo o dia que eu dormisse, eu sonhava, poderia ser de qualquer jeito, mas ele sempre terminava da seguinte maneira: eu no meio de uma multidão, eu gritava, gritava, gritava, aquela coisa que eu acordava sem fôlego, ofegante, sabe? E me gerava muita angústia. [...] Eu vivi, Josué, com uma maldição de Deus. Eu chorava sozinho. Eu acho que a minha adolescência todinha eu passei em depressão e não sabia que tinha isso não. Eu pensava em suicídio todo o dia. Todo o dia. Até que eu sentia, tipo, Deus cuidando de mim, entendeu? Como se fosse uma pessoa cuidando de mim. [...] Enquanto eu tava naquela cama chorando, eu sentia como se Deus passasse a mão na minha cabeça. Eu só era alguém desesperado, angustiado. E por que que Deus não se travestiu de um monte de gente pra cuidar da gente? Entendeu? Eu digo que Deus não deixou eu morrer. Deus não me deixou morrer”.

3.5 As Tentações

As falas sobre as tentações geralmente apareciam nos momentos das entrevistas em que o tema da prática da abnegação de práticas homoeróticas surgia.

Todos os participantes, de alguma maneira ou outra, sinalizaram que em algum momento da vida, mais ou menos frequentemente e intensamente eram tentados a se envolver em práticas eróticas com pessoas do mesmo sexo. Somente Rute, Lúcio e Douglas eram explícitos em dizer que tinham sido completamente transformados e já não eram mais tentados com estímulos externos de pessoas do mesmo sexo ou com pensamentos homoeróticos. Por outro lado, Jack me confidenciou que tinha que lutar constantemente e diariamente contra suas atrações porque afirmava que suas tendências ainda permaneciam com ele, mas que sabia que as práticas homoeróticas não eram corretas.

Alguns participantes se focavam bastante neste tema explicando que sentir atrações não é errado e que ter tentações não é pecar: pecar é cair em tentação. Resistir às atrações é o dever de todo o cristão, sendo que as tentações fazem parte do processo de santificação.

Nesta linha de raciocínio, Rute afirma que Deus não vai tirar as tentações relacionadas às atrações pelo mesmo sexo das pessoas da mesma maneira que ele não impede que as pessoas sejam tentadas com qualquer outro estímulo pecaminoso.

“Tentação não é pecado, certo? Satanás pode tentar qualquer um de nós, mas [é só] quando somos atraídos que pensamentos se tornam palavras, palavras se tornam ações, ações se tornam hábitos e hábitos se tornam caráter. É quando somos levados à atração e quando nos apegamos a isso que [o ato] se torna pecaminoso. Mas ter uma tentação em si não é pecado. Então, se Deus não vai [...] tirar a tentação de alguém de mentir ou roubar, fofocar ou abusar de seu corpo com álcool e drogas, então por que seria diferente com a homossexualidade?”.

Douglas dizia que se Jesus foi tentado pelo diabo e teve sucesso em resistir à tentação, seres humanos também serão tentados e podem ser bem-sucedidos não cedendo às tentações. Ele afirmava que ao ser questionado pelas pessoas se era tentado com estímulos homoeróticos ele respondia que no começo de sua trajetória de abnegação era óbvio que ele era tentado, mas que sempre olhava para o lado ou pensava em outras coisas para não pecar. Após exercitar seu pensamento, as tentações homoeróticas não aconteciam mais, ainda que outras tentações em outros aspectos da vida permaneciam:

“É isso que a Bíblia quer dizer quando diz ‘cative todo pensamento sob a obediência do senhor’. Isso não significa que você nunca é tentado; significa ‘aqui está como você lida com isso’. E a razão pela qual eu mencionei isso é porque houve pessoas que me acusaram e disseram, ‘se você alguma vez é tentado ou tem pensamentos de atração pelo mesmo sexo, você ainda é gay’. E minha resposta é: ‘então, como você identifica Jesus? Ele foi tentado em todos os pontos como eu, mas sem pecado. Você não o chamaria de gay, não é?’. E ele sofreu sendo tentado, resistiu até ao sangue. A tentação não é o problema”.

Evandro também citou as tentações pelas quais Jesus passou enquanto afirmava que lutava para resistir às atrações pelo mesmo sexo que ainda sentia. Na entrevista, Evandro disse que não ceder a seus desejos era uma decisão que tinha que fazer todos os dias, especialmente ele que tinha tido uma vida sexual muito ativa. Evandro disse que Satanás se utilizava de suas memórias para tentá-lo, induzindo-o a se lembrar das atividades com as quais se envolvia no passado. Segundo este participante, pessoas que têm atrações pelo sexo oposto lutam igualmente para não cair em tentações sexuais. Num determinado momento de nossa conversa, Evandro me disse que mesmo em seu trabalho voluntário como palestrante ele tinha que lutar para resistir à tentação:

“Houve uma vez em que esse jovem, foi depois da igreja e eu estava pregando nesta igreja, e ele queria falar comigo. Nós sentamos e começamos a conversar e você sabe, ele era um homem muito atraente e estava falando sobre sua luta com pornografia e dependência sexual e, enquanto conversávamos [sobre o tema, isso] não me afetou profundamente dessa maneira, mesmo [ele] sendo atraente. Mas quando ele começou a me dizer que teve experiências e atrações bissexuais, de repente o diabo estava usando isso como uma tentação para mim, pessoalmente, para objetificar esse homem que eu deveria estar ajudando. E eu pude ouvir o Senhor falar comigo e ele me disse: ‘se você objetificar esse homem, eu não posso te usar e você não pode ajudá-lo’. E o tempo todo, você sabe, conversamos por algumas horas, e o tempo todo, toda vez que surgia o pensamento de objetificar essa pessoa, o Espírito Santo me lembrava que eu seria ineficaz se usasse essa situação para luxúria. E, novamente, o incrível foi que eu tive que ficar em oração o tempo todo que esse irmão estava falando comigo, para que eu não seguisse esse caminho com ele.

Mas o que foi realmente milagroso é que, quando terminou, quando ele se afastou depois de orarmos, eu apenas louvei a Deus por não ter objetificado aquele jovem. E louvo a Deus que fui capaz de ser eficaz para ele e ajudar esse cara”.

William também me falou sobre alguns eventos em que precisou ter forças para combater as tentações. Numa ocasião um homem interessado por William o abordou e o convidou a dormir com ele. Segundo este participante, ele se negou a dormir com tal homem e até mesmo se negou a abraçá-lo para evitar ser seduzido.

“Eu conheci um cara da minha orientação [sexual]. Ele era rico. Eu nunca quis o dinheiro dele, mas naquela época eu era terrivelmente pobre. Ele queria dormir comigo e eu recusei. Recusei e o bloqueei. Mas, quando eu o conheci, pensei ter encontrado um amigo em quem confiar. [...] Ele tentou me segurar em seus braços e eu me recusei. [...] Depois dessa experiência eu não quis mais ser amigo dele”.

William continuou dizendo que em seu contexto africano, precisa se controlar para não fixar seu olhar nos corpos dos rapazes que em diversas vezes vão, desnudos, nadar e tomar banho no rio com ele, ou quando dormem, *seminus*, com ele na mesma cama:

*“Na cultura africana não há privacidade. Nós vamos ao rio para nadar e tomar banho juntos. Imagine no rio com vários homens nus ao seu redor diariamente. É como assistir pornografia. [...] Muitas vezes, todo fim de semana, durmo com vários amigos da igreja na mesma cama. Corpos *seminus* de homens roncando ao seu lado no mesmo cobertor. Eu não me considero um vencedor, mas Cristo sabe melhor”.*

William nega que tenha caído em tentação alguma vez, mas assume que lutar contra a tentação é algo muito difícil. E é isso que outros participantes também falam em seus discursos. Ao conversar com Andrea sobre os pensamentos intrusivos, perguntei a ela como era combater as tentações e ela me respondeu que era difícil, mas que com um trabalho de autocontrole mental era possível ter sucesso na luta contra a homossexualidade:

“Viver é difícil. Cada um tem sua cruz e deve tomá-la e segui-la. Como já disse, a homossexualidade é uma ferida no gênero, que gera um vício. Tal qual o alcoólatra, o fumante ou o glutão, o domínio próprio é que vai dizer se haverá sucesso ou não. Incomoda às vezes. Eu penso: ‘Isso de novo? Meu Deus, me socorra! Ela é bonita! Mas eu também sou! Seu cabelo é lindo, mas o meu o Senhor que fez e é meu! Ela é magra, mas se o Senhor me ajudar eu posso emagrecer também’. Pronto! Quando começo a olhar pra mim, tudo muda! E mais: ‘Senhor, se Tu quiseres ela pode ser uma grande amiga! Eu posso ajudá-la a crescer e ela também pode me ajudar! E as amigas dela podem ser minhas amigas!’. Olha, Josué, destruir a tentação assim é libertador e me defende da idolatria”.

Silas utilizava uma expressão similar à dos Alcoólicos Anônimos – *“um dia após o outro”* – para explicar a experiência do controle dos desejos homoeróticos, falando que a intensidade das atrações variava com a época e que numas vezes era mais fácil evitar a recaída, enquanto noutras era mais difícil. Silas não negava que algumas vezes uma tentação aparecia em sua mente que ele tinha que suprimir e rapidamente se focar em outra coisa. Ele dizia que o mais importante era não se deixar dominar pelo desejo. Ao perguntar-lhe sobre como era a experiência em perceber ter desejos homoeróticos, ele me respondeu isso:

“Eu sinto que tem sido como um dia após o outro. Mas um dia diferente um do outro, deixa eu pensar bem... são questões relacionadas a desejos né? Então como eu disse, é um dia após o outro. Tem dias, as vezes até semanas, que eu caminho bem, não sinto nenhuma necessidade de recaída, ou algum desejo incontrolável com alguma coisa. Eventualmente pode acontecer sim. Tem dia que o desejo tá mais forte e que tem mais uma [inaudível] de controlar, de respirar fundo e tudo mais, mas o importante é não se deixar dominar pela vontade”.

Mas nem sempre as tentações para aquilo que os participantes consideravam pecado eram vencidas. Rute, aquela participante que, na data da entrevista, dizia não ser mais tentada, me confidenciou que em seu processo de transformação – que não foi rápido – ela caiu várias vezes em tentação com a mulher com quem se relacionava anteriormente:

“Eu acredito que o Senhor pode fazer isso milagrosamente da noite pro dia, e acredito que ele faz isso para algumas pessoas. Mas na minha experiência não foi assim. [...] Essa pessoa que eu tinha deixado, ela estava uma bagunça. Ela não estava bem sem mim e várias vezes eu voltei tentando ajudá-la, fazendo uma visita, pensando em encorajá-la no senhor. E eu acabava caindo. Eu acabava tendo uma experiência sexual com ela. Portanto, não foi uma situação da noite pro dia para mim”.

Dimitri, por exemplo, dizia que tinha mais facilidade em declinar encontros para interação homoerótica física e mais dificuldade em resistir à tentação de masturbar-se. Na entrevista, o participante não explicitou se utilizava algum estímulo externo ou interno para a excitação – um vídeo, uma imagem, uma memória, uma fantasia –, ou se somente o contato e a manipulação das zonas erógenas possibilitavam o prazer sexual. Na data de nossa conversa, Dimitri percebia que a masturbação não era intencional e afirmava que se pudesse controlar, assim o faria.

Charles também expressava seu sofrimento por algumas vezes não conseguir dizer não às tentações. Segundo ele, a percepção de estar lutando e lidando com isso sozinho agravava ainda mais a situação e o fazia duvidar de sua salvação por não conseguir ser perfeito em suas ações:

“Queria poder contar com alguém. [Chora]. Mas todas as pessoas que eu tentei pedir ajuda não me deram muita atenção. Então eu vi que eu tenho que salvar a mim mesmo todos os dias. [Chora]. Tenho que ser forte. [Chora]. Não desistir. [Pausa e chora]. Por que eu não sei quando... [Pausa]. Eu nem sei se eu vou pro céu, nem sei se eu vou ser salvo. [...] Porque eu sou muito errado. Eu tenho vontade de fazer a escolha certa, mas mesmo tentando, nunca tá perfeito”.

Num último contato que tive com Jason, falando com ele por mensagens de texto, ele me confidenciou que ainda tem atrações pelo mesmo sexo e que *“ocasionalmente faz coisas”* ainda que estivesse casado com uma mulher. Ele não quis entrar em mais detalhes sobre estas “coisas” e sobre o que elas representavam em sua vida, mas ficava claro que havia momentos em que Jason colocava seus desejos homoeróticos em prática.

3.6 O Controle de Si Nos Discursos de Abnegação da Atração Pelo Mesmo Sexo

Nas entrevistas, também consegui entrar em contato com as tecnologias de autogoverno e autocontrole dos desejos homoeróticos de alguns participantes: técnicas para evitar sentir tais desejos, técnicas fugir da tentação, técnicas para evitar que comportamentos associados às atrações homoeróticas não fossem realizados, técnicas performativas para uma atuação corporal que não demonstrasse à sociedade – e a si mesmos – alguma evidência de atrações por pessoas do mesmo sexo, etc.

Douglas falou bastante sobre esse assunto. Ele dizia que Deus ajudava na transformação dos desejos da pessoa, mas que era a pessoa que deveria trabalhar arduamente para que essas mudanças realmente acontecessem. Segundo ele, primeiro Deus auxiliava as pessoas para que odiassem o pecado e almejassem por uma vida de santidade a partir da Bíblia, e depois as pessoas deveriam fazer sua parte fugindo da tentação. De acordo com Douglas, quando ele decidiu deixar as práticas homoeróticas, as tentações não deixaram de vir, mas ele conseguiu combatê-las e negá-las ao aceitar a vontade de Deus e ao estudar a Bíblia.

“Eu não podia parar Satanás de me tentar, mas agora eu estava equipado. Eu sabia como deixar [meu namorado] baseado nos princípios bíblicos. [...] E isso é resultado do desenvolvimento do relacionamento [com Deus] através do estudo [da Bíblia], da oração e do real conhecimento de Deus”.

Douglas acredita que a conversão do cristão tem imbricada em si a mudança de comportamento. Para que isso aconteça, a pessoa necessita agir em direção à santidade rejeitando seus desejos, fugindo do pecado e conduzindo sua vida de acordo com os princípios cristãos.

“Isso tem a ver com prática e escolhas. [...] E foi isso, Josué, o que eu comecei a fazer. Contra minhas inclinações. Contra meus desejos. Comecei a matar [minhas tendências] de fome. A prática pela qual passei foi virar o botão, virar a página, mudar de canal, virar a cabeça, mudar de assunto, comecei a me afastar de

qualquer sugestão. Você sabe que dirigindo pela estrada, você pode ver um outdoor e ele pode levar sua mente para o pensamento pornográfico. Certo? Do jeito que eles estão anunciando hoje, um outdoor pode virar sua mente, levá-lo para a direção errada e virar as costas. Comecei a praticar isso. Eu não deixaria minha mente pensar nessas coisas. Não consigo impedir que Satanás lance um pensamento, isso é a tentação, mas posso rejeitá-lo. E, ao fazer isso, comecei a mudar lentamente. Eu estava criando novos padrões de pensamento e matando de fome os antigos padrões”.

Oliver também relatava que quando percebia que desejos por pessoas do mesmo sexo apareciam, ele decidia focar sua mente e suas atividades noutras coisas, como trabalhando na horta, lendo a Bíblia e fazendo qualquer outra coisa para desviar a atenção e o olhar do pecado.

“Quando eu tô na rua ou passa alguém [...] na hora já eu penso em outra coisa, ou eu procuro fazer outra coisa... pra tentar desviar minha atenção ou mesmo ler a bíblia. Aconteceu já por vezes eu ler a Bíblia por exemplo pra não entrar em outra coisa... eu leio muito, então.... tem muita coisa pra ler e muitas vezes eu acabo usando isso, desviando isso pra uma outra área da minha vida. Eu gosto de trabalhar em horta... então aqui no meu bairro a gente tem uma horta comunitária [...] então eu acabo desviando em outros [pensamentos]. [...] Então eu acabo mesmo que bloqueando essas coisas. Pensamentos... em coisas que eu vejo”.

Oliver também dizia que numa sociedade secularizada, ter esse controle não é fácil:

“Eu faço parte de um grupo de oração, faço outras coisas, outras atividades, [...] recentemente eu participei de um retiro espiritual com um pessoal também. Eu acho que isso já me basta assim, sabe? Esse tipo de, entre aspas, diversão, acaba me satisfazendo. Sair com os amigos ao museu, ou ver outros tipos de, assistir a um filme, ir ao cinema, e... mas é... como posso dizer, não é fácil, não é fácil viver numa sociedade que está te, cada vez mais te bombardeando com imagens ou com, vendendo uma ideia de, ilusória, de felicidade”.

Na entrevista com Charles, ele me disse sua maneira de se afastar de praticar atos homoeróticos:

“A primeira coisa que eu fui fazer é tentar afastar, tirar os vícios e tentar passar todos os pensamentos de tudo sexual. Os desejos eles vêm. Tô na rua, vai vir. Isso é fato. Mas quando eu vejo que eu tô a ponto de... aí eu mudo. Tento pensar em qualquer outra coisa. Eu tento sempre estar me policiando no que eu estou pensando pra não cair realmente em tentação. Não ir muito fundo”.

O autopoliciamento, a vigilância de si, o exame de consciência descritos por Foucault (1987, 2004) eram evidentes nas falas de Charles. Ele também contava com o apoio de um livro que estava lendo por indicação do ministério que o acompanharia para conseguir fazer esta gestão de si. Ele não dizia o título e o autor do livro, mas falava sobre as informações que o livro trazia:

“Eu tô lendo um livro agora que fala realmente sobre isso, sobre a homossexualidade, como lutar, como enfrentar isso. [...] É o livro que o cara do grupo de apoio que eu ainda não comecei a frequentar [...]. Muitas coisas coincidem com o que eu vivi no passado, que eu achava que eu tinha nascido assim, aí eles já falam que eu não nasci, que foram coisas que aconteceram na minha vida pela ausência de um pai, por não ter a figura masculina, muitos fatores. É pra você acreditar que você é hétero, e que isso é uma luta, muito tempo, ao longo do tempo a transformação vai vindo, tendeu? Então é uma luta que vai demorar muito tempo. E tem pessoas que conseguiram ganhar essa batalha, hoje têm famílias, são pais, hoje têm relações héteros, são felizes. Então talvez hoje, essa seja a minha esperança, já que o outro caminho seja muito complicado. Os dois são complicados. Mas o hétero, esse lado que eu tô tentando parece ser mais possível de alcançar. Por mais que seja difícil pra caramba, mas parece ser mais possível”.

Ainda que ele dissesse que muitas das coisas escritas faziam sentido para ele, em outros momentos da entrevista Charles também admitia que outras coisas não faziam tanto sentido assim e que o deixavam em dúvida quanto a sua necessidade de abnegação homoafetiva:

“Aí eu comecei a ler: muitas coisas fizeram sentido, muitas coisas também não. [...] Não sei. Talvez eu não acredite muito que seja possível [começar a ter desejos heterossexuais]. Talvez é possível pra aqueles que acreditam, mas eu não tenho muita fé”.

Ele também explicava que as tentativas de ir completamente contra sua vontade muitas vezes causavam nele desânimo e depressão:

“Eu tô tentando mudança, mas eu vejo que não é fácil. Eu leio o livro e eu falo, meu, é doloroso você ir contra você mesmo. Você gosta. É como se fosse um hétero fazer ele gostar de um homem. Mesma coisa. Você tentar evitar olhar... é doloroso todos os dias. Às vezes você não tem vontade nem de sair da cama. Não sei como as pessoas conseguiram ser ex gays ou lésbicas. Elas deviam acreditar muito em Deus então, pra Deus dar a cura pra elas. Aqui fala de um jeito também de você tentar se afastar é você criar amizades masculinas, pessoas héteros mesmo, aprender a entrar no mundo masculino. Futebol. Gostar, criar assuntos, e... mas eu não gosto de futebol, dessas coisas assim, sabe? E eu nem tenho amigo homem, então é difícil. [...] Não sei se tô fazendo o caminho certo ou errado porque não tá fácil, então... eu não sei. É muito difícil. [Grande pausa]. Eu não sei até quanto tempo eu vou aguentar. Mas que Deus veja o esforço que eu tô tentando fazer pelo menos. Tudo isso que eu tô passando”.

Evandro ia por uma linha espiritual para evitar as práticas pecaminosas. De acordo com ele, um relacionamento frequente com Deus – especialmente lendo livros religiosos, como o livro citado por ele em nossa conversa “The Ministry of Healing” [O Ministério da Cura] de Ellen G. White⁵ (1905) – o ajudava a se manter longe da masturbação e das coisas relacionadas às relações homoeróticas. Para Evandro, quando uma pessoa está com Deus, ele supre todas as suas necessidades e o resultado dessa proximidade é que os pensamentos voltados à atrações por pessoas do mesmo sexo se tornam cada vez mais escassos.

⁵ Ellen G. White é uma líder religiosa e fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Com 49 livros e 150 compilados publicados editoras desta instituição, a pioneira e, considerada por muitos membros da igreja, profetisa, deu diversas orientações e conselhos sobre o modo de vida cristã e de espiritualidade adequada (CENTRO DE PESQUISAS ELLEN WHITE, 2016).

Similar à fala de Evandro, Lúcio também dizia que lia muito a Bíblia e os livros de Ellen White para conseguir se abster dos pecados sexuais. Segundo ele, essa proximidade constante com as coisas de Deus fazia com que ele conseguisse controlar seus impulsos até nos sonhos. Inclusive, na data de nossa entrevista, Lúcio dizia que não tinha mais esses sonhos eróticos.

“Eu lembro que no princípio eu conseguia controlar os meus sonhos e os meus impulsos no sonho. E as vezes eu sonhava até com outra pessoa do mesmo sexo às vezes querendo me induzir ou não e eu conseguia ali às vezes mudar a situação naquele sonho. E eu achava muito interessante. Mas hoje eu já não tenho esses sonhos eróticos, né?”.

Jeremias acreditava que através do cultivo de amizades sinceras – como veremos nas falas do Ministério estudado e descrito na Parte 3 desta tese – era mais possível que os desejos homoeróticos se afastassem e que tais atrações não fossem praticadas. Para ele, um exercício de análise do porquê tais atrações homoeróticas acontecem é necessário.

“Através das amizades, eu me sinto pleno com as amizades que eu tenho, eu quero aumentar mais e aprofundar mais os amigos que eu tenho, e eu me sinto bem, eu me sinto alegre, me sinto homem com essas amizades. [...] Eu sinto atração homossexual? Sinto. Mas hoje eu consigo diagnosticar e identificar bem claro o porquê que eu tô sentindo aquilo. Ou eu estou me alienando, ou eu estou desejando alguma coisa na pessoa que eu acho que eu não tenho. [...] Então com alguns exercícios assim você consegue clarear o que que está acontecendo e você consegue entender a atração. E daí quando você entende isso, ela desaparece, ou ela perde a força. É um exercício que você aprende a fazer”.

Segundo Jeremias, o exercício de dar um passo para trás e avaliar o porquê de se atrair pelo outro era muito frequente, em sua experiência mas com o tempo se tornava automático: *“é constante, mas ele vai ficando automático né? E você vai crescendo também como pessoa. ‘Não, pera aí, eu não preciso me projetar no outro pra ser feliz. Eu tenho qualidades que são importantes, eu sou pleno como eu sou, eu*

não preciso ficar desejando ser o outro'. Tem muito de infantilismo também. Egocentrismo”.

Uma outra técnica de si em função de se manter abstinente era se juntar a um grupo cristão de apoio a pessoas com atrações pelo mesmo sexo que não queriam praticá-las. Tanto Charles quanto Andrea, Jeremias e Dimitri tinham contato com iniciativas como estas.

Andrea tinha um discurso muito parecido com o de Jeremias e era muito enfática ao falar como esses grupos a ajudavam a conseguir examinar seus pensamentos e limitá-los no sentido de evitar que eles a induzissem a comportamentos considerados pecaminosos.

“Acredito que o grande poder para manter-me viva, na igreja, no meu trabalho, é não permitir que pensamentos absurdos dominem a minha mente. Vou exemplificar: ‘Ah, se Fulana estivesse comigo, eu iria resolver isso. Será que se Fulana visse meu trabalho, iria gostar?’ Não! Não quero mais pensar isso! Eu não preciso dela. O que eu preciso são de amizades verdadeiras, com mulheres sadias. E essas minhas amigas podem ter outras amigas que podem me ajudar e eu posso ajudá-las também, de certa forma. Isso pra mim é viver em liberdade. Que coisa boa ser livre, não depender exclusivamente de outro ser para ser validada, aprovada, amada, querida”.

Ao eu perguntar-lhe o que fazer para não cair em tentação, Andrea me respondeu:

“Como qualquer outra tentação: fugir dela. Se não der pra fugir pessoalmente, deve-se fugir mentalmente, focar a mente em outras coisas e ter a consciência que os planos de Deus são sempre os melhores. Exemplo: eu pratico corrida de rua desde março desse ano. Tem sido um remédio poderoso contra a baixa autoestima. Fiz vários amigos e novas amigas. O esporte depende apenas de mim e eu não dependo de ninguém pra conquistar minhas medalhas. [...] Estou muito feliz!

Silas também respondeu similarmente a Andrea, tanto com relação a fugir mentalmente da tentação e dos pensamentos voltados aos desejos homoeróticos quanto com relação à prática de exercícios físicos.

“Eu tento sempre me ocupar, me distrair, tentar destinar essa energia pra outras coisas, por exemplo, leio algo, vou pra academia todos os dias, [...] então eu tenho uma rotina de exercício, academia, conversar com amigos, tenho uma rotina espiritual também... sempre estar me ocupando e me distraindo para não ficar pensando naquilo”.

De forma um pouco diferente de Andrea e Silas, Dimitri acredita que somente a relação de proximidade com Deus pode fazer com que ele não exerça seus desejos por pessoas do mesmo sexo. Ele discorda que fazer exercícios físicos ajuda a canalizar seus pensamentos numa direção contrária aos desejos homoeróticos.

“Não acredito muito nisso não: pegar sua energia e jogar isso pro esporte, pra dança, pra arte, acho isso besteira. E não faço esporte nenhum. E acredito muito que isso é mais espiritual do que fisiológico. Claro, tem a parte fisiológica, claro, mas [...] sem necessidade de tipo, fazer um esporte, ou enfim, como se fosse uma coisa que você fosse direcionando a cada área. Acho que isso aí se resolve mais na parte espiritual”.

Rute dizia que para evitar cair em tentação, ela se mantinha distante de situações que poderiam induzi-la ao pecado:

“Quando a Bíblia diz fuja da imoralidade sexual eu aprendi que tinha que correr como o vento [...]. É como um alcoólatra. Se você for ao bar e disser a si mesmo que não vai beber, eventualmente se encontrará com uma bebida na mão. Então eu acredito que a sabedoria da palavra de Deus nos diz para fugir dessas situações, para fugir da imoralidade sexual. Então, ao aprender isso e continuar aceitando a palavra de Deus como senhor, ao ela apontar alguma coisa que eu precisasse fazer me entregando a ele, eu aceitaria aquilo e pediria que ele fizesse o resto”.

Rute também falava que, especialmente no começo de sua jornada de santificação sexual, fugia de pessoas que pudessem gerar em sua mente algum tipo de pensamento sexual inapropriado:

“Alguém pode nos procurar e podemos nos sentir atraídos por esta pessoa, certo? Então, eu fugia até dessas situações. Eu não buscava amizades que eu pensava que poderiam ser problemáticas, mesmo com pessoas na igreja que não tinham nada a ver; não que algo iria acontecer fisicamente, mas poderia acontecer em minha mente. Então, eu me encontrava somente com pessoas de Deus que eu sabia que não seriam tentações para mim. [...] Eu definitivamente precisava ser cautelosa e definitivamente precisava evitar situações e, às vezes era realmente cansativo. [...] Mas mesmo nesse tempo que eu estava tendo que fugir dessas muitas situações, eu não sentia que ficava no prejuízo, eu não sentia que me faltava interação social. O que eu fiz foi me encontrar com diferentes tipos de pessoas”.

William também dizia que para não cair em tentação e para disfarçar suas atrações homoeróticas, se esforçava para olhar somente para si mesmo, para não andar com rapazes que não tinham performances heteronormativas e decidiu entrar num relacionamento com uma garota. Num país como o Zimbábue, é importante reconhecer que esta atitude também está relacionada a evitar o encarceramento.

“Eu não socializo com pessoas da minha orientação em locais públicos para evitar que levantem as sobrancelhas [para evitar chamar atenção das outras pessoas]. Também tento me vestir adequadamente, ir à igreja e participar como qualquer outro homem. Por exemplo, eu lhe disse que estou namorando uma garota agora. Essas são medidas para cobrir minha orientação”.

William participa de vários eventos evangelísticos para se manter espiritualmente conectado e longe da tentação, como também disseram Douglas, Oliver, Evandro, Lúcio e Dimitri. Numa de nossas conversas por *WhatsApp* William me disse que um movimento evangelístico norte-americano que enfatizava o urgente retorno de Jesus⁶ tinha chagado em sua região. Ele escreveu que os sermões que eles faziam também falavam sobre a necessidade da autopurificação do ser humano como preparação para a volta do Cristo. Ao perguntar-lhe o que seria essa purificação

⁶ O tema do breve retorno de Jesus à terra, ou da iminente segunda vinda de Jesus, é uma das crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para a instituição, este acontecimento é “o ponto culminante do evangelho” que acontecerá de forma literal, pessoal, visível e universal” (Lehmann, 2011, p. 1016).

de si, ele me respondeu que tinha a ver com introspecção e confissão – algo bem próximo ao que Foucault (2008a) falava com relação à gênese da governamentalidade por influência da pastoral cristã. William me relatou que estava acompanhando a série e se sentindo cativado por este grupo; segundo ele, a mensagem dos evangelistas era que todos precisavam se ajoelhar e retornar a Cristo, o que William considerava como uma mensagem necessária para a atualidade.

Como William, Hugo disse que na época em que controlava seus impulsos e desejos sexuais, também se envolvia muito com os estudos e os serviços da igreja, até mesmo para esquecer de sua atração por pessoas do mesmo sexo:

“Por exemplo eu tive que mentir porque algumas pessoas desconfiavam e diziam, ‘ah, você é gay?’, eu dizia que não, outras vezes eu não respondia. Com relação à questão de ter um relacionamento [homossexual], eu não tinha. Tudo isso pra atender esse padrão. Então eu lutei bastante, eu orei muito, jejeuei, já li livros da igreja, já assisti palestras, assisti vídeos que me recomendavam, já fiz propósitos, fiz tudo o que estava ao meu alcance. Inclusive por ser bem envolvido com o trabalho, uma das coisas que eu fazia também era me envolver de forma bem intensa pra não dar atenção a isso e, então, ser transformado sem que percebesse, ou pelo menos pra esquecer”.

Também similarmente a William, Hugo disse que tentou começar um relacionamento com uma outra garota para tentar impulsionar uma mudança em sua sexualidade, mas não obteve sucesso. A perturbação em estar num relacionamento com esta moça também era uma queixa de William, a qual já falamos anteriormente.

Douglas, Jeremias, Andrea, Evandro, Rute, Lúcio e Silas diziam que após frequentemente colocarem em prática ações de aprofundamento religioso e de abnegação – a fuga, a evitação e a canalização dos pensamentos e das práticas homoeróticas para outros assuntos e exercícios – ficavam cada vez mais distantes do tema da atração pelo mesmo sexo, menos atraídos a pessoas do mesmo sexo e mais focados naquilo que se propunham a aprender e a se aproximar. Numa segunda conversa com Silas, agora por uma ligação telefônica, ele me mostrava que outra técnica de abnegação era a evitação de focar seus pensamentos naquilo que ele não desejava para si – as atrações homoeróticas –, sem se preocupar com isso e sem tornar aquilo o centro da vida dele. Assim, a questão se tornava menos importante e

com menor significado – muito similarmente ao que Douglas falava quanto a matar de fome as atrações homoeróticas – e caía no que Silas chamava de “*caixinha do esquecimento*”. Ao não se debruçar sobre a atração pelo mesmo sexo, se dava mais energia e tempo para focar em outras questões da vida:

“Tudo é uma questão de prioridades né? Temos muitos aspectos da nossa vida e quando a gente foca demasiadamente em algum aspecto, principalmente em uma coisa que a gente considera negativa, a gente acaba vendo um valor muito maior naquilo que realmente tem. No caso, como o que me incomoda seja a sexualidade, se eu me preocupasse muito com aquilo, se eu focasse muito naquilo, acaba se tornando centro da minha vida. [...] Quando na verdade eu optei por fazer uma escolha diferente [...] eu tiro o foco dela e ela acaba se tornando menos importante ou menos significativa. [...] De modo geral eu não faço parte de grupos de discussão sobre o assunto da homossexualidade, [...] não leio livros a respeito disso, não estou tentando, debatendo sobre isso, justamente porque pra mim é um assunto encerrado, é uma coisa já resolvida [...]. Então, automaticamente como eu falei, as coisas vão caindo no campo do esquecimento”.

Silas também dizia que sua atitude de indiferença quanto aos desejos homoeróticos veio após um período de intensa reflexão e de conclusão de que tais atrações não consistiam num problema, já que tais não o atrapalhavam nem o incomodavam em seu cotidiano. As atrações eram somente aspectos e características que não o prejudicavam, mas que ainda assim eram indesejadas. Desta forma, Silas tirava as atrações homoeróticas do primeiro plano para que eles não tivessem papel ativo em sua existência. Esta indiferença também aparecia nas falas de Oliver ao me dizer em nossa videochamada que não tinha mais interesse nem curiosidade sobre temas voltados às atrações homoeróticas, o que o fazia ignorar o tema constantemente.

Em algumas falas é possível observar nitidamente questões relacionadas ao que Foucault chamaria de governamentalidade, conceito já citado anteriormente, produto do poder pastoral ou da pastoral cristã no mundo ocidental. As práticas de governo e de controle de si aparecem de diferentes formas nas diferentes entrevistas. É deste controle das mentes – e não mais dos corpos – que Foucault (2008a) fala em “Segurança, Território, População”. A pastoral cristã prega, ensina, persuade,

convence suas ovelhas da necessidade de andar de acordo com um determinado modelo de vida santa, de renúncia ao mundo e negação dos próprios desejos e assim, produz nos próprios crentes ações de autocontrole. Foucault diz que o controle das mentes dos discípulos – ação do poder pastoral – faz com que eles mesmos limitem seus comportamentos. Seria um governo de si pautado num modo de vida e nos valores cristãos.

As palavras utilizadas por William em um de nossos contatos por *Whatsapp*, vão diretamente ao encontro do conceito de governamentalidade quando ele diz que, para não cair em tentação, se envolve com várias atividades espirituais voluntárias e missionárias: *“a batalha está na mente. Em vez de eu manter minha mente ociosa, eu a sobrecarrego de coisas espirituais. É por isso que vou para o trabalho [missionário]. [...] Eu espero e eu oro para que eu continue gerenciando a mim mesmo”*.

Ou seja, para se autocontrolar, se autogovernar, se autogerenciar William preenche seu cotidiano com atividades que tomem tempo de suas capacidades físicas e mentais e tiram espaço para pensar e agir de acordo com os desejos homoeróticos. Mais adiante, ao eu perguntar-lhe sobre a palavra “*gerenciando*” que ele utilizou acima, William respondeu: *“eu tenho reações aos homens se sou abraçado [por eles] ou se me aproximo [deles]. Mas eu devo me gerenciar para não me expor a eles. [...] Meu corpo sinaliza. É claro que eu me sinto bem, mas eu quero dizer que [meu corpo] mostra resposta”*.

William estava querendo dizer que ele necessitava se controlar para não expor suas reações de excitação ao ficar muito próximo fisicamente de outros rapazes, algo que seria inaceitável socialmente em seu país e espiritualmente em sua comunidade religiosa.

Em “Vigiar e Punir: história da violência nas prisões” Foucault (1987) fala que outro resultado de um modelo de governo baseado numa sociedade disciplinar é a constituição de subjetividades dóceis, a formação de sujeitos obedientes, a construção de pessoas que cedem o cuidado de si e renunciam a si mesmas para que outras pessoas com mais conhecimento, mais sabedoria, mais inteligência, mais informação, etc., possam direcionar completamente suas vidas. É esta relação entre saber e poder que o autor falava quando dizia que as pessoas se deixavam ser guiadas por outras pessoas ou instituições possuidoras de saberes e verdades sobre

elas. Ao acreditar que estas pessoas ou instituições sabem mais sobre o sujeito do que ele mesmo, ele renuncia o poder que tem sobre si para dá-lo a aquelas. Podemos perceber essas expressões nas falas de Douglas, de Andrea e de Rute quando os três dizem, sobre a salvação eterna, que concedem a Deus o controle sobre suas vidas porque a divindade sabe melhor do que eles o que é melhor para eles; porque Deus quer cuidar de seus filhos e, para isso, tem melhores planos para suas existências. É deste fenômeno que a ideia de biopoder de Foucault (1987, 2008b, 2014a) – de ter o poder para garantir a vida – também é construída. Numa parte do relato de Rute, ela dizia que em seu processo de santificação, ela lia a Bíblia de maneira literal e fazia a parte dela, que seria obedecer às instruções contidas na Bíblia. Ao Rute dizer que como mãe só quer o melhor para seus filhos, ela diz que igualmente Deus é um bom pai que ama seus filhos e só quer a felicidade deles.

“Agora que eu estou do lado dos pais, percebo que não é apenas um monte de regras, não é apenas um monte de coisas para nos limitar e tornar nosso caminho estreito, e nos tornar do jeito que ele quer que sejamos, sabe? Mas é porque ele sabe, como um bom pai, o que é bom para nós. E ele deseja nos dar bons presentes. E eu realmente acredito que, para todo bom presente que ele deseja nos dar, Satanás tem uma falsificação”.

Oliver também tem um discurso que se aproxima à ideia de biopoder de Michel Foucault. Segundo Oliver, ele aceita cessar sua conduta homoerótica porque compreendeu que caso permanecesse, estaria em risco de morte.

“Eu sempre pensava assim naquele versículo que diz que o pecado leva a morte. Eu penso, se eu continuar pecando dessa maneira eu vou morrer, e eu não quero morrer, não quero viver uma vida sem Deus, porque uma vida sem Deus é morte. Fica longe de Deus. Eu sempre tive assim pra mim. Longe da igreja, ok. Longe de Deus nunca. E é isso que ficou pra mim. [...] no dia que Deus falou no meu coração que eu precisava me abster, eu compreendi. Eu compreendi porque se eu continuasse naquela prática hoje eu poderia estar, ter tido, enfim, ter pego uma doença, ou algo do tipo. Que realmente a vida que eu tinha era uma vida realmente, uma vida de morte. As pessoas quando saem das drogas elas falam, ‘Ah, porque nas drogas eu dormia na rua, ou porque eu roubava tudo dentro de casa’, e essa coisa das drogas assim

era mais ou menos o que eu tinha com o sexo. Eu consumia sexo, pornografia, muita coisa”.

Outra fala importante e possível de ser associada a estes corpos que para se tornarem corpos dóceis e obedientes, buscam técnicas para reprimir seus desejos foi a de Jason. Primeiramente, ao discutirmos sobre seus sentimentos, ele tentava explicar sua falta de consciência de si e de suas emoções. Assim ele dizia: *“Eu acho que [isso acontece] talvez porque eu ignoro tanto meus sentimentos e tento me concentrar em outras pessoas, agradando outras pessoas, que eu nem penso em mim mesmo. Acho que pode ser isso, eu não sei”.*

Neste ponto da entrevista, eu comentei que devia ser muito difícil para ele deixar seus sentimentos de lado e fazer somente o que outras pessoas esperavam que ele fizesse. Foi aí que ele apontou:

“Sim, é difícil; agora que estou percebendo o que eu faço porque, honestamente, antes que eu nem percebia o que estava fazendo, eu simplesmente fazia. [...] Eu acho que minha maior questão é ficar imaginando o que as pessoas pensam de mim toda a hora. Tentando realizar o que todo mundo quer. [...] Eu penso demais no que as outras pessoas pensam”.

Mais adiante, Jason dizia que muitas vezes se sentia deprimido. Ele atribuía a causa dessa depressão no constante sujeitar-se a fazer coisas que os outros querem que ele faça. Jason também dizia que ao fazer suas próprias vontades, ele se sentia egoísta.

“Eu estava deprimido porque não estava focando em mim mesmo. E eu estava me concentrando demais em outras pessoas. Constantemente focando no que outras pessoas queriam e precisavam. [...] Tem coisas que eu quero fazer, mas me sinto egoísta em fazê-las”.

Jason relatou também que foi educado desde criança a sempre se sacrificar pelo outro e viver pelo outro ao invés de viver para si mesmo. Disse que foi ensinado que era melhor negar o próprio eu e fazer aquilo que as pessoas esperam dele do que

pensar primeiro nele. Num dos momentos de nossa entrevista, ele falou sobre a conscientização tardia de sua falta de autonomia:

“Eu me lembro que sempre me ensinaram que pensar em si mesmo é errado, ou que se sentir muito bem é errado, e que sacrificar seus sentimentos e a si mesmo pelas outras pessoas é a coisa certa que deveríamos estar fazendo... [me ensinaram a ter uma] vida cristã e a agradar a Deus e todas essas outras coisas. Mas para mim parece que agora que sou mais velho e que tenho como que um relacionamento com Deus, não parece que Deus queira que eu sacrifique todas as partes da minha vida apenas para agradar as pessoas. Não sei se interpretei dessa maneira ou se foi assim que me foi ensinado; provavelmente são as duas coisas. Provavelmente me foi demonstrado dessa maneira e provavelmente me ensinaram dessa maneira, por isso estou sempre pensando que preciso agradar as pessoas para agradar a Deus. [...] Eu penso demais no que as pessoas pensam. Eu me demoro muito nisso. E isso afeta meus comportamentos sociais e todas essas outras coisas. Começo a questionar as coisas antes mesmo de fazê-las. Estou aprendendo a pensar na vida”.

Jason também afirmava que a maneira como seus familiares e sua comunidade o educaram fez com que ele adotasse um padrão de comportamento que é difícil de mudar ainda que ele não esteja satisfeito com ele. Ele dizia que estava tão acostumado a agradar os outros que quando estes ficavam bravos com ele, ele se estressava:

“Eu também entendo que todos são responsáveis por sua própria vida. Eu não sou responsável pela felicidade de todas as outras vidas humanas na terra. Então, só porque eu não faço algo para você, isso não significa que você pode ficar chateado porque eu não fiz isso. [...] Mas eu percebo que, por alguma razão, para mim é um padrão difícil de adotar, é difícil para mim... eu entendo e falo muito sobre isso. [Falar sobre] isso me ajuda a me sentir melhor, mas não está mudando nada porque eu não estou acostumado. Eu não estou acostumado a ser assim, ou a realmente colocar isso em prática. Tipo, dizer não às pessoas, entende? Eu não sei por que fico tão dramaticamente estressado quando deixo as pessoas com raiva”.

O controle é um termo muito frequente no discurso de Jason. Ao perceber que está sempre pensando no que outras pessoas esperam dele e fazendo o que elas querem, Jason frequentemente dizia que se sentia controlado, especialmente por membros de sua família. Quando eu o perguntava sobre esses sentimentos ele respondia:

“Sinto que não posso ser livre para ser eu mesmo sem que alguém venha dar sua opinião sobre isso ou diga algo violentamente para mim. Eu não sei. Às vezes, minha mãe expressa suas opiniões com muita violência. Meu irmão mais velho é gay e eu a vi falando dele e o xingando pelas costas, sabe? Só Deus sabe o que ela já me disse; e eu já a peguei falando sobre mim nas minhas costas, mas ela nunca disse nada como isso, nada que eu tenha visto ou ouvido, sabe? É meio difícil quando sua mãe faz isso e ela é sua única mãe”.

Às vezes Jason se questionava se eram os outros que o controlavam ou se na verdade era ele quem aceitava se submeter aos outros e, então, controlava-se a si mesmo:

“Eu não acho que era assim desde que nasci, acho que fui treinado para pensar dessa maneira porque minha mãe sempre me dizia... eu não estou tentando culpar minha mãe, mas ela costumava me dizer para não ofender demais as pessoas, porque eu sempre expressava minha opinião. [...] Eu não tento ofender as pessoas intencionalmente, eu só costumava dizer o que pensava. Eu fui treinado para cuidar com o que eu falava. E chegou ao ponto de cuidar tanto do que eu falava que eu simplesmente não falava absolutamente nada e só fazia o que todo mundo me mandava fazer”.

Num dado momento da entrevista, quando discutíamos sobre sua infância, Jason relatava que quando sofria homofobia na escola por conta de sua performance considerada efeminada, sua mãe tinha comportamentos ambivalentes com relação a este fenômeno: em casa diria para ele se defender, mas na escola, na frente das professoras, dizia que ele não deveria machucar os sentimentos dos outros:

“Eu sempre era zombado na escola. Mas o problema é que minha mãe me dizia para fazer algo do tipo ‘faça de volta para eles’, ou ‘se defenda’. Aí, quando eu comecei a me defender, houve uma grande reunião sobre isso e aí ela virava e, na verdade, me corrigia em meio a reunião [dizendo], ‘bem, você não quer fazer isso né?’, sabe? Então ela quase voltava atrás em sua palavra, no que ela tinha me dito. Então acho que cheguei a um ponto que eu não sabia o que fazer comigo mesmo, sabe? Não sabia como responder a certas coisas como essas.

É possível observar no discurso de Jason questões que se associam à constituição de subjetividades dóceis, obedientes, sujeitadas às normativas sociais. Encontramos outras falas nas entrevistas que contestam a ideia de que a abstinência das práticas homoeróticas é uma obediência objetiva às normas e regras da vida cristã. Algumas destas falas alegavam que o ato de deixar de praticar ações homoeróticas não era resultado de uma obrigação institucional que direcionava as pessoas a se encaixarem nas normas estruturais da cultura religiosa e social, mas produto de uma decisão racional e consciente, resposta de um trabalho de reflexão intensa e individual.

Estas falas aparecem em entrevistas como a de Douglas, por exemplo. Ele aponta que seu retorno para a igreja nunca foi forçado. Igualmente, Rute também refere que ninguém a forçou a voltar para a igreja. Ela compara as atitudes de Deus às suas atitudes como mãe, dizendo que igualmente a Deus, ela não prende ou obriga sua filha a fazer o que ela quer:

“Deus não me forçou, ele não nos força a escolhê-lo. [...] O Senhor dá conselhos amorosos e ajuda em sua palavra, mas ele nunca... ele é um cavalheiro... ele nunca nos força. E nós não forçamos nossa filha. Nós não a sentamos e dissemos ‘você não irá sair de casa até que você não tenha mais [esses tipos de conduta]’ [...]. Nós oramos amorosamente por ela e falamos a verdade em amor para ela”.

Oliver também explicava que sua escolha de se manter abstinente não foram resultado de coerção da igreja, mas sim de uma resposta de sua livre capacidade de raciocínio e reflexão a partir das coisas que ele leu na Bíblia:

“Eu acho que não é por conta da igreja que a gente tem que inibir a nossa sexualidade. Acho que a gente tem que inibir a nossa sexualidade por conta de Deus, e não... e ter uma vida plena com ele... e não por... porque as vezes a pessoas acham que, ah tem que deixar de ser gay porque a igreja me disse que eu tenho que deixar de ser gay. Força as vezes. E eu nunca procurei forçar. [...] Tudo que acontece comigo é porque a Bíblia me permite, e não porque a igreja proibia”.

Jack acredita que Deus não força a ninguém a fazer decisões em direção a ele, afirmando que sua conversão e escolha por abstinência tem a ver com uma escolha racional e voluntária.

“As suas decisões tem que ser pelas suas próprias vontades. Deus não pode [forçar] ninguém a ser o que não... a ser algo que não queira ser. Ele não força, nada. Nunca. [...] E essa é a razão pelo que eu me retornei a ele. Entendendo isso. Entendendo que realmente [para] o amor de Deus [...] não existe bloqueio, não existem dificuldades. [...] Deus te aceita como você é. Ele me aceitou como eu era, quando eu voltei pra igreja, 12, 13 anos atrás”.

Jack também me revelou em sua entrevista que ele dá estudos bíblicos e ajuda outras pessoas que voluntariamente querem voltar a igreja. Ele volta a dizer que nada é forçado e que não deve ser, não considerando o discurso religioso como um discurso de verdade que tente convencer e persuadir, mas como um discurso que venha ao encontro das necessidades espirituais das pessoas:

“Aqui ninguém é forçado. Eu, na minha posição, ofereço o que [...] algumas pessoas precisam, que é uma conexão com a religião e com Deus, se eles querem. Porque não é forçado. Eu não fui forçado a fazer nada que eu tô fazendo. Foi pela minha própria vontade isso. E assim tem que ser com todas as outras pessoas”.

Na mesma forma de raciocinar, Lúcio atribui as decisões das pessoas como ações completamente livres que foram possibilitadas por Deus através do livre arbítrio:

“Deus nos dá o livre arbítrio. [...] Deus não vai tirar o livre arbítrio da pessoa. Ele não vai tirar a sua escolha. Ele simplesmente vai te orientar nas suas escolhas. E

foi isso que ele fez na minha vida. Ele me orientou na minha escolha. E hoje se eu avaliar a minha vida que eu vivia antes e hoje, em dois anos eu recuperei toda uma história de 39 anos”.

O conceito de governamentalidade de Foucault (2008a) pode ser, aqui, utilizado para analisar as falas dos participantes de que as escolhas pela abnegação não foram fruto de obrigação, pressão, repressão – ou coerção – e coação, através da percepção de que, de fato, este modelo de governo não é um governo dos corpos, que os conduz empurrando-os, mas sim um governo das mentes. É uma arte de governar em que as pessoas são conduzidas por seus próprios raciocínios – e não pela força física da instituição ou do estado – a seguirem as normas estabelecidas pelo poder disciplinador, que atravessa as vidas das pessoas com discursos de verdade e com prescrições de normativas.

3.7 A Presença e A Ausência de Relacionamentos Amorosos

É interessante notar que de todos os 15 entrevistados, somente 5 participantes estavam envolvidos em relações afetivas e / ou sexuais com pessoas do sexo oposto na data dos encontros para a realização desta pesquisa: Douglas, Jason, William, Rute e Silas. Destes, Douglas e Rute se diziam muito satisfeitos com seus casamentos e Silas afirmava estar realizado em seu namoro. Douglas, o palestrante internacional, dizia que se tornou sexualmente realizado após aceitar os preceitos cristãos de santidade sexual e treinar seu corpo e sua mente para uma mudança de atrações sexuais, tendo, na data da entrevista, uma esposa e dois filhos:

“Eu aceitei o senhor com a promessa de que poderia ser uma nova criatura. E eu não tinha ideia de que dentro de um ano eu estaria casado. E perfeitamente satisfeito como um homem casado. Quer dizer, nossa, isso é incrível. [...] Eu nunca imaginava que poderia ser sexualmente satisfeito por uma mulher. As pessoas dizem, ‘bem, você nunca foi gay’. Eu digo, ‘sério? Pergunte aos meus amigos na Califórnia’. Eles nunca teriam pensado que eu seria qualquer outra coisa, que não gay. Por que eu fingiria ser gay? Quer dizer, isso é ridículo ou o quê? Eu vivi todos esses anos

como uma pessoa gay, e eu não era realmente gay? Você só pode estar brincando comigo. Por que uma pessoa heterossexual viveria assim?”.

Rute dizia que além dos sentimentos de felicidade e realização existencial que pouco a pouco a foram preenchendo ao ter retornado à igreja, também se sentia realizada sexualmente ao estar casada com seu marido. Num dos momentos que eu lhe perguntei sobre sua satisfação sexual num relacionamento com um homem, ela me respondeu:

“Eu quero dizer, de uma maneira muito honesta e real, que tenho sido profundamente realizada de formas que jamais havia sido realizada antes. Então, sim, muito [satisfeita]. Tenho sido muito abençoada de diversas maneiras. Mas nessa maneira também. [...] Eu não sei por que meu marido me escolheu, mas ele escolheu. [Risos] Mas sim, estou muito honrada e agradecida e realizada”.

Ao entrevistar a Silas, ele também sinalizava sentir-se bem e realizado existencialmente por vive uma vida de abstinência de práticas homoeróticas. Ainda que estivesse namorando com uma garota, Silas contestava a ideia de que a realização pessoal estaria necessariamente relacionada a realização sexual e dizia que era possível encontrar pessoas que se diziam realizadas na vida sem se exercitarem sexualmente – de forma homoerótica ou não – valorizando outras coisas mais do que a sexualidade em si.

“Algumas pessoas chegam a um estado que se consideram felizes porque são [...] sexualmente ativas, exercem sua sexualidade de forma plena, ou não. As vezes pelo contrário, a não prática, mesmo não havendo a prática ela também está feliz por outros motivos. [...] Hoje temos até inclusive as pessoas que se declaram assexuadas que nem sequer [exercem] qualquer uma das duas formas [de sexualidade] como uma coisa que pra ele é relevante, importante, e necessária. Acabam encontrando aí a sua felicidade de outra forma, felicidade baseada em realizações. Algumas pessoas encontram realização em diversas atividades que não necessariamente na prática, no exercício da sexualidade”.

Silas continuava afirmando que estava satisfeito com seu relacionamento com sua namorada tanto afetiva quanto eroticamente:

“É bem tranquilo. Estamos caminhando aí pra completar o terceiro ano de relacionamento, já apontando talvez até em casamento né? A gente tem um amor saudável, a gente tem os nossos momentos, apesar de, por conta de a gente não ter relação sexual propriamente dito, mas a gente tem o que o povo chama de ficar, de pegação e tudo mais, e funciona normalmente, é natural, não é forçado, tanto que ela tá comigo até hoje e nunca teve assim nenhum receio de tá fazendo uma decisão errada. Né? Sempre se sentiu preenchida emocionalmente como mulher”.

A satisfação demonstrada pelos participantes acima era oposta àquela que Jason e William apresentavam ao falar sobre seus relacionamentos com suas parceiras. Nas falas de Jason, ele se queixava dos conflitos conjugais que tinha no seu relacionamento com sua mulher, mas além deles, também demonstrava indecisão quanto a permanecer neste relacionamento por ter vontade de vivenciar experiências homoeróticas. Numa de suas falas, Jason utilizou a expressão “*estar em cima do muro*” para dizer que se sentia em conflito entre querer realizar seus desejos e frustrar sua mulher, suas filhas e as demais pessoas de sua comunidade. Noutro momento, Jason também explicou que o amor que tem por sua mulher tem um formato mais genérico do que erótico.

“Não acho que exista uma quantidade igual de amor [entre minha esposa e eu]. No entanto, ela diz que me ama, mas eu não sinto isso. E não sei se isso tem algo a ver comigo, na verdade [...] acho que tenho amor por ela, mas não acho que seja uma atração. Atração sexual. Eu acho que existe mais como se fosse um amor geral pelas pessoas. Do tipo sacrificial. [...] Eu sempre tenho sentimentos confusos e sempre questiono como me sinto, porque não sei se ela é a questão ou se eu sou a questão”.

No caso de William, já discutimos anteriormente sobre a sua sensação de esgotamento e de estar vivendo uma mentira ao ter um relacionamento com uma mulher para poder se adequar às normas sociais. Tendo passado por uma experiência

similar, Hugo afirmou que se sentiu muito mal ao ter se relacionado com uma menina, a ponto de querer se suicidar, como já visto anteriormente também.

Alguns dos participantes, como Dimitri e Jack e Oliver, diziam que não estavam interessados em ter relacionamentos com alguma mulher. Dimitri disse que jamais teria um relacionamento com uma mulher sabendo que ainda sentia desejos por pessoas do mesmo sexo. De forma um tanto parecida Jack dizia enfaticamente em nossa entrevista que não tinha nenhuma atração por mulheres e que não buscava se relacionar com elas por causa disso. Oliver também dizia que se tivesse desejos eróticos por pessoas do sexo oposto, gostaria de casar e ter filhos como seus demais familiares. Entretanto, como não teve seus desejos homoeróticos completamente transformados por Deus, preferia não ficar com ninguém para se focar no cultivo de seu relacionamento espiritual de forma celibatária. Ao mesmo tempo, Oliver também dizia que se sentia muito bem sozinho. Em nossas conversas por *WhatsApp* e por vídeo chamada ele disse que realmente gostava da solidão:

“As pessoas perguntam, ‘mas, nossa, a vida de celibato é tão complicada, tão difícil’, pra mim não é, porque eu acho que realmente eu posso viver sozinho, passar horas sozinho, não tenho, não tenho necessidade de ter um parceiro, uma parceira. Eu me sinto bem sozinho. [...] Se eu não me sentisse bem sozinho, eu teria provavelmente procurado alguém, e eu teria já abandonado Deus há muito tempo. Eu acho que a minha questão é, se eu estou com alguém, eu não estou com Deus, entendeu? Eu não sei muito como explicar, mas, se eu tenho alguém na minha vida comigo, eu não tenho mais Deus. Então sozinho eu tenho Deus. [...] Mas eu também não sei explicar porquê que é assim. Eu simplesmente me sinto bem assim, sem ninguém. Eu me sinto bem”.

Já Lúcio dizia que temia que seu passado de atrações pelo mesmo sexo pudesse interferir na questão sexual do relacionamento com uma mulher. Ele dizia que tinha um sonho de casar com uma mulher, mas que só faria isso se Deus objetivamente o mandasse uma esposa.

“Vai querer casar?’, ‘Seria o meu sonho?’, Ah, eu tenho, mas eu tenho medo que pela parte sexual eu venha às vezes a ser afetado de alguma maneira com o que eu vivi. Então eu digo assim, se for ainda pra glorificar o nome de Deus, que ele que

vai providenciar uma esposa. Mas se não for pra glorificar o nome de Deus, eu tô muito bem solteiro, muito bem sozinho, muito bem resolvido”.

Outros participantes tinham explicações não voltadas à questões sexuais para justificar o fato de não se relacionarem com pessoas do sexo oposto: Jeremias, Andrea e Evandro diziam que ainda não tinham se apaixonado por pessoas do outro sexo a ponto de quererem entrar em um relacionamento e também apontavam que o relacionamento amoroso não era para eles uma questão importante para a realização pessoal naquele momento, mas sim a carreira. Jeremias também falava que ter um relacionamento amoroso não era algo central de sua existência ainda que por vezes fosse difícil e doloroso passar por alguns momentos da vida sem uma companhia afetiva. Jeremias também dizia que o fato de perceber o desenvolvimento de desejos por pessoas do sexo oposto em sua mente o deixava feliz e o trazia a sensação de que estava tomando o curso certo para sua jornada:

“Eu sinto que às vezes sim, é difícil, mas assim, pode ser super clichê isso que eu vou falar, mas viver não é fácil, em nenhuma situação. Viver é sofrido, é dolorido, eu sei que eu tive esses traumas na infância, mas eu percebo alguns crescimentos em alguns momentos que me deixam felizes. Algumas coisas eu vou ter respostas, outras coisas eu não tenho resposta, mas uma coisa eu tenho certeza: que se eu desse vazão e vivesse e tentasse namorar com alguém, e ficar com alguém, não ia preencher também o que eu estou precisando. Entendeu? Então eu não digo que eu alcancei a plenitude. Não. Ainda tem muita coisa pra trabalhar.

Jeremias, Andrea e Evandro diziam que se focavam em suas trajetórias profissionais e na independência financeira, canalizando energias que poderiam ser direcionadas a relacionamentos amorosos para aqueles outros objetivos. Evandro enfatizava que não tinha tempo para um relacionamento, já que trabalhava e viajava muito como um palestrante voluntário. Ao falar sobre seu ministério, que era composto por seu testemunho, Evandro explicou como não conseguiria ter um relacionamento no momento em que realizamos a entrevista:

“Eu trabalho muito viajando pelo mundo. Minha esposa ia querer me ter em casa e, para dizer a verdade, seria apenas outra dimensão da minha vida para qual

eu não tenho tempo. Minha mente é direcionada ao ministério que eu tenho e eu amo o que faço. Eu tenho ótimos amigos, meus encontros sociais são ótimos, então não é como se eu estivesse perdendo alguma parte ou qualquer aspecto da minha vida”.

Por outro lado, participantes como Charles e Pedro não falavam sobre ter relacionamentos com pessoas do sexo oposto: ao contrário, eles sinalizavam que tinham interesse em se relacionar com pessoas do mesmo sexo, algo que Hugo também sinalizou ao dizer que tinha o objetivo de corresponder suas necessidades humanas de sexo, de afeto e de companhia amorosa daquele momento específico de sua vida em diante.

Num momento da entrevista com Charles, ele me disse que pensava em ir para Portugal para poder fazer o que ele realmente queria, que era ter experiências afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo. Para ele, sair do país para ficar longe de sua família e de sua comunidade seria a saída ideal para conseguir ter um companheiro amoroso e criar uma imagem de si diferente da imagem que ele tinha construído para os outros aqui no Brasil. Segundo Charles, caso ele se assumisse ter atrações homoeróticas no Brasil e as colocasse em prática, mancharia a imagem que lutou muito para conseguir em sua terra natal, mas se estivesse longe, não necessitaria manchar sua reputação para ter um relacionamento com outro homem:

“Só o tempo dirá com a maturidade se um dia eu vou ter coragem. Ou talvez eu não precise. Talvez eu não quero acabar com a imagem que eu formei na cabeça das pessoas. Talvez eu quero só apenas sair de fininho e sair de cena. Apenas. Sumir. E começar do zero. Mas com a minha imagem em outro lugar, com outras pessoas. Que acabar com a sua imagem, que você fez, o mundo é muito mal. Às vezes eu penso que as pessoas talvez não precisem saber. Talvez eu apenas preciso saber quem eu sou. E isso já vai ser o suficiente”.

No discurso de Charles, ele dizia sentir falta tanto de relações fraternas quanto de relações amorosas masculinas e considerava que ter um relacionamento amoroso era algo muito importante para ele. Ainda com estes desejos de amar e ser amado por um homem, Charles era influenciado por ideias apresentadas pelo livro que o ministério religioso de apoio à abstinência homoerótica o indicou, dizendo que esta falta que ele sentia era justificada pela ausência de amor paterno na infância.

“E eu sinto um vazio grande de ter, de ser amado por um homem, entende? De amar também. Talvez porque, eu estava lendo isso no livro, eu não tive isso com meu pai, não tive o amor de um pai. Sempre vivi num ambiente feminino, então eu acho que foi isso que faltou assim. Talvez se eu tivesse tido tudo isso hoje eu seria diferente. Eu teria uma relação heterossexual, seria normal. Seria bem melhor”.

Pedro era outro participante que dizia sentir muita falta de se relacionar sexualmente e afetivamente com outro homem. Na entrevista que fiz com ele, Pedro usou a expressão “*sentir saudade*” para exprimir sua vontade de compartilhar a vida com alguém e seu desejo de amar e ser amado. Pedro dizia que tinha muito amor no coração para dar e que também queria ter uma vida de companheirismo como outros tinham.

“Eu às vezes tenho vontade de... eu sinto saudade... porque eu moro numa casa maravilhosa. Olha, eu moro numa casa que eu sou apaixonado por ela. [...] Eu sinto saudade de ter alguém pra compartilhar a minha vida, entendeu? Porque tipo, poxa vida, eu tenho tanto amor dentro do meu coração[...]. Hoje, minha cama é imensa! Mas sabe, não é sexo! Claro que é bom, tudo. Mas sabe o que é isso? É companhia. Amor. Sabe tu chegar e ter alguém te esperando? Ou tu esperando alguém? Minha barba tá ficando branca. E tu sabe, imagina tu envelhecendo ao lado de alguém? Poxa vida. Isso é bonito! Sabe, tu morrer e ter alguém que tá lá contigo? Que nem minha mãe, que nem meu pai... que meu pai faleceu, minha mãe tava lá, sabe? A gente morre também né? Eu acho que faz parte. Sabe? Tu construir uma coisa juntos? É o que eu tenho vontade, entendeu?”.

Com o decorrer das entrevistas realizadas se tornava nítido que a abstinência homoafetiva causava – ou tinha causado em algum outro momento – muita dor e sofrimento aos participantes. Este fato era refletido pelos discursos oscilantes de alguns entrevistados que, por momentos eram muito rígidos quanto à possíveis interações homoeróticas e noutras vezes se posicionavam de forma mais aberta à possibilidades de encontros e relações com pessoas do mesmo sexo, como aconteceu nos discursos de Charles e de Jason. Esta oscilação também aconteceu numa de minhas diversas conversas com William por mensagens de texto.

William estava me dizendo sobre a necessidade do controle de seus desejos pecaminosos e que o exercício homoerótico era um crime em seu país. Ele explicava que uma ação como esta poderia lhe causar rejeição social impossibilitando-o de encontrar emprego ou de obter apoio comunitário. Continuou dizendo que, por conta disso, tinha algumas atitudes para velar sua orientação sexual, como não socializar com outros homossexuais em locais públicos, usar roupas consideradas apropriadas para homens, participar das atividades da igreja e namorar uma garota. O mais interessante foi que logo após estas explicações, William referiu que caso encontrasse alguém parecido com ele, pensava ser possível tentar ter uma relação com tal rapaz:

“Eu já tentei o meu melhor para ver se consigo encontrar alguém como eu, que respeita a religião e os relacionamentos entre duas pessoas, não importa a orientação, mas a maioria dos caras que conheço está atrás de sexo e dinheiro. Eu acho que sou diferente de como eles priorizam a vida como eu. Eu não quero viver sempre do lado de quem recebe. Eu amo trabalhar para mim. Acredito que, se eu estabelecer uma empresa no Zimbábue, posso ser um ponto de admiração para as pessoas ao meu redor. Aí vou poder explicar minha orientação para elas. Com a mudança que eu traria na minha comunidade, eles entenderão e apreciarão”.

Para me certificar de que eu estava realmente entendendo o que ele estava dizendo, já que esta fala era bem diferente das falas anteriores que tinha escutado dele sobre a negação de si e a abnegação de seus desejos por pessoas do mesmo sexo, eu o questionei e logo recebi sua resposta:

Josué: “Então, se você encontrasse alguém como você, um gay cristão que respeita a religião, você se tornaria o namorado, o marido ou o parceiro vitalício dele?”

William: “Sim. Eu posso fazer uma tentativa e ver o que acontece”.

Este recorte demonstra a transversalidade desta pesquisa. É possível perceber que este período de contato com os participantes para a realização da pesquisa não retrata nem prevê com segurança o futuro da vida deles. Mesmo que o aspecto transversal da pesquisa seja notório, é interessante perceber que mesmo neste curto período de acompanhamento dos participantes, houve diferenças consideráveis nos discursos de algumas pessoas ao encontrá-los algum tempo depois

das primeiras entrevistas. Isso aconteceu com William – como visto acima – e com Charles, sobre quem falaremos no fim desta sessão.

3.8 O Preconceito e As Experiências Desagradáveis Na Igreja

Como veremos na Parte 3 deste trabalho, ao descrever o discurso do “Ministério Perseverar em Cristo”, tive a oportunidade de observar em algumas reuniões falas de como algumas igrejas tinham dificuldade em lidar com o tema da atração homoerótica, tendo uma postura preconceituosa frente a pessoas que desejavam pessoas do mesmo sexo. Também pude encontrar nas entrevistas depoimentos que expuseram um pouco deste preconceito que os participantes encontraram em suas igrejas e a frustração que eles perceberam ao não se sentirem acolhidos por elas.

Charles, por exemplo, percebia que alguns membros da igreja observavam o fenômeno da atração entre pessoas do mesmo sexo como uma falta mais grave do que outros tipos de pecado, o que causava nele ações de isolamento:

“Eu amo a Deus, eu gosto muito dele, mas eu não estou feliz, entendeu? Viver dentro da igreja, deveria ser um barco que iria te ajudar a chegar ao pai, pessoas feridas, mas a homossexualidade é um pecado que as pessoas, elas olham diferente, como um pior pecado do que aquele irmão hétero que fica olhando as meninas, sabe? É o pior pecado. Então eu tento passar isso sozinho assim. [...] A igreja não trata desse assunto. A igreja tenta o máximo de ficar distante disso. Entendeu? Principalmente pelo que eu vejo da minha igreja. Não é algo que as pessoas falam, costumam falar na igreja. Sexualidade. E quando falam da homossexualidade é só falando que é pecado, que você tem que lutar contra isso e só”.

No decorrer de nossa conversa, Charles me dizia que o fato de perceber como a igreja lida com as questões do tema da sexualidade fez com que ele comesse a parar de ver sentido em alguns preceitos da religião, perdendo a vontade de estudar a Bíblia e a Lição da Escola Sabatina, especialmente por se sentir sozinho e não pertencente àquela comunidade. A Lição da Escola Sabatina é um manual de estudos

lançado trimestralmente e mundialmente pela Igreja Adventista do Sétimo Dia contendo capítulos a serem lidos semanalmente; o manual divide os capítulos em sete, para que haja um conteúdo a ser lido diariamente. Os capítulos são recapitulados e revisados a cada sábado em algum momento do culto de adoração nas igrejas e grupos Adventistas do Sétimo Dia em todas as partes do globo. Oliveira Filho (2004) informa que a Escola Sabatina começou a partir de estudos da Bíblia publicados na revista “Youth’s Instructor” [Instrutor dos Jovens], que foram posteriormente incorporados aos rituais da igreja. O autor também afirma que a Escola Sabatina foi uma iniciativa de James Springer White, uma das pessoas que fundou a Igreja Adventista junto com sua esposa Ellen Gould White. De acordo com Suárez (2015) os objetivos da escola sabatina da Igreja Adventista do Sétimo Dia são estudar a Bíblia, confraternizar os membros da igreja, dar espaço para o testemunho dos membros e fortificar a missão de evangelização mundial, sendo que o momento do estudo da lição da Escola Sabatina “deve ser considerado sagrado, e precisa alcançar resultados específicos: os alunos devem participar, devem aprender, e devem ser conduzidos a um processo de mudança de vida, mediante a atuação do Espírito Santo” (p. 160). Tais objetivos não pareciam ser alcançados na vida de Charles ao ele falar as seguintes palavras:

“Graças à sexualidade, muitas coisas não começam a fazer sentido. Vou na igreja, acredito em Deus, mas muitas outras coisas pararam de fazer sentido. Estudar a lição [da Escola Sabatina], é tudo a mesma coisa como antigamente. Aquele brilho está se perdendo, eu percebo. Por mais que agora eu tô vivendo uma vida pura, eu não sinto aquela vontade de estudar a lição [da Escola Sabatina]... alguma coisa está diferente. Percebo isso. Você não sente aquela vontade aquele prazer. Eu pelo menos. Já orei pra Deus me dar esse gosto pra ler a Bíblia, estudar, sentir prazer nisso, aprender mais dele. Mas não sei o que está acontecendo. Vai diminuindo, entendeu? O interesse, o gosto. Às vezes eu acho que não é mais... o tempo da igreja, às vezes eu sinto que tá acabando pra mim. Porque talvez o meu perfil não se encaixa mais ali. Não sei. É muita confusão, essa idade. Muita coisa acontecendo. Você fica... ainda mais passar por isso sozinho. É o peso maior, passar por isso sozinho”.

Em seu discurso, Charles sentia que ninguém se importava com ele na igreja, mas sim com os comportamentos considerados ideais pelos seus membros, sendo

que ele cotidianamente precisava vestir uma máscara que o escondia e impedia outras pessoas de conhecerem quem ele verdadeiramente era:

“[As pessoas] têm uma visão de um cara comportado que tá guardando a virgindade para depois do casamento e tá esperando a menina certa. Essa é a visão que as pessoas têm de mim na igreja, nos lugares. Mas não é. As pessoas não conhecem eu de verdade. E eu acho que também nunca vai conhecer. [...] Eu me sinto escondido, sabe? Você criar uma máscara. Você criar um personagem. É isso que eu tento fazer. Então é... você tipo atuar entendeu? Você mostrar às pessoas o que elas querem ver. É isso que eu faço. Não é fácil, mas é isso que elas querem ver. Não se importam pra mim. [...] Elas se importam na minha salvação. Mas não se importam sobre eu estar feliz ou não”.

Fez-se uma longa pausa após esta fala de Charles, enquanto ele comedidamente chorava em frente às embalagens de papel dos lanches que comíamos naquela praça de alimentação do shopping. A ignorância, a invisibilidade e o descaso a que Charles se referia também apareciam no discurso de Dimitri. De acordo com ele, muitos membros da igreja não se davam conta de que existem pessoas com atrações pelo mesmo sexo em toda a parte e que, era possível prever que alguns destes membros o maltratariam caso soubessem desta informação.

“Eles acham que essa classe tá só lá no mundo, então mal eles sabem que a igreja é como qualquer outro lugar e tem todo o tipo de pecador, tem todo o tipo de pessoa. [...] É aquela coisa né, aquelas pessoas acham que você é uma coisa que você não é. Agora se por ventura um dia desse a louca e eu contasse, aí que a gente veria quem realmente é cristão e quem não é”.

Em minha conversa online com Hugo, ele também me disse que foi a reação preconceituosa de um pastor de sua comunidade quanto às suas atrações pelo mesmo sexo que o fez mudar suas atitudes com relação a igreja. Segundo este participante, num determinado ano, um pastor aspirante chegou em sua comunidade e, ao ficar sabendo das atrações de Hugo, espalhou para outras pessoas de outra comunidade coisas que Hugo não queria que fossem contadas. Ao perceber que as pessoas em sua igreja faziam fofoca e não sabiam como lidar com o assunto enquanto

outras pessoas sofriam por tais condutas percebidas por Hugo como cruéis e ignorantes, ele resolveu se colocar mais ativamente com relação à situação.

“Mas quando o pastor novo chegou em minha igreja, ele soube da informação [...] então ele divulgou essa informação para pessoas que não sabiam sobre o assunto, que eu gostaria que soubessem da minha boca. Ele também foi a alguns pais pra dizer que tivessem cuidado comigo, que estava influenciando os filhos deles que eram meus calebes nas missões que os jovens fazem por aqui, “Missão Calebe”. Então ele fez isso e então começaram a aparecer muitas histórias a respeito disso, boatos com meu nome, inclusive uma das situações, um pastor de um distrito próximo disse que eu estava proibido de exercer atividades da igreja porque eu era homossexual e inclusive ele assegurou que por ter passado pelo distrito, ele conhecia a minha família e sabia que eu tinha sido abusado sexualmente, violentado sexualmente na infância, e por isso me tornei homossexual. Entretanto isso nunca aconteceu de eu ter sido violentado sexualmente. Então essas coisas acontecendo assim, todos esses problemas da igreja me fizeram mudar de atitude com relação a igreja também. A pensar que esse assunto deve ser enfrentado, deve ser mais exposto, deve ser esclarecido diante das pessoas pra que elas não tratem outras pessoas assim. Por isso eu mudei”.

É importante lembrar que ao afirmar tal mudança, Hugo me contava que não estava mais disposto a rejeitar suas atrações por pessoas do mesmo sexo e que tinha decidido, na época de nossa entrevista, buscar a plenitude de vida e a santidade espiritual aceitando e incluindo suas atrações sexuais. Ainda que crente nos ensinamentos teológicos fundamentais da igreja – diferente de Charles nesse sentido –, Hugo questionava o posicionamento dela quanto a questões de gênero e sexualidade e dizia que algumas vezes tal atitude poderia ser danosa para alguns grupos marginalizados:

“Eu acredito que como um braço, um segmento social, a igreja corre também os riscos que o restante da sociedade corre, né, que é o risco de se apegar a umas classes de representação social, de tradição, que pode trazer dano a determinados grupos. Então eu nunca pensei no passado que a igreja pudesse de alguma maneira com sua mensagem, mesmo a mensagem de salvação, como ela explica, trazer

prejuízos a algumas pessoas. Mas hoje eu tenho pensado que algumas declarações, mesmo declarações oficiais, podem não ter sido produzidas com responsabilidade pra com pessoas que sofrem, pra com pessoas que são marginalizadas. E essas declarações infelizmente podem fazer mal em vez de bem. No entanto, por exemplo, como no documento mais recente produzido pela igreja, a respeito da condição religiosa dos transexuais, dos transgêneros, eu vejo ainda um lampejo de luz, ainda vejo um caminho aberto ainda pra questão da aceitação, do acolhimento de pessoas desse tipo. Então a minha visão da igreja mudou no sentido negativo pensando que a igreja pode não estar tendo a correta noção do que está fazendo, ao fazer certas declarações, que pra mim soam de forma irresponsável, e por outro lado positiva, por ver que também é um caminho sendo aberto. Começando a ser trilhado em nome da aceitação e do acolhimento de grupos que são marginalizados”.

Igualmente crente na teologia adventista e muito ativo nas atividades da igreja, Jeremias também falou comigo sobre a maneira como a igreja lidava com a questão da atração entre pessoas do mesmo sexo e também considerava que muitos pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia ainda tratavam tal tema sem se desatrelar de crenças provenientes de uma bagagem cultural preconceituosa. Para ele é preciso compreender o que é proveniente da Bíblia e o que é proveniente das opiniões do pastor:

“O que o pastor está falando vai trazer uma série de crenças dele, uma série de pressupostos dele, da cultura que ele tá, daquilo que ele vive, daquilo que ele crê, que pode não ser aquilo que a gente crê que Deus fala, o que Deus acha de tudo isso, percebe? Então acho que algumas coisas se misturam; e a quem que a pessoa está reagindo? Está reagindo ao pastor, ou a pessoa tá reagindo aquilo que a Bíblia fala? Ou é a interpretação de que se dá da bíblia? Uma interpretação errada. [...] Deus me ama como eu sou. Independente de como eu sinto. Então é isso que me mantém na igreja hoje. Eu consegui desvencilhar a posição do pastor, de alguns pastores, com aquilo que eu interpretei diretamente na Bíblia”.

Jack também dizia que a igreja era preconceituosa, mas que já foi muito mais preconceituosa no passado. Ele afirmava que naquele momento a instituição já estava muito melhor que antigamente só pelo fato dela aceitar pessoas convertidas que

deixaram suas práticas homoeróticas. Para Jack, este fato gerava fazia com que a igreja se tornasse mais cuidadosa e inclusiva:

“A nossa religião era muito mais conservadora. Era muito mais combativa. Ela realmente destruía a comunidade homossexual. Hoje em dia é muito diferente. Eu tenho amigos pastores que pensam totalmente diferente do que meus pais pensaram. [...] Hoje em dia, a diferença é incluir e não mandar pra fora, entendeu? Essa é a diferença. A gente se sente muito mais amado hoje dentro da nossa igreja. [...] Então a nossa igreja tem mudado tremendamente nesse aspecto. E quem vai ajudar essas pessoas que estão chegando quando elas pensam que ainda é do jeito que era 30 anos atrás, 40 anos atrás? É só nós, eu, que têm uma visão diferenciada, que já viveram o estilo de vida e hoje pensam totalmente oposto. E que não tenham preconceito nenhum”.

Pedro, outro membro muito fervoroso da religião e fiel à igreja, reconhecia que a instituição também criou barreiras nas relações entre ela e as pessoas adventistas que têm atrações homoerótica. De acordo com ele, Deus, entretanto, é diferente da igreja e consegue compreender e aceitar a todos. Pedro deixa claro em seu depoimento que foi sua relação individual com Deus através da pessoa de Jesus que o trouxe paz e que o ajudou a tratar sua angústia existencial por ter atrações pelo mesmo sexo e não a igreja ou a comunidade adventista:

“A igreja criou barreiras, mas Deus não tem muitas das barreiras que a igreja tem, viu? Deus não tem. Deus não é assim. Deus não é preconceituoso, Deus entende a história de cada um. [...] E eu vou te dizer uma coisa. Não foi a igreja que deu essa paz. A igreja não. Na igreja às vezes a gente às vezes escuta comentários que não são legais. Um dia eu cheguei numa igreja e [...] era a temática [da homossexualidade], sabe? Aí eu vi os comentários, aí eu ouvi um ‘tem que bater’, outro ‘tem que matar’, outro ‘não sei o que’, e tome. [...] O que mudou foi minha visão de Jesus. Não que eu adaptei Jesus à minha situação, não. Eu só aceitei Jesus como é. [...] Eu era um inferno na terra. Eu era um perdido na terra. [...] Mas Jesus perdoa, e eu vou dizer uma coisa, isso foi que me deu paz, tranquilidade”.

Oliver também externalizou seu descontentamento com a igreja a partir de um fenômeno que ele considerou desagradável. O participante disse que se sentiu abandonado pela igreja após ter sido batizado e que percebeu que suas atrações homoeróticas foram usadas pela instituição como um troféu, como um exemplo de sucesso às outras pessoas quanto ao poder transformador de Deus e da igreja ao conseguir evangelizar até mesmo uma pessoa com atrações por pessoas do mesmo sexo. Além deste desconforto, Oliver afirmava discordar de algumas doutrinas da igreja, o que culminou no seu posterior pedido pelo desligamento da instituição.

“Tudo começou mesmo foi quando eu percebi que o meu testemunho acabou virando um pouco, não sei como eu posso dizer, mas eu percebi que no começo era tudo muito maravilhoso, as pessoas ficavam ‘nossa, olha, nossa, o testemunho dele’ [...] e depois a igreja explorou esse lado esse... eu digo a igreja como organização, como instituição. Ela explorou um pouco esse lado, dizendo ‘olha, ele entregou sua vida pra Cristo [...] graças à Igreja Adventista’. Explorou um pouco isso. E aí eu fui percebendo que aos poucos eu fui... foram me deixando de lado. Já não era mais visto como um novo convertido que precisava de apoio, não é? De qualquer modo eu precisava de apoio porque... estudos ou algo, enfim... não tinham nem um discipulado depois do meu batismo, não houve nenhum discipulado”.

Nos momentos das entrevistas com os participantes, Oliver foi o único deles que disse que se desligou da instituição por conta desses desagradados. Permanecer em uma comunidade em que seus membros reagem ao tema da atração pelo mesmo sexo de forma hostil, preconceituosa, olhando mais para tal fenômeno do que para a pessoa – semelhante ao caso de Oliver – parece ser um grande desafio às pessoas que sentem atrações pelo mesmo sexo que lá se encontram. É possível, entretanto, que este cenário possa se transformar, ainda que vagarosamente, como resultado às iniciativas de defesa às pessoas adventistas que têm atrações pelo mesmo sexo, como presentes no grupo “SDA Kinship” de Brian. É possível questionar, entretanto, se o trabalho do “Ministério Perseverar em Cristo” pode produzir mudanças para um cenário mais acolhedor caso mantenha sua postura de homofobia cordial ao promover cuidados às pessoas com desejos homoeróticos observando-as como sujeitos imaturos ao dar uma roupagem sintomatológica às atrações pelo mesmo sexo, fomentando sua extinção.

4. AS DIVERSIDADES NO DISCURSO:

Até agora conseguimos perceber muitas regularidades nos modos de vida e nos sistemas de crenças encontrados nos discursos dos participantes com quem escolhemos trabalhar. Entretanto, por ser um grupo muito heterogêneo, com participantes de vários locais e contextos sociais, seria um tanto ingênuo acreditar que todos eles teriam comportamentos e crenças iguais por decidirem se abster de pôr em prática os desejos homoeróticos que têm – ou já tiveram, de acordo com Lúcio, Rute e Douglas. Desta forma, decidimos criar um capítulo especial para lidar com as diferenças nos discursos sobre questões relacionadas à homoafetividade obtidos das entrevistas dos participantes. Este é um capítulo importante para que percebamos que não há unanimidade nos discursos quanto à origem deste fenômeno, quanto às afirmações sobre o que seja a atração por pessoas do mesmo sexo e sobre como lidar com ela. E como veremos nas próximas páginas, também é importante notar que mesmo a percepção institucional da pecaminosidade do exercício de práticas homoeróticas está sendo colocada em questão por alguns devotos, como nos discursos de Hugo e de Pedro.

4.1 Sobre O Que Seria A Atração Pelo Mesmo Sexo

“Eu não vejo como uma doença não. Nunca vi e também não gosto que ninguém veja. Eu classifico, assim, como um desvio da normalidade. Eu prefiro essa definição. É um desvio, não uma doença. Uso essa classificação”.

Esta era a forma como Dimitri, o jovem estudante de medicina, observava o desejo homoerótico. Dimitri, nascido de uma família tradicional e religiosa, relatava que ao acessar suas memórias mais antigas, lembra que teve várias experiências com meninas na escola. Ele afirmava que até seus 10 anos de idade seu gosto era mais

prevalente por garotas, mas que já nesta idade teve algumas experiências com meninos. Na adolescência, entretanto, suas preferências mudaram e a atração por meninas sumiu, ficando somente a atração por meninos até aquela data. Ou seja, os desejos simplesmente mudaram sem explicação; se transformaram da infância, por meninas, para a adolescência, por meninos. O discurso de Dimitri não considerava que seus sentimentos homoeróticos tenham sido gerados por algum fenômeno – eles simplesmente cambiaram.

Diferente de Andrea e Jeremias, ele não associava a atração a uma sinalização de um trauma que agia na distorção da percepção de si. Como já visto, Andrea e Jeremias nomeavam a atração homoerótica como um sintoma de uma ferida de gênero. Mesmo com esta diferença, os dois participantes também não acreditavam que as atrações pelo mesmo sexo se constituíam de uma doença. Numa troca de e-mails, Andrea me reiterou que o desejo não era doença, mas sim sintoma:

“A homossexualidade não é uma doença, já faz muito tempo. [...] Mas sim o sintoma de outras feridas de gênero causadas no passado. Quando essas feridas e neuroses são tratadas, a homossexualidade praticamente desaparece”.

Concordando com Andrea, Jeremias dizia:

“Eu percebo hoje que na realidade eu sou uma pessoa heterossexual com algumas questões, algumas feridas que precisam ser trabalhadas, e estão sendo trabalhadas. Na realidade eu creio que todo mundo é heterossexual e alguns por causa de algumas feridas, por causa de alguns vazios de gênero têm a tendência homossexual. É uma coisa que evidencia que isso funciona, que trabalhando nessas feridas a gente muda a questão de começar a sentir atração heterossexual, hoje eu comecei a sentir a atração heterossexual”.

De forma similar, por vezes, o discurso de Silas se aproximava do discurso de Andrea e de Jeremias quanto a como os desejos homoeróticos têm a ver com uma imagem distorcida de si, de seu gênero. Silas, portanto, atribuía suas atrações homoeróticas a um desequilíbrio mental associado à sua masculinidade, mas de forma diferente à fala de Jeremias, ele considerava que era bissexual:

“Então na minha mente, talvez, eu vejo que eu me sentia menos masculino comparado com as definições do que seja algo masculino, algo viril, eu olhava pra mim e não me enquadrava muito nessa definição, olhava ao meu redor pra irmãos e até mesmo colegas, que eu não agia como eles e isso desassociou da minha mente ao [...] que talvez não fosse homem. Então se eu não sou homem eu sou do gênero oposto. Então eu vou passar a me identificar com o gênero oposto e com o que elas gostam, com o que elas buscam, o que elas pedem. [...] Talvez o que eu passei não consiga captar todo o homossexual. [...] Talvez no meu caso [...] tenha sido sim de uma homo para uma bissexualidade ou, como eu disse, uma bissexualidade estava despolarizada: um aspecto estava sobressaindo ao outro, dado ao histórico, à influência, enfim”.

Em outra parte da conversa, Silas falava que ele não mudou sua orientação sexual, e sim que ela estava lá provavelmente desde que ele nasceu. Ele afirma que simplesmente fez uma escolha para um lado de sua bissexualidade – algo bastante distinto da concepção de Jeremias e de Douglas, que entendem que todas as pessoas nascem com atrações pelo sexo oposto e que traumas e problemas pessoais promovem descarrilamentos dos trilhos sexuais considerados normais para a humanidade. Silas, então, dizia:

“E lembrando que a gente sempre está se referindo à prática da sexualidade, e não à orientação. [...] Eu não fui capaz de mudar uma orientação que estava presente ativa desde o meu nascimento provavelmente. Eu fui capaz de controlar o desejo, o direcionamento da minha força de vontade, dos meus desejos, dos meus sentimentos, de uma opção para a outra”.

Jeremias, Andrea e Douglas estavam certos em seus discursos de que a atração pelo mesmo sexo não era um aspecto natural, ou uma característica que você nasce com ela, mas sim um resultado de uma influência ruim do ambiente que te fez desviar do seu curso normal de desenvolvimento. Já William acreditava que seus desejos eram naturais e se questionava se havia algum fator genético que poderia gerar em seus filhos tais atrações, como já exposto anteriormente. Jack tinha certeza

que a atração pelo mesmo sexo também era genética, era natural e que tinha a ver com uma constituição fisiológica e psicológica diferente:

“Você sabe que nós somos diferentes desde o começo. Você sabe. Eu tenho dois irmãos. Eu sabia que eu era diferente deles, entendeu? Pelo jeito deles falarem com mulheres, pelo jeito deles irem atrás de mulheres o tempo todo, e eles eram religiosos, mas a cabeça de um hétero é muito diferente da nossa, entendeu? Pelo fato de, logicamente que o interesse deles é outro. E eu sabia que eu era diferente e seis, sete anos de idade eu sabia que era diferente. Então eu acredito que o elemento genético é muito grande nesse aspecto. Eu acredito, pessoalmente. Pode falar o que falarem por aí, eu não acredito que seja somente uma escolha. É impossível, impossível ter uma escolha de algo tão forte, tão natural, tão fácil. Entendeu? Eu não rejeito não, de jeito maneira, não acho nojento, não acho esquisito. Pra mim é natural. Natural tocar um homem, é natural pra mim”.

Mesmo que Jack percebesse que suas atrações eram naturais, ele dizia que mesmo assim não concordava com elas, já que aprendeu que as normas de Deus para uma vida santa são contra a prática homoerótica. Logo após a fala anterior, Jack continua:

“Como é que veio a convicção que pra mim isso não é correto? Pelo fato de, ao estudar o que eu estudo, que eu gosto de estudar a Bíblia e gosto de estudar muita coisa, e eu leio tudo, também não é problema. E a minha convicção é muito forte. É que Deus criou no começo homem e mulher e ele vai terminar com homem e mulher no final”.

Outra concepção muito interessante sobre o que seria a atração pelo mesmo sexo veio do discurso de Lúcio. Ao comentar um pouco sobre este fenômeno, que ele chama de “homossexualismo”, Lúcio me disse que isso era o resultado de uma incorporação satânica leve:

“Eu acredito que o homossexualismo é uma possessão demoníaca, a mais leve de todas, porque Satanás ele se instala ao nosso redor nos induzindo às coisas sexuais. Então ele nos induz à atração, ele nos induz em pensamentos [...]. Ele

não pode fazer com que a gente pratique. Porque enquanto a gente lutar, a gente consegue vencê-lo. Mas a partir do momento que a gente começa a cair ele próprio se transforma em objeto de desejo... nessas coisas todas... então hoje eu acredito que homossexualismo é uma possessão e que somente o espírito santo, Jesus Cristo, é que pode, quando a gente procura de coração e o nosso coração deseja realmente mudança de estilo de vida, Deus pode fazer”.

Esta conceituação é interessante porque ela relaciona a gênese das atrações pelo mesmo sexo não como sendo adquiridas pelo ambiente ou inatas do indivíduo; a concepção ela não questiona a essência ou a construção social do desejo na pessoa, mas percebe a homoafetividade a partir da posse de uma entidade sobre o corpo e sobre os desejos do sujeito que é tomado por ela. É esta entidade que faz com que a pessoa se apaixone, que deseje, que queira se aproximar a outra pessoa de mesmo sexo. Segundo Lúcio, somente o Espírito Santo poderia fazer a retirada do demônio do corpo da pessoa que se dispõe a mudar de estilo de vida. Seguindo este mesmo caminho de pensamento, Lúcio afirma:

“Satanás ele transforma em objeto de desejo. Ele se transforma. Ele induz. Ele faz a outra pessoa se tornar atraente... tanto é que quando você tá numa relação que depois que passa aquela paixão, você vê que merda que você entrou. Aí, Satanás induz, ele nos cega por causa de um momento de sexo”.

Pedro e Hugo, por outro lado, após terem passado por períodos de psicoterapia e de questionamento existencial, viam as atrações sexuais pelo mesmo sexo como formas humanas de se expressar erótica e sexualmente, não gerando problematização sobre a origem das atrações em seus discursos, nem concordando com a necessidade de tratamento ou de mudança.

4.2 Sobre A Identidade

Havia, igualmente, divergência nas falas dos participantes quanto ao senso de identidade associado à atração pelo mesmo sexo. O entendimento do desejo

homoerótico como parte de si, como parte constitutiva de uma imagem a que se identificar, não era presente nos diálogos que tive com Jeremias nem com Douglas.

Em nossa conversa privada naquele escritório empresarial, Douglas me contou que não permitia que ninguém o identificasse pela natureza de sua tentação – da atração por pessoas do mesmo sexo – e me disse que as vontades de praticar atos eróticos e afetivos com pessoas do mesmo sexo não precisam definir quem a pessoa é. Douglas continuava dizendo:

“Se escutarem meu testemunho, eu quero que entendam que a tentação não precisa definir quem as pessoas são. Eu conheço pessoas que são profundamente cristãs que lutam muito com a tentação, mas quando Hebreus, capítulo 2, diz: ‘Jesus sofreu sendo tentado’, eu digo, se você está lutando com a tentação, você é como Jesus. Se você não está lutando, você está cedendo”.

Na mesma linha de pensamento, Jeremias também não utilizava a palavra “homossexual” para definir a si mesmo, utilizando-se de expressões como tendo a “*tendência homossexual*”, ou usando a categoria “*homoafetivo*”⁷ para falar sobre suas atrações. Ele dizia que mesmo que não se identificasse com suas atrações, isso não fazia com que ele se envergonhasse de si:

“Hoje eu entendi que o que me define não é a minha tendência homossexual. São muitas outras coisas. Então eu não tenho vergonha. Acho que eu tenho que ter vergonha de outras coisas. Não ajudar uma pessoa, não ajudar o próximo, de prejudicar alguém, é disso que eu tenho que ter vergonha, [...] não é do que eu sinto. Hoje eu não tenho mais vergonha do que eu sinto”.

É numa lógica parecida que Lúcio afirma que o ser consiste no que ele pratica mais frequentemente e que o que o define são os seus atos. Ele me contou sobre seu histórico de abusos e disse que por ele ter começado sua vida sexual a partir das experiências homoeróticas abusivas, se inclinou para este lado ao qual mais praticou desde pequeno – discurso que se assemelha ao discurso de Douglas. Lúcio diz que quando mais jovem tinha vontade de casar, ter filhos, ter uma família, mas que apesar

⁷ Homoafetivo, neste caso, como uma alternativa ao termo identitário “homossexual”, e não no sentido de um romance ou da construção de uma relação de amor entre pessoas do mesmo sexo.

destes objetivos serem presentes em sua mente, eles não faziam sentido para ele já que nunca os tinha praticado:

“Então, pela vida inteira pratiquei os abusos, pratiquei, né, essa condição, e a gente se torna aquilo que a gente pratica mais, né? Uma vida inteira eu pratiquei, por 21 anos eu pratiquei somente isso, e as outras coisas não tinham sentido pelo fato de eu nunca ter experimentado a fé”.

Lúcio também acreditava na performance efeminada como um fator importante da uma identidade homossexual. Ele dizia que se sentia incomodado quando percebia seus trejeitos delicados e que não se reconhecia ao olhar no espelho e perceber que sua voz não condizia com a imagem que ele via. Segundo Lúcio, eram tais performances que o estavam levando para uma identidade homossexual. No decorrer da conversa, Lúcio me contou que ao passar pelo processo de conversão religiosa, foi deixando de lado estas performances e que quando se rebatizou, em suas palavras *“não mais havia traços do homossexualismo”* sendo que sua voz já havia mudado. Ou seja, já não mais se identificava como homossexual.

Igualmente, Silas sentia um forte incômodo quanto a seu jeito de ser, de se expressar no mundo. Lúcio e Silas associavam a identidade homossexual às performances consideradas femininas. Este me dizia em nossa conversa por telefone que não acreditava que seu desconforto era devido à repressão social, hostilização ou *bullying* por conta de suas performances masculinas não hegemônicas, já que nunca passou por esse tipo de discriminação. Ele afirmava que sua insatisfação vinha de si mesmo, que sua repulsa quanto a sua forma de agir era genuína, pura, sem influência exterior; dizia que desde pequeno não se aceitava nem desejava se identificar com o que se associava à identidade homossexual:

“Desde a tenra idade eu em vários momentos já tinha a demonstração de comportamento homossexual bem claros, mas ao mesmo tempo psicologicamente eu já imaginava apaixonado, namorando com pessoas do sexo oposto, então já existiu o conflito desde a infância de o que o corpo queria e o que a mente desejava”.

Em contrapartida, outros participantes se identificavam com suas atrações e não se opunham a se considerar homossexuais, como Charles, Jack, Hugo e Pedro, ou bissexuais, como Jason e Silas.

Os discursos carregados com o conflito entre a norma religiosa e a atração homoerótica de Charles apontavam uma noção de identidade ao ele falar sobre a aceitação de si mesmo. Explicando como eram os conselhos que ele recebia, Charles falava: *“você não pode se aceitar. Não pode aceitar a identidade homossexual. Só a identidade heterossexual que é aceita por Deus. Então é você viver negando. Negando sua carne. Deixar suas vontades de lado. Morrer pra você mesmo. Todos os dias”*.

Como nas falas de Charles, Pedro também reforçava que as atrações pelo mesmo sexo eram parte dele, eram um aspecto dele e que, ainda que não representassem tudo sobre ele, eram uma parte importante.

Jack abertamente se identificava para mim como gay, mas dizia que ainda que tivesse esta identidade, não praticava o que desejava porque tais desejos eram pecaminosos. Hugo também afirmava ser homossexual, mas já não considerava a atração pelo mesmo sexo algo pecaminoso.

Jason e Silas diziam ser bissexuais em nossas conversas, mas estavam em relacionamentos formais com mulheres. Como já observado, Jason se sentia um tanto confuso e incerto com relação à manutenção de sua relação; Silas, por sua vez, afirmava estar contente e realizado com seu relacionamento.

Ou seja, em alguns participantes a identidade homossexual era rejeitada porque eles a associavam às performances de gênero não heteronormativas ou ao ceder à tentação de praticar ações homoeróticas e homoafetivas: não sou homossexual porque eu não tenho comportamentos efeminados ou masculinizados, porque não me relaciono sexualmente ou afetivamente com pessoas do mesmo sexo e porque minhas atrações não são suficientes para definirem quem eu sou. Já outros participantes não se incomodavam em se identificar como gays ou homossexuais, mesmo que não praticando atos eróticos ou afetivos com pessoas do mesmo sexo.

4.3 Sobre Cura, Transformação e Milagre

Grande parte das pessoas que conversaram comigo afirmaram que suas atrações pelo mesmo sexo não tinham desaparecido. Somente Rute, Douglas e Lúcio falavam que Deus tinha feito uma transformação completa no desejo, afirmando terem deixado totalmente de serem tentados com estímulos sexuais de pessoas do mesmo sexo.

Como já descrito anteriormente, ao realizar uma videochamada com Rute, ela me explicou que sua transformação não veio da noite para o dia:

“Eu estive em conflito por um bom período de tempo, mas eu acredito que eu me libertei totalmente e não tenho mais aquelas tendências. Eu não preciso evitar algumas pessoas ou alguns... quer dizer, você estará errado em achar que eu vou para um bar gay [risos], mas eu não tenho mais que me isolar de forma empírica para proteger aquilo que Deus está fazendo, porque, não que eu já tenha chegado e que o trabalho está completo, porque eu acredito que o Senhor estará trabalhando para que nos pareçamos mais com ele até que ele venha, mas eu não tenho mais estas tentações. Eu já não as tenho por um bom período de tempo”.

Ao falar-me de sua vida, a analista de recursos humanos disse que antes de sua transformação pensava que ser cristã era ser obediente e ter uma rotina de uma pessoa moral e de bons costumes. Com estas ideias, Rute dizia que buscava alinhar suas condutas e sentimentos a estes valores sozinha. Ela usava a expressão *“consertar a mim mesma por conta própria”* para explicar suas tentativas de mudar seus desejos e comportamentos homoeróticos e homoafetivos para o que ela chamava de *“sentimentos corretos”* com suas próprias habilidades, tomando as rédeas da situação e controlando seus pensamentos através de estratégias e técnicas de autodomínio. Rute dizia que, na verdade, não esperava que seus sentimentos se transformariam, não achava que isso seria possível tendo em vista que por muito tempo ela orava para que eles mudassem e isso nunca acontecia.

Num dia, Rute leu uma passagem bíblica que a deixou sensibilizada. Era do livro de 1 Coríntios, capítulo 10, versículo 13, que dizia “Não sobreveio a vocês tentação que não fosse comum aos homens. E Deus é fiel; ele não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar. Mas, quando forem tentados, ele lhes providenciará um escape, para que o possam suportar”. Rute me afirmou que esse

versículo a incentivou a mudar de atitude e depender somente das obras e do trabalho de Deus ao prover-lhe a saída, o escape para suportar seu sofrimento:

“Eu disse uau, Deus está trabalhando em meu lugar e posso confiar nele, então... ao eu ler outras promessas da Bíblia eu dizia apenas, ‘Ok Deus, vá trabalhar’, sabe? Vez após vez o Senhor foi fiel e eu acredito que ele sempre é fiel àqueles que acreditam e confiam, então eu nem pedia mais pra ele para mudar meus sentimentos. Mesmo assim, quase imperceptivelmente, ao olhar para Cristo eu comecei a aprender o que realmente era andar com Deus. Não andar com as minhas próprias pernas, tentando ser obediente a Deus, algo que eu nem mesmo entendia que era o que eu fazia antes. Na verdade, aprendi que ele nos dá força em nossas fraquezas. É o seu espírito santo dentro de nós que nos dá o poder de vencer qualquer tentação ou pecado. E quando comecei a entender isso e à medida que aprendia mais e mais sobre o caráter de Deus de forma imperceptível, sem nem mesmo perceber, ele estava me mudando de dentro para fora”.

Segundo Rute, seu processo de transformação somente ocorreu completamente quando ela parou de tentar mudar seus comportamentos sozinha, por suas próprias forças, e deixou que o Espírito Santo fizesse essa mudança de dentro para fora:

“Eu não entendia que nenhum de nós tem essa habilidade, nenhum de nós tem essa força [de mudar a si mesmo]. Se o nosso pecado é homossexualidade ou alcoolismo, ou jogo, ou fofoca, seja qual for o pecado, [...] sem Cristo não temos nenhuma esperança de sermos sem pecado. [...] Mas foi realmente quando eu parei de me esforçar para tentar ser outra pessoa, ou tentar ser diferente, ou tentar diminuir essas coisas, eu realmente comecei a confiar em Deus para isso; foi aí ele foi capaz de fazer uma milagre na minha vida”.

Ao falar sobre seus milagres, Rute mostrava que Deus tinha transformado tanto suas performances e expressões de gênero – ao surgirem novos gostos por aquilo que se considera feminino – quanto suas atrações sexuais. Ela dizia que não pensava mais da forma como pensava antes e que ao imaginar os desejos que tinha anteriormente, os percebia nojentos e repugnantes. Uma das passagens que

descrevem essas mudanças mostra como Rute percebeu que um milagre tinha acontecido:

“Eu não era uma garota feminina. Eu era uma moleca até o âmago. Quando criança, eu me identificava mais como menino do que como menina. Então eu não gostava da cor rosa. Não gostava de vestidos. Eu não gostava de nada a ver com coisas femininas. Então, um dia, enquanto eu estava fazendo compras com minha mãe, vi uma camisa rosa e pensei, uau, isso é tão lindo. E então eu pensei, ‘quem é você?’ [risos] ... porque isso nunca, de forma alguma, teria sido algo que teria vindo de mim antes”.

Rute também me descreveu o evento quando, pela primeira vez, se sentiu intensamente atraída por um rapaz que encontrou na igreja. Ela narra como esta percepção a trouxe grande alegria e realização por saber que finalmente poderia realizar, sem culpa, as necessidades afetivas e sexuais que espontaneamente surgiam nela com pessoas do sexo oposto.

Então eu entrei para a igreja 4 anos depois e havia um homem que estava lá. Eu nunca o tinha visto antes e pensei, uau, ele é muito atraente. E aí teve essa mesma coisa com [a cor] rosa e com todas essas outras coisas que eu tinha. Eu ficava tipo, ‘de onde está vindo isso?’, ‘quem é você?’. Então, Deus me deu muito mais do que eu poderia ter pedido ou pensado. Eu realmente estava contente. Eu realmente estava completamente... era como se fosse um tipo de alívio. Eu finalmente poderia exercer meus desejos e havia algum tipo de alívio ali. Eu na verdade nunca tinha tido paz e alegria e plenitude na minha vida. [...] Então esse cara entra, eu acabei namorando com ele, mas ele não era o escolhido. Mas o Senhor o usou para que eu soubesse que ele tinha feito algo verdadeiramente radical dentro [de mim] a ponto de eu poder até mesmo ter aqueles sentimentos”.

A narrativa de Rute era um tanto diferente da de Douglas. Ambos diziam que as mudanças nas atrações eróticas e afetivas tinham a ver com Espírito Santo, mas a ação do Espírito Santo era diferente em suas falas. Em Rute, sobre a mudança completa das atrações – de desejos totalmente homoeróticos para totalmente voltados ao sexo oposto; de presença de tentações homoeróticas para a ausência de tentações

homoeróticas – ela enfatizava que o milagre só aconteceu em sua vida após a interrupção de ações de autocontrole e, por conseguinte, a entrega total do trabalho da mudança ao Espírito Santo de Deus.

Douglas, por sua vez, dava mais importância à força para controlar os desejos, obedecer às normas e alcançar a santidade sexual que era concedida pelo Espírito Santo. Douglas era enfático ao dizer que, com o auxílio do Espírito Santo, eram as pessoas que alcançavam a santidade sexual na mudança, transformação e modelação dos sentimentos e comportamentos através de frequentes atos de renúncia e de fuga das tentações homoeróticas e homoafetivas. Douglas usava a expressão “*treino de resistência*” para exemplificar as práticas de abnegação sexual que combatiam as tentações. Com a ajuda de Deus, é a pessoa que precisa se exercitar, que precisa treinar frequentemente para gerar resistência e fugir da tentação.

“Se você não exercita esses padrões [homoeróticos] de pensamento, eles se atrofiam e morrem. E novos padrões de pensamento e novos hábitos de pensamento podem ser criados dentro de um período de 45 dias. Um período muito curto de tempo quando você começa a ir nessa direção. Então foi o que eu fiz. Toda vez que na minha mente eu dizia não, aquilo ficava mais fraco e eu ficava um pouco mais forte, até o ponto de eu começar a reconhecer que as pessoas eram bonitas e atraentes, mas sem sexualizá-las. Dentro de um ano depois que eu deixei a vida gay, eu era casado. Dois anos depois, começamos a ter filhos. Então, o que eu faço com as atrações do mesmo sexo, não nego que elas possam aparecer, apenas me afasto disso. Eu pratico não pensar nisso. [...] Pela graça de Deus eu estou há 27 anos alimentando outra coisa. Eu mato de fome [a homossexualidade] e alimento [a santidade sexual]. Não quer dizer que Satanás não possa jogar algo [...] no meu caminho. Mas minha prática é de rapidamente dizer, ‘boa tentativa, mas não, obrigado, não estou interessado’. [...] É um exercício. [...] Se você já treinou numa academia [...] isso se chama treino de resistência”.

Em dois trechos desta passagem anterior, Douglas dá a entender que ele ainda poderia ser tentado com estímulos eróticos masculinos por ter dito, “o que eu faço com as atrações do mesmo sexo, não nego que elas possam aparecer, apenas me afasto disso. Eu pratico não pensar nisso” e “Não quer dizer que Satanás não

possa jogar algo [...] no meu caminho. Mas minha prática é de rapidamente dizer, ‘boa tentativa, mas não, obrigado, não estou interessado’. Entretanto, um pouco mais à frente de nossa conversa, Douglas faz uma ressalva:

“É claro que eu tenho tentações. E em muitas áreas. Eu tenho lutas reais hoje, mas em áreas diferentes. Eu luto com o apetite e coisas que eu não deveria comer ou beber, e assim vai. Eu tenho lutas no meu casamento, nós temos problemas às vezes. E eu luto com orgulho. [...] Existe todo o tipo de coisas que eu tenho que lutar contra, mas eu não luto [mais] contra a homossexualidade”.

Quando terminamos a entrevista, tinha ficado claro para mim que Douglas às vezes era tentado com atrações homoeróticas, mas tinha sucesso em decliná-las ao ter exercitado intensamente sua habilidade em fugir do pecado. Mas depois, ao transcrever e revisar as entrevistas, percebi que Douglas afirmava que verdadeiramente não mais era tentado com estímulos eróticos masculinos. Acredito que, no momento da nossa conversa, as falas sobre o exercício da fuga da tentação me impactaram mais do que esta última afirmação e me fizeram dar mais atenção ao discurso do controle de si do que à afirmação da transformação da sensibilidade aos estímulos eróticos.

Similarmente a Rute e a Douglas, Lúcio dizia que Deus tinha retirado dele os desejos por pessoas do mesmo sexo, mas diferente destes, Lúcio não se interessava por pessoas do sexo oposto e se sentia muito bem resolvido ao estar sozinho. Como Rute, Lúcio também disse que Deus transformou sua performatividade, tendo mudado seu gesticular e sua voz. Além disso, Lúcio dizia que outros milagres também apareceram na vida dele, como a transformação de sua audição – antes tendo uma surdez de 40% de cada ouvido e agora escutando muito bem dos dois ouvidos – e a potencialização de sua habilidade para ler, pregar, cantar e para compor músicas. Lúcio não utilizava o termo cura utilizando-se do sentido biomédico e dizia que sua cura tinha sido espiritual.

“Na verdade não há cura né? A cura é espiritual. [...] Hoje eu não tenho mais traços, na minha cabeça não passa mais. Eu fecho os olhos e eu sei tudo o que eu vivi lá fora. Mas eu não tenho mais desejo dessas coisas. Por exemplo, eu tô com 37 anos, 2 anos de batizado, a masturbação não faz mais parte da minha vida, eu não

tenho mais desejos sexuais [...]. Há dois anos, quando eu fiz o pacto com Deus, e antes de entrar nas águas, eu disse pra Deus, ‘Senhor, se for fazer algo na minha vida, na minha história, faça por completo, ou eu não vou me batizar’. E quando eu cheguei a entrar os pés nas águas, eu já não sentia mais nada. Nada fazia meu coração pular. E eu fiz até algumas tentativas de olhar, de perceber, e realmente não. Aí hoje, hoje eu saio pra tudo quanto é lugar, pra shopping, dou aula, eu dou aula com homens de sunga, mulheres nuas, com trajes de banho, essas coisas, e essas coisas já não fazem mais sentido pra mim”.

Por outro lado, para algumas das pessoas entrevistadas, cura, transformação e milagre não necessariamente estariam relacionados a um completo desaparecimento de atrações sexuais e afetivas por pessoas do mesmo sexo junto com o aparecimento de desejos sexuais e afetivos pelo sexo oposto. Ou seja, mesmo que os termos “cura” e “milagre” estivessem no linguajar de alguns participantes isso não queria dizer que eles necessariamente significavam uma transformação do desejo como presente no discurso dos três participantes descritos primeiramente neste tópico. Existem, portanto, diversas versões e significados nos usos destas palavras nos discursos das pessoas que falaram comigo sobre suas vidas de abnegação da homoafetividade.

Oliver, por exemplo, me disse que o milagre que Deus fez em sua vida foi de fazer com que ele não mais quisesse se relacionar com homem algum. Para ele, essa falta de interesse em se relacionar já poderia ser considerada um milagre. Oliver me disse que sempre quis que Deus transformasse seus pensamentos para que pudesse ser como seus irmãos, casado com outras mulheres e gerando filhos, mas como Deus nunca mudou seus desejos, ele se contentava em viver a vida sozinho. Oliver acreditava que não era possível aprender a ter desejos eróticos e afetivos por pessoas do sexo oposto – como dizia Douglas e Jeremias, por exemplo. Ele me disse que acreditava que Deus poderia agir milagrosamente em seus desejos, mas Deus preferiu não atuar desta forma tendo outros planos para sua vida.

Jeremias e Andrea utilizavam o termo cura associado indiretamente às atrações homoeróticas. Eles explicavam que a cura não era dos desejos homoeróticos – já que estes eram sintomas – mas sim cura das feridas emocionais causadas na infância. A cura dos traumas poderia atuar indiretamente no desaparecimento das atrações por pessoas do mesmo sexo e gerar a atração pelo sexo oposto. Ambos

acreditavam que os desejos poderiam desaparecer, mas diziam que em alguns dos casos mais graves isso era mais difícil de acontecer. Jeremias e Andrea não afirmavam que suas atrações haviam desaparecido, mas diziam que mesmo assim estavam tratando de seus traumas infantis em terapia e em suas comunidades religiosas.

Alguns dos participantes diziam que não acreditavam que a atração homoerótica algum dia iria mudar, como acontecia com Charles, Dimitri, Pedro, Jack e Hugo. Na verdade, a frustração por Deus não produzir a transformação do desejo homoerótico em atração por pessoas do sexo oposto era presente no relato de vida de quase todos os participantes.

Charles, por exemplo, estava sentindo o mal-estar gerado pela contradição de seus desejos e suas crenças religiosas na data em que primeiro conversei com ele. Charles utilizava do termo “cura” para falar sobre essa transformação e dizia que queria que ela viesse por conta da dificuldade de viver este conflito.

“Na verdade, uma cura eu queria entendeu? Que é muito difícil você ser gay. E todas as vezes que eu já fiquei com homem eu me sentia totalmente mal por causa, por saber que era errado, então na minha concepção de tudo o que eu aprendi, tudo o que eu vivi na igreja, viver na igreja e praticar é algo que se contradiz muito, então não dá pra viver e praticar”.

Como já dito anteriormente, Charles me contou que tinha começado a ler um livro sugerido a ele pelo “Ministério Perseverar em Cristo” e que após sua leitura, deixou de acreditar que Deus um dia faria uma transformação completa em suas atrações. Ele entendeu que, na verdade a “cura” nunca viria e que seria ele quem deveria fazer o trabalho constante de fuga das tentações homoeróticas:

“Igual o livro fala, depois que você começa a suprir essas necessidades, esse vazio com amizades masculinas saudáveis, com coisas saudáveis, esse desejo acaba desaparecendo, mas nunca vai desaparecer completamente. É igual um alcoólatra que deixa o vício, mas ele não pode passar perto de um bar que ele pode acabar caindo em tentação de novo. Quando eu li isso no livro, eu falei, então isso não tem uma cura. Porque pra mim cura é igual ao cego que foi curado e agora pode enxergar e nunca mais vai voltar a ser cego. Por mais que ele olhe, por mais que ele feche os

olhos, sei lá, ele nunca mais vai voltar, entendeu? Fiquei um pouco frustrado quando eu li sobre o que que era a cura que eles falavam”.

Dimitri, por exemplo, me dizia que ao perceber suas atrações por pessoas do mesmo sexo, orou por muito tempo a Deus pedindo para que ele o “curasse” e transformasse seus desejos, algo que nunca aconteceu e que por algum tempo também o deixou muito frustrado. Ele, então, me afirmou que buscou por informações sobre como lidar com esta situação em livros e artigos sobre o tema da atração pelo mesmo sexo e também recebeu orientações de uma pessoa de sua igreja. Esta pessoa o fez entender que Deus nunca iria tirar sua atração, mas lhe daria forças para suportá-la, como acontece com pessoas que têm doenças terminais e que nascem com deficiências físicas e mentais. Assim, Dimitri aprendeu a aceitar sua situação e não mais esperar uma mudança:

“Hoje em dia já não vivo mais acalentando esse tipo de esperança não, muito pelo contrário. Dentro de mim já é certo que isso não vai acontecer. Se por ventura acontecer é porque Deus quis assim, foi um milagre, uma exceção a regra, ao qual Deus tem poder para curar qualquer coisa que qualquer pessoa tenha mas, não seria um padrão né. Eu acredito sim na possibilidade, não acho que falta poder pra isso, mas seria assim, uma exceção. Eu não vivo acalentando essa ideia de que eu vou ser curado a qualquer momento, se eu fizer tal coisa, se eu me consagrar mais, não. Independente de qualquer coisa se um dia desses alguém me curar vai ser excepcionalmente, porque enfim, porque ele quis, né? A vontade de Deus é inquestionável”.

Pedro e Hugo falaram bastante desta frustração como geradora de muita angústia e depressão e disseram que tais sensações somente foram embora quando compreenderam que seus desejos homoeróticos não eram problemas, não eram pecaminosos e não necessitavam ser mudados.

Outra maneira para se lidar com esta situação da não transformação é descrita na afirmação presente nos discursos de Jeremias, Jack e Evandro de que Deus não quer transformar as pessoas em heterossexuais, mas sim em santas. Ou seja, na verdade o problema não estaria em não sentir desejos eróticos e afetivos por pessoas do sexo oposto, mas sim em agir de forma pecaminosa em qualquer situação

sexual– com atrações pelo mesmo sexo ou pelo sexo oposto. Independentemente da atração que a pessoa tivesse, o que importaria seria o que ela faria com esta atração, já que é possível se comportar de maneira pecaminosa com ambas as atrações – já vimos esta ideia num tópico do capítulo anterior que falava sobre as tentações.

Jack tomou bastante tempo para falar sobre este raciocínio durante nossa conversa em vídeo pelo *Facebook*. Ele me contou que depois de um grande período de tempo convivendo junto à comunidade gay próxima de sua moradia, começou a se afastar dela porque a julgava “*terrivelmente pervertida*”. Começou, então, a andar com um amigo heterossexual dono de um bar de strip-tease e entendeu que os heterossexuais também tinham muitas práticas pervertidas:

“Mesmo indo pro outro lado, outro extremo, hétero [é] pervertido também, eu ainda achava mais clean, mais interessante do que o lado homo, que eu achava terrivelmente pervertido. E eu via coisas do lado hétero também que eram horríveis. Por exemplo, orgias, entendeu? Até participei. Então coisas que aconteciam no mundo hétero que pra mim também foi assim, eu comecei a ficar, ‘cara, não é bom dos dois lados’. Então foi essa conscientização”.

A partir daí, Jack me explicou que a transformação que Deus quer nas pessoas não é que elas sintam atrações por pessoas do sexo oposto, mas que elas tenham comportamentos que são considerados santos:

“O meu Deus, ele não quer me transformar num hétero. Hétero é um outro pecador. Sabe? Hétero peca, tremendamente horrível. Os pensamentos deles são muito pecadores. Você acha que Deus quer me transformar em um hétero pra eu ficar pecando? Não! Deus quer me transformar na santidade, como ele quer pra qualquer outra pessoa. Então a minha transformação não tem nada a ver com heterossexualidade. Deus não quer me tornar um hétero. Ele quer me tornar santo. Essa é a diferença”.

Ou seja, na visão de Jack, Deus não vê a atração pelo sexo oposto como garantia de santidade: independente dos desejos – homoeróticos ou não – existe a possibilidade de se alcançar a santidade ou agir de forma pervertida. É necessário

relembrar que Jack considerava a atração pelo mesmo sexo uma questão identitária gerada e impulsionada por um fator genético.

Igualmente a Jack, Evandro e Jeremias, Douglas dizia em seu discurso que os desejos pelo sexo oposto não garantiam a santidade. Entretanto, ele também dizia que, segundo suas crenças religiosas, um novo nascimento em Cristo Jesus consiste em ter “*novos objetivos, novos gostos e novas tendências*”, sendo que a “*conversão genuína muda tendências hereditárias e cultivadas*”. Douglas acreditava que a real conversão deveria causar no cristão mudanças em suas atrações eróticas, algo que não aparecia nas falas destes outros três participantes. Douglas afirmava:

“Quando dizem que sempre terão atrações pelo mesmo sexo, pra mim isso é colocar limites em até onde eles vão deixar o senhor levá-los. Quando fazem essa afirmação, eles não estão permitindo que o Senhor os leve além desse ponto. E podem dizer, ‘sou cristão e viverei uma vida celibatária, não me identifico como gay, sou uma nova criatura em Cristo, mas sempre lutarei contra a atração pelo mesmo sexo’. Eles estão dizendo ‘até aqui, não mais’”.

Fazer este tipo de afirmação é mais confortável para Douglas quando ele sente que atrações homoeróticas nele não mais surgem. Entretanto, para os outros participantes que ainda convivem com desejos eróticos e afetivos por pessoas do mesmo sexo, este discurso pode intensificar os conflitos internos e dificultar neles o alcance da paz interior – questão que será abordada no próximo tópico.

4.4 Sobre a Paz

O tema desta tese pode ser ilustrado por muitas situações em que a paz está em jogo. Ao contarem sobre suas trajetórias de vida até o momento de nossa conversa, alguns participantes terminavam suas narrativas retratando mais um cenário de conflito interno do que de paz interior, como na narrativa de vida de Charles e de Jason.

Dimitri e William também me apresentavam panoramas em que as sensações de conflito e de paz oscilavam em suas vidas, sendo que até os momentos em que

conversamos, não havia uma afirmação em seus discursos de que tinham encontrado um consenso, um ajuste interno com relação a esta temática. Dimitri, por exemplo, utilizava as palavras “saturado” e “cauterizado” para se referir ao seu estado mental após ter lutado intensamente e por muito tempo com esse assunto. Ou seja, estava mais acostumado e menos sensível à esta situação. Ele dizia que as crises existenciais ainda ocorriam, mas com menor frequência se comparado a épocas mais remotas, quando se sentia demasiado deprimido, levando “*um fardo insuportável*”. Dimitri também não se atrevia a questionar os preceitos religiosos com relação às normas sexuais, achando que tal movimento era falsidade e covardia:

“Já briguei muito com Deus, de querer demais e mais e mais, mas assim, o fato de eu querer e ser considerado errado nunca fez com que pra mim, eu colocar o meu desejo acima do que eu sabia que era o certo. [...] Eu nunca coloquei em xeque nem o que a Bíblia tava dizendo. Nunca tentei... igual eu vejo muitos fazendo isso, sabe? Tentar usar das mais interpretações horrorosas da Bíblia pra tentar afirmar que uma coisa que claramente tá errada, é certa. Isso eu nunca fiz, nunca pensei em fazer, pra mim sempre foi muito claro que era errado e ponto. Quem dera que não fosse, mas é, então eu jamais pensei em, como é que se diz, chutar o pau da barraca [...] ou ao contrário, que é mais covarde ainda, querer falsamente mudar a bíblia pra tentar se encaixar numa coisa que você gosta, que você tem prazer. Isso aí é o pior de todos. Antes a pessoa pecar e estar ciente, ‘ah não, tô errado, tô pecando mesmo, né, ok, sou pecadora’, do que querer mudar a bíblia pra tentar aliviar a consciência”.

William também oscilava em seu discurso: por vezes que trocávamos mensagens, dizia estar satisfeito, feliz e em paz com sua vida, mas em outras vezes, especialmente nas últimas vezes em que trocamos mensagens, ele dizia que era terrível ter atrações homoeróticas e que estava aflito e cansado ao ter que lidar com sua situação em sua cultura.

Por outro lado, outros participantes mostravam que se sentiam em paz e que tinham encontrado uma maneira para resolver o impasse de sentir atrações incompatíveis com suas crenças. É necessário, todavia, descrever que neste ato de negociação entre fé e desejo para o encontro de um certo equilíbrio existencial, a paz alcançada passava por vias muito distintas e os resultados para o alcance desta paz eram variados.

Alguns participantes tentam solucionar o conflito de estar entre a cruz e o desejo decidindo não ter práticas homoeróticas e seguindo à risca as prescrições comportamentais da religião para a santidade sexual. Esta congruência entre crença e conduta é oposta à “*dissonância cognitiva*” descrita por Rute no tópico “Entre A Cruz e O Desejo”, do capítulo anterior, e supostamente garantiria um futuro melhor segundo as crenças da religião quanto à certeza da salvação da alma. Ou seja, a difícil renúncia aos desejos homoeróticos desta vida ao menos seria recompensada com a posterior vida eterna num paraíso celestial.

Enquanto conversava com Jack, ele me dizia que o conflito que ele tinha naquele momento da entrevista era muito menor do que antes, quando ele se envolvia sexual e afetivamente com homens. Jack dizia que quando tinha seus parceiros estava no auge de sua carreira, era muito bonito, musculoso, atraente, tinha uma posição socioeconômica confortável, muitos amantes e muitos amigos, mas não tinha paz porque sabia que estava fazendo o que era errado aos olhos de Deus. Este participante me contou que no momento em que ele decidiu abandonar tais práticas, uma paz preencheu seu coração porque agora estava seguindo as ordens divinas.

Esta paz resultante da certeza da vida eterna pelo alinhamento das condutas sexuais com as determinações religiosas aparecia tanto nas narrativas de Jack quanto nas narrativas de Douglas, Rute, Andrea, Lúcio e Evandro – a narrativa de Evandro, inclusive, era muito similar à de Jack quanto a ser bem sucedido, ser bonito, ter muitos parceiros, mas deixar para trás os prazeres da vida e consequentemente sentir a paz interior. Para eles fazia mais sentido e trazia mais segurança manter a crença intacta – não questionando os preceitos religiosos – e obedecer ao que a religião prescrevia do que não obedecer às regras mesmo acreditando na religião. A paz era advinda da obediência e do afastamento de práticas consideradas pecaminosas.

Para Hugo e Pedro, entretanto, o caminho para que a paz fosse alcançada foi traçado por outros parâmetros. Paz seria o resultado da reinterpretação da crença religiosa quanto aos desejos homoeróticos e da aceitação e valorização de si de forma integral – com tais atrações inclusas.

Na oportunidade que tive de falar por vídeo conferência com Pedro, ele, de forma muito tranquila, deitado na rede da sacada de seu apartamento, me disse com um tom de alívio que finalmente tinha paz. Ao me contar sobre sua trajetória de vida, cheia de tristeza, angústia e de ideações suicidas por não aceitar suas atrações por pessoas do mesmo sexo, Pedro me disse que começou a fazer psicoterapia aos 25

anos. Nesse processo, ele aprendeu a amar e valorizar a si mesmo o que fez com que seu bem-estar aumentasse e que sua vida começasse a melhorar.

“Depois que eu comecei a trabalhar isso [a angústia] em terapia, acabou. Eu não sinto mais nada. Então outra coisa: isso eu acredito que tinha muito a ver com a sexualidade, entendeu? [...] E foram anos de angústia, entendeu? Até que eu comecei a fazer terapia aos meus 25 anos e começou a melhorar. E eu tô vivendo um dia de cada vez. Eu não tenho mais isso, essa angústia. Eu tenho paz. Tão diferente!”

Pedro também mudou sua percepção quanto a maneira como Jesus olhava para as pessoas – e para ele mesmo – e disse que foi este olhar de aceitação incondicional de Jesus que o trouxe paz. O termo “paz” aparecia no discurso de Pedro por 12 vezes, e em todas as colocações ela me fazia compreender que aquele alívio era provindo da permissão para sentir, da possibilidade de não ser julgado pecador caso praticasse ações homoeróticas:

“Se eu descrevesse uma coisa no meu coração, como meu coração hoje vive, eu descreveria com uma palavra de três letras: paz. Eu tenho paz. Eu tenho vontade de viver, entendeu? Paz. Nem sei o que será daqui pra frente. Eu não sei. Mas eu tô vivendo um dia de cada vez, eu procuro viver um dia de cada vez, não adianta estar pensando amanhã, amanhã pode nunca chegar, entendeu? É assim que eu tento viver. Se eu sinto é hoje, se eu digo é hoje, se eu amo é hoje, é hoje, tudo é hoje. [...] Hoje eu me permito sentir. Isso pra mim é como se eu tivesse ganho a São Silvestre em primeiro lugar. É assim. Eu só sou um ser humano. Assim eu me sinto feliz”.

Na entrevista com Hugo, ele me contou que quando mais jovem eram frequentes as crises existenciais surgidas por conta de suas atrações por pessoas do mesmo sexo. Hugo dizia que ficava muito triste questionando sua existência e seu valor próprio. Sete anos antes de nosso encontro, Hugo assistiu a um documentário chamado "Como Diz A Bíblia" (2007) que apresentava outra abordagem acerca da religião e da atração pelo mesmo sexo, o que o fez questionar a si mesmo e suas crenças. De acordo com Hugo, o documentário mostrou a ele que algo estava muito errado com relação à forma como o fenômeno da homoafetividade era considerada por sua igreja. Mesmo assim, tentou se relacionar com uma garota de sua idade, o

que o trouxe ainda mais períodos de angústia e de ideações suicidas. Frente a todas estas questões começou a fazer o curso superior de terapia ocupacional e se deparou com a perspectiva científica sobre o tema da atração homoerótica, inclusive outras perspectivas no campo da psicologia. Começou, então, a ter uma compreensão diferente deste fenômeno, se direcionando para o caminho de autoaceitação. Hugo me disse que os estudos em psicologia o ajudaram a entender que não era diferente dos demais seres humanos nem que era pecador por ser quem era e por ter as atrações sexuais que tinha:

“Se de fato Deus tinha amor por mim, se de fato ele desejava o meu bem estar, e se ele considerava a homossexualidade um pecado, ou ele deveria me ajudar a me libertar daquilo, porque não faria na minha cabeça sentido nenhum em manter uma característica que ele considera pecaminosa em alguém que está disposto a servi-lo, ou então ele teria pra mim uma provisão, um ajuste, como ele teve pra Adão no princípio de tudo né? [Adão,] que era perfeito e vivia num ambiente perfeito, e teve, no entanto, necessidades sociais, necessidades de afeto, de cuidado [...] assim como ele teve uma provisão pra Adão, assim como ele teve uma provisão pra seus filhos durante toda a história [...] então creio que pra mim ele deveria ter uma provisão também. Então depois de tudo o que eu já havia estudado, depois de tudo o que eu já havia visto, depois de toda a experiência, eu percebi que a provisão dele pra mim seria a aceitação da minha condição. Não só pra mim, mas pra todos que têm essa característica. A aceitação da minha condição, a boa... acho que a palavra é recepção né, o receber a mim e a todos os outros como nós somos. Então daí eu comecei a mudar”.

Diferente de Dimitri e dos demais participantes citados, Pedro e Hugo encontraram a paz provinda da aceitação de si e de seus desejos sustentada pela crítica e desconstrução das interpretações da religião sobre as atrações e práticas homoeróticas.

Antes de concluir este tópico é importante salientar que existe controvérsia quanto à interpretação da causa do sofrimento com relação ao fenômeno da atração por pessoas do mesmo sexo nos discursos dos participantes. A causa e a solução para a depressão, ansiedade e suicídio relacionadas à homoafetividade e ao

homoerotismo eram diversificadas nas falas de alguns dos participantes desta pesquisa.

Lembremos que para Silas, o sofrimento não vinha por causa da falta de aceitação e da pressão social para uma transformação sentimental e comportamental, mas sim da insatisfação individual em não ser como os demais pares e da frustração em ter desejos homoeróticos.

Para Jeremias, Andea e Evandro, depressão, ansiedade e ideações suicidas eram provenientes do afastamento de Deus gerado pela prática homoerótica que supostamente produziria resultados deletérios em todos os aspectos da vida da pessoa que tem proximidade com tais exercícios. Paz e tranquilidade mental viriam após a compreensão de que os desejos são sintomas de traumas do passado e carências emocionais – especialmente para Jeremias e Andrea –, após a submissão da pessoa às vontades de Deus e, por conseguinte, após a cessação de tais práticas.

Por outro lado, para Pedro e Hugo a ansiedade, depressão e a ideação suicida eram fatores que viriam pela falta de aceitação de si e de seus desejos. Nas percepções destes, ansiedade, depressão e ideações suicidas seriam combatidas com a aceitação de si, dos desejos e das possibilidades de colocar tais desejos em prática.

Este tema da aceitação da atração homoerótica foi outro quesito divergente entre os participantes, e será algo abordado no próximo tópico.

4.5 Sobre a Aceitação Relacionada Às Práticas Homoeróticas

Neste tópico discutiremos sobre a noção de aceitação tanto das atrações por pessoas do mesmo sexo quanto das práticas destas atrações. Quando a questão das atrações homoeróticas surgia nos discursos dos participantes, ela raramente era narrada demonstrando atitudes de admitir tranquilamente, de reconhecer facilmente e de aceitar que o fenômeno acontecia. Ao contrário, em grande parte das vezes o fenômeno da atração por pessoas do mesmo sexo apresentava-se nos discursos através da negação do fato e das tentativas de aniquilação dos desejos homoeróticos.

“Quando eu tava com 18 anos foi o período de maior intensidade [do sofrimento]. Que eu não sabia o que estava acontecendo e eu não queria acreditar que tava acontecendo aquilo [a conscientização das atrações homoeróticas]. Foi onde eu comecei a ver que era aquilo mesmo, que eu não queria que fosse. Eu sempre sabia, mas eu não aceitava mesmo. Continuo não me aceitando, mas [pausa] agora não me aceito por causa de Deus”.

A citação acima é a fala Charles contando de seu histórico de como se conscientizou da existência de desejos homoeróticos. Dimitri também era um participante que demonstrava não aceitar suas atrações. Para ele, mesmo que se um dia tivesse o apoio de muitas pessoas, inclusive de familiares, nunca conseguiria aceitar a si mesmo porque sua insatisfação, de acordo com ele, vinha de dentro, dele mesmo e não de fora. Esta postura era similar às falas de Silas ao se referir sobre sua insatisfação com suas performances de gênero. Em meu diálogo com Dimitri, ele falava:

Dimitri: Eu nem sei exatamente o que a palavra aceitar abrange né? Mas eu jamais ficarei super confortável, feliz, a vontade, acho que nunca. [...] Quando a pessoa não é feliz com a condição dela, quando nem ela se aceita, ela pode receber aceitação do mundo inteiro que ainda assim ela vai ficar insatisfeita. Então acho que são duas coisas: tem a aceitação pessoal e a aceitação do outro. Tem que ser as duas juntas. O certo seria você ter os dois juntos. E é isso.

Josué: O que você está querendo dizer é que no seu caso, ainda que houvesse aceitação dos seus pais, você não se aceitaria.

Dimitri: Com certeza.

Charles e Dimitri não assumiam nem admitiam a quase ninguém que tinham atrações por pessoas do mesmo sexo. Jeremias, por outro lado, me deixou claro que havia benefícios em admitir para si e para outros o que se sente. Ele via que se uma pessoa estivesse bem consigo mesma, era bom que ela conseguisse se abrir para outras pessoas confiáveis, acolhedoras e próximas sobre tais fenômenos. Este participante acreditava que esse ato de falar para pessoas confiáveis sobre suas atrações homoeróticas fazia com que o peso de esconder o que se sentia saísse das

costas e causasse considerável aumento no bem-estar. Para ele, se a pessoa estiver se sentindo bem para falar, “*é muito melhor se abrir do que ficar escondendo tudo*”.

Ao entrar em contato com este fato, o leitor pode construir entendimentos equivocados de que o ato de admitir – de assumir para si e para outros – a presença de tais desejos faria com que naturalmente a pessoa assumida se conformasse, concordasse e adotasse comportamentos que estivessem relacionados a tais atrações. Não era o que acontecia com a maioria dos participantes da pesquisa a não ser quando falamos das experiências de Pedro e de Hugo.

Como já visto anteriormente, após ter passado por um processo de desconstrução e reconstrução de significados sobre si e sobre sua crença, Pedro não se sentia mais sujo nem angustiado por conta de seus desejos. Pelo contrário, ele se sentia amado por Deus da maneira que ele era. De acordo com ele, a melhor coisa que fez para si foi ter se assumido para si mesmo:

“Eu acredito que a coisa mais importante que aconteceu foi eu me assumir. Eu não posso fazer isso pra todo mundo. Mas eu posso fazer pra mim. Acho que pra mim é o mais importante. E quando eu fiz isso, acabou a angústia. [...] Então isso fez com que eu me aceitasse, tivesse carinho por mim. [...] Hoje eu não vivo fazendo... não tenho um relacionamento, não tenho nada disso, mas eu não me sinto sujo por isso, entendeu? [...] Depois que eu me aceitei, eu tenho um relacionamento com Deus muito melhor. Deus pra mim, antes, era um Deus que me castigava. Hoje pra mim, ele é um Deus que me ama, entendeu? [...] Eu sei que pra que eu possa viver isso há uma diferença. Eu não posso ser um louco da vida e dizer. ‘ah, agora eu vou chegar na igreja e todo mundo vai me aceitar’. Não, eles não vão me aceitar porque eles não aceitam um monte de coisa neles, imagina a mim?”.

Praticar seus desejos, por outro lado, já não era tão fácil como visto na citação acima: seu cargo importante na igreja o impedia de exercer suas atrações. Para Pedro, suas atividades na igreja geravam nele uma sensação de propósito de vida tão grande que ele se afirmava que não sabia o que faria se não estivesse envolvido com as atividades religiosas. Contudo, Pedro acreditava que se ele quisesse, poderia usufruir das sensações que Deus lhe tinha concedido ao dar-lhe esta vida, este ambiente e este corpo para existir:

“E eu percebi uma coisa, a minha vida é curta. [...] Eu quero sentir tudo, entendeu? Então é assim que eu tenho que fazer. E eu não digo que eu sou só flexível com meus sentimentos, eu sou uma pessoa que sente. E por sentir, qual é o pecado que tá em sentir? Com qualquer coisa que seja”.

Esta era uma diferença fundamental entre as concepções de Jack e de Pedro quanto à brevidade e finitude da existência – concepções estas que também estavam relacionadas ao tema das atrações pelo mesmo sexo. Para Pedro há que sentir intensamente os fenômenos e as experiências, já que esta vida dada por Deus é curta. Segundo Pedro, ele não precisa ser forte para combater as atrações homoeróticas, não precisa ter domínio e controle sobre seus pensamentos e desejos; ele só precisa ser ele mesmo. Por outro lado, para Jack – como para Douglas e também para Evandro – usufruir destas experiências seria um grande perigo por conta da possibilidade de perder da vida eterna. Assim, segundo estes participantes, é necessário tolerar estes momentos de abnegação nesta vida para alcançar o perene deleite celestial.

Hugo também ia na mesma linha de raciocínio de Pedro, mas não via impedimentos para colocar em prática sua vontade de amar e ser amado. Em nossa entrevista, Hugo me disse que estava decidido a, dali por diante, suprir suas necessidades de afeto e de cuidado com ações que são, em suas palavras, diferentes da *“determinação socio histórica de homem e mulher de bem”* com a qual sua igreja concordava.

A aceitação de Hugo e de Pedro era diferente, portanto, da maneira como os demais participantes se utilizavam do termo. Ela incluía interpretações que consideravam a permissão e a possibilidade da adoção de práticas eróticas e afetivas entre pessoas do mesmo sexo e que concordavam com o direcionamento deste desejo. Para os outros participantes, contudo, o termo aceitação não ultrapassava a barreira do assumir e do admitir para si – e para alguns admitir para outros – tais desejos, permanecendo proibida a entrada na esfera da ação e do exercício das atrações homoeróticas e homoafetivas.

4.6 Sobre A Compulsoriedade Das Práticas Eróticas Com Pessoas Do Sexo Oposto ou Do Celibato

Em um dos encontros realizados para esta pesquisa uma reflexão surgiu a partir da pergunta se a abstinência homoerótica e homoafetiva era indicada para todo mundo. Acredito que por já prever que a resposta seria afirmativa nos diálogos com Dimitri, Douglas, Jeremias, Andrea, Evandro, Rute e Jack, nossas conversas não se dirigiram a este questionamento. Da mesma maneira - mas pressupondo um não como resposta -, os contatos com Pedro e Hugo tampouco levaram a tal discussão.

Com Jason, Charles e William, ao observar tamanha vulnerabilidade e sofrimento que estes participantes estavam passando ao descreverem suas experiências, percebia que eles também estavam constantemente fazendo estas perguntas a si mesmos e que minha indagação não traria novas perspectivas nos diálogos.

Mas na entrevista com Oliver, nosso diálogo gerou condições para que este tipo de pergunta surgisse. Estávamos num momento da conversa discutindo sobre o tema da mudança de comportamento voltado às relações com outros homens e Oliver me dizia que passou por três etapas para que estivesse convicto de que deveria deixar de se relacionar com eles. Ele me explicava que na primeira etapa, tinha medo de se relacionar com homens por se perceber muito diferente deles; na segunda etapa, se colocou numa posição de se relacionar sexual e afetivamente com eles para enfrentar este medo da masculinidade; e finalmente, Oliver dizia que na última etapa, influenciado pelo Espírito Santo, começou a se tornar indiferente e completamente desinteressado ao que era masculino. Ele dizia que essa indiferença aos outros homens tornava seu relacionamento com Deus mais próximo – algo que ele não queria perder – e que se ele se relacionava erótica e afetivamente com outros homens, ele perdia esta estreita relação. Percebendo que para Oliver a aproximação a Deus era inversamente proporcional à aproximação aos estímulos homoeróticos e homoafetivos, me veio à cabeça a pergunta se ele achava que esse fenômeno também acontecia com as outras pessoas que tinham atrações pelo mesmo sexo. Eis o diálogo:

Josué: Você acha que isso é pra todo mundo?

Oliver: Não. Não. Isso é pra mim, porque eu acho que foi uma coisa que, eu não sei se eu recebi de Deus, [...] mas eu não sei realmente te explicar o que acontece e o que aconteceu comigo. Eu não tenho, quando eu digo que eu não quero é que eu não tenho vontade mesmo, não tenho nem, não tenho vontade.

Josué: Mas você acha que Deus quer que todas as pessoas sejam ou com uma vida homossexual ou uma vida celibata?

Oliver: Eu não sei. Eu sei que pra mim foi uma mão na roda. Foi assim que Deus acho que deve ter projetado pra mim e eu aceito, eu acho que eu, eu aceito, aceito o que Deus tem preparado pra mim.

A resposta de Oliver me fez compreender que ele acreditava que a abstinência homoerótica e homoafetiva era resultante da relação individual da pessoa com Deus; era uma resposta que caberia a cada um baseada nas percepções vindas do seu contato particular com o divino – concepção que expande as possibilidades para o gerenciamento dos desejos, inclusive para o exercício da homoafetividade.

Mesmo que de forma indireta, eu também resvalei nesta discussão quando me encontrei com Lúcio e com Silas. Ao conversar com Silas, suas afirmações também me direcionaram a tais percepções. Para Silas, não há um caminho correto, como pensam quase todos os participantes. Quando conversávamos sobre minha trajetória de pesquisas em religião e sexualidade e sobre o conceito desta pesquisa de doutorado, Silas me afirmou:

“A gente tira aquela coisa de que só existe um caminho: [...] tanto daquele que crê que a pessoa deve se assumir, que deve se [assumir] se não ela não vai ser feliz, tanto da pessoa que também quer que você fique no armário, que você lute contra o seu próprio sentimento, que você se autocondene, que se autoflagele pra você [ter] entre aspas [seu lado] demoníaco controlado. Não. Não existe um caminho único que [leve à] uma perfeita felicidade. A pessoa ela tem que experimentar o que na vida dela o que ela acha que convém pra ela que parece melhor pra ela que vai servir pra ela [...] Talvez não é o princípio da igreja que esteja errado, mas acho que é a maneira como ela tentou empurrar isso a goela abaixo nas pessoas. [...] Acho que o importante é a pessoa sentir-se bem. [...] Pelo menos ver que em alguns aspectos a pessoa está feliz, ela está bem resolvida, ela está segura de si mesma, é muito importante”.

Silas também acreditava que era necessário que discussões como esta levantada por minha pesquisa fossem reproduzidas e amplamente divulgadas para evitar o extremismo; ele dizia que todo extremismo era ruim e criticava movimentos que promoviam as terapias de conversão sexual. Assim ele dizia:

“Eu acho que deve ser sempre respeitada a opinião da pessoa sem nenhum tipo de influência externa que esteja conduzindo o pensamento dela naquele caminho, ou até mesmo influenciando a decisão dela. E isso pra mim valeria tanto para uma terapia reversiva, quanto [ao contrário] por exemplo. Em ambos os casos, se a pessoa não tá tomando aquela decisão realmente sincera, pessoal, decidida, mas ela tá influenciada por alguém, tá errado. Ainda mais têm visões que vão influenciar no psíquico dela por muito tempo. E vão trazer mais sofrimento”.

Para mim era marcante escutar afirmações como a de Silas que apontavam à não prática dos desejos por pessoas do mesmo sexo mesmo sem a concepção de que tais desejos e atos eram condenáveis. A pessoa passava por um movimento de remodelação de suas crenças religiosas – diminuindo o valor e negando a obrigatoriedade da heteronormatividade universal – e ao mesmo tempo via sentido em não exercer as atrações homoeróticas e homoafetivas.

Com Lúcio, na hora em que entramos nesse tema, ele estava me explicando o que achava sobre o momento propício para que a pessoa com atrações pelo mesmo sexo se direcionasse à igreja e parasse de se relacionar homoafetivamente. Para Lúcio, é importante que a pessoa se sinta bem onde quer que ela estiver. Ele acredita que cada pessoa precisa viver sua vida e construir sua história suprimindo suas necessidades e desejos até que chegue um período em que ela perceba que precisa de algo a mais, de algo melhor para sua vida – que seria o contato com o espiritual. Lúcio, portanto, dizia que às vezes a pessoa não está completamente preparada para esta entrega total de si e de seus desejos a Deus:

“Então eu creio que a pessoa ela deve se sentir bem. Se o coração dela tá bem lá [fora da igreja], é porque não chegou a hora dela ainda. E ela precisa ainda viver a sua história pra que em algum momento ela reconheça que ela precisa ser

feliz. Quando ela reconhecer que precisa ser feliz, ela vai procurar algo. E esse algo que a gente deseja procurar é algo espiritual”.

Lúcio ainda acreditava que a real e genuína felicidade estava na entrega total a Deus e na obediência às regras encontradas na religião, mas percebia que para que isso ocorresse poderia ser necessário um amadurecimento através da experimentação dos prazeres e das relações homoafetivas na trajetória do sujeito. Esta postura é uma postura muito diferente da de Douglas, que dizia que há que alertar intensamente e frequentemente as pessoas que estão agindo de forma pecaminosa para avisá-las e adverti-las que elas estão se direcionando para o “*lago de fogo*”. Nos discursos de Douglas, não há tempo a perder para convencer as pessoas a mudarem seus hábitos e práticas pecaminosas e há que falar mais sobre entrega e rendição a Deus além de falar de seu amor. Douglas dizia:

“A caminhada cristã é mais do que apenas amor. [...] Por um acaso Deus odeia aquelas pessoas que são destruídas no lago de fogo? Ou Jesus morreu por elas também? Ele morreu por eles também. Mas elas rejeitaram seu sacrifício. E ele tem que deixá-las ir. Isso parte seu coração. A Bíblia chama isso de ato estranho. Portanto, o amor não é suficiente. Deus ama a todos nós. Mas nós o amamos de volta? O amor precisa ser correspondido. E ele diz ‘se você me ama, quer dizer, olhe o que fiz por você! Por que você não me ama? Se você me ama, guarde meus mandamentos’. Porque os mandamentos são o caminho para a vida”.

Comparado a Douglas, Lúcio era realmente mais flexível em seu discurso ao falar sobre suas crenças e dizia, com estas palavras, que não era um “*bitolado em igreja*” nem um “*fanático*”. Ele dizia que às vezes se utilizava de músicas seculares e dançava em seus momentos de distração com seus alunos e pacientes, ações que membros mais conservadores de sua religião observam com muita resistência. Douglas, é um desses membros; ele se demonstrava muito mais rígido com sua experiência religiosa e criticava o uso de músicas ritmadas e de danças, especialmente nos serviços de adoração nas igrejas. Para ele, é importante saber o que Deus quer e como Deus quer ser adorado através do estudo da Bíblia:

“Se não estamos [na igreja] para agradar a Deus, então por que estamos lá? [...] Você pode se juntar a clubes sociais em qualquer lugar. [Se] você pode dançar e pular com músicas em qualquer bar, em qualquer clube noturno, por que você tem que fazer isso na igreja? Existem muitos lugares que você pode ir para todas essas atividades sem tentar torná-las cristãs. E é Deus quem define o que é agradável a seus olhos. E é nossa tarefa concordar com aquilo que ele gosta, não com o que nós gostamos. Isso é o meu entendimento”.

4.7 Sobre a Pecaminosidade de Atos Relacionados À Sexualidade

Se existem visões diferentes sobre a compulsoriedade da heteronormatividade ou do celibato é, portanto, possível dizer que nossos participantes também apresentam diversas maneiras de se considerar o exercício da homoafetividade na esfera religiosa – sendo um pecado ou não. Como já discutimos anteriormente, Hugo e Pedro não mais percebiam as práticas homoeróticas e homoafetivas em si pecaminosas. Hugo mesmo se dizia disposto a encontrar um parceiro para realizar, em suas palavras, suas *“necessidades sexuais, sociais e de afeto”*.

O questionamento da pecaminosidade destas práticas também apareceu na minha conversa com Evandro. Na época em que o entrevistei via *Skype*, eu estava na Inglaterra, realizando o estágio doutoral na Universidade de Nottingham, e ele estava num país da Oceania realizando palestras sobre seu testemunho de abnegação das práticas homoeróticas. Evandro me apresentou um cenário conflituoso a nível internacional entre setores mais progressistas e mais conservadores da igreja com relação à questão da atração por pessoas do mesmo sexo. Segundo este participante, estes conflitos não eram atuais e ele mesmo já tinha se encontrado em meio a um destes embates. De acordo com Evandro, quando foi convidado a falar sobre seu testemunho na Inglaterra, recebeu represálias de grupos cristãos favoráveis à expressão da homoafetividade daquele país que barraram sua ida à igreja em que iria discursar:

“Definitivamente existem desafios; existem equívocos de pessoas no adventismo sobre o que a Bíblia diz e se a Bíblia ainda é válida, porque isso é uma questão que tem aparecido. Pessoas estão pensando que, ‘bom, a Bíblia está desatualizada e Paulo e Moisés são irrelevantes quando se trata de homossexualidade. [...] Sou] constantemente atacado pelo movimento pró-gay que está acontecendo na igreja [...]. Você está em um país que na verdade fechou nossas reuniões e tive que na verdade ir para outro lugar [...] porque alguém que está no movimento pró gay no Cristianismo alertou a comunidade LGBT e disse ‘[alguém] que acredita na terapia reparadora e na terapia de conversão está vindo para a sua igreja’. [...] Eles mentiram sobre o que faço e por causa dessa mentira, houve uma tempestade de pessoas assinando esta petição para me impedir de entrar em seu país. E o que foi realmente incrível é que a igreja cancelou sem nenhuma conversa sobre o porquê da [minha] vinda ou clareza sobre o fato de que não acredito em terapia reparadora ou terapia de conversão [...]. A Inglaterra é muito secular, especialmente quando você está no ambiente universitário, mesmo se você estiver em Newbold [College]. Newbold [College] é muito pró-gay, eles não apoiam [este] ministério ou a mensagem”.

Newbold College é uma universidade adventista que fica em Bracknell, na Inglaterra, a aproximadamente 57 quilômetros de Londres. A única pessoa com quem tive contato de lá foi com Isidoro, personagem que apareceu ao descrevermos as trajetórias metodológicas da pesquisa. Isidoro era professor em Newbold College na época da minha ida a campo e seria outro possível informante desta pesquisa tendo sido indicado por meu informante Nelson. Como já descrito, Isidoro já tinha trabalhado em igrejas de países europeus com políticas bastante inclusivas e tolerantes a pessoas com atrações pelo mesmo sexo e tinha uma atitude de abertura quanto ao tema da atração pelo mesmo sexo, mas ele mesmo não me falou o que pensava sobre esse assunto. Provavelmente sua abertura tenha a ver com o que Evandro denunciava quanto a uma atitude pró-gay da universidade e na Inglaterra.

Entretanto, como já descrito anteriormente, para além de Pedro e Hugo os demais participantes desta pesquisa, não se questionavam sobre a pecaminosidade dos atos homoeróticos, ainda que alguns deles sofressem com esta constatação – como já observado nos discursos de Jason, Charles e William.

Ainda que Rute também pensasse na prática homoerótica como um pecado, ela percebia que os desejos por pessoas do mesmo sexo eram compostos por fatores que davam a eles uma pecaminosidade ímpar, distante de atos como o abuso de álcool, a mentira, a fofoca e o orgulho. A fala desta participante era diferente da fala de Douglas que, em seu discurso, agrupava-os todos no mesmo conceito de falta ou erro espiritual.

Rute entendia que o fato da atração pelo mesmo sexo ser algo associado aos afetos, ao amor entre pessoas, aos relacionamentos íntimos sociais, fazia com que este pecado se diferenciasse das demais desobediências religiosas pela falta de alternativas de se realizar a necessidade humana de amar e receber amor. Para Rute, com os demais pecados é possível encontrar alternativas sãs e corretas para a realização do desejo, enquanto que com os desejos homoeróticos não há outra saída para se comportar corretamente a não ser permanecer na solidão para sempre. Ela dizia que com o álcool, por exemplo, alguém pode sentir falta da bebida alcoólica, mas ainda pode ter acesso aos demais líquidos, havendo outras alternativas de bebidas para serem ingeridas e saciarem o desejo de beber. No caso da atração pelo mesmo sexo, por exemplo, não havia alternativa possível:

“Eu acredito que a homossexualidade é um pecado, mas eu acredito que é diferente, em algumas formas, de outras coisas; porque quando você diz, sabe, sentimentalmente, você quer viver sua vida inteira com alguém, você quer ter um relacionamento verdadeiro [...]. E eu acredito que nós fomos feitos sociais, de forma que Deus não deseja que fiquemos sozinhos para o resto de nossas vidas [...]. Um alcoólatra beber algo diferente, entende? Ele pode sentir falta da cachaça [...], mas ele não está privado de outros fluidos. [...] Então na minha visão, o dilema homossexual que eu tinha era, ou eu escolhia abraçar meus sentimentos ou eu negava meus sentimentos e simplesmente ficava sozinha. E nenhuma [das alternativas] parecia uma escolha muito boa para mim [Risos]”.

Após esta fala, Rute não desenvolveu seu raciocínio a ponto de elaborar como, então, deveriam viver as pessoas que não experimentaram um milagre de transformação total nas suas atrações. Se em sua concepção o companheirismo era algo tão importante para a humanidade, como pessoas que não tiveram seus desejos transformados alcançariam bem-estar? Hugo fez esta elaboração a partir destas

mesmas premissas em seu discurso e tinha decidido, na época em que conversamos, começar a buscar uma companhia do mesmo sexo para suprir suas necessidades de afeto.

Outro assunto interessante de divergência entre alguns participantes é sobre a masturbação e sua pecaminosidade. Douglas, Dimitri, Charles e Evandro citam a masturbação como um vício que deveria ser extinto e nunca praticado para uma vida de santidade sexual. Mas no discurso de Jack era possível entender que ele acreditava que a masturbação como uma liberação da tensão sexual não é pecaminosa caso não seja viciante e nem seja acompanhada de fantasias sexuais e pornografia. Ao perguntar a Jack como ele supria suas necessidades sexuais agora que não mais se relacionava sexualmente com ninguém, ele me respondeu:

“Então, eu vou ser sincero pra você. Eu não chamo de masturbação, eu falo eliminação. Eu elimino quando eu estou cheio. [...] Eu esvazio o que tá cheio. Eu não fico me masturbando o dia inteiro, vendo pornografia o dia inteiro, é diferente, entendeu? Quando eu não aguento mais, eu elimino e acaba o estresse. [...] Você não precisa pecar pra eliminar. Sabe como você faz? Nós temos ereções naturais. É o que acontece a noite, acontece, sei lá, em lugares, às vezes você tem oportunidade, ou, a grande maioria acontece a noite. Se já tá ereto, é muito mais simples. Ejacula! E pronto. E às vezes eu nem preciso fazer. Às vezes, sai pela urina o excesso. Quando eu tô urinando, se faz tempo que eu não ejaculei, você tá urinando e de repente sai algo mais grosso, você sabe o que é isso. É o excesso. Você tá entendendo? E outras vezes você ejacula a noite, com um sonho”.

Parecido com Jack, Lúcio também diz que a masturbação não é necessariamente um pecado desde que a mente de quem a pratica não acuse o ato como sendo pecaminoso. Mesmo assim, Lúcio diz que acha mais gostoso ficar se controlando do que chegar ao êxtase e se sentir culpado por perder força vital, por exemplo. Segundo Lúcio, pecado é só aquilo que a mente acusa ao sujeito. Se ela não acusar, então não é pecado:

“Eu acho que [a masturbação] é uma coisa normal, acontece dentro da juventude, da adolescência, mas hoje eu como homem 39 anos eu não preciso dessas coisas porque eu consigo controlar. E não é uma coisa que me faz bem porque eu sei

que logo após eu me sinto desanimado e às vezes eu fico até me culpando porque eu gosto desse momento de ficar guardando, porque eu acho muito mais excitante. [...] A masturbação excessiva não faz bem, ela se torna um vício, ela prejudica a saúde. É uma forma de jogar a força vital fora, e essas coisas. Eu não estou dizendo que não é bom fazê-lo de vez em quando. [...] Psicologicamente pode ser uma forma de energia, de estar, às vezes muita gente foge de muitas coisas na masturbação, né? Então, eu não estou dizendo que é ruim. Eu estou dizendo que eu não faço, que eu me sinto bem sem fazer hoje, né? E que deve ser uma coisa normal pra o homem. [...] Eu acho que pecado é tudo aquilo que a nossa mente nos acusa, né? Eu acho que quando você faz uma coisa e a sua mente não te acusa, não é pecado. Então se a pessoa masturba e se sente mal e é acusado, ela não deve fazer. Mas ela se sente liberta e a mente não acusa, você não precisa esconder nem nada, eu acho que é tranquilo”.

Por outro lado, Dimitri via a questão da masturbação como um pecado que, ainda que ele não conseguisse resistir, não deveria ser uma válvula de escape para a tensão sexual.

“Sim, isso [a masturbação] acontece, mas de forma alguma é uma coisa intencional, só pra compensar o fato de eu não ter isso com outra pessoa. Ah não, já que eu não posso, então só pra compensar eu vou fazer isso. Não! Se tivesse assim ao meu alcance, ao meu controle, eu nem isso faria porque é igualmente errado, né? Não faz diferença. A questão é que eu realmente sempre quis parar com isso, mas até hoje não consegui”.

Independente da ação sexual, implicando práticas com somente um ator ou exercícios compartilhados com outra pessoa do mesmo sexo, eram diversas as maneiras como estes atos eram considerados em termos espirituais. Isso evidencia o quão plural e subjetiva é a incorporação da religião na vida prática e a experiência vivida da religião no cotidiano dos entrevistados. Ainda que a religião apresente uma norma a ser seguida, fica explicitado aqui que toda a norma necessita de um ajustamento, de uma acomodação, de uma adaptação na vida do seguidor para que a religião lhe faça sentido na particularidade de sua cosmovisão. Daí temos uma religião com diversas e únicas maneiras de praticá-la.

PARTE 3
PALESTRAS E TESTEMUNHOS DO COMBATE HOMOERÓTICO

INTRODUÇÃO:

Ao longo desta seção, descreveremos todo o processo de realização da observação participante no campo religioso escolhido. Primeiramente descrevemos a experiência de adentrar o espaço da igreja para participar de eventos de um Ministério específico voltado para pessoas com atrações homoeróticas que não querem praticá-las. Depois apresentaremos os discursos explanados pelo Ministério sobre o fenômeno da atração pelo mesmo sexo intercalado com os testemunhos de renúncia do desejo e do exercício homoerótico divulgados pelo próprio Ministério nestes eventos. Explicitaremos, em seguida, as “técnicas” utilizadas pelo ministério – fazendo um diálogo e um contraponto com algumas “teorias” psicológicas – e demonstraremos como o Ministério acompanha e orienta as famílias de pessoas com as atrações homoeróticas. Citaremos um outro ministério norte-americano com missão similar ao observado e, por fim, apontaremos as tensões sentidas na realização desta empreitada etnográfica.

Decidimos manter a descrição detalhada das narrativas para documentar como, nos eventos, se discute e se procura sofisticar o tema em cima de discursos “padrões” e “repetitivos” tanto dos coordenadores do Ministério quanto das testemunhas. Veremos que o Ministério adota uma teoria essencialista da sexualidade baseada na biologia dos sexos como norteadora dos sentidos e das performances, observando as variações comportamentais e sensoriais como resultado de transtornos no desenvolvimento psicológico.

1. OS PRIMEIROS MOVIMENTOS

Estudar atrações eróticas e afetivas por pessoas do mesmo sexo num ambiente religioso cristão tradicional é uma atividade difícil, principalmente quando as pessoas envolvidas não expõem publicamente estes desejos e afetos.

Logo que idealizamos fazer este tipo de pesquisa, achávamos que seria muito difícil encontrar um grupo ou mesmo alguma pessoa que eu pudesse acompanhar ou entrevistar, entretanto foi numa noite de 2018 que, num passeio pelas redes sociais

cibernéticas, eu encontrei um artigo que falava justamente sobre um grupo, criado dentro de uma congregação religiosa adventista, para gerir e orientar questões especialmente relacionadas às atrações sexuais pelo mesmo sexo. Era atribuído a este departamento de gestão do desejo uma nomenclatura de ministério, que dava apoio a pessoas com atrações pelo mesmo sexo que desejavam não praticar o homoerotismo e a homoafetividade. Daremos um nome fictício para esta iniciativa de “Ministério Perseverar em Cristo”.

O artigo publicado por Felipe Lemos (2018) continha informações sobre a proposta de atuação deste Ministério e para quem ele era direcionado, questões que me fizeram vislumbrar a possibilidade de etnografar este grupo específico que aconselhava pessoas que sentiam atrações eróticas e afetivas pelo mesmo sexo e não desejavam realizar seus desejos eróticos.

Segundo Lemos (2018), este Ministério existe desde 2015 e atua em prol de acolher e trabalhar com pessoas que “possuem a tendência homossexual, porém não desejam, seja por motivos religiosos ou outros, viver o estilo de vida homossexual, como, por exemplo, relacionar-se sexualmente com pessoas do mesmo sexo” (LE MOS, 2018, on-line). É um Ministério que também se dirige aos pais que têm filhos com atrações por pessoas do mesmo sexo e que queiram aconselhamento sobre como lidar com esta situação. O grupo que comanda esta iniciativa é composto por pastores e membros da igreja que se interessam por este tema, promovendo palestras e congressos para a comunidade, como também reuniões de pais e reuniões com as pessoas que sejam localizadas ou que se apresentem como possíveis de praticantes de seus desejos homoeróticos.

A partir da exposição de Lemos (2018) é interessante notar como a motivação homoerótica é desenvolvida por este. Segundo o autor, esta iniciativa de gestão dos desejos considera que a chamada tendência homossexual não tem origem genética nem provém de algum fator biológico, mas sim que seja um fenômeno promovido pelo ambiente e que muda em muitas pessoas quando elas trabalham o que chamam de “feridas emocionais”. Neste artigo, um representante do Ministério explica que a atração por pessoas do mesmo sexo seria um sintoma de um “vazio de gênero”, uma ferida emocional que a pessoa teria desenvolvido no passado por ter se distanciado de outros membros do mesmo sexo – por conta de um abuso sexual, de um distanciamento emocional dos pais, por conta de *bullying* ocorrido na infância, entre outros eventos. Segundo o autor do artigo, o Ministério prega que a construção de

amizades profundas e verdadeiras entre pessoas do mesmo sexo – entre uma pessoa que tenha a “tendência” e um mentor que conheça esta abordagem – podem preencher este “vazio de gênero” que a pessoa que tem atrações pelo mesmo sexo carrega. Segundo o artigo, o Ministério também acredita que casais heterossexuais que tenham um *treinamento* sobre essa abordagem podem mostrar “como é um lar funcional” (LE MOS, 2018, online) ao acolherem pessoas com a “tendência homossexual” e as trazerem para algumas atividades em família. O Ministério também acredita que grupos pequenos que promovam espaços de escuta e aceitação podem ajudar as pessoas com atrações pelo mesmo sexo – que são por eles chamadas de pessoas homoafetivas, e não homossexuais – a compreenderem as causas de suas “tendências”, auxiliando-as no preenchimento deste “vazio”, no crescimento espiritual e no tratamento das “feridas emocionais” destas pessoas.

Lemos (2018) refere que o “Ministério Perseverar em Cristo” ainda é muito reticente em se abrir para um público maior, mas relata que diversas palestras em outras igrejas já foram feitas, oferecendo respostas a seus membros sobre as causas da chamada “tendência homossexual” e gerando em inúmeras igrejas o desejo de terem Ministérios como este. O autor cita outro Ministério da Igreja Adventista do Sétimo Dia que lida com o mesmo tema nos Estados Unidos, mas não faz nenhuma ligação entre o Ministério brasileiro e o americano, como também diz não encontrar nenhum outro Ministério que aborde esta questão em nenhuma outra parte do mundo por esta denominação.

Após recolher algumas informações sobre o Ministério, procurei por alguém ligado a ele na internet e consegui me conectar com um dos coordenadores pelo *Facebook* e marcar com ele um primeiro encontro para conhecê-lo pessoalmente e fazer com que ele me conhecesse. Querendo também saber um pouco mais sobre o Ministério e perguntar se eu poderia me aproximar desta iniciativa para realizar esta pesquisa, marquei de me encontrar com este coordenador, que chamarei de Edson, na praça de alimentação de um shopping da cidade de São Paulo.

Eu estava um pouco apreensivo para este encontro porque não sabia se ele aceitaria que eu fizesse esta investigação com o Ministério que coordenava. Cheguei mais cedo que o combinado e fiquei esperando-o numas mesas na frente às escadas rolantes. Ao encontrá-lo, ele veio em minha direção com um sorriso no rosto e logo estendeu a mão para me cumprimentar. Sentamos numa das mesas da barulhenta praça de alimentação e logo disse que fiquei muito interessado no trabalho do

“Ministério Perseverar em Cristo”. A partir de então Edson contou toda a trajetória da criação do Ministério e como o grupo trabalha. Também falou sobre quais eram as propostas do Ministério e quais crenças e evidências que eles se baseavam para formular todo o trabalho. Ele me informou que havia um grupo de *WhatsApp* do Ministério com pessoas que têm atrações pelo mesmo sexo que não querem exercê-las, tanto de São Paulo quanto de outras localidades, e disse que muitos participantes recebem apoio online já que não podem vir às reuniões que acontecem mensalmente numa das igrejas Adventistas de São Paulo. Este coordenador também me informou que mensalmente, o Ministério atende a pais que têm filhos com AMS – sigla que eles utilizam para chamar as atrações pelo mesmo sexo e para evitar o uso da palavra homossexual em função de não tornar a atração erótica em algo identitário na pessoa; assim, Edson utilizava categorias AMS e homoafetivo para indicar pessoas com desejos homoeróticos e homoafetivos.

Decidi me apresentar, relatei meu histórico pessoal, a minha proximidade com a igreja e com o tema do homoerotismo, mas também falei sobre minha trajetória acadêmica: sobre meu interesse em fazer esta pesquisa com pessoas que não exerciam os próprios desejos. Disse que tinha vontade de saber da experiência de abnegação do homoerotismo já que por algumas vezes tinha visto em meios digitais testemunhos de pessoas se dizendo muito realizadas nesta situação. Falei sobre como o Ministério de Edson poderia fazer parte do meu projeto de pesquisa e afirmei que meu intuito não era de provar alguma hipótese anteriormente formulada, nem de denunciar ou reprovar as crenças e práticas de celibato homoerótico, mas sim de descrever como eram as experiências destas pessoas que decidiam se comportar desta maneira. Perguntei a ele se ele poderia ser uma ponte entre mim e os membros do grupo no sentido de possibilitar algumas entrevistas com alguns deles como também se ele me autorizava a participar de algumas das reuniões mensais do Ministério com o público para quem eles se dirigiam.

Parecendo muito simpático e atencioso, ele se mostrou bastante aberto para escutar do meu interesse e, então, me disse que falaria com as pessoas a quem ele atendia sobre minha pesquisa e perguntaria se alguns deles topariam participar desta investigação. Me surpreendi com a atitude deste coordenador ao não me convidar para retornar à igreja. Mesmo ao saber de meu histórico na igreja Adventista e da mudança de crenças e de modos de vida que incluíam a prática homoerótica, Edson não me repreendeu em nenhum momento e manteve uma postura cordial e

acolhedora ao conversar tanto sobre o Ministério quanto sobre a pesquisa. Este primeiro vínculo propiciou a abertura do campo para a realização da pesquisa num clima de cordialidade e receptividade entre pesquisador e participantes provindos deste Ministério.

Alguns dias se passaram e recebi algumas indicações dele de participantes que topavam falar comigo. Também tive seu aval para participar de quatro reuniões promovidas pelo Ministério para os líderes religiosos num formato de palestras, testemunhos e rodas de perguntas sobre as causas da atração pelo mesmo sexo, como preveni-la, como lidar com ela e como trabalhar a questão nas comunidades religiosas. Entretanto a resposta quanto a se poderia participar das reuniões com as pessoas com AMS nunca vinha. Depois de alguns meses insisti nesta solicitação e aí recebi a informação de Edson que nada me impediria de ir à próxima reunião, ainda que não fosse garantido que haveria quórum para que ela se realizasse, já que as reuniões presenciais tinham se esvaziado bastante. Dias depois recebi novamente uma mensagem de Edson de que a reunião daquele mês não ocorreria e que a realizariam somente no mês subsequente, mas os prazos para a entrega desta tese não me possibilitaram participar dela.

Mesmo assim, pode-se imaginar que o motivo para a demora na obtenção de retorno quanto a minha participação nas reuniões com os participantes do Ministério pode ter sido em função de uma possível reação de mal-estar pela minha presença. É de se esperar que um estudante de doutorado, que está ali para fazer uma pesquisa que lida com questões tão íntimas, gere desconforto simplesmente por estar num ambiente sigiloso que foi construído para lidar com as emoções de pessoas que querem receber aconselhamento quanto a um tema que era considerado “pecado” pela Igreja.

É compreensível que surgisse o questionamento quanto às minhas intenções, afinal como eles teriam a garantia de que eu não estaria ali para expor negativamente a iniciativa e as pessoas que ali se reuniam? Pode ser que uma suposta desconfiança ligada à crença de que eu talvez quisesse com esta pesquisa provar que eles estavam errados, de que eu talvez quisesse me autoafirmar com a investigação, de que eu talvez quisesse pôr em xeque a cosmovisão do Ministério, tenha exercido influência nesta demora.

Mas a despeito desta dificuldade com o acompanhamento dos sujeitos de pesquisa em grupo presencial, consegui realizar 4 observações muito bem-sucedidas

nas reuniões de líderes da igreja e perceber como o “Ministério Perseverar em Cristo” trabalha.

Para uma descrição detalhada e não repetitiva das 4 reuniões que presenciei, organizamos em capítulos temáticos os eventos ocorridos nestes encontros para demonstrar a maneira como o Ministério concebe tanto o fenômeno da atração pelo mesmo sexo quanto a constituição do sujeito que contém tais atrações – a subjetividade da pessoa que tem desejos afetivos e eróticos pelo mesmo sexo. As reuniões geralmente apresentavam este assunto num formato de palestras expositivas que eram feitas pelos componentes do Ministério, seguidas de uma abertura de diálogo com o público através de perguntas que os espectadores poderiam fazer sobre os tópicos abordados. Houve também num dos encontros presenciados a exposição do tema em roda de conversa. Os capítulos não serão descritos necessariamente de forma cronológica e poderão conter assuntos semelhantes que foram agrupados para melhor compreensão e fluidez na leitura, ainda que tenham surgido em diferentes momentos da minha observação.

2. AS APROXIMAÇÕES AO MINISTÉRIO

No período em que estava fazendo observações nos eventos do “Ministério Perseverar em Cristo” encontrei um *website* desta iniciativa que informava as datas das palestras que ocorreriam no futuro e um pouco dos fundamentos de sua atuação. Na página virtual do Ministério também há a possibilidade de se cadastrar para participar das palestras, algo que eu fiz em todas as vezes que participei dos encontros.

Esta igreja era uma das igrejas adventistas mais antigas de São Paulo e tinha, ao seu lado, um Colégio da mesma denominação que oferece o serviço de educação para a nível de educação infantil, ensino fundamental I, ensino fundamental II, e ensino médio. Três das quatro palestras ocorreram aos sábados, às três horas da tarde, e a outra reunião ocorreu no domingo de manhã. Nas dependências da igreja não encontrei nenhuma informação de onde seriam as reuniões do “Ministério Perseverar em Cristo”, sendo que da primeira vez que compareci me senti um tanto perdido sem saber para onde ir. Ao me ver perdido, uma senhora me perguntou, “*Você veio para a*

reunião? Vai ser lá no salão da escola”. Das outras vezes, já acostumado com o caminho, me dirigi diretamente a este salão. Numa dessas vezes encontrei o Edson, com quem havia conversado na barulhenta praça de alimentação do shopping e que também estava se dirigindo ao local. Ele me cumprimentou afetuosamente enquanto nos encaminhávamos para o local indicado.

O salão do colégio geralmente se encontrava com as luzes do palco acesas e as luzes que iluminavam o restante do recinto apagadas. Considerando o tamanho do salão, este parecia vazio pelo número de pessoas que comparecia aos encontros. Geralmente contava de 30 a 60 pessoas presentes nos encontros em que participei. A maioria das pessoas se sentava nos primeiros bancos da direita, em frente ao telão do palco onde as projeções eram feitas. Da primeira vez me sentei num banco do meio do salão, à esquerda, próximo à parede, para que minha presença passasse um tanto despercebida.

Era como se uma ovelha desgarrada estivesse visitando um antigo rebanho. Como se o *outsider* não fosse tão *outsider* assim. Um turbilhão de emoções ambíguas surgia naquele ambiente, gerando considerável ansiedade. Era uma mistura de sensações de acolhimento e vergonha, como se alguém fosse bem-vindo e, ao mesmo tempo, repellido. É claro que essas sensações de exclusão provinham de algumas experiências passadas deste *outsider* e não representavam as atitudes das pessoas a minha volta naquele dia, naquela situação. Inclusive fui muito bem tratado por todas as pessoas em todos os dias que compareci às reuniões do Ministério. Foi isso o que me deixou mais à vontade nas três outras sessões em que participei.

A sensação de ambiguidade me fazia recordar a obra de Natividade e Oliveira (2009a; 2009b) em que descreviam como comportamentos de acolhimento de alguns membros de igrejas evangélicas brasileiras eram utilizados para incentivar que pessoas deixassem práticas homoeróticas para alcançar a santificação e, portanto, a salvação.

Enquanto as reuniões não começavam, clips musicais com canções e cantores adventistas eram projetados no telão. Havia muito tempo que não frequentava a igreja nem cantava as músicas adventistas, mas conhecia muitas delas e gostava de ouvi-las. Realizar este trabalho de campo ia muito além da observação participante: era uma experiência sensorial que gerava recordações e emoções agradáveis por meio da música. A produção destes sons atraía o ouvinte a ponto de fazê-lo escutar as palavras cantadas com mais leveza e facilidade de aceitação. Uma

ovelha criada em meio a cantores e instrumentistas tem dificuldades de abandonar um ambiente que possibilita a participação na criação e na performance musical. É possível que muitos artistas adventistas que reconhecem suas atrações homoeróticas não as executem, ou mesmo não assumam publicamente tal exercício para poderem permanecer produzindo música para as gravadoras adventistas e para os Ministérios de louvor de suas igrejas.

Sempre fui muito cordialmente recebido pelos participantes do Ministério. Numa das reuniões, uma participante da reunião veio me cumprimentar. Anos atrás ela se conectou comigo e nos tornamos conhecidos. Neste encontro, ela perguntou como estava minha família e pediu para que eu mandasse um abraço para meus pais. Pelo fato de os Adventistas terem crenças tão particulares – como as embasadas pelos escritos da profetisa da igreja Ellen White – é possível conhecer muita gente e de fazer muitas conexões sociais pela simples identificação ideológica e religiosa com a outra pessoa. Isso que faz com que o mundo pareça pequeno ao encontrar conhecidos em diversos e inesperados lugares.

Noutra aproximação, fui abordado por um pastor muito carismático que já havia participado de reuniões como estas em meses atrás. Ele veio às reuniões para obter informações sobre como lidar com esta situação já que um membro de sua família também admitiu ter atrações por pessoas do mesmo sexo. Este não era o primeiro pastor que comparecia às reuniões para aprender a lidar com familiares com atrações homoafetivas. Ele me disse que após ter participado destas palestras conseguiu entender mais sobre o homoerotismo e suas origens. Me revelou que ainda percebe muita resistência e receio de alguns colegas seus em abordar temas delicados como estes, principalmente quando estes também têm familiares com atrações homoeróticas. Ao longo das minhas observações percebi que muitos dos participantes, adventistas e não adventistas, vinham às reuniões para obter informação e aconselhamento sobre o tema porque em suas famílias encontravam pessoas com tais desejos e não sabiam o que fazer com a situação. Por ser uma questão tão iminente, um dos encontros foi destinado especificamente para falar aos familiares de pessoas com atrações pelo mesmo sexo.

No início dos encontros geralmente passava-se uma lista para conferir a presença das pessoas que se inscreveram às reuniões. Na primeira reunião pude perceber uma grande lista de inscritos, muito maior comparada ao número de pessoas presentes ali. Depois soube que muitos dos inscritos acompanhariam as palestras via

internet, já que as falas seriam transmitidas ao vivo pelo *Facebook*. Também percebi que havia outras pessoas inscritas que não eram adventistas, mas de outras denominações cristãs que, mesmo assim, vinham receber orientações do Ministério. Eu era o único da lista que tinha preenchido a área do formulário que se destinava à informação de crença religiosa como agnóstico. Após algum período de espera para que outras pessoas pudessem chegar, as reuniões começavam.

Sempre era dito no começo das reuniões que a proposta dos encontros era de ajudar os líderes e pastores cristãos a lidar com suas preocupações referentes aos membros de suas igrejas que tinham atrações por pessoas do mesmo sexo e como abordar esse grupo. Seriam, então, apresentadas evidências sobre as causas da homoafetividade e do homoerotismo masculino e feminino e como ajudar as pessoas com estas atrações. O Ministério sempre afirmava que acreditava que as pessoas com atrações pelo mesmo sexo têm o direito de conhecer outras abordagens sobre os desejos sexuais e de querer trabalhar de acordo com essas abordagens, sendo que aquela iniciativa era uma das abordagens que oferecia apoio para quem quisesse se esforçar para não praticar ações eróticas e afetivas com pessoas do mesmo sexo.

As reuniões geralmente falavam dos mesmos assuntos: a gênese do homoerotismo feminino e masculino, como ser um líder religioso que auxilia no processo de apoio e acompanhamento das pessoas com tais desejos e como lidar com filhos que tem atrações pelo mesmo sexo. Mesmo assim, as palestras apresentadas não tinham sempre um mesmo esquema, um mesmo formato; muitas vezes os oradores traziam novas informações, ou mesmo apresentavam o tema numa maneira diferente da palestra anterior. Às vezes o tempo num encontro também não era suficiente para que os palestrantes pudessem falar tudo o que se tinham planejado abordar, sendo que tais tópicos não trabalhados podiam ser considerados na próxima reunião. Por conta disso, foi propício ter observado as reuniões por quatro vezes para poder recolher impressões e informações mais amplas e completas da forma como a homoafetividade e o homoerotismo eram vistos pelo Ministério.

3. A ATRAÇÃO PELO MESMO SEXO COMO UM “FENÔMENO AMBIENTAL”

Uma das mensagens mais importantes do Ministério era ministrada por Edson, o coordenador da iniciativa, que apresentava evidências para refutar a hipótese de que os desejos pelo mesmo sexo eram genéticos, de que as pessoas nasciam com esta tendência de desejar sexualmente ou afetivamente pessoas do mesmo sexo. A origem desta tendência era esboçada no formato de uma palestra estruturada em diversos dados científicos de diversos acadêmicos e profissionais da medicina e psicologia para alegar que a os desejos homoeróticos vinham de origem “ambiental”.

Edson geralmente começava explicando porque o homoerotismo e a homoafetividade não poderiam ser considerados uma alteração genética – como a Síndrome de Down ou a Fenilcetonúria – já que a incidência das doenças genéticas é muito menor que a incidência da atração homoerótica na sociedade. Ele adicionava a este argumento a informação de que, por outro lado, os desejos homoeróticos apareciam com frequência similar à incidência de desordens emocionais como a depressão, as fobias e as desordens psicossomáticas na humanidade. Edson também apresentava evidências de que a atração homoerótica, a atividade homoerótica e a identidade homossexual mudavam conforme a idade das pessoas. Ou seja, considerando que existe uma migração, uma movimentação das categorias sobre a sexualidade humana, que se deslocam de acordo com o tempo da homossexualidade para a heterossexualidade e vice-versa, não é possível considerar a atração pelo mesmo sexo como algo fixo, da forma como seria determinada geneticamente. Ele também apresentava que nas cidades grandes a incidência da tendência homossexual é maior, evidenciando uma diferença quanto ao que acontece nas doenças genéticas, que não têm seu aparecimento variante de acordo com a localização urbana ou rural em que seus afetados se encontram. Para sustentar as informações acima foram citados por Edson os estudos de Kinsey, Pomeroy e Martin (1948) e outros os estudos mais recentes de Cameron e Cameron (2002).

Outra justificativa que se dava para a não associação do homoerotismo com questões biológicas e genéticas era que fatores hormonais não influenciam para quê fenótipos os desejos sexuais das pessoas se direcionavam, sendo que a incidência de tendência homossexual em homens com Síndrome de Klinefelter – com dois ou mais cromossomos X – XXY por exemplo –, e portanto com mais hormônios femininos no corpo, é a mesma que a incidência do homoerotismo em homens sem esta síndrome, o que pode ser observado em Nielsen (1969) e McCormick, Witelson e

Kingstone (1990). Também era citado que nas mulheres com Síndrome de Turner – com um cromossomo X a menos, XO por exemplo – a incidência do homoerotismo era a mesma que na população sem a síndrome, como observado por Ehrhardt et al. (1970). O palestrante então aprontava que os hormônios têm a ver com o aumento ou diminuição da libido, não influenciando na orientação sexual.

Consecutivamente, na palestra eram apresentados dois estudos que demonstram uma possível causa biológica da atração pelo mesmo sexo, mas que não ficavam livres das críticas do palestrante tanto aos pesquisadores responsáveis pelas pesquisas quanto aos processos metodológicos de tais investigações. O primeiro estudo era de LeVay (1991), que falava sobre uma diferença de tamanho da região INAH 3 do hipotálamo. A investigação mostrava que homens que se relacionavam sexualmente predominantemente com homens tinham um tamanho esta região duas vezes menor quando comparado ao tamanho desta região verificado em e homens que se relacionavam sexualmente predominantemente com mulheres. Os argumentos de refutação para este estudo se fundamentavam em, segundo o palestrante, vários problemas metodológicos na realização da pesquisa: o primeiro era o baixo número de indivíduos estudados; o segundo era que todos os indivíduos com atrações pelo mesmo sexo tinham HIV e, por conta desta infecção, que afeta células nervosas, pode ser que a região do hipotálamo tenha se tornado menor por influência da infecção do HIV e não porque os homens tinham desejos homoeróticos; outro argumento sustentava que todos os sujeitos com atrações homoeróticas do estudo faziam uso de medicações que podiam afetar regiões cerebrais, como antifúngicos e antibióticos o que poderia também influenciar a anatomia daquela região. Também foi problematizada a questão de causa e efeito do estudo: enquanto o coordenador descrevia o potencial de plasticidade do cérebro, exemplificando que pessoas que estudam música desenvolvem diferentes partes do cérebro de diferentes formas, ele questionava se as pessoas começam a ter atrações pelo mesmo sexo porque têm o hipotálamo menor ou se o hipotálamo delas diminui por conta desta tendência ao homoerotismo. Desta forma, não haveria como dizer o que vem antes do quê. O coordenador também citava que havia problemas de replicação da pesquisa, sendo que ninguém mais conseguiu repetir os estudos deste pesquisador, o que ameaçava a confiança na investigação. Por último, o palestrante referia que este autor se considerava homossexual e que tinha uma agenda ideológica que advogava em prol

dos direitos gays, o que causava a falta de objetividade e revelava o partidarismo na interpretação científica daquele estudo.

O segundo estudo a ser apresentado e criticado era de Hamer et al. (1993) que dispõe sobre como, em homens com atrações homoeróticas, a região do cromossomo X chamada Xq28 é diferente desta mesma região em homens com atrações pelo sexo oposto. Uma crítica apresentada a este estudo era que o autor não utilizou um grupo controle para a comparação dos dados: segundo Edson, ao pesquisador trabalhar com irmãos homossexuais, ele deveria também ter trabalhado com irmãos não homossexuais para a análise de seus cromossomos. O palestrante afirmava também que outros estudos foram realizados em seguida, com a mesma metodologia, sem encontrar nada semelhante às descobertas de Hamer et al. (1993); Edson mostrava, então, que não foram trabalhadas questões “ambientais” neste estudo – como a família – para a hipótese da causa da atração pelo mesmo sexo. Edson, então, apresentava que o próprio autor posteriormente tinha afirmado que não eram os genes que faziam com que alguém tivesse desejos homoeróticos, mas sim o meio ambiente, já que eram as contingências ambientais que determinavam como os genes iriam se expressar. Outra crítica a este estudo era feita alegando que o autor também se considerava homossexual e tinha uma agenda pró gay, o que ameaçava a credibilidade do estudo. Numa apresentação Edson explicou esta crítica:

“É uma lenda achar que cientistas não interferem na interpretação científica deles. Isso é uma lenda. Quando a gente entra no laboratório a gente já sabe mais ou menos o que a gente quer ver. A ciência não é isenta. Existe uma tendência de alguns cientistas que querem fazer um link da homossexualidade com algo biológico de até às vezes inconscientemente ler os dados de uma maneira errada”.

Esta foi uma das falas mais impactantes de Edson: quando os estudos sobre o homoerotismo são realizados por pesquisadores e militantes que se dizem homossexuais, questiona-se o viés ideológico de quem faz a pesquisa como fator de descrédito à pesquisa, apontando sua possível interferência nos resultados da investigação. No entanto, Edson prosseguia as palestras sem assumir em suas falas posteriores que alguns pesquisadores cristãos também poderiam almejar validar hipóteses condizentes com suas ideologias judaico-cristãs ao entrarem no laboratório. Não se apresentava que alguns pesquisadores cristãos também poderiam

inconscientemente interpretar os estudos de forma a corroborar com aquilo que acreditam. Cabe aqui questionar se o crivo positivista da neutralidade científica também é aplicado pelo Ministério aos estudos promovidos por ele como uma forma deste também realizar uma autocrítica daquilo que reproduz como evidência científica. A falta de um questionamento sobre o critério de julgamento das pesquisas bem avaliadas pelo Ministério pode apontar uma possível arbitrariedade exercida por ele que favorece os estudos que convergem com o discurso adventista do sétimo dia sobre o exercício do homoerotismo.

Ainda sobre o estudo de Hamer *et al.* (1993), numa das palestras feitas por Edson, ele mostrava que num artigo publicado em 1995 pela revista *Scientific American* chamado “Gay Genes, Revisited: Doubts arise over research on the biology of homosexuality” (HORGAN, 1995), um dos assistentes de pesquisa deste autor acusou-o de não mostrar resultados que teriam invalidado o estudo. Este assistente é o pesquisador John Horgan, diretor do Center for Science Writings no Stevens Institute of Technology que, depois de 15 anos, escreveu um outro artigo para a mesma revista (HORGAN, 2010) reafirmando uma de suas críticas anteriores: a de que a sexualidade humana é muito complicada, diversa e mutável para ser explicada simplesmente em termos biológicos. Mesmo assim, neste mesmo artigo, o cientista refere que suspeita que as atrações homoeróticas sejam, provavelmente e ao menos em parte, inatas, ainda que a evidência até agora seja inconsistente. Ele ainda adiciona o fator da atração sexual igualmente dirigida aos dois sexos como um tema que não pode passar despercebido neste diálogo, sendo ele um fenômeno humano tão genuíno quanto os outros direcionamentos dos desejos sexuais e que não pode ser considerado como uma mera falta de coragem em assumir a atração homoerótica.

É necessário ressaltar que este último artigo que se intitula “Queer Notions: How Christian Homophobes Misuse My ‘Gay Gene’ Report” (HORGAN, 2010) é uma forte crítica aos cristãos que se posicionam contra o exercício do homoerotismo: nele o autor aponta ser a favor dos direitos de quem afirma ter desejos e atrações homoeróticas, incluindo o direito do casamento de casais de mesmo sexo, como também diz que cristãos homofóbicos fazem mau uso de seu artigo de 1995 para fundamentar que pessoas com estas inclinações podem, portanto, mudar seus comportamentos e suas mentes através de intervenções terapêuticas já que os desejos homoeróticos não são naturais (HORGAN, 2010). Estas informações,

entretanto, não foram passadas por Edson nas quatro vezes em que eu compareci às palestras.

Voltando às apresentações que promoviam a ideia de que a atração pelo mesmo sexo não era biológica, Edson também mostrava que os estudos encontrados em Tay (2011) revelam que a probabilidade de dois irmãos gêmeos idênticos, considerados clones genéticos, terem ambos atrações homoeróticas é de somente 24%. Nos gêmeos não idênticos a probabilidade caía para 18%. Edson, portanto, informava que esses valores eram equivalentes estatisticamente e não conclusivos para afirmar que a homoafetividade e o homoerotismo são de origem genética.

John Sin Hock Tay, o pesquisador citado, é um médico pediatra cristão com um doutorado em genética e dois PhDs, sendo um deles também em genética. Na data da redação desta tese, ele era o reitor da Faculdade de Estudos Bíblicos na Bethany International University e foi o padre da Catedral Anglicana de St. Andrew's, em Singapura. Ele tem diversos livros publicados em temáticas cristãs sobre evangelismo cristão, propósito da vida humana, o destino divino para a humanidade e guias para estudos bíblicos em grupo. O palestrante também não apresentou a biografia deste pesquisador e tampouco questionou a possível influência de sua ideologia em seus estudos, como alegou quanto aos cientistas gays.

A partir de então Edson afirmava que não existiam evidências de que atrair-se por pessoas do mesmo sexo estivesse ligado a genes ou a algo biológico. Era dito que, para a comunidade científica, este tema era relativamente resolvido e que atualmente não se associava mais os desejos homoeróticos com a informação genética, mas sim com o ambiente. Portanto, já que tal atração não era de origem natural, genética ou biológica, devendo ser considerada como um fator desencadeado pelo ambiente, era, assim, algo passível de mudança. Numa das palestras Edson verbalizou:

“A maior evidência que eu vou mostrar pra vocês é que pessoas que têm a tendência homossexual podem alterar essa tendência. Então realmente é um fator ambiental”.

O palestrante sempre enfatizava que o objetivo do Ministério era ajudar gays e lésbicas – que estivessem na igreja, que não quisessem exercer o homoerotismo e que estivessem dispostos a trabalhar neste sentido – a diminuir a depressão e a

ansiedade causada pelos desejos homoeróticos. A partir de então eram apresentados alguns trabalhos, principalmente de pesquisadores cristãos, que diziam mostrar evidências de que a homossexualidade era um transtorno psicológico. Numa das palestras em que participei, Edson afirmava que o médico psiquiatra católico Richard Fitzgibbons garantia que existiam evidências substanciais com base em anos de experiência clínica de que a homossexualidade é um “ transtorno do desenvolvimento emocional”.

Fitzgibbons é diretor do Institute for Marital Healing na Filadélfia, Estados Unidos, e tem livros publicados como “Forgiveness Therapy: An Empirical Guide for Resolving Anger and Restoring Hope” (FITZGIBBONS e ENRIGHT, 2000) e “Habits for a Healthy Marriage” (FITZGIBBONS, 2019). O website www.childhealing.com é um dos locais onde Fitzgibbons publica muitos artigos de sua autoria que também abordam temas como homoerotismo e transexualidade por um viés católico, tecendo críticas sobre como a agenda LGBTQIA+ contraria evidências científicas (FITZGIBBONS, 2017) e como atrações pelo mesmo sexo são resultado de uma intensa fraqueza na confiança masculina associada com fortes sentimentos de solidão e tristeza (FITZGIBBONS, 2012).

Nas palestras Edson também citava o nome de Robert Jesse Stoller, um psiquiatra e psicanalista americano que criticou a teoria da bissexualidade essencial nas crianças formulada por Sigmund Freud e desenvolveu a teoria da feminilidade primária, que fala que se não for por uma força masculina para quebrar o vínculo simbiótico entre mãe e filha ou filho, estes filhos manterão uma identidade essencial feminina, já que o tecido biológico e a identificação psicológica iniciais nos seres humanos seria sempre orientada a um desenvolvimento feminino (STOLLER, 1968). Este mesmo autor escreve que as perversões sexuais são expressões inconscientes de agressão e de vingança contra a pessoa que nos primeiros anos da vida da criança, traumatizou ou frustrou a identidade essencial dela (STOLLER, 1975). Numa das palestras, Edson comentava que a partir da leitura dos textos deste autor, percebe-se que a heterossexualidade seria algo necessário a se alcançar, a se conquistar, como uma etapa do desenvolvimento a se ultrapassar para o alcance da maturidade psicológica.

Este discurso da origem do homoerotismo como um fenômeno ambiental não é um discurso próprio deste Ministério da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sendo ele também utilizado em outros contextos cristãos, como visto em Natividade (2006), Fry

e Carrara (2016) e Silva e Menandro (2019). Ao entrevistarem indivíduos que alegaram ter mudado de identidade sexual, Silva e Menandro (2019) observaram que estes indivíduos conferiam à origem dos desejos homoeróticos a estrutura familiar deficiente, o abuso sexual na infância, as experiências prazerosas com pessoas do mesmo sexo e a ação de entidades espirituais. Tais fatores – menos a ação de entidades espirituais – também eram densamente elaborados pelos palestrantes dos Ministérios em suas apresentações.

Ao findar da palestra, Edson abria a possibilidade a seus ouvintes de fazerem perguntas referentes ao tema; numa das palestras fez-se o questionamento se a função da amígdala no cérebro não poderia determinar os desejos homoeróticos independentemente da educação. Edson então respondeu que não, que não há evidências científicas de que a amígdala, ou que o hipotálamo, ou que qualquer outra estrutura cerebral estejam relacionados às atrações homoeróticas, nem mesmo os hormônios. E é reforçado que a maior evidência apresentada é que várias pessoas que trabalham e elaboram as feridas emocionais do passado começam a sentir atração pelo sexo oposto, o que refuta o determinismo biológico. Dizia o palestrante que, como cada pessoa é única, o resultado desta elaboração das feridas pode ocorrer em níveis diferentes: algumas pessoas podem se casar e ter uma grande atração pelo sexo oposto, noutras pessoas pode diminuir a atração pelo mesmo sexo e noutras o desejo pode até mesmo sumir completamente.

Noutro momento, foi perguntado quais eram os fatores que influenciavam o fenômeno ocasional da aparição de atrações pelo mesmo sexo, como acontece com algumas pessoas que se dizem heterossexuais, mas em algum momento têm relacionamentos homoafetivos. A resposta dada a esta pergunta foi a de que *“ultimamente estava na moda ter um relacionamento com pessoas do mesmo sexo”*, o que fazia com que mais pessoas aceitassem a ideia e experimentassem estas relações. Também foi dito que a mídia e o marketing LGBTQIA+ também faziam com que mais pessoas se atraíssem a estes novos modos de afetividade.

Em todos os encontros a mídia foi apresentada como um instrumento utilizado pelo “secularismo pós-moderno” – que seria a obra de Satanás – na guerra ideológica contra Deus e o cristianismo. Era dito que a mídia não tinha o interesse em mostrar todos os lados da moeda, silenciando-se frente às notícias em favor do não exercício do homoerotismo e fazendo matérias que estimulam as pessoas a aceitarem suas

atrações e viverem de acordo com elas, passando para a população um cenário enviesado da realidade.

4. A ATRAÇÃO HOMOERÓTICA E HOMOAFETIVA MASCULINA

Nas palestras de Edson, ele se focava mais em apresentar gênese e as implicações das atrações pelo mesmo sexo em homens, deixando que outro membro do Ministério explicasse as questões específicas dos desejos homoeróticos nas mulheres. Ele explicava que no desenvolvimento normal do menino é esperado que, depois da fase de amamentação, quando se dava a simbiose com a mãe, o menino comece a se afastar dela e se identificar com o pai por ele ser a pessoa com o mesmo tipo de corpo dele. Ele citava Joseph Nicolosi (1991, 2016), um psicólogo católico, para fundamentar a tese do desenvolvimento psicológico saudável do menino, dizendo que há uma necessidade de identificação do menino com o pai e uma necessidade da proximidade do pai com seu filho para um desenvolvimento psicológico adequado, sendo que a mãe sozinha não conseguiria jamais promover este desenvolvimento adequado.

Edson também citava Elizabeth Moberly (1983a e 1983b), uma pesquisadora em psicologia e doutora em teologia cristã, que, segundo o palestrante, sistematizou o estudo sobre as atrações pelo mesmo sexo. Segundo ele, a autora relata que caso o menino tenha desenvolvido um trauma, uma ferida emocional com figuras masculinas em sua infância, com um pai que foi tirano ou ausente por exemplo, ou com meninos na escola que fizeram *bullying* contra ele, ou com meninos que o rejeitaram, este garoto fará um distanciamento defensivo automático que o apartará da figura masculina e promoverá uma fuga de todo o universo masculino por medo dele. O coordenador do Ministério prosseguia falando que provavelmente esta seria a razão de muitos homens com atrações pelo mesmo sexo não se sentirem à vontade entre outros homens que não as tinham e nem em atividades consideradas masculinas. Edson também afirmava que era possível perceber que muitos daqueles que se consideravam homossexuais decidiam trabalhar com profissões mais femininas justamente por este medo do masculino. Não eram especificamente descritas as profissões consideradas femininas, mas a presença de uma afirmação

como esta já demonstra a existência de fortes concepções de Edson sobre quais sejam os papéis de gênero adequados para os diferentes sexos.

Após esse distanciamento defensivo, o palestrante dizia que o menino, então, fazia uma busca reparadora para voltar ao seu universo, justificando que ninguém consegue viver sem seu gênero. Edson afirmava que a maior busca existencial do homem que tem atrações pelo mesmo sexo é voltar a ser aceito pelo universo masculino, é receber um abraço de outro homem e não necessariamente ter sexo com outros homens. Por isso que várias vezes os palestrantes e participantes do Ministério se referiam às pessoas com atrações homoeróticas pelo termo “homoafetivo” e não “homossexual”, pelo fato de crerem que tais pessoas não necessariamente buscam por sexo, mas sim por afeto e aceitação.

Segundo Edson, ao mesmo tempo que o menino tem aversão por este universo masculino – por ter sido rejeitado por ele –, também sente falta dele e admira as pessoas que dele fazem parte. Assim, na adolescência, este universo é erotizado por influência da puberdade e faz com que o sujeito procure retornar à masculinidade por um viés sexual. A busca de aceitação e acolhimento pelos homens encontra seu caminho na atração sexual. Edson não explicava, entretanto, como era esse processo de erotização da ausência masculina; ele não descrevia como a ausência do que seria o masculino se transformava em desejo erótico e afetivo por isso. Não era apresentado como se dava o deslocamento do sentimento de falta e de medo do masculino para a atração pelo masculino. Também era acrescentado a esta fala que os seres humanos se atraem pelo que é diferente; se os meninos veem o universo masculino como o universo diferente deles, serão as pessoas deste universo os objetos de atração e desejo.

Outra pessoa que era citada pelo palestrante era Débora Fonseca e Cunha (2012), psicóloga, advogada, presbiteriana e coordenadora do “Ministério Luz na Noite”, que, de acordo com o site www.luznanoite.com.br, é um Ministério cristão com uma missão de apoio aos que desejam voluntariamente abandonar práticas homoeróticas. Edson descrevia os estudos desta autora, dizendo que, na clínica, ela percebeu que no lar em que o homem com atrações sexuais por outros homens se cria geralmente tem uma mãe muito apegada, presente, dominadora e controladora, e um pai fraco, cruel, indiferente, ausente e sem voz ativa. Portanto, segundo ela, o papel do pai, que deveria ser de imposição de limites e de dominação é exercido pela mãe.

Explicados todos esses conceitos, Edson prosseguia a apresentação afirmando que a homoafetividade e o homoerotismo sinalizavam um transtorno emocional baseado no desapego do progenitor do mesmo sexo, no desapego dos companheiros do mesmo sexo, no desapego do próprio corpo e no desapego do próprio gênero. Também era dito que uma ferida emocional causava as atrações sexuais pelo mesmo sexo e, se a ferida fosse muito profunda, ela poderia provocar casos de transexualidade em crianças e adultos. A diferença entre o homem que desejava outros homens e o homem que sentia ser uma mulher seria a intensidade do trauma desenvolvido. Vê-se aí que para o Ministério, as noções de identidade de gênero e de orientação do desejo sexual não são separadas como questões diferentes, mas resultados de diferentes intensidades de um só problema.

Outra explicação feita na palestra era que nem todas as pessoas que sofreram traumas no passado irão desenvolver transtornos de identidade de gênero e atrações pelo mesmo sexo porque todas as pessoas são diferentes e, portanto, todas elas terão respostas únicas e subjetivas a estes traumas, sendo a atração pelo mesmo sexo somente uma destas respostas. Alice, uma integrante do Ministério que fala sobre a atração homoerótica em mulheres, fez em uma de suas palestras uma afirmação sobre como o homoerotismo não era um resultado determinado de um trauma específico do passado, mas sim um dos sintomas possíveis resultantes de feridas emocionais não tratadas. Ela dizia que diferente do desenvolvimento de atrações pelo mesmo sexo, algumas pessoas podem desenvolver depressão, ansiedade, obesidade, abuso de substância, etc. Alice dizia:

“A homossexualidade é apenas uma resposta. A pessoa pode ter outras respostas. Então quem passa por isso [um trauma no passado] não necessariamente vai ter tendência homossexual. Isso que eu queria deixar claro. Não é: passou por isso, vai ter a tendência. Não é uma sentença absoluta. Existem outras formas de responder aos fatos”.

Edson, por outro lado, também afirmava que a criança pode ter tido pais amorosos, cuidadosos, presentes, cumpridores dos papéis de gênero na família, e também pode apresentar atrações sexuais pelo mesmo sexo por uma hipersensibilidade aos comportamentos humanos. Ele apresentava que, muitas vezes, a criança podia ter uma sensibilidade mais a florada, mais intensa que outras

crianças e ao perceber qualquer ato que não seja necessariamente violento ou hostil ou de rejeição como tal, podia sentir-se agredida, atingida, traumatizada emocionalmente e, portanto, desenvolver este transtorno de gênero por conta de uma má interpretação do ambiente.

É interessante citar que enquanto o Ministério não considera a atração por pessoas do mesmo sexo como natural, essencial, que a pessoa possa nascer com ela, por outro lado ele aceita a premissa de que algumas pessoas nascem, sim, mais sensíveis que outras, que essencialmente têm uma sensibilidade mais aflorada e que naturalmente sentem a vida de forma mais intensa. Tal premissa não tornaria as pessoas com uma sensibilidade mais aflorada como “mais naturalmente homossexuais” que os outros, já que algumas de suas interpretações as levariam necessariamente a traumas de gênero? Não haveria, portanto, uma parcela das pessoas que já nasceriam com uma propensão natural para se sentirem atraídas por pessoas do mesmo sexo, sendo esta tendência a hipersensibilidade?

É vaga e generalizada a noção da razão de ser da homoafetividade apresentada pelo Ministério. Isso me gerava a sensação de que tudo pode ser atribuído à causa da homossexualidade, que não havia como observar especificamente de onde vinha o desejo pelo mesmo sexo. Ou seja, qualquer coisa poderia ser uma justificativa para a ocorrência de atrações homoeróticas e homoafetivas e não poderia passar por uma prova de especificidade: ou seria algum trauma do passado ou seria uma hipersensibilidade da criança.

Edson revelava que na prática do Ministério, 98% das pessoas que eram atendidas por eles tinham problemas com o pai, e que os 2% restantes, após se abrirem mais profundamente com os líderes do Ministério nas conversas e nos atendimentos, demonstravam ter tido experiências traumatizantes com outros meninos, como *bullying* na escola, rejeição dos colegas, etc.

O palestrante mostrava também que, segundo Nicolosi (2016) e Cohen (2012), meninos hipersensíveis, meninos com características físicas que podem gerar *bullying* (ser muito magro ou gordo, por exemplo), meninos que sofreram abandono físico ou psicológico dos pais, meninos que foram maltratados e estiveram distantes de parentes do mesmo sexo e meninos que foram adotados terão maior propensão à aparição de desejos homoeróticos. Outras influências que promoveriam o desenvolvimento de atrações sexuais pelo mesmo sexo se baseavam nas expectativas frustradas dos pais quanto ao sexo do bebê, na rejeição do bebê ainda

dentro do ventre da mãe, nos casais neuróticos em que a mãe é superprotetora e o pai é ausente, quando há um apego exagerado do filho com a mãe e ao mesmo tempo um relacionamento distante com o pai.

Uma atenção especial também era dada à afirmação de que meninos que foram abusados sexualmente na infância tinham propensão à tendência homossexual. Concordando com esta premissa, o palestrante explicava que quando um menino que tem uma confusão de gênero era sexualmente violentado, ele sentia emoções ambíguas, tanto negativas – porque está sendo agredido – quanto positivas – porque está recebendo uma atenção muito almejada do sexo masculino. Desta forma, o menino aprende que as linguagens de atenção e afeição masculinas vêm através de um contexto sexual. Tais necessidades de afeto seriam, então, realizadas na época da adolescência e possivelmente na idade adulta de forma sexualizada também. Não se explicava, entretanto, se o abuso sexual em meninos que não têm uma confusão de gênero pode também desenvolver atrações pelo mesmo sexo.

Após expostas estas informações, Edson encerrava as apresentações abrindo aos espectadores a possibilidade de fazer perguntas sobre o apresentado. Uma das perguntas numa determinada apresentação questionou como se explica o jeito efeminado do menino pequeno ou o comportamento masculino de meninas pequenas se a atração pelo mesmo sexo não é genética. Edson respondeu que nos meninos, o trejeito feminino não tem nada a ver com algo genético, mas sim com algo comportamental e aprendido baseado na fuga do menino do universo masculino por ele ter sido traumatizado por tal universo. Segundo Edson, quando este distanciamento acontece, o único outro universo para onde o menino pode correr e imitar seria o feminino, o universo da mãe, já que sexualmente só existem dois universos, o masculino e o feminino. Ele diz que alguns autores falam que muitas vezes o menino tenta imitar a mãe para atrair e chamar a atenção do pai ao ver que ela consegue obter de seu esposo carinho e presença. Ou seja, pode-se compreender que o filho adota os trejeitos e performances da mãe para, também, obter a atenção do pai.

Nesta resposta é nitidamente evidenciada a concepção binária adotada pelo Ministério sobre os fenômenos humanos: como só existem dois sexos, são eles que promovem, por suas biologies, performances distintas e, por conseguinte, desejos sexuais distintos. Não há variabilidade: se um indivíduo não se sente confortável numa esfera e não se comporta de acordo com esta esfera, necessariamente irá buscar

consolo e identidade na outra. Existiriam, então, papéis específicos para cada ser humano de acordo com suas biologias e desvios ou variantes destes papéis são considerados inadequações e transtornos exemplificados pelo homoerotismo e pela masculinidade efeminada.

Outra pergunta feita foi: já que não é genético, mas sim ambiental, é possível que crianças desenvolvam atrações homoeróticas por saberem que outras pessoas veem nela esta tendência? Ou seja, a tendência pode ser aflorada pelo olhar do outro que diz que tal criança tem esta propensão por suas performances diferentes da maioria? Edson respondia que não, que a criança pode sim já ter um trejeito anterior e um medo dos meninos e, ao ir para a escola, pode ser rejeitada por eles. Isso, então, aumentaria o medo do universo masculino e potencializaria a propensão para a tendência. Se não houvesse medo anterior, a criança não teria problema em se socializar com os outros colegas e, portanto, não desenvolveria as atrações homoeróticas. Cabe o questionamento, neste ponto, sobre a experiência de meninos que nunca tiveram problemas com a socialização masculina e mesmo assim têm atrações por outros meninos; ou também a dificuldade de socialização que meninos que não desejam outros meninos podem ter, mesmo gostando das atividades consideradas masculinas; ou mesmo a experiência de rapazes que se identificam como heterossexuais, mas buscam ou já buscaram relações sexuais com homens intencionalmente, como elaborado por Jane Ward (2015) num livro que aborda o fenômeno de homens que se dizem heterossexuais e que procuram por sexo com outros homens que se também se dizem heterossexuais.

Noutra palestra, uma pergunta online foi lida por Edson usando os seguintes termos: *“O que deve ser feito quando se observa que a criança tem predisposição para o homossexualismo? Deve ser feito algo?”*. Edson também responde esta pergunta dizendo que é normal que a criança brinque com brinquedos masculinos e femininos, mas se o menino ficar brincando por mais de 3 meses com os brinquedos do outro gênero – algo que percebi ser bem prescritivo e exato – a mãe precisa se afastar e o pai precisa se aproximar. Em aproximações sucessivas o pai deve começar a ter maior relação com o filho, nem que no começo precise brincar de boneca com ele. Ao ganhar a atenção e a afeição do filho, ele poderá depois levar o menino a brincar com outras atividades masculinas também. É dito que segundo o autor Joseph Nicolosi (1991), um resultado positivo desta transição seria apresentado através da animação da criança ao ir encontrar o pai ao vê-lo chegar em casa. Edson também

citada Débora Fonseca e Cunha nesta resposta ao dizer que em pela experiência clínica da psicóloga, ela percebeu que quando a mãe é superprotetora, quando ela se apegua muito à criança e distancia o pai do filho, o pai precisa reconquistá-lo para que ele seja aceito no universo masculino, o que, então, causaria seu desinteresse pelos brinquedos femininos e despertaria sua vontade para gastar mais tempo próximo do pai. De acordo com Edson:

“É uma briga por domínio de território, no sentido bom. O pai vai abarcar esta criança agora. Infelizmente o que se observa muito é que, geralmente quando é feita essa proposta, os pais ficam em silêncio. A mãe fica em desespero porque ela sabe intuitivamente que isso deveria ser feito, mas o pai fica ausente, infelizmente”.

Talvez esta ausência a que Edson se refere quanto ao pai na criação do filho possa ser influenciada pela ideia tradicional de que o modelo de família ideal seria constituído de um homem que trabalha fora para sustentar e o lar e de uma mulher que fica em casa para cuidar da residência e dos filhos.

A própria profetisa da Igreja Adventista do Sétimo Dia Ellen Gould White (2004) deu conselhos sobre papéis de gênero atribuindo para o homem os aspectos de liderança e prestatividade no sustento e para a mulher as características de cuidadora e rainha do lar. Mesmo assim, é imprescindível citar que ainda que a autora prescreva tais tarefas para o casal entre homem e mulher, White (2004) lembra que o pai deve gastar tempo com os filhos, principalmente com os filhos homens: “não deve deixar seus inquietos rapazes inteiramente aos cuidados da mãe. Este é um fardo por demais pesado para ela” (p. 220). Esta citação da autora, corresponde com que o Ministério prega, ao menos quanto à presença do pai na criação dos rapazes.

Por conta disso creio ser necessário pinçar a importância que o Ministério dá a um modelo de educação dos filhos em que o pai esteja muito próximo: brincando e passando tempo junto, demonstrando carinho, amor e afeto, criando e disciplinando, se preocupando e sendo responsável pelos processos de desenvolvimento infantil; tudo isso se assemelha aos preceitos fomentados pela teoria feminista no que se refere à presença e divisão igualitária da tarefa de criação dos filhos pelos diversos casais. Questionei-me, todavia, se essa presença seria, de fato, suficiente para prevenir que os filhos do casal constituído por homem e mulher experienciassem desejos homoeróticos. E frente a isso, o Ministério em suas palestras responde que

não, que existe também o fator do nível de sensibilidade da própria criança que também teria um peso para a aparição das atrações pelo mesmo sexo através das interpretações feitas deste ambiente e desta relação pai-filho. E aí voltamos para a questão da atração homoerótica como resposta a uma hipersensibilidade natural, essencial.

Outra pergunta feita ao palestrante numa das palestras indagou-o se havia como reverter os desejos homoeróticos e, se sim, como trabalhar com o adolescente que diz que tem atrações por pessoas do mesmo sexo. À tal pergunta, Edson respondeu:

“O nosso Ministério não está interessado em reverter pessoas. Nós não temos nada a ver com pessoas que têm a tendência homossexual e querem viver a vida homossexual. Todo mundo tem direito de viver como quiser. E nós não achamos que quem tem a tendência é melhor ou pior, nada disso. Nós trabalhamos para que a pessoa cure, que ela trabalhe essas feridas do passado, de rejeição, de muita ansiedade, de muita depressão, e quando ela vai trabalhando esses traumas do passado, em muitos casos, ela começa a sentir atração heterossexual. Por quê? Porque a partir do momento que eu curo – nós acreditamos que todo mundo nasce heterossexual e que a homossexualidade tem a ver com feridas – a partir do momento que eu trabalho com essas feridas, a heterossexualidade aflora naturalmente. Nosso objetivo não é que a pessoa reverta, nada disso, mas que ela se sinta bem trabalhando essas questões do passado. Mas como efeito colateral bom, ela pode começar a sentir atração heterossexual”.

O Ministério reconhece os sujeitos que têm atrações sexuais pelo mesmo sexo como pessoas traumatizadas emocionalmente e que têm feridas do passado não tratadas que são evidenciadas por sintomas que são os tais desejos homoeróticos. É possível que estas interpretações direcionadas às pessoas que têm sensações homoeróticas causem, em quem as observava, a percepção de que pessoas com atrações pelo mesmo sexo são fracas; que se diferenciam dos demais sujeitos não por seus gostos sexuais, por suas atrações sexuais, mas por suas vulnerabilidades, ou seja, por não terem conseguido resolver apropriadamente seus traumas do passado.

Pessoas com atrações homoeróticas seriam, portanto, pessoas não resilientes, incapazes de se autorregular socialmente de maneira adequada? Incapazes de se refazer com o tempo e de dar a si mesmas novas narrativas consideradas saudáveis? Seriam elas incapazes de superar os traumas e continuar realizando as atividades do cotidiano sem prejuízos mentais? Uma concepção como esta indica que estas pessoas necessitam de um outro profissional que trabalhe com suas mentes para sanar aquilo que eles e elas não conseguiram sarar do passado. Como se a atração pelo sexo oposto e os trejeitos compatíveis com as normas dos gêneros marcassem e concretizassem o ideal de saúde, excluindo toda e qualquer alternativa de modo de vida para sinalizar um estado humano são.

Outro questionamento se produz ao observar pessoas com atrações pelo mesmo sexo que não querem um “tratamento” e afirmam serem realizadas e satisfeitas com seus modos de se expressar sexualmente: como é o olhar direcionado a estas pessoas por quem adere aos pensamentos do Ministério? Será que o respeito ao modo de vida destas pessoas – como apresentado anteriormente – vem atrelado a uma indagação sobre os mecanismos de defesa envolvidos para a realização destes comportamentos? Como se estas pessoas estivessem inconscientemente em constante negação dos traumas não resolvidos, ou racionalizando a falta de realização existencial para se manterem psicologicamente e vitalmente estáveis? Senti como se o Ministério estivesse mostrando que pessoas com atrações pelo mesmo sexo necessitam de um outro que sabe sobre elas, que conhece mais de seus traumas que elas próprias para dizer a elas a verdade sobre elas e a verdade sobre a real felicidade e realização. Que as pessoas que sentem desejos homoeróticos precisam de um psicólogo, um conselheiro, um terapeuta, para conseguirem obter o conhecimento de si, conhecimento de seus traumas mal resolvidos e, a partir da ajuda deste outro, resolverem mais adequadamente as feridas emocionais.

Por um lado, é interessante notar o respeito que o Ministério tem por aqueles que não querem mudar seus comportamentos e modos de vida, mas por outro é importante compreender que a lógica da atuação do Ministério parece perceber a atração por pessoas do sexo oposto como um “efeito colateral bom”. Disso se deduziria que a atração por pessoas do mesmo sexo tem menor valor, é pior, quando comparada à oposta.

Em nenhum momento destas palestras se questionava a seriedade metodológica dos estudos e da experiência clínica dos pesquisadores e teólogos

cristãos, possuidores de uma ideologia que também poderia enviesar tais pesquisas. Não houve a consideração, ao menos externalizada pelo palestrante, sobre a igual possibilidade de questionamento e crítica destes estudos. Assim sendo, observa-se que o Ministério se coloca numa posição de confirmação das informações recolhidas por estes tais estudos, o que evidencia também sua participação no rol das instituições religiosas cristãs que produzem discursos de verdade sobre a humanidade e a sobre a atração homoerótica. O Ministério demonstra desta maneira ser uma instituição que produz conteúdo sobre estas questões, validando pesquisas que consideram o desejo pelo mesmo sexo como um transtorno. Assim, justifica-se o menor questionamento e resistência, ou nenhuma resistência, às fontes de informação que colocam a homossexualidade num patamar de adversidade a ser tratada, de problema humano necessário de ser resolvido ou extinto, de modo a justificar e reafirmar seu caráter pecaminoso, como pregado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia.

5. O TESTEMUNHO DO COMBATE DA ATRAÇÃO HOMOERÓTICA E HOMOAFETIVA MASCULINA

Em todos os encontros que participei, ouvi pessoas que se disponibilizavam para falar sobre suas histórias de vida e seus sucessos ao lutarem contra a atração pelo mesmo sexo. Um jovem que darei o nome de Samuel, esteve em três das reuniões que participei e contou sua história de vida como um testemunho de como foi possível deixar para trás os desejos homoeróticos. Em suas palestras, Samuel contava que logo em tenra infância houve um momento divisor de águas em que deixou de ser um menino masculino para um ser um menino com uma masculinidade negligenciada.

Dizia ele que seu pai era um homem extremamente agressivo e violento, mas que até os três anos de idade Samuel o enfrentava, especialmente para defender sua mãe quando o pai a tentava agredir. Dizia ele: “[Eu] tinha um ímpeto masculino, era visível isso”.

Um dia seu pai, ao perceber que Samuel ficava cada vez mais ousado, lhe deu um soco na cabeça que o fez urinar naquele mesmo local. Samuel discorria que aquilo o marcou por muito tempo da sua vida, mas inconscientemente. Relata que tem

certeza que foi a partir daquele dia que sua sexualidade começou a retroceder ao ter construído a ideia de que se ele enfrentasse seu pai novamente, seu pai o mataria.

Masculinidade e sexualidade se fundem na fala de Samuel. Às vezes diz masculinidade, às vezes sexualidade, tendo os dois termos o mesmo significado: o desejo por mulheres. Esta integração de conceitos – performance de gênero e sexualidade fundidos – também foi percebida na fala de Edson ao dizer que só existem dois universos, masculino e feminino, e que se o menino não se sentisse acolhido no universo masculino ele correria para o único outro universo existente, o feminino; estando mais acolhido no universo feminino, automaticamente teria performances femininas e desejaria sexualmente os outros homens. Feminilidade se funde com o desejo por homens e masculinidade se funde com o desejo por mulheres.

Samuel continuava sua história falando que com o passar do tempo, foi ficando cada dia mais triste, mais introspectivo e menos ousado. Por outro lado, sua admiração pelo que os homens faziam ia crescendo, ainda que não fosse por um viés sexual. A raiva e pavor por seu pai também aumentavam a cada dia. Dizia que tinha vontade de matar seu pai ao completar 18 anos. Ao mesmo tempo, via a mãe como a imagem a ser seguida, começando a imitá-la inconscientemente, reproduzindo seu jeito e brincando com coisas de menina e com as coisas da mãe. Dizia que às vezes quando pequeno saía com a mãe e algumas pessoas achavam que ele era uma menina, confusão que não era corrigida pela mãe. Samuel dizia que gostava daquilo porque demonstrava que ele se parecia com a mãe e não com o pai. O palestrante dizia que entre ele e sua mãe havia uma simbiose que não era quebrada por seu pai, uma simbiose que o fazia negar o masculino. Numa das palestras ministradas por ele, houve esta fala:

“Minha mãe e eu não nos separamos. E o que aconteceu? Como minha mãe vivia uma violência muito extrema, ela via naquele menino o seu falo, a sua ligação masculina, já que a ligação masculina com o marido era péssima. Então era como se ela não pudesse perder aquele menino, jamais, porque ele era agora o falo dela, parte dela. E nós fomos ficando muito ligados, o que é uma questão muito problemática porque a criança, o menino, precisa se individuar da mãe e não acontecia isso com a gente”.

Me surpreendi com um relato de experiência de Samuel que era repleto de termos da psicanálise para explicar sua trajetória de vida. Independentemente da utilização da terminologia correta ou não para a expressão de forte proximidade entre mãe e filho, me espantou que a categoria “falo” tenha sido inserida num contexto de narrativa de vida. É de se notar que a psicanálise, ou uma interpretação psicanalítica, é frequentemente utilizada no encontro promovido por este Ministério para explicar a gênese da atração pelo mesmo sexo em detrimento de outras abordagens da psicologia, como a psicologia comportamental, a psicologia fenomenológica existencial, a psicologia social e outras tantas que compõem o campo da psicologia; senti como se esta psicanálise estivesse falando em nome da psicologia.

Segundo Samuel, seu fascínio por homens em atividades banais, como *“jogando futebol ou trocando uma lâmpada”*, ia aumentando e começando a se tornar sexual à medida que ele passava pela puberdade. Samuel dizia que não sabia explicar porque isso acontecia, afirmando ser necessário estudar mais a fundo esta questão. De acordo com Samuel o desejo sexual pelos homens o fazia querer morrer e deixava nele um vazio muito grande, já que lá no fundo sentia que aquilo era errado.

É possível que esta transformação do não sexual para o sexual seja, de fato, um dos meus maiores questionamentos sobre a teoria da gênese das atrações pelo mesmo sexo apresentada pelo Ministério. Em primeiro lugar, como a resposta de um trauma pode ser oposta à resposta esperada para todos os tipos de trauma e fobia? Como o medo dos homens pode se tornar atração e admiração por eles? E em segundo lugar, como, de um trauma da figura masculina, se constrói, no menino, o desejo sexual para a mesma direção? Como se erotiza a vontade da aproximação, da atenção, da amizade e da companhia de outros rapazes? Respondendo a uma indagação semelhante surgida em outro momento, Edson respondia que a transformação do trauma para o desejo erótico é uma mistura de sentimentos presentes no momento que o indivíduo entra na puberdade: a atração pelo diferente – e neste caso pelo mesmo sexo já que o transtorno é de gênero –, a dependência emocional, a idolatria e a inveja do corpo da pessoa desejada.

Seguindo com a palestra de Samuel, ele dizia que seu pai, além de violento, era também muito rígido com as regras da igreja e fazia com que os rituais se tornassem um inferno. Samuel também falava que era cristão desde criança e que teve muita dificuldade em lidar com a comparação de Deus como um pai, já que a

imagem que ele tinha de pai era muito ruim. Por muito tempo Deus era para Samuel uma entidade severa e malvada.

Mesmo assim este palestrante dizia que frequentava a igreja e que gostava muito de cantar – inclusive, numa de suas palestras, fez um solo cantando a música “Deus de Promessas”, de Davi Sacer, Ronald Fonseca e Veronica Sacer (2005). Dizia também que tinha recebido uma promessa de Deus logo na infância de que, com sua voz, ele seria um pescador de multidões. O palestrante falava que participou de vários grupos musicais e que viajou pelo Brasil cantando músicas religiosas, ainda que em seu íntimo percebesse as atrações homoeróticas cada vez mais fortes mesmo sem ter vivenciado relações sexuais com outros homens. Ele afirmava que as igrejas onde ia eram despreparadas e às vezes faziam associações errôneas, dizendo que pessoas que tinham desejos sexuais por outras do mesmo sexo eram assassinas e que elas iriam direto para o inferno. Samuel contesta estas afirmações e diz que as pessoas que praticam estes desejos e permanecem assim não se arrependendo destes pecados perecerão. Para Samuel, o pecado está na ação, não na atração.

Fica claro na fala do palestrante que quem tem desejos homoeróticos só é considerado pecador ou pecadora quando pratica seus desejos. Entretanto Samuel não expõe claramente o que é praticar a atração pelo mesmo sexo. Quais atos condizem com a prática homoerótica? Só o sexo anal, por exemplo? E as outras modalidades sexuais? E os carinhos? E o compartilhar a vida? O cuidado, o apoio e o companheirismo entrariam como ações pecaminosas?

Ainda que frequentador assíduo da igreja, Samuel se sentia um menino diferente e dizia que a ideia de que tinha uma “identidade homossexual” permanecia fixada em sua mente. Dizia que imaginava que tinha nascido com atrações por outros homens e com trejeitos efeminados, esquecendo-se do menino masculino de tenra infância e deixando-o no inconsciente. Por isso, um dia viu que não dava mais para ficar na igreja com esses pensamentos e desejos e resolveu deixar tudo para trás para exercer suas vontades. Samuel dizia que achava que não havia mais jeito para que Deus o salvasse, questão que o empurrou ainda mais para fora da igreja.

Samuel contava que se afastou da própria família e que foi viver uma vida como qualquer pessoa “*gay assumida*”. Sua performance, que segundo ele aos 18 anos já era um pouco efeminada, se tornou ainda mais também pela proximidade com homens que se interessavam sexualmente por outros homens, o que sinaliza sua

concepção de que homens com atrações homoeróticas geralmente têm performances efeminadas.

“Comecei a pegar trejeito porque você vai convivendo com aquele meio e você já tem uma base na sua mãe... porque na verdade a pessoa homoafetiva masculina ela tem uma base na sua mãe. A base de constituição da sua personalidade é na mãe. Então eu tinha tudo de minha mãe”.

Sobre esta questão, me chamou a atenção o questionamento de Samuel numa das reuniões sobre o que quer o homem que se atrai por outros homens: a que o desejo se direciona? O palestrante indagava que quando um homem com modos de agir socialmente considerados como masculinos, se aproximava de seu grupo de amigos que compartilhavam da atração homoerótica, aquele homem afetava a todos eles. Ele dizia:

“A gente podia estar como fosse, se entrasse no nosso meio um cara macho de verdade, um heterossexual, desequilibrava todo mundo. Inclusive a mim. E eu ficava pensando [...], ‘o que é que esse cara tem que eu não tenho? Esse cara não gosta de homem. Então, a gente gosta de gay [...] ou a gente gosta de homem hétero? Mas o homem hétero não gosta da gente. Então a gente fica com o homossexual; o homossexual fica com o homossexual porque não tem jeito?’”.

Acredito que esta seja uma indagação deveras pertinente para futuras elaborações teórico-práticas, ainda que veja possíveis e bons argumentos no conceito de performatividade de Judith Butler (2013), ao considerar que o direcionamento de nossas atrações não está numa identidade sexual fixa – o homem heterossexual – mas nas fantasias criadas com base nas performances de gênero que estes atores produzem; portanto independente da identidade sexual da pessoa – se a pessoa se considera homossexual ou heterossexual – nós nos interessaremos por ela contanto que ela replique os trejeitos, as imagens e as atitudes que nos atraiam. Os próprios conceitos de identidade sexual e de gênero serão desconstruídos por Butler, que dará, pela teoria *queer*, uma roupagem muito mais fluida e flexível à experiência de constituição de subjetividades na humanidade. Creio, contudo, que Samuel tenha argumentos baseados no resgate da masculinidade perdida com os traumas da

infância para responder a estas perguntas. Samuel ainda percebe que o “*cara macho de verdade*” era “*um homossexual*”, sem problematizar o fato de haver homens com desejos e práticas homoeróticas que apresentam performances convergentes com as normas sociais para o que se considere como masculinidade hegemônica.

Samuel continuava seu testemunho dizendo que começou a gostar da experiência, sem sentir culpa no que fazia.

“A gente pode achar que estas pessoas estão sofrendo por causa de questões religiosas, mas eu esqueci de dizer isso: chegou um momento em minha vida que eu aceitei completamente a homossexualidade. Aceitei mesmo. Esqueci a questão religiosa, esqueci Deus, esqueci tudo, mas ainda assim sentia que havia uma falta, uma grande falta. Não é só uma questão de pensar que é porque é influência religiosa; mas eu esqueci mesmo a influência religiosa e gostava de ser gay, inclusive, passei a gostar. Mas mesmo assim tudo foi se processando dessa forma”.

Samuel dizia que aos 19 anos tentou suicidar-se pulando do alto de um prédio porque sentia que era muito insuportável viver com toda aquela confusão. Num certo momento se assustou ao sentir uma mão que o tocava suavemente, mas mesmo assim decidiu pular. Samuel dizia que ao se preparar para se jogar sentiu a mesma mão oprimindo seu peito e o jogando a um metro de distância. Ele dizia que havia sido Deus que o havia livrado do suicídio, o que o deixava mais confuso já que pensava que Deus o odiava. Numa das palestras relatou outros momentos de livramento divino:

“Muitas vezes eu saía bêbado nas noites, estava nas avenidas, e eu sentia – eu sempre tive uma percepção espiritual muito aguçada – eu sentia como figuras muito grandes girando ao meu redor freneticamente, como eu estava frenético, dizendo assim: ‘se joga nos carros, se joga no carro, sua vida não presta, você não é nada, você é só um homossexual’ isso já depois da mão no peito. Mas o que acontecia? Eu lembrava do que? Da mão”.

Ainda com todas estas experiências espirituais, o palestrante dizia que ele só aprendeu pela dor que deveria voltar para Deus. Relatava que teve relacionamentos com outros homens, mas que eles não o preenchiam. Samuel sempre repetia em suas palestras que sentia como se sempre estivesse faltando alguma coisa. Dizia que, com

o tempo, o sexo começou a se tornar desenfreado, já que precisava de algo muito profundo para preenchê-lo, mas que somente encontrava algo superficial nos rapazes com quem saía.

“A maioria das pessoas homossexuais elas realmente vivem – eu digo isso porque eu vivi com muitos amigos – vivem uma vida desregrada sexualmente. E eu fui pra essa vida”.

Samuel explicava que este preenchimento não acontecia porque todos estes outros rapazes tinham a mesma falta e o mesmo vazio que ele e que no fim, a relação não dava certo. Era nessa parte dos depoimentos que Samuel expunha que, por conta da ausência de freio sexual, contraiu o HIV. Afirma que isso não é exclusividade de pessoas que se relacionam de forma homoerótica, mas que os *“os homossexuais”* têm mais chance de contrair o vírus por conta do maior número de parceiros que têm: ele mesmo disse que não sabia com quantos homens já tinha saído, e que com certeza o número era maior que 500.

Samuel contava que o HIV trouxe a ele uma pneumonia grave que o deixou muito magro e numa situação muito desesperançosa. Nesta situação voltou a pensar nas coisas espirituais. Entrou em conflitos mentais ao considerar que Deus era malvado e opressor, mas ainda se questionava se Deus tinha razão com seus mandamentos encontrados na Bíblia. Decidiu, então, que iria procurar caminhos espirituais para seguir a vida caso saísse daquela situação. O palestrante relatava que ao fazer o tratamento para o HIV se tornou saudável novamente e, então, começou a procurar a Deus. Naquele momento ainda não achava que as atrações pelo mesmo sexo seriam um problema e, por conta disso, buscou a Umbanda, o Candomblé, o Hare Krishina, o Budismo e o Yoga. Samuel dizia que em todos esses movimentos encontrava pessoas legais, aprendia valores importantes e também encontrava um pouco de Deus. E por fazer todo esse processo seus desejos homoeróticos começaram a regredir, já que estava focado em atividades que trariam crescimento espiritual na busca de reconhecimento de si e de interpretação da sua história.

Samuel dizia que enquanto estava no *“mundo da homossexualidade”*, percebia que sua vida não seguia em frente: cantava numa banda de axé, mas muitos contratos não davam certo; ingressava em cursos de graduação universitária, mas

não os concluía. Explicava, assim, que isso acontecia porque sua ferida emocional era muito profunda.

“Eu era um menino imaturo. Fiquei lá naquela instância do menino. Chegou um certo momento em minha vida que eu não me desenvolvi como homem. Fiquei no menino. Tudo aquilo me desequilibrava profundamente. Eu tinha um jeitinho, nunca fui um cara que quis ser mulher, não cheguei a esse grau, mas vivenciava aquilo e a gente vai imitando um ao outro também... já passei homofobia na rua... entendo muito bem isso. Amo as pessoas homossexuais! Quero muito abraçá-las [pausa]... porque eu sei o quanto sofrem [pausa... chora]... e a igreja também faz com que elas sofram infelizmente, em vez de dar amor. A gente não quer uma igreja inclusiva no sentido de aceitar aquilo que Deus não quer, mas a gente quer uma igreja inclusiva para abraçar essas pessoas e dizer pra elas: vocês podem ser felizes”.

Este trecho de sua fala abarca diversas noções sobre:

- 1- o que é a atração pelo mesmo sexo: um sintoma de uma falha no desenvolvimento psicológico que torna as pessoas imaturas e despreparadas;
- 2- o que é a transexualidade: um nível mais profundo deste transtorno do desenvolvimento em que a pessoa está tão confusa e longe de seu gênero, dizendo ser do outro;
- 3- qual é o papel da igreja para pessoas com desejos homoeróticos: acolher, abraçar, dar amor, mas também mostrar sua reprovação à conduta homossexual;
- 4- quem é a pessoa com atrações pelo mesmo sexo: uma pessoa imatura, que não consegue alcançar a felicidade plena na vida, mas que pode encontrá-la ao ir à igreja, ao ser acolhida pelos seus membros, ao encontrar plenitude em Deus. É possível deduzir a partir disso que pessoas com atrações pelo mesmo sexo e que se dizem ser pessoas felizes são vistas a partir deste paradigma como pessoas iludidas, que não experimentaram o que é, de fato, a plenitude da vida, sendo que Deus e a igreja podem proporcionar isso à humanidade, e que as pessoas de dentro da igreja, ao menos algumas, sabem e experimentam o que é esta plenitude para dizer que os outros não são de fato felizes.

Considerar o sofrimento de pessoas que têm atrações pelo mesmo sexo e ver como necessário amar estas pessoas e acolhê-las é, de fato, uma atitude empática de alguns membros da igreja e um passo a diante para o alcance do respeito e da dignidade de pessoas que se consideram gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e travestis. É uma postura de muito maior empatia e solidariedade quando comparada à maneira como muitas igrejas cristãs se colocam no que se refere ao tratamento dado aos homossexuais (PEIXOTO, 2018). Entretanto existem pesquisadores que analisam o comportamento de acolhimento que vem atrelado à reprovação da conduta homossexual como uma forma de homofobia cordial, como já falamos anteriormente, que atua em função de libertar e regenerar a moral destes homossexuais (FERNANDES, 2007; NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2009a).

Em sua busca pela espiritualidade, Samuel percebeu existirem coisas boas em todas as religiões, mas dizia nas palestras que quando passou por um ritual em que bebeu o chá de Ayahuasca, Deus se apresentou a ele e falou com ele com uma voz que ele ouvia desde que era criança. Samuel dizia que esta voz sempre o acompanhava, falando que um dia ele seria pescador de multidões; mas com seu distanciamento de Deus, a voz foi desaparecendo até que ele se esqueceu dela. Neste ritual, a voz de Deus o acalmava muito, o fazia lembrar de coisas da Bíblia e o apresentou a um Cristo que, de acordo com Samuel, ele não conhecia. Após tal experiência, também entrou em contato com um livro indiano que falava sobre Jesus e por conta de todos estes contatos com Cristo nestas outras religiões, Samuel começou a considerar que Jesus não era malvado, mas um Deus de amor.

Ao falar sobre o amor de Cristo disposto a salvar todas as pessoas incluindo as que têm atrações homoeróticas, Samuel se emocionava e afirmava ser chorão. Num destes momentos ele se explicava: *“Chorar não é coisa de mulher. Chorar é coisa de pessoa qualquer”*.

Importante notar esta afirmação sobre os comportamentos de gênero. A fala dele parece de grande abertura quanto ao choro masculino. Samuel também nega que brincar com coisas de menina seja necessariamente um problema. Mas se há uma masculinidade a ser protegida, fiquei me questionando, a partir destas afirmações, em que ela se concretizava? Não é apresentado claramente nesta palestra nem na palestra anterior qual é o limite para o comportamento adequado do homem e da mulher, o que é do homem e o que é da mulher, embora, como visto na

primeira palestra, o comportamento considerado feminino no menino seja entendido como uma inadequação do desenvolvimento.

Samuel apresentava que nesse processo de buscar pela verdade, também foi observando suas questões mais íntimas, a questão de ser um homem, e assim passou a se lembrar de quando era menino e enfrentava o pai. Em seu discurso, o palestrante afirma que estudou alguns livros de psicologia: dizia ter lido muito Freud, Lacan, Jung, mas não nomeava nenhum outro autor de outras abordagens psicológicas. Dizia que percebeu que tais leituras faziam emergir em sua mente imagens do passado que o levavam a questionar onde estava aquele menino. Numa das palestras ele disse:

“Então comecei a procurar aquele menino; eu só não sabia que aquele menino ia me levar para fora da homossexualidade. Comecei a procurar aquela estrutura de antes. Quanto mais eu lia, mais eu me lembrava e mais me afastava daquilo [da homossexualidade]”.

Samuel revelava que com as influências das religiões, dos seus estudos e da sua busca por autoconhecimento, deixou de procurar o sexo fácil e desenfreado, passou a fazer sexo com muito menos frequência e foi se aproximando cada vez mais ao homem, à masculinidade. Começou a perceber as relações com homens menos atrativas e excitantes ao passo que se perguntava se ele mesmo tinha o que procurava nos outros homens. Numa das palestras disse que isso se deu por exercitar aquela criança anterior ao trauma e fazê-la crescer em sua vida.

“Passei a ter compreensões a respeito da minha relação com minha mãe, era muito ligado em minha mãe. Comecei a cortar esse cordão umbilical naturalmente através dos estudos psicológicos, fui me afastando da imagem da mãe. Chegou um certo momento que aquilo não tinha mais sentido [...] então o homem foi nascendo”.

Samuel também relatava uma experiência de um carnaval em que, cantando num camarote para uma multidão, teve uma iluminação do Espírito Santo que o mandava voltar para casa porque sua voz não lhe foi dada para aquela atividade. Após esta experiência, resolveu voltar para a igreja. Voltou para a casa de sua mãe e também sentiu que Deus o estava ordenando estudar psicologia. Desta maneira ingressou neste curso superior, se tornou psicólogo e dizia nas palestras que, por ter

essa concepção da atração entre pessoas do mesmo sexo, em algum momento seria perseguido pela própria classe profissional.

Após publicar seu testemunho no YouTube, Samuel contava que foi localizado pelo “Ministério Perseverar em Cristo”, e por conta disso hoje era parceiro desta iniciativa. Também dizia que só faz esse trabalho de testemunhar sobre sua vida porque não pode deixar de falar da atuação de Deus em seus desejos e comportamentos. Numa das palestras ele falou:

“Eu não estudo as questões da homossexualidade. Eu só estou aqui hoje, inclusive, porque Deus me curou, me transformou de uma forma tão profunda que eu não posso não trabalhar com isso. Mas eu não estudo essa questão. A minha experiência é o meu estudo. Eu preferiria hoje estar vivendo minha vida. Hoje eu sou um homem heterossexual tranquilo, feliz, de bem com Deus. Eu preferiria não tocar mais nesse assunto. Mas eu não posso fazer isso porque o mundo está numa verdadeira guerra contra Deus. E Deus foi tão bom comigo, como é que eu vou ficar em casa sentado?”

Noutro momento, Samuel também disse que o trabalho que ele faz com o Ministério, pregando que o exercício do homoerotismo não faz bem para a humanidade, não é só um apelo religioso, mas é um trabalho de prevenção cientificamente fundamentado. Para demonstrar esta afirmação o palestrante falava sobre um estudo feito com mais de 3 mil adolescentes na Islândia e outro feito com mais de 5 mil pessoas na Holanda dizendo que mesmo em países onde há maior tolerância à atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo, estas também têm maior probabilidade de se suicidarem e de terem transtornos mentais do que pessoas que se relacionam sexualmente com o sexo oposto. Ainda que ele não cite especificamente quais foram os estudos, Samuel atribui como a causa do suicídio não o preconceito – justificando que nesses países quase não existe preconceito – mas sim o fato de que existe um erro, um problema, uma inadequação presente no desejo homossexual em si e na relação homossexual em si.

Após uma breve conversa por mensagem de texto com Samuel, perguntei se os estudos comentados nas palestras, não correspondiam aos estudos de Arnarsson, Sveinbjornsdottir, Thorsteinsson e Bjarnason (2015) sobre risco de suicídio e orientação sexual na adolescência na Islândia e de Graaf, Sandfort e Have (2006)

sobre suicídio e orientação sexual entre homens e mulheres na Holanda, já que no primeiro estudo a amostra analisada foi de 3813 adolescentes e no segundo, a amostra investigou 5998 pessoas. Samuel respondeu que acreditava que os estudos pudessem, de fato, ser estes pela semelhança dos dados apresentados, mas não tinha certeza já que não tinha acesso ao computador naquele momento para analisar as pesquisas mais profundamente.

Arnarsson, Sveinbjornsdottir, Thorsteinsson e Bjarnason (2015) apontaram no estudo que o *bullying* estava significativamente associado à ocorrência de suicídio de pessoas lésbicas, gays e bissexuais – LGB – e não somente a prática de relações sexuais. Os pesquisadores não especificam que exista um problema na orientação sexual em si e concluem que se o risco para o suicídio de pessoas LGB já é alto em países tolerantes, eles seriam ainda mais graves em sociedades onde a atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo não é tolerada culturalmente e é religiosamente inaceitável.

Em Graaf, Sandfort e Have (2006) percebeu-se que o suicídio não tinha uma relação com a orientação sexual nas mulheres, mas sim nos homens. No estudo é dito que a percepção de discriminação pelas atrações pelo mesmo sexo era um fator que aumentava consideravelmente as chances de o suicídio acontecer em homens. A pesquisa também apontava que a aceitação de pessoas com desejos homoeróticos na Holanda pode ser, na verdade, menor do que os números oficiais sugerem, que estas pessoas possivelmente ainda são confrontadas com a discriminação e estigma, ainda que de forma menos escancarada, que o processo de saída do armário ainda seja emocionalmente difícil e que homens que se identificam como homossexuais poderão se beneficiar com uma futura maior aceitação social das atrações entre pessoas do mesmo sexo.

Como o palestrante não soube responder com certeza se eram, de fato, estes os estudos apresentados, também não há como sustentar um debate entre estes estudos e o que foi abordado na palestra, sendo evidentemente possível que os argumentos da palestra tenham se baseado em outros estudos que não estes.

Este aporte de Samuel é fundamental para embasar a concepção do Ministério quanto ao que seja a atração pelo mesmo sexo. Ela não vai somente contra os princípios religiosos, mas é um problema de ordem psicológica e existencial provinda dos traumas do passado. Quem tem atrações pelo mesmo sexo no ambiente religioso não está somente lidando com um conflito espiritual, mas com a falta de algo

vital, que é a resolução dos conflitos anteriores que estão ligados ao homoerotismo. Desejos pelo mesmo sexo, este sintoma do transtorno psicológico, supostamente dificultam que o ser humano alcance o bem-estar e encontre a plenitude por serem eles o sinal de um vazio existencial, da grande falta que o a pessoa carrega e percebe em sua vida.

Concluindo uma palestra, Samuel disse:

“É muito bom estar no seu lugar. Eu encontrei o meu lugar. [...] O homem que eu procurei que meu pai não me deu eu comecei a achar, eu mesmo fui, sozinho estudando, procurando, eu fui achando esse homem”.

Ele relatava que estava muito feliz, que provavelmente não iria casar com mulheres porque, ainda que ele as ache bonitas, teve prática sexual em demasiado, o que o cansou e o tornou mais interiorizado, o fazendo procurar mais “as coisas de Deus”. Dizia ele que não tinha um desejo sexual e que pode ser que o desejo algum dia aflore, mas não acreditava que isso ocorreria porque sua vida naquele momento era de Deus. Afirmava que jamais teria um contato sexual com outro homem no futuro e que se sente tremendamente incomodado com o toque masculino com intenções eróticas; refere que abraça seus amigos como um irmão ou como um pai, especialmente para os amigos que se identificam como homossexuais e que não tiveram a figura adequada de pai. Nas palestras ele prometia que ia publicar coisas ainda mais complexas sobre o universo das pessoas com atrações homoeróticas e que provavelmente irá sofrer perseguição por conta disso, mas confiava em Deus e em seu poderoso cuidado.

A felicidade e realização de Samuel eram frequentemente verbalizadas por ele. Não há como questionar que a narrativa de vida construída por ele traga sentido à sua existência. Ao fim de sua palestra senti que sua presença ali naquele espaço servia como que de exemplo vivo da palestra que falava sobre a atração pelo mesmo sexo nos homens. A similaridade entre o que foi dito na palestra anterior com o que era contado no relato de experiência de Samuel era grande a ponto de ser possível brincar que os dois palestrantes combinaram antes o que falariam em suas distintas palestras, ainda que isso não necessariamente tenha acontecido. Meu trabalho não era de questionar a sinceridade do testemunho de Samuel, nem dos conteúdos dos demais testemunhos e entrevistas que tive contato para esta pesquisa. Afinal não

estava ali para investigar a fidedignidade das experiências e das histórias das pessoas, mas para observar e descrever o que vivenciava no momento em que nos encontrávamos.

6. A ATRAÇÃO HOMOERÓTICA E HOMOAFETIVA FEMININA

Logo nos momentos iniciais da primeira reunião que participei fiquei surpreso ao saber que haveria uma palestra que explicaria especialmente as causas e as implicações dos desejos homoeróticos femininos. As palestras deste tema específico eram apresentadas por Alice, uma componente que fazia parte da liderança do Ministério. Ela começava sua palestra afirmando que as atrações pelo mesmo sexo na mulher tinham algumas similaridades e algumas diferenças das atrações homoeróticas nos homens. Primeiramente ela mostrava como deveria ser o processo de desenvolvimento infantil adequado para, depois, explicar quais falhas ocorriam para que tais as atrações aparecessem nas mulheres.

Alice dizia que logo que a criança nasce ela não consegue perceber-se separada de sua mãe. Emocionalmente ela está intensamente ligada à progenitora, como se a mãe fizesse parte dela, como se estivesse fundida a ela, como se as duas formassem uma unidade. Seria a presença da mãe que traria a sensação de segurança à sua criança e que faria a ponte entre a ela e o mundo exterior. Alice dizia que o pai também poderia fazer esta conexão da criança com o mundo, mas que a mãe tem um papel principal neste momento.

Um conceito que Alice trazia para explicar o que se passava na tenra infância era o de absolutização, quando a criança muito nova não consegue analisar equilibradamente as coisas e as pessoas: ou elas são completamente boas ou inteiramente más. Para a criança recém-nascida, a mãe seria esta entidade completamente boa, porque lhe pode suprir todas as necessidades básicas. Para que a criança consiga passar desta fase para a próxima etapa do desenvolvimento infantil adequadamente, ela precisaria receber muita atenção, carinho, amor e ter todas as necessidades básicas supridas pela mãe e pelo pai.

Alice seguia dizendo que posteriormente a este período, a seguinte fase a percorrer seria a da independência e individualização infantil, quando a criança, já

mais crescida e que consegue engatinhar, entende que ela e a mãe dela são pessoas diferentes, separadas. Seria neste período de independência, de percepção de si, que as crianças começam a se identificar com os adultos. Segundo Alice, seria também nessa fase que o autoconceito e a autoestima das crianças são construídos: se elas recebem carinho e afirmação da mãe e do pai, conseguem ter um bom autoconceito – se percebendo como pessoas boas – e uma boa autoestima – se sentindo realizadas com o que são e gostando de si mesmas. Se não recebem carinho e afirmação, podem se perceber como pessoas ruins e podem não construir amor próprio.

Segundo a palestrante, quando o processo de desenvolvimento psicológico acontece apropriadamente, quando pai e mãe dão carinho, afirmam as qualidades das crianças, suprem suas necessidades básicas e não são hostis e violentos, os meninos se identificariam com o pai, as meninas se identificariam com a mãe e todos ficam felizes e satisfeitos com quem são. Alice continuava dizendo que nesta etapa, as crianças imitam o que elas veem nos pais e aprendem a se portar de acordo com o que observam deles. É neste período que, segundo Alice, a criança começa a perceber seu gênero. A palestrante afirmava confiantemente que crianças pequenas têm consciência de seu gênero e que essa consciência nasce com elas. Numa das palestras Alice disse:

“Toda a criança que engatinha sabe seu gênero. Toda. Ela pode não saber falar, mas ela sabe que ela é menino e que ela vai ser igual ao pai. Isso é como um instinto, é uma coisa que está dentro do ser humano. Ninguém tem que ensinar. E a menina sabe que vai ser como a mãe. Então criança engatinhando sabe seu gênero, isso é muito importante. [...] Por que que dizem que o menino acha que ele nasceu gay? Porque nessa idade ele sabe perfeitamente que ele é menino, e ele está absorvendo tudo. E se ele está vendo que ser homem é uma coisa ruim, porque o pai chega bêbado em casa, [...] o que é que esse menino está absorvendo aí? ‘Eu não quero ser homem!’, Entendeu porque um menino tão pequeno desmunheca?”.

Ou seja, nesta fala apresenta por Alice, vemos claramente a ideia de que o masculino e o feminino não são ensinados para as crianças, sendo esta noção algo essencial, algo que elas já sabem naturalmente e não precisam passar por um processo de socialização para se tornarem homens ou mulheres. Outra ideia importante que é focada aqui é a de que o menino que vê no pai algo negativo, algo

que ele não deseja para si mesmo, quando o pai é hostil, violento, mau, acabará por rejeitar esta identificação, não querendo ser ou se tornar um homem pelo mau exemplo do pai. Vê-se aí, novamente a fusão das problemáticas dos desejos homoeróticos e das percepções e performances de gênero: a vontade de não ser como o pai gera tanto atrações sexuais pelo mesmo sexo quanto performances de gênero opostas ao que seria esperado para o sexo biológico.

Outra problematização já pontuada anteriormente pode ser pensada aqui sobre as pessoas hipersensíveis. Considerar que existem algumas pessoas que já nascem hipersensíveis é considerar que, portanto, existem outros seres humanos com graus menores de sensibilidade que interpretarão os estímulos de maneira diferente. Desta forma os atributos positivos ou negativos, bom ou mau, admirável ou desprezível, seriam julgamentos subjetivos e próprios a cada observação e experiência individual. Quando uma criança olha para o pai e vê em seus comportamentos atributos bons ou ruins, é a constituição ou subjetividade dela – na noção de sensibilidade apresentada pelo Ministério – que promovem a interpretação destes comportamentos como bons ou ruins, e não as atitudes em si do progenitor. Não são as atitudes do pai que falam por si mesmas e que inerentemente são boas ou ruins para formar o julgamento da criança, mas sim sua constituição como sujeito com determinada sensibilidade. Seria a partir de quem a criança é, de sua constituição como pessoa, que ela perceberia as atitudes do pai como boas ou ruins, e então desejaria se identificar ou não com ele. Desta maneira voltamos à natureza das crianças, à essência das crianças, como mais sensíveis ou menos sensíveis aos estímulos para julgá-los como bons e ruins e, então, mais naturalmente propensas ou não à aparição de desejos homoeróticos.

Voltando às palestras de Alice, ela continuava falando que as meninas, que já sabem que são meninas, se identificam automaticamente com a mãe. Diferentes dos meninos, que têm um trabalho extra e precisam se desapegar da mãe para se identificar com o pai, as meninas somente precisam continuar se identificando com a mãe neste processo de crescimento saudável. Segundo a palestrante, é por isso que existem estatisticamente mais homens com atrações por homens do que mulheres com atrações por mulheres, porque para as meninas o processo é menos trabalhoso que para os meninos. Alice segue dizendo que enquanto o papel mais importante no desenvolvimento masculino é o do pai, no feminino ambos mãe e pai são imprescindíveis.

Para que, portanto, a menina consiga identificar-se com a mãe de forma adequada, era dito que é importante que ela admire sua mãe a partir da promoção e reafirmação da feminilidade vinda tanto o pai – quando ele elogia as mulheres e as trata bem – quanto da própria mãe – quando ela tem boa autoestima, quando ela tem orgulho de ser mulher e também quando demonstra à sua filha que ela também deve admirar-se por ser mulher. É preciso que, por um lado, a menina tenha um modelo feminino admirável a se espelhar, e por outro, saiba que é amada e aceita incondicionalmente, ainda que possa errar em alguns momentos, entendendo que ser uma menina é algo bom, é honroso.

Mas quando a menina olha para a mãe e a percebe muito deprimida, muito fraca, vulnerável, oprimida pelo marido e completamente submissa à violência dele, era dito pela palestrante que a menina perdia o desejo de ser como a mãe. Quando a menina acredita nas falas do pai de que mulheres são desqualificadas e que não sabem fazer nada, quando a menina escuta os pais dizendo que queriam que ela nascesse um menino, ela passa a entender que não é aceita da forma como é e que o bom é ser como o pai e não como a mãe. Assim, a menina deixa de querer se identificar com a mãe e começa a rejeitar a feminilidade, o que já seria um desvio no desenvolvimento feminino adequado. Numa das palestras Alice dizia:

“Tenho conversado com muitas meninas homossexuais e muitas meninas, não todas, 50% delas, têm esse sentimento de quando eram crianças: ‘eu não quero ser como a minha mãe’. Esse é um sentimento muito frequente. Eu não quero ser como a minha mãe. Não é que elas não amavam a mãe; é que elas viam tão difícil a situação que elas não queriam ser como ela”.

Os exemplos dados por Alice se construía a partir de uma oposição binária de gêneros: ter atração homoerótica só seria possível se operar uma conversão ou uma imitação do outro gênero. Alice seguia as palestras falando do conceito de integração infantil que, aparecendo também nesta segunda fase do desenvolvimento, seria constituída a partir da análise que a criança faz sobre as pessoas em seu entorno. Seria um processo em que, se percorrido de forma adequada, a criança consegue passar de uma mentalidade absolutista para uma visão mais equilibrada do mundo. Alice explica que, segundo os psicólogos, quando a menina vive num meio adequado para o desenvolvimento, recebendo desde pequena, carinho, afeto e

afirmação dos pais e percebendo que eles também se equivocam, erram, falham, aproximadamente aos cinco anos a menina já vai entender que sua mãe é uma pessoa boa e que pode ao mesmo tempo cometer falhas; que as pessoas têm seus aspectos bons e ruins e que mesmo as pessoas sendo boas, podem ter seus erros. Seria também nesta fase que a sociabilização infantil aconteceria e que as crianças interagiriam mais intensamente, como no clube da Luluzinha com as meninas e no clube do Bolinha com os meninos, por exemplo. As meninas, então, se identificariam entre si e poderiam até gostar de algumas atividades consideradas masculinas, mesmo sem deixar de se ver e se portar como meninas.

Entretanto, continuava Alice, se esta criança for desde pequena sempre brutalmente espancada, se nunca for compreendida, se for somente disciplinada e não receber nenhum tipo de aprovação, carinho ou afeto da mãe e do pai, ao contrário de ver na mãe uma pessoa ruim, a menina desenvolverá um entendimento de que ela mesma é má, de que ela mesma é ruim. Esta forma de perceber a vida é chamada pela palestrante de desvinculação: a impossibilidade de ver qualidades boas e ruins ao mesmo tempo nas outras pessoas; ela seria resultante de uma autoestima muito baixa e de um grande sentimento de inferioridade. A palestrante explicava que quando a menina é muito pequena, ela não consegue ver na mãe algo ruim, não consegue discernir que seus comportamentos são maus, por isso que, já que não há como projetar na mãe o desconforto, o mal-estar, ela entende que este algo ruim deve estar em si mesma.

Num lar cheio de hostilidade, violência e que não existem falas de afirmação e de enaltecimento do pai para com a mãe e para com o feminino, a menina não conseguirá ultrapassar a absolutização e perceberá que, portanto, nela mesma só existem coisas ruins. A palestrante dizia que desta maneira, inconscientemente, forma-se na menina uma autoimagem negativa, com baixa autoestima, menosprezo por si mesma e sensação de indignidade e de culpa. Então aos cinco anos, esta menina já poderá ter um bloqueio emocional que a impedirá de passar para a próxima etapa do desenvolvimento psicológico adequado. Segundo a palestrante, caso isso ocorra, é possível que a rejeição de si seja tão grande que a menina poderá rejeitar o próprio gênero, o que em alguns casos pode causar atrações eróticas por outras mulheres ou, num grau mais profundo, a percepção de que ela é, na verdade, um homem. Assim, o pensamento da menina poderá ser: se tudo o que está em mim é

ruim, então ser menina também é ruim. Alice complementou este pensamento desta forma numa palestra:

“A primeira coisa que eu quero destacar aqui, além de outras já destacadas, é que a homossexualidade é um grau de autorrejeição muito alto. Se você um dia está com uma pessoa homossexual você tem uma pessoa profundamente ferida, que se autorrejeitou ao máximo que um ser humano pode se autorrejeitar”.

As falas de Alice me tocaram a ponto de, na palestra, me questionar se eu algum dia rejeitei a mim mesmo, se isso aconteceu comigo, ou como isso aconteceu comigo. As frases eram ditas de forma tão contundente, tão objetivas, tão cheias de certeza que geravam em mim movimentos de investigação interna como se aquilo fosse uma verdade absoluta e irrefutável. Continuei impactado tentando ver se a fala da palestrante fazia sentido na minha trajetória de vida e percebi que estava deixando de prestar atenção na continuação da palestra para averiguar meus caminhos do desenvolvimento. Me recompus, porque claro, isso me tocou profundamente, e voltei a prestar atenção ao que acontecia fora de minha cabeça com meus pensamentos.

Alice seguia sua apresentação falando sobre uma quarta fase do desenvolvimento psicológico normal, que seria a fase de complementação e que se daria na época da puberdade e do desejo sexual. Nesta fase a menina já saberia quem é e do que gosta, ela interagiria bem com o meio social, teria firmada sua feminilidade e todas as pessoas a aceitam como uma menina. É nesta etapa que, segundo a palestrante, a garota começa a criar um interesse pelo sexo oposto.

“Essa menina começa a prestar atenção, porque ela já está bem resolvida com o seu eu, que existe um segundo eu. [...] A menina vai buscar um segundo eu, uma complementação, alguém para interagir com ela, aquele que é diferente dela – o que também é muito saudável. Ela já interage com a mãe de forma saudável, com o pai de forma saudável, e então o que está faltando agora pra ela? Aquela fusão de dois corações. Aquela abertura de comunicação mais profunda que só se dá entre homem e mulher, ou seja, uma relação de casal. Vocês sabem que é diferente como você interage com a mãe e como é você abrir o seu coração para o seu namorado”.

Vê-se nesta ideia de um segundo eu a explicação do conceito de complementação: concordando com o pensamento bíblico de Gênesis 2:18 de que é bom que o ser humano não viva sozinho, concebe-se que as pessoas devem ser complementadas, completadas, por alguém inteiramente diferente, que traga ao sujeito distintos aportes e olhares da vida e do mundo. Este alguém, este segundo sexo, seria a parte que faltava no indivíduo, seria uma pessoa do sexo oposto que, justamente por conta desta oposição, é completamente diferente dele. É esta constituição biológica diferente que gera modos de existência completamente dessemelhantes e determina naturalmente os jeitos de ser antagônicos. Mas não era somente na Bíblia que essa complementaridade era percebida. Foucault (2014a) também descreve como tal ideia também era concebida na Grécia antiga ao apresentar como os dois sexos juntos poderiam se completar exercendo papéis diferentes num lar de um casamento ideal.

“Para que eles pudessem exercer juntos essas funções distintas, os deuses dotaram cada sexo de qualidades particulares. Traços físicos: para os homens que ao ar livre devem ‘laborar, semear, plantar e levar o gado a pastar’, atribuíram o dom de suportar o frio, o calor, as caminhadas; as mulheres, que trabalham abrigadas têm o corpo menos resistente. Traços de caráter também: as mulheres possuem um medo natural, mas que tem seus efeitos positivos: ele as leva a se preocuparem com as provisões, a temerem sua perda, a recearem os gastos; o homem, em troca, é bravo, pois no exterior ele deve se defender contra tudo o que poderia lhe causar dano. Em suma, ‘a divindade adaptou, desde o início, a natureza da mulher aos trabalhos e aos cuidados do interior e a do homem àqueles do exterior’. [...] Portanto cada um dos dois cônjuges tem uma natureza, uma forma de atividade, um lugar que se define em relação às necessidades do *oikos* [lar]” (p. 193, 194).

A palestrante continuava falando que quando a menina cresce sem ter cumprido adequadamente as etapas anteriores, pode chegar esta fase sem ter condições de buscar o segundo eu, já que ela não conseguiu encontrar-se a si mesma. Quando a puberdade chega para a menina que, de acordo com Alice, não cresceu emocionalmente, que não teve suas primeiras necessidades de afeto e de segurança supridas, ela irá buscar esse abraço da mãe que ela nunca teve em outra mulher. De acordo com Alice, esta seria a busca reparadora presente no comportamento das mulheres que se consideram lésbicas: uma busca por suprir suas necessidades primárias de amor e afirmação não realizadas pela mãe na infância, nos braços de outra mulher. Ela será uma jovem ou adulta imatura, tentando, através de um amor com outra mulher, passar para a segunda fase do desenvolvimento emocional.

Alice também afirmava que mulheres que tinham relacionamentos amorosos com outras mulheres convivem com uma criança interior; dizia que pessoas com atrações pelo mesmo sexo são pessoas que cresceram intelectualmente e fisicamente, mas não emocionalmente. Desta maneira, a mulher se atrairá por pessoas do mesmo sexo com as mesmas características físicas da mãe, mas com temperamentos diferentes. Se a mãe for baixa e brava, a menina procurará outra mulher baixa e carinhosa, porque está à procura do amor que nunca recebeu de sua mãe. Da mesma forma, a mulher com atrações homoeróticas também procurará noutras mulheres características femininas que ela gostaria de ter, mas não tem e sua paixão será também baseada numa inveja pela feminilidade faltante. Era dito nas palestras que tal menina não estaria em busca de um marido, um segundo eu, mas em busca a si mesma.

Alice seguia dizendo que esta falta de elementos essenciais para a menina se encontrar consigo mesma, para tornar-se pessoa, causa, portanto, uma dependência emocional muito forte no comportamento das mulheres com atrações pelo mesmo sexo. Isso que seria normal no comportamento infantil é, de acordo com a palestrante, um fator negativo muito presente nos relacionamentos e casamentos entre duas mulheres, sendo tais casamentos fundados nesta dependência emocional. Nas palestras também era afirmado que a dependência nos relacionamentos entre mulheres faz com que eles sejam fadados ao fracasso e que apresentem muitas experiências de violência. Num certo momento de uma apresentação Alice usou da expressão idolatria sentimental para exemplificar esta inveja e esta dependência emocional que tornam concreta a busca reparadora frequente nos casais entre mulheres: segundo a palestrante, ainda que as mulheres se agriam e se machuquem, não conseguem romper a com a relação porque estão em constante procura do que lhes falta.

Alice também apresentava os sentimentos específicos que podem causar bloqueios emocionais impedindo a menina de amadurecer psicologicamente e gerando nela atrações homoeróticas. Ela citava casos em que meninas se sentiam abandonadas quando eram adotadas, quando os pais morriam ou mesmo quando os pais eram negligentes no cuidado. Também citava que o sentimento de rejeição, como já abordado anteriormente, poderia bloquear este amadurecimento. Sentimentos de humilhação gerados num ambiente de intensas e frequentes críticas também poderiam formar empecilhos para o desenvolvimento psicológico da criança. Uma

sensação intensa de injustiça também poderia levar a um bloqueio emocional, como quando a menina não é escutada, quando não é compreendida, quando sua fala não é considerada, quando os pais não a dão atenção nem levam em conta seus argumentos, quando eles a reprimem e não a deixam extravasar nem colocar para fora a ira que pode vir a sentir. Este bloqueio impediria que a menina aprendesse a lidar com emoções como a raiva, por exemplo. Explicando sobre estes bloqueios, Alice falou numa palestra:

“Uma criança que cresce sem poder colocar os seus sentimentos pra fora não consegue se desenvolver para o próximo nível: ela fica bloqueada na infância. Outra coisa importante: os homossexuais são crianças com corpo de adulto. Podem ser muito inteligentes, grandes profissionais, mas emocionalmente são crianças, por isso que o menino ainda está buscando o afeto do pai, porque criança não busca esposo e esposa, criança busca pai e mãe. Estão entendendo? Os afetos, a mãe nunca compreendeu, mas ela [a menina] quer muito o carinho da mãe, ela quer o abraço da mãe dela. Emocionalmente ela fica bloqueada. E na adolescência, como ela está bloqueada, ela não se encontrou como menina, os pais não afirmaram a sua feminilidade, ela não se encontrou como uma pessoa. Quando a pessoa não se encontrou como pessoa, ela está se buscando ainda, que é o que a gente busca na infância, então quando chega na adolescência, com os hormônios, a liberdade, o desejo sexual surge, mas ela não está buscando a sua metade, o seu segundo eu, ela ainda não se encontrou. Ela está buscando o amor da mãe, mas isso confunde, porque ela quer o amor das meninas como meninas; mas os sentimentos dela estão misturados. Ela não está buscando um complemento, porque ela ainda está presa com um bloqueio emocional do passado”.

O abuso sexual era apontado por Alice, similarmente à fala de Edson, como um evento específico e traumático que poderia gerar um bloqueio emocional associado ao conceito de integração. Alice afirmava que, com exceções, o abuso geralmente provém de uma família problemática, já que a maioria dos abusadores estão no meio familiar: um pai, um tio, um padrasto, um irmão, um primo, etc. Desta maneira, a menina, que já poderia ter passado por um processo inadequado de integração, rejeitaria completamente a si mesma após um abuso sexual, concluindo que foram ela e seu corpo os culpados desta violência. Deduziria a menina, então,

que o corpo feminino é algo mal porque ele faz com que os homens ajam de tal forma com ela.

Assim, Alice dizia que se a criança fosse traumatizada por conta de contínuos tratamentos hostis, sendo sempre censurada e nunca elogiada, nunca compreendida ou bem considerada e até mesmo sendo vítima de violências e abusos em casa, as consequências deste trauma poderiam levar a menina a rejeitar a si e a seu corpo em diversos níveis, vendo em si mesma somente aspectos negativos, e então, almejando ser o completo oposto de si mesma, o outro gênero, o masculino. Ou seja, um dos movimentos psíquicos gerados na mulher para resolver estes traumas do passado é, segundo a palestrante, num nível grave a atração sexual por outras mulheres e num nível muito grave a sensação de que ela é, na verdade, um homem.

A apresentação discorria apresentando exemplos de contextos que poderiam incitar o surgimento da transexualidade na mulher. Ela poderia ser o resultado de um sistema familiar com uma mãe muito oprimida pelo pai e o pai muito violento, duro e controlador. Neste panorama a menina inserida nesse contexto percebe que precisa proteger a mãe deste agressor e, então, assume o lugar de protetor, que é do pai, para cuidar dessa mãe. Com o tempo ela sente que este homem que ela se tornou é bom, é seguro, é desejável, que consegue proteger a mãe e que não precisa de ninguém que o proteja no futuro. Assim, ela se identifica com o gênero masculino e se apropria de suas performances em função desta situação de vulnerabilidade e da busca por segurança.

Querendo descrever as maneiras como as atrações pelo mesmo sexo poderiam se expressar nas mulheres, tanto Alice quanto outra a mulher que dará seu testemunho no combate aos seus desejos homoafetivos – que darei o nome de Rebeca — falarão sobre três categorias de lésbicas. Numa apresentação feita por Alice, ela revelou que esta categorização das lésbicas foi construída por ela através de seu trabalho clínico de acolhimento espiritual com estas mulheres.

O primeiro tipo será a mulher que é muito feminina e delicada. Alice relata que esta tem um profundo desejo de afeto da mãe e falta da proteção do pai e de confiança nas figuras masculinas. Uma mulher que sofreu alguma carência em seus relacionamentos íntimos e afetivos com outros homens, podendo ter sido vítima de abuso sexual.

O segundo tipo será a mulher masculinizada que se apropria dos comportamentos e performances masculinas para inconscientemente se defender dos

homens. Mulheres assim geralmente tiveram mães oprimidas, deprimidas, que sofriam violência do pai e desenvolveram esse jeito para proteger a mãe. Segundo Alice, estas lésbicas se colocam emocionalmente no lugar de esposo por conta dessa vontade de defender, tendo também medo e ódio tremendo dos homens. Sobre estas mulheres, a palestrante dizia:

“Ela pensa assim: se eu for como o meu pai, ele não vai me bater, porque eu sou como ele, eu enfrento ele. Então se eu for homem, isso é no subconsciente tá, não é consciente tudo isso, se eu for homem eu tô protegida. Ninguém vai bater em mim porque quem apanha são as mulheres e eu posso proteger a minha mãe se eu for homem. [...] Isso aqui é a simbiose invertida. Então a simbiose que ela vai ter vai ser totalmente errada. Ela não tá no papel de filha, nem de mãe, ela tá no papel do pai, então é assim como ela vai funcionar com a mãe dela”.

Segundo Rebeca, essas mulheres masculinizadas teriam rejeição e vergonha do corpo e por isso teriam vontade de fazer cirurgias de mudança de sexo, mas isso veremos mais adiante.

O terceiro tipo de lésbica é aquela que é muito apegada à mãe, que quer ser como a mãe, que quer ter o amor da mãe, mas que não se sente amada por ela porque percebe que sua mãe direciona este amor somente a seu marido. Como uma estratégia para conseguir receber este amor de mãe, a menina começa a desenvolver características masculinas ao entender que como esta mãe ama ao pai, amará a ela também por se parecer com ele. Também seria o caso, segundo ela, de quando o casal queria um filho, mas se frustrou com o nascimento de uma filha; esta filha se sente rejeitada ao se tornar ciente da situação e fará o mesmo movimento de adoção de características masculinas para obter este amor pela incorporação do filho que os pais quiseram tanto e que não tiveram. Esta categoria de lésbica se sente sempre rejeitada e carente e se utiliza da masculinização para conseguir obter o amor da mãe e do pai.

No fim desta explicação Alice diz que certamente podem existir outros tipos de lésbicas – *“pode ter uma mistura disso, um pouco de cada, não é exato como a matemática, isso aí é psicologia”.*

Rebeca comentará adiante, em suas palestras, que a sexualidade das mulheres é muito diferente da dos homens e que é possível que se encontrem vários

fenômenos distintos nas relações sexuais entre duas mulheres. Numa de suas contribuições, ela disse:

“A nossa sexualidade é muito fluida, nós mulheres. Nos homens é uma outra questão. Tanto que essas lésbicas que eram casadas [com homens] e tem um relacionamento com uma mulher, de repente elas voltam com o marido. Elas conseguem resolver essa carência com uma mulher, com essa outra mulher, e voltam com o marido”.

De fato, algumas pesquisas afirmam que as mulheres são sim diferentes dos homens nas respostas que dão frente aos acontecimentos sociais e do cotidiano, inclusive no âmbito da sexualidade. A provável concepção essencialista de Rebeca sobre a sexualidade feminina como sendo mais fluida que a masculina certamente foi influenciada por estudos como os da psicologia evolutiva (KUHLE e RADTKE, 2013), da psicologia social (BAUMEISTER, 2000), da psicologia do desenvolvimento (DIAMOND, 2000) e também de campos mais duros como os da biologia e da neurofisiologia citados no trabalho feito também por Diamond (2008).

Alice mencionava em suas palestras que estava ajudando e trabalhando com 13 meninas homossexuais e revelava que elas têm muitas das características mencionadas durante a palestra; também explicava que suas palestras eram o resultado da observação clínica das meninas com quem trabalha. O Ministério também me ofereceu um resumo das palestras dadas e, na seção sobre as atrações pelo mesmo sexo em mulheres, foram informadas algumas fontes para a fundamentação do discurso, como os livros de Payne (2001), Allen e Allan (2006) e Ferron (2016).

Após a palestra, Alice também abria espaço para as perguntas. Numa das apresentações, uma senhora questionou como chegar a um equilíbrio de amor incondicional, mas ao mesmo tempo de maneira afastada, já que no testemunho anterior, foi dito que o menino precisa se afastar da mãe? Alice responde que esta é a diferença entre o homoerotismo no homem e na mulher, e que naquela a mãe precisa dar espaço para o pai interagir mais com o filho e não ser superprotetora. O distanciamento não seria deixar de dar amor, mas sim não ser controladora demais, confiando no pai para a educação do filho e deixando o pai ser a autoridade principal

na vida dele. No caso da menina, haveria a necessidade de afirmação da feminilidade vinda do pai e também da mãe num mesmo nível de interação.

Um espectador fez uma colocação após esta resposta dizendo que muitas vezes o pai mesmo retira sua autoridade na educação e a delega para a mãe. A palestrante então reitera esta pontuação e diz que isso é uma característica do nosso tempo, da pós-modernidade, em que o pai é o bobão e a pessoa sem autoridade na casa, diferente de como seria em tempos passados. Ela continua dizendo que esta seria a razão do aumento do fenômeno do homoerotismo na atualidade, especialmente o masculino, por conta dos pais sem autoridade, por causa da figura masculina sendo desconstruída, por conta do movimento feminista. Alice respondeu assim nesta palestra:

“O homem está deixando de ser homem para a mulher ser feminista, essa que é a verdade. E as mulheres também não respeitam os pais em casa. Desautorizam muito o homem. [...] Então, nossa família tem um problema grave hoje em dia. E o pós-modernismo traz a desautorização e a abobalhão [do homem] [...] consequentemente o filho não desenvolve a masculinidade necessária”.

Este movimento de trazer a figura masculina para a criação e para o cuidado não combinavam, ao menos em parte, com a crítica ao feminismo feita por Alice. Roazzi (1999), Santos, Caldana e Alves (2001) e Aboim, Wall e Cunha (2010) apontam que a divisão mais igualitária das funções domésticas entre homem e mulher, inclusive do cuidado dos filhos, têm grande influência do movimento feminista. A ideia da priorização somente do trabalho fora de casa para o sustento da família como atribuição do pai não veio de um passado pouco distante, mas tem se transformando paulatinamente, principalmente pelas lutas por igualdade de direito, como observado por Aboim, Wall e Cunha (2010).

Para Santos, Caldana e Alves (2001), o homem tem se transformado de chefe da família da década de 40, que permanece distante da educação de seus filhos, mas que demanda obediência dos demais membros da família, para um ente menos soberano e mais igualitário na atualidade. Sendo influenciado pelo discurso do capitalismo individualista, que valoriza o íntimo e o privado, o homem buscaria mais frequentemente a felicidade do lar e no lar, segundo o artigo. As autoras continuam descrevendo que esta última subjetividade condiz com parte do discurso religioso

cristão de homem que também promove a caridade, o envolvimento com projetos e com a moralidade sociais.

As autoras também explicam que esta constituição masculina de si também seria fruto de uma influência da psicologia e da psicanálise; tais campos de saber seriam tanto a causa quanto o resultado das ideologias individualistas. Por intermédio destes individualismos o sujeito pode ser explicado, em todos os aspectos, por sua própria psicologia. Essa cosmovisão faz com que entendamos a descontinuidade entre os diversos modelos sociais e seus conflitos numa perspectiva pessoal e interna e promove ações de autorregulação baseadas em ideais do lar e da família para confrontar os contrapontos e as transformações que circulam no contexto sócio-econômico-cultural (SANTOS, CALDANA E ALVES, 2001).

O Ministério é abertamente conta o movimento feminista. Num debate entre as palestras, Rebeca associa o que ela chama de ideologia de gênero com o feminismo dizendo que ele quer, na verdade destruir o masculino. Nas palavras de Rebeca:

“Esse feminismo, que é uma ideia satanista também, que tem sua raiz lá na revolução francesa, onde Deus é tirado da história né, o que que vem? Liberdade, igualdade e fraternidade. Então é todo mundo igual, então eu não preciso do homem. É claro, tem coisas que a gente consegue fazer, mas eu também gosto quando o homem abre a porta, ‘olha, vamos sair eu pago a conta pra você’, isso é gentileza pro homem. E Deus fez separado macho e fêmea. [...] Esse feminismo quer acabar com o homem. Eu falo isso com todas as letras porque é o que é o que elas pregam: ‘não preciso do homem’”.

Numa outra palestra, um convidado de outro Ministério presente na reunião chamou a “ideologia de gênero” como um plano macabro e velado imposto pelas escolas para o controle da natalidade.

Outra pergunta que se direcionou à resposta anterior, mas voltada às meninas foi: quando o pai é bobalhão, mas têm filhas em casa, qual pode ser o resultado? Alice respondia que se a mãe é uma pessoa admirável, que não tenha problemas com a menina, que a menina queira imitá-la, a atração pelo mesmo sexo não se desenvolverá. Da mesma forma, se o pai afirma a feminilidade da filha, demonstrando também segurança e capacidade de sustentar a família, ainda que a mãe tenha muitos

problemas emocionais, as atrações pelo mesmo sexo, segundo a experiência clínica da palestrante, não se desenvolvem.

Numa das reuniões, surgiu a pergunta se existe algum aspecto específico para o surgimento da atração por ambos os sexos ao mesmo tempo ou se ela é igual à atração pelo mesmo sexo. Edson responde que o a pessoa com atração sexual por ambos os sexos não foi completamente machucada, não tem uma ferida de gênero tão profunda, sendo mais fácil trabalhar com ela. Ela fugiria tanto do universo masculino quanto do universo feminino, por isso deseja sexualmente ambos. Alice complementa falando que esse fenômeno é mais comum na mulher já que, como anteriormente citado, nas mulheres, as atrações homoeróticas surgem com problemas com o pai e com a mãe. A palestrante, portanto, termina referindo que a maioria das mulheres que se identificam lésbicas se dizem ser bissexuais. Noutra palestra a própria Alice respondia que a atração por homens e por mulheres ao mesmo tempo e com a mesma intensidade não existe, e sim traumas de gênero em diferentes níveis. A atração homoerótica seria somente um sintoma de um problema latente e a intensidade do sintoma dependeria de quão profundo era o problema. Por outro lado, o desejo sexual por homens e mulheres seria na verdade sintoma de um trauma de gênero de leve intensidade e a transexualidade seria na verdade sintoma de um trauma de grande intensidade.

Adota-se, portanto, uma teoria essencialista de que o sexo biológico está necessariamente ligado à orientação sexual, à performance de gênero e à identidade de gênero, sendo que num cenário saudável, as pessoas que nascessem com um sexo biológico feminino se atrairiam por pessoas de sexo biológico masculino, se comportariam de acordo com as normas de comportamento previstas para o sexo biológico feminino e se perceberiam mulheres, enquanto as pessoas que nascessem com um sexo biológico masculino se atrairiam por pessoas de sexo biológico feminino, se comportariam de acordo com as normas de comportamento previstas para o sexo biológico masculino e se perceberiam homens.

Por esta teoria, num cenário patológico, traumas emocionais poderiam causar mudanças na atração sexual, na performance de gênero e até na identificação de gênero da pessoa, dependendo da gravidade das feridas psicológicas. Orientação sexual, performance de gênero e identidade de gênero estariam intimamente ligadas, sendo que quanto mais profundo o trauma, maior o desejo erótico e afetivo pelo

mesmo sexo, maior disparidade com as performances comportamentais esperadas pela sociedade e maior a identificação com a categoria de gênero oposta. Ou seja:

- trauma leve, desejo erótico/afetivo ambivalente para os dois sexos biológicos, pouca disparidade com as performances comportamentais esperadas, pouca identificação com a categoria de gênero oposta;

- trauma médio, maior desejo erótico/afetivo pelo mesmo sexo biológico, maior disparidade com as performances comportamentais esperadas, maior identificação com a categoria de gênero oposta;

- trauma grave, intenso desejo erótico/afetivo pelo mesmo sexo biológico, intensa disparidade com as performances comportamentais esperadas, intensa identificação com a categoria de gênero oposta – transgênero ou transexual.

Esta teoria entra em conflito, entretanto, com etnografias que observam fenômenos de pessoas que se identificam com o gênero oposto – se percebem transgênero ou transexuais – mas relatam se atraírem eroticamente e afetivamente pelo sexo oposto. Piscitelli, Gregori e Carrara (2004) apresentam que

“do ponto de vista dos adultos que se submetem as cirurgias de transgenitalização, ou seja, do ponto de vista dos transexuais [...] os dados etnográficos apresentados por Berenice Melo Bento apontam para um cenário muito mais complexo do que aquele imaginado por médicos, sexólogos ou cientistas sociais. Embora adotassem a anatomia do sexo ‘oposto’ e outros sinais diacríticos de gênero a ele relacionados (roupas, gestos, etc.) muitos dos transexuais estudados pela autora não manifestavam a orientação sexual que para muitos seria ‘natural’ naquele sexo e que justificaria a própria cirurgia. Assim, vários dos informantes, no estudo de Berenice Melo Bento, eram homens que se transformaram em mulheres, mas cuja orientação erótica ou sexual se voltava (ou se mantinha dirigida?) às mulheres, ou inversamente eram mulheres que se transformavam em homens, mas que se relacionavam sexual e afetivamente com outros homens” (p. 23).

Como esta teoria essencialista poderia explicar tais fenômenos? Conseguiria a concepção da homossexualidade como um transtorno de gênero permanecer intacta após estas descrições?

7. O TESTEMUNHO DO COMBATE DA ATRAÇÃO HOMOERÓTICA E HOMOAFETIVA FEMININA

Seguindo a mesma ordem de explanação das palestras, após a exposição das questões relacionadas à atração homoerótica feminina, vinha o testemunho de uma mulher que combatia seus desejos homoafetivos. Como uma boa adventista, a segunda testemunha, que chamaremos de Rebeca, começava sua fala com um caloroso “Feliz Sábado” que é a saudação que os membros da igreja adventista usam para cumprimentar seus irmãos na fé em seu dia de adoração; das 4 vezes que participei das palestras, 3 delas aconteceram no sábado. Rebeca dizia que participava no Ministério desde que ele começou e que é muito feliz com este trabalho voluntário. Dizia que em sua situação atual era muito criativa, que gostava muito dos amigos e que gostava muito de fazer exercícios físicos, mas que sua vida não foi sempre assim.

Rebeca relatava que tinha sido abandonada pela família biológica e adotada e criada num lar que a ofereceu muito carinho, muito amor e muita comida. Entretanto, o fato de sua mãe adotiva já ser muito mais velha fazia com que esta mãe não tivesse paciência para educar uma menina tão cheia de energia como ela. Na palestra Rebeca continuava falando que a idade avançada também impossibilitou sua mãe de ensiná-la a feminilidade adequada para que ela a conseguisse imitar: sua mãe tinha cabelos curtos e por isso ela a imitou adotando também os cabelos curtos.

De acordo com Rebeca, ela passou a adolescência e infância com muito medo de homens, principalmente por conta de um familiar a quem tinha muito pavor. Rebeca dizia que ele a abusava psicologicamente e moralmente, tirando a autoridade do pai ao repreendê-la e castiga-la.

A palestrante seguia seu relato dizendo que na escola em que frequentava sofria muito menosprezo pelos meninos, sendo rejeitada e zombada por eles porque seus cabelos curtos a deixavam semelhante a um garoto; contava que até uma professora a aconselhou a colocar brincos para que não fosse confundida com um menino. Rebeca dizia também que na adolescência e na infância não tinha noção do que era ser uma menina, de como uma garota se portava e com o que deveria se identificar.

Por conta de todas essas coisas, ela disse que cresceu criando um sentimento de raiva dos homens, pensando que os homens a maltratavam, a machucavam, não a queriam. Ela também contou que notava que as únicas pessoas que a abraçavam eram as meninas, e nelas buscava a atenção da mãe que lhe faltava. Se apaixonava por estas meninas logo nas séries primárias e nos anos de colégio, mas dizia que

sempre sofreu calada por falta de com quem conversar sobre o assunto. Numa das palestras, ela afirmou:

“Eu buscava nas meninas a mulher que eu não sabia que eu era. Uma coisa interessante: eu sempre me atraí por mulheres totalmente opostas de mim. Então se a mulher fosse baixinha, cabelo cumprido e a pele mais clara que a minha, certeza que eu ia me apaixonar por ela”.

A palestrante dizia nas palestras que num certo momento de sua vida conheceu o Grupo “Exodus International”, onde começou a tratar a baixa autoestima e as feridas do passado e onde compreendeu que seu problema – a atração por meninas – não era genético, mas provinha de sua carência e dependência emocional. De acordo com ela, este Ministério a mostrou que Deus verdadeiramente a tinha feito mulher. Assim, começou a fazer terapia, construiu um relacionamento mais próximo com Deus – se tornando mais amiga de Jesus e sentindo seu amor – e finalmente descobriu a soberania de Deus ao criá-la mulher.

Ao descrever o “Exodus International”, Blevins (2007b) apresenta que esta é uma organização que engloba várias iniciativas cristãs, predominantemente protestantes e pentecostais. Freeman-Coppadge (2018) descreve que estas iniciativas são chamadas de SOCE – sexual orientation change efforts em inglês, que traduzido ao português poderiam ser chamadas de EMOS, esforços de mudança de orientação sexual. Blevins (2007a) diz que por muito tempo estas iniciativas cristãs foram consideradas como Ministérios ex-gay – expressão que é considerada pejorativa e desencorajada pelo “Ministério Perseverar em Cristo” porque ela, segundo o Ministério, produz uma identidade na pessoa a partir do que ela deseja sexualmente, e não do que ela é ao todo. O “Ministério Perseverar em Cristo” defende que não é o que você deseja que define o sujeito, que dita quem a pessoa é. Até num momento de um encontro, Samuel comenta:

“Talvez a gente tenha que encontrar outra palavra melhor que ex-gay. Eu mesmo não me penso ex-gay. [...] Na verdade eu não era aquilo. Eu era um homem que tinha questões emocionais. Então hoje eu não me vejo como ex-gay. É a mesma coisa que você dizer depressivo: ninguém fala que é ex depressivo. Hoje eu não tenho essa referência do gay, porque se você diz ex-gay você leva pra aquela referência”.

Segundo Blevins (2007a), Dehlin, et al. (2015) e Yarhouse, Burkett e Kreeft (2002) estes Ministérios compartilham crenças em basicamente duas esferas entrelaçadas: a espiritual – cristã – e a psicológica – geralmente psicanalista.

Na esfera espiritual, trabalha-se com a ideia cristã de que a expressão do desejo pelo mesmo sexo é pecaminosa, sendo necessária a negação da identidade homossexual para cumprir os desígnios, os ideais e as expectativas de Deus para a santidade da humanidade. Esta ideia também é encontrada em Beckstead (2012); Cramer, Golom, LoPresto, e Kirkley (2008), e Drescher (2015). Dehlin et al. (2015) e Yarhouse, Burkett e Kreeft (2002) apontam que os métodos espirituais usados destes Ministérios na esfera espiritual são a confissão, a oração, os grupos de apoio e a orientação por líderes espirituais e religiosos.

Blevins (2007a) afirma que os Ministérios acreditam que o casal entre homem e mulher seja a melhor expressão de complementaridade de gênero – noção apontada nas palestras de Alice ao falar sobre “*o segundo eu*”, mostrando como o masculino é completado pelo feminino e vice-versa. De acordo com o autor, a relação entre homem e mulher teria o maior potencial de realização existencial humana, já que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem para que fossem uma só carne. O autor explica esta noção na seguinte passagem:

“Homens e mulheres não conhecem a integralidade de sua humanidade fora de um relacionamento matrimonial com um parceiro do sexo oposto porque macho e fêmea juntos promovem uma imagem completa de seres humanos criados à imagem de Deus” (Blevins 2007a, p. 120, tradução minha do inglês ao português).

Continuando, o autor apresenta que nesta visão, o casamento é considerado a relação mais ética e moral para que esta complementaridade aconteça porque, ontologicamente, seria a única capaz de canalizar o desejo erótico como expressão de amor. Assim, ainda que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo possam ser cheios de afeto e cuidado, O “Exodus International”, com seus Ministérios ex-gay, diriam que tais relações são inevitavelmente pecaminosas já que falham em refletir a imagem de Deus pela falta de complementaridade e, portanto, expressam um desejo erótico pecaminoso.

Se considerarmos a maneira como Blevins (2007a) descreve a existência humana a partir das concepções dos Ministérios ex-gay, é possível dizer que na falta

da experiência de complementaridade o sujeito tampouco vivencia uma completude existencial constituinte das relações entre homem e mulher. Se Deus criou homem e mulher para que, juntos, manifestem a Sua imagem na relação afetiva e sexual, as pessoas solteiras sempre apresentariam esta falta existencial e não conseguiriam refletir completamente a imagem de Deus.

Estas ideias de complementaridade necessária para a autorrealização humana e para o reflexo total da imagem de Deus descritas em Blevins (2007a) se diverge um pouco da postura da Igreja Adventista do Sétimo Dia e das falas de Edson de que Deus não quer que as pessoas necessariamente se casem e sejam heterossexuais, mas que não exerçam o homoerotismo em prol do alcance da santidade. No Tratado de Teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia (2011), Miroslav M. Kiš escreve na seção de Estilo de Vida e Conduta Cristã que uma vida de celibato também pode fornecer à pessoa afirmação de suas qualidades de gênero, possibilidades de contribuir com a sociedade e possibilidades de realmente aproveitar a vida. Quanto à imagem de Deus, o colaborador também escreve que “a imagem de Deus inclui não só ambos os gêneros, mas também a feminilidade que faltava a Adão e a masculinidade que Eva encontrou em Adão” (p. 775). Ou seja, ainda que ele afirme que a imagem de Deus apareça na complementaridade, diz-se que ela também se mostra em ambos os sexos individualmente.

Na esfera psicológica, Dehlin et al. (2015) e Yarhouse, Burkett e Kreeft (2002) descrevem que os Ministérios podem indicar atendimentos em psicoterapia de grupo e individual para o tratamento de suas atrações sexuais pelo mesmo sexo. Blevins (2007a) afirma que os fundamentos argumentativos contra o exercício do homoerotismo geralmente estão ligados à perspectivas psicanalíticas amplamente utilizadas nas décadas de 50 e 60 para fundamentar que os desejos sexuais por pessoas do mesmo sexo sinalizam um transtorno. Lembremos que foi na década de 70 que os movimentos sociais para a despatologização da atividade homoerótica tomaram mais força, culminando na extinção total das categorias como o “homossexualismo”, o “transtorno de orientação sexual”, a “homossexualidade ego-distônica”, e “outros transtornos psicosssexuais” no lançamento do DSM-III-R, (PAOLLIELO, 2013).

Blevins (2007a) continua falando que a abordagem psicológica mais utilizada se relaciona especificamente com a teoria psicanalítica das relações objetais, em que o desejo homossexual surge como um sintoma de um transtorno de identidade de

gênero, uma crise de desenvolvimento não resolvida entre a criança e seus pais em sua tenra infância. A falha aconteceria na época da resolução do Complexo de Édipo, que acontece dos 3 a 6 anos de idade, quando o interesse e a curiosidade sexual aumentam nos meninos e nas meninas.

Blevins (2007a) segue dizendo que para outros psicanalistas o problema pode estar ainda antes desta fase da infância, levando a dificuldades psicológicas muito mais severas como a transexualidade. O autor cita que alguns teóricos destes Ministérios, como Joe Dallas (1991), acreditam que a percepção da criança de indiferença ou de rejeição – da falta de intimidade à hostilidade – do parente de mesmo sexo – pai ou mãe – pode ser a base para o surgimento de atrações sexuais pelo mesmo sexo de muitos adultos.

“De acordo com muitos proponentes dos Ministérios ex-gay, a falha em passar por esta fase do desenvolvimento resulta não somente no desejo homossexual, mas também em confusão de gênero, marcado por extrema feminilidade nos homens e extrema masculinidade nas mulheres” (Blevins, 2007a, p. 120, tradução minha do inglês ao português).

Assim, estes teóricos que se utilizam da psicanálise para fundamentar o homoerotismo como um problema de desenvolvimento e dizem, então, que a presença de um pai muito castrador – ou violento – ou sua total ausência – ou apatia – gerariam problemas nos dois sexos, mas principalmente nos meninos, já que com isso os processos de identificação e de desenvolvimento de superego estariam prejudicados: a identificação não ocorreria ou por um grande medo da figura masculina ou pela ausência de alguém a quem se reconhecer ou pelo desinteresse em se identificar com esta pessoa.

Blevins (2007a) também diz que os conselheiros destes Ministérios ex-gay geralmente acreditam que o tratamento da atrações pelo mesmo sexo aconteça através do desenraizamento das causas deste transtorno em psicoterapia individual e de grupo; estas intervenções possibilitariam a cura dos traumas psicológicos causados por um relacionamento conflituoso com parentes do mesmo sexo, promoveriam a adequação às performances e papéis de gênero e gerariam a superação dos desejos homoeróticos e o despertar do desejo pelo sexo oposto que está dormente e que é o correto destino que Deus deu para os seres humanos.

Assim, de acordo com o autor, estes Ministérios ex-gay não utilizam a palavra homossexual como categoria identitária: consideram que todas as pessoas são

heterossexuais e trabalham para que as que têm desejos sexuais pelo mesmo sexo e que queiram mudar tratem seus transtornos e alcancem uma expressão sexual e de gênero adequada – heteronormativa –, resgatando a masculinidade ou feminilidade que, no passado, foram descartadas.

O “Exodus International” e as iniciativas de esforços de mudança de orientação sexual têm o apoio de algumas parcelas da sociedade, principalmente as mais conservadoras e religiosas, mas também recebe muitas críticas da comunidade científica e de outros segmentos sociais ditos progressistas pelo fato de elas serem consideradas ineficientes, perigosas e prejudiciais, causando em algumas pessoas mais ansiedade, depressão e ideias suicidas (BECKSTEAD e MORROW, 2004; BRADSHAW et al., 2015; HALDEMAN, 2001; SHIDLO e SCHROEDER, 2002; WEISS et al., 2010). Por conta dessas críticas, o próprio presidente do “Exodus International”, Alan Chambers, fechou as portas da instituição em 2013 após pedir desculpas a pessoas LGBT por poder ter causado nelas dor, vergonha e culpa (MERRITT, 2015; STEFFAN, 2013). De acordo com (Bailey, 2014), alguns dos grupos antigos do “Exodus International” se consolidaram numa outra rede chamada de “Restored Hope Network” e outras permanecem como Ministérios independentes.

Percebemos, a partir destes autores que, o “Ministério Perseverar em Cristo” estrutura sua atuação de acordo com muitas das crenças e práticas do “Exodus International” e seus outros Ministérios associados, sendo uma versão adventista acoplada a este guarda-chuva de iniciativas cristãs para trabalhar com homossexuais. A ligação entre o Ministério observado e o “Exodus International” podia ser percebida nitidamente quando vi que num dos intervalos entre as palestras dos encontros que participei, vários livros produzidos pela “Exodus International” foram sorteados para os ouvintes ali presentes.

Rebeca dizia que após ter conhecido tanto o “Exodus International” quanto o “Ministério Perseverar em Cristo”, após ter lido e estudado o assunto, descobriu que não precisava de nenhuma outra mulher para validá-la como tal. Dizia que antes desta mudança, ao se apaixonar por outras mulheres sofria de uma dependência tremenda delas. Numa reunião, a palestrante descreve como com as mulheres lésbicas não precisam do sexo em si, mas do controle:

“Se eu tivesse uma mulher que eu pudesse ter a posse dela, controle da vida dela e ela da minha, tava ótimo. Onde você vai? Onde você tá? É uma dependência

emocional inchada, é pra dentro, não é um relacionamento de fazer mais amigos, não. É só a lésbica e a pessoa. Só eu e aquela menina”.

De acordo com Rebeca, ela nunca recebia o amor infinito que precisava das mulheres com quem se relacionava, mas sim migalhas emocionais; quando alguém descobria o relacionamento entre outra mulher e ela, era ela quem era considerada a culpada por haver seduzido as outras meninas, já que ela parecia um homem. Mas após ter descoberto, por estes Ministérios, que Cristo era seu salvador e ela era filha dEle, suas atitudes mudaram a ponto de não mais se preocupar com o olhar preconceituoso de outras pessoas e de se dispor a querer crescer como mulher, tendo amizades femininas e participando do universo feminino que ela não conhecia.

Em seu testemunho a palestrante dizia que ainda precisava crescer muito e que sua busca da feminilidade ainda continuava. Ao olhar para outros homens referia já considerar que algo poderia até acontecer no futuro e revelava que diferentemente de antes, hoje já conseguia fazer muitas coisas sozinha sem depender de ninguém, mas com a ajuda de Deus. Dizia que fazia esportes, fazia faculdade, tocava um instrumento musical, tinha amigos e amigas e não se sentia mais sozinha. Percebia que era uma mulher como todas as outras e que, com elas, quer formar apenas amizades; afirmava que queria que sua carência e seu amor fossem, agora, supridos de outras formas. Numa de suas palestras, Rebeca disse:

“Toda a mulher tem que ter o cabelo cumprido? Não. Toda mulher tem que ser extremamente feminina? Não. Eu conheço muitas mulheres que são muito mais grossas do que eu e que são casadas, tem filhos... é saber se colocar no seu lugar de acordo com o que Deus fez e com o plano de Deus. Dentro de algumas atividades, como eu não dependo de outra mulher, eu tenho que cuidar de mim. [...] A mulher que quer se libertar do lesbianismo, dessa dependência de outra mulher, ela tem que tomar consciência de que ela precisa fazer as coisas por ela. [...] Hoje eu encaro os desafios”.

Nas palestras, Rebeca falava que caso ela ficasse atraída por uma outra mulher na atualidade, fazia um trabalho mental de se questionar o que a outra menina possuía que ela não tinha e que ela gostaria de ter e concluía que tudo o que outra mulher tem, ela também poderia conseguir. Desta forma, a mulher que a atraía seria

vista como um modelo a ser seguido e não a ser conquistado, transformando o sentimento de paixão para amizade, possibilitando o aumento da rede social e quebrando a dependência emocional. Dizia ela numa das palestras:

“Eu tenho grandes amigas, só que cada uma tem a sua vida e eu tenho a minha. Posso ajudá-las, posso orientá-las, posso ajudá-las a crescer, e elas me ajudam a crescer. Isso é maravilhoso”.

O discurso de Rebeca era muito espiritual e também envolvia os percalços de sua trajetória na igreja. Em certo momento Rebeca fez um depoimento comovente que demonstrava o constrangimento que muitas mulheres como ela sofrem na igreja: disse que quando uma mulher muito masculina entra na igreja, ninguém senta perto dela, ninguém vai falar com ela, diferente de um homem efeminado, que ainda que não tenha o acolhimento dos homens, recebe o carinho das mulheres.

“Os homens porque tem medo da concorrência, não sei né... e as mulheres porque têm medo de serem cantadas. Então meu apelo pra vocês é que vocês amem e abracem as mulheres lésbicas que possam aparecer na igreja de vocês”.

Mesmo assim, Rebeca permanecia firme e fervorosa, fundamentando sua apresentação na autoridade divina sobre a vida dos seres humanos e sobre a necessidade de as pessoas aceitarem a soberania da vontade de Deus para a vida delas. Além de pontuar os desejos homoeróticos como um desvio do comportamento adequado, ela também dizia eles não deveriam ser colocados em prática por serem uma iniquidade no sentido espiritual.

“Eu não sei se eu estou falando aqui pra alguém que tem a tendência que é mulher; vale muito a pena [não ter práticas homoeróticas]. Primeiro você precisa descobrir que você é filha do Rei. Você é uma princesa. Ele morreu por você. É o principal. Segundo, você descobrir que você e essa pessoa que você sente atração são do mesmo sexo; não pode ter esse movimento, é pecado. Não vale a pena perder a salvação por envolvimento que não está de acordo com a vontade de Deus. Ok. Descobri tudo isso. O que eu tenho que fazer? Você tem que romper esse laço com o poder de Deus. E depois você vai descobrir o que eu posso fazer sozinha. [...] E você

vai ver que Deus vai te ajudar a crescer. Se for preciso, faça terapia. Se for preciso, ore a Deus e busque, peça a Ele uma amiga pra ajudar a crescer. Deus vai te dar todas as ferramentas que Ele deu pra mim, com certeza vai dar para quem estiver precisando”.

Numa das palestras, Rebeca terminou sua apresentação dizendo: *“Deus é o criador e Ele não faz nada errado. Ele me fez mulher e é assim que eu vou permanecer”*. Após esta fala de Rebeca, ela foi ovacionada com intensos aplausos. Neste momento, Alice chamou Samuel para se juntar à Rebeca a frente do salão e também receber um caloroso aplauso por conta de sua disposição em expor seu testemunho de superação nesta reunião. Alice também chamou Edson para ir à frente; disse que seu testemunho também era muito importante e que num momento oportuno ele também contaria sua história. Alice comentou:

“Por que será que eles estão fazendo isso? Será que eles querem expor a vida deles? Não. Sabe porque eles estão fazendo isso? Porque eles sabem que existem pessoas hoje nesse mundo desesperadas, pensando em suicídio, já planejando o suicídio inclusive, e que o testemunho deles pode evitar isso. É por isso que eles merecem uma salva de palmas de pé. Vamos aplaudi-los?”

Agora, em pé, todos os espectadores os aplaudiam entusiasmadamente felicitando-os pelas vitórias nos combates às atrações homoafetivas e homoeróticas.

A última fala de Alice também é importante para compreender um pouco da lógica da missão do Ministério, que seria alcançar pessoas que estão angustiadas por sentirem atrações pelo mesmo sexo e que não querem mais sentir tais atrações. Considera-se que o testemunho de que é possível mudar de atração e/ou de comportamentos homoeróticos gere esperança e motivação para pessoas que não queiram praticar seus desejos mesmo sexo e que assim, possam se sentir menos angustiadas e deprimidas porque assim estariam no caminho certo psicologicamente e/ou espiritualmente. Vê-se que aqui não é o simples lidar e tratar de toda a forma de angústia em qualquer pessoa, mas sim o lidar e tratar a angústia de pessoas que necessariamente sentem atrações pelo mesmo sexo e não querem praticá-las.

Alice pode até considerar que este desespero possa ser originado pela impossibilidade do crente de conciliar a fé na Igreja Adventista do Sétimo Dia e o

exercício sexual e afetivo com pessoas do mesmo sexo para o alcance da vida eterna, mas a saída para esta angústia apresentada pelo Ministério sempre descartará o exercício homoerótico como uma forma de enfrentar e diminuir o desespero. Para o Ministério, a única saída legítima e eficaz, espiritual e emocional, para a melhora dos sentimentos de baixa autoestima, depressão, angústia, etc., por conta dos desejos homoafetivos seria o tratamento e cura das feridas e traumas emocionais que direcionaria a pessoa necessariamente para a diminuição ou aniquilação do desejo e/ou das práticas homoeróticas e possibilitaria o surgimento das atrações pelo sexo oposto – o que causaria, portanto, a diminuição do mal-estar emocional. Não haveria como “curar” totalmente esses traumas e feridas do passado e permanecer com tais atrações pelo mesmo sexo. Tampouco haveria como tratar o mal-estar emocional com o livre exercício sexual com pessoas do mesmo sexo porque isso seria psicologicamente ineficaz ou paliativo para as suprir as necessidades emocionais e trazer plenitude existencial para o ser humano.

8. “TEM CURA?”

Alice e Edson eram os palestrantes que falavam sobre como tratar psicologicamente as questões da atração homoerótica, como elaborar as implicações desta atração e curar esses sintomas na sexualidade que sinalizam que há feridas a serem sanadas na pessoa.

Alice citava em sua palestra que ninguém, de nenhuma maneira, vai curar o fenômeno de se atrair pelo mesmo sexo e que a cura é das feridas emocionais. O jogo linguístico das terminologias usadas para lidar com a homossexualidade é necessário de se analisar aqui. Lembramos do que Edson falava nas palestras sobre como o fenômeno do homoerotismo era uma questão não biológica e que tinha a ver com feridas, sendo que o Ministério não tinha o intuito de reverter os desejos, mas sim curar as feridas. Fizemos, então, um exercício de raciocínio lógico: se a homossexualidade é necessariamente um sintoma de feridas emocionais e o intuito do Ministério é curar as feridas emocionais ligadas aos desejos homoeróticos, logo é possível dizer que o intuito do Ministério também é de sanar e extinguir o sintoma, os desejos homoeróticos. Se uma coisa é necessariamente ligada à outra, não haveria

porque ou como excluir uma coisa e não expulsar a outra, não haveria como sanar uma coisa sem sanar outra. Esta necessidade de negar que se vai trabalhar para tratar os desejos homoeróticos pode ter a ver com as grandes críticas que os movimentos sociais LGBTQIA+ fizeram às iniciativas de tratamento da atração pelo mesmo sexo, denunciando o que foi chamado no senso comum de “cura gay” (GONCALVES, 2019).

Os profissionais de saúde mental em geral usam o termo cura com muita cautela, resistência e embaraço ao se referirem aos transtornos mentais porque alguns fenômenos psíquicos, como a esquizofrenia, por exemplo, não têm a mesma dinâmica de tratamento que alguns outros acometimentos (JUCA, 2005). Segundo a autora, o termo cura é muito mais referenciado pelo sistema de cuidados da religião do que pela saúde mental e pela psiquiatria. Isso pode explicar a frequente utilização da expressão cura das feridas emocionais pelo Ministério, evidenciando um repertório linguístico mais espiritual do que psicoterapêutico. Juca (2005) demonstra que na psiquiatria, a cura geralmente se relaciona mais a um episódio único do fenômeno com a remissão total dos sintomas do que a contínuos episódios do fenômeno com a permanência dos sintomas entre esses episódios.

Edson sempre ressaltava que o que eles estavam expondo servia somente àqueles que querem mudar. Ele dizia que respeitava e queria a amizade daqueles que não desejam mudar e que são felizes com suas atrações, entretanto o que era apresentado ali não é para eles. Numa das palestras, Alice complementou:

“Mas existem homossexuais que estão a gritos implorando ajuda, pedindo socorro. Para esses é que a gente quer apresentar o que nós temos aqui. Aqueles que desejam, pedem, imploram ajuda. Pessoas que ligam chorando para nós, entram em contato no Whatsapp, ‘por favor me ajuda’, e é pra esses que a gente pode começar esse trabalho”.

Discursos como os de Edson e de Alice, de legitimar os tratamentos a pessoas insatisfeitas com seus desejos homoeróticos, aparecem até mesmo num artigo encontrado na Revista Jurídica da Seção Judiciária de Pernambuco. O texto que se intitula “Prisioneiros da esperança: a limitação da autonomia da vontade no atendimento psicológico de homossexuais egodistônicos no Brasil” utiliza os mesmos argumentos de Edson e defende a utilização de terapias reparadoras, criticando a atitude do Conselho Federal de Psicologia em vedar seu uso na atuação dos

psicólogos ao atenderem pessoas descontentes com seus desejos homoeróticos. O autor argumenta que a autonomia da vontade, um dos pilares dos elementos nucleares da dignidade humana, tem sido negligenciada e ameaçada pela Resolução CFP nº 001/99. Ele também discute que quando alguém busca a mudança a partir de uma decisão íntima, sem a imposição e a pressão do tratamento por fatores externos, tal atitude não pode ser considerada uma ameaça aos direitos fundamentais das pessoas:

“No caso específico da orientação sexual egodistônica, a vedação às terapias reparativas não consiste em um modo de proteção à integridade psíquica do indivíduo. Pelo contrário, aumentam o desespero daqueles que se veem como prisioneiros da própria orientação sexual, trazendo as mais nefastas consequências além das psíquicas, como o direito à privacidade (liberdade de escolha), o direito à intimidade e ao livre desenvolvimento da personalidade” (MENEZES, 2014p. 110).

Entretanto, nem Edson e nem Menezes (2014) observam em suas palavras que as decisões íntimas e as vontades destes sujeitos que buscam a “cura” da homossexualidade estão sustentadas por relações desiguais poder encontradas em comunidades que oprimem e violentam as diversidades sexuais e de gênero e que têm sua LGBTfobia originada em discursos religiosos cristãos.

A partir de uma punição do Conselho Federal de Psicologia dada a uma psicóloga por oferecer tratamento de reversão dos desejos sexuais, Dunker e Neto (2010) comentam como os manuais de psiquiatria podem ser utilizados para defender discursos como os desta profissional. A psicóloga citada se apoiava na categoria patológica de “homossexualidade egodistônica” descrita pelo já ultrapassado DSM III – Disease Statistical Manual – que dispunha sobre o mal-estar causado pela não aceitação da atração pelo mesmo sexo. Sua prática consistia na terapia para converter as atrações homoeróticas de seus pacientes em atrações sexuais pelo sexo oposto. De acordo com os autores, a psicóloga se defendeu alegando que “a orientação homoerótica do desejo constitui, por si só, uma patologia, uma anormalidade ou um disfuncionamento” (p. 427) sendo oferecido o serviço para “corrigir, retornar ao estado anterior ou restabelecer o funcionamento saudável do corpo, da mente e, conseqüentemente, da sexualidade” (p. 427).

Dunker e Neto (2010) apontam que “o discurso no qual o argumento se apoia implica, tacitamente, que aquilo que é descrito como anomalia – e o DSM seria um catálogo sobre isso – justifica, automaticamente, a necessidade de sua erradicação,

inversão ou cura” (p. 428). Ainda assim, estes autores afirmam que há um erro técnico contido nesta defesa, embasado por cinismo, preconceito e ambígua pertinência clínica, que em vez de considerar que o tratamento deveria recair sobre o sentimento de inadequação a si ou de aversão ao próprio desejo, “a psicóloga propunha-se a converter a homossexualidade como se esta fosse um diagnóstico ou uma patologia” (p. 427).

Em meio às batalhas entre patologização / autorização do tratamento e despatologização / proibição do tratamento focado nos desejos homoeróticos, o “Ministério Perseverar em Cristo”, adota as convicções da psicóloga punida pelo CFP citada por Dunker e Neto (2010) e a postura de Menezes (2014) para fundamentar suas apresentações sobre como trabalhar com as pessoas infelizes com suas atrações pelo mesmo sexo. Desta maneira, com sua iniciativa, o Ministério fortalece a resposta conservadora contra os avanços dos movimentos LGBTQIA+ que lutam por menos desigualdades, menos opressões e mais direitos sexuais e de gênero.

8.1 O Método do Ministério

A abordagem em que se pautava o trabalho do Ministério era aquela essencialista, que concebia a noção de homem e mulher e das marcantes diferenças entre os sexos provenientes da biologia. O Ministério dizia buscar resgatar a biologia das pessoas para poder trazer à tona estas características que a organicidade dos corpos produz. Segundo eles, muitas pessoas os perguntam se a atração pelo mesmo sexo tem cura, e afirmavam que nestas palestras esta questão seria abordada para que os espectadores pudessem tirar suas próprias conclusões ao final.

Ao falar de como começou a trabalhar com homossexuais, Alice revelava que já tinha frequentado uma igreja com muitas pessoas com atrações pelo mesmo sexo e dizia que não sabia como ajudar estes membros quando eles vinham até ela pedir orientações porque acreditava que a atração homoerótica era algo que vinha de nascença e que a pessoa teria que conviver e lidar com ela para sempre, sem nunca conseguir mudar. Alice afirmava que no passado, cria que caso a pessoa quisesse servir à Deus, deveria refrear seus desejos e morrer em celibato. Entretanto, a alguns

anos atrás, Alice conheceu a Edson que a ensinou o que tinha aprendido anteriormente sobre a mente das pessoas com atrações pelo mesmo sexo, dando a ela instrumentos para trabalhar e ajudar efetivamente aqueles membros.

Alice revelava que depois de muito estudo, Edson e ela fizeram um esquema de ajuda eficaz para pessoas com desejos homoeróticos que queriam mudar. Afirmava que algumas dessas pessoas que passaram por este processo elaborado por eles pararam de ter atrações pelo mesmo sexo, outras passaram a ter atrações pelo outro sexo e que outras hoje já estavam em casamentos heteronormativos. Segundo ela, alguns dizem não ter qualquer tipo de atração homoerótica e outros testemunham que em momentos de crise emocional voltam a ter algum tipo de atração pelo mesmo sexo. Justificava-se esta diversidade com a premissa de que cada pessoa é única e que cada pessoa está num momento do processo. Numa dessas palestras, Alice comentava:

“Alguns ainda não chegaram no fim, mas estão lá. Alguns chegarão no fim quando Cristo voltar, mas estão avançando a cada dia, e outros chegarão agora. Mas tem esperança para todos. Não quero desencorajar ninguém que esteja escutando. Se você é homossexual e você quer se livrar, você pode. Existe saída. Cada um é uma pessoa, mas existe saída”.

Neste momento, para ser mais enfática, Alice vira para a câmera que está transmitindo a palestra ao vivo para o Facebook, e fala sobre a possibilidade de mudar as atrações homoeróticas:

“Pessoal, pode sim! Você pode e nós estamos aqui para ajudar você. Você pode buscar nosso Ministério e nós vamos ajudar a você a conseguir deixar a homossexualidade”.

Falas como estas são altamente questionáveis e perigosas por gerarem expectativas de que há esperança para quem sofre por ter atrações homoeróticas e não mais quer senti-las; de que é possível deixar de desejar sexualmente pessoas do mesmo sexo já que outros também conseguiram.

O Ministério admite e informa que nem todos terão seus sentimentos convertidos e afirma que o processo não garante que todas as pessoas irão

transformar seus desejos pelo mesmo sexo em desejos pelo sexo oposto, alegando que é possível que alguns só mudem com o retorno de Jesus. Portanto, deduz-se que se o processo é específico para cada pessoa, sendo que há pessoas que podem não alcançar este último estágio do processo em vida – a extinção dos desejos homoeróticos antes de morrer – não seria possível estimar precisamente em que momento do processo cada pessoa está. Não seria possível dizer precisamente em que estágio do processo uma pessoa está porque os processos são individuais e têm fins únicos para cada pessoa.

É perigoso dizer que é possível sim transformar os desejos homoeróticos em desejos pelo sexo oposto quando é observado que algumas pessoas nunca deixam de sentir aquelas atrações. Pode-se gerar uma sensação de fracasso, de tristeza, de incapacidade, ou mesmo de esgotamento físico por repetidas tentativas malsucedidas de transformação das atrações homoeróticas que uma pessoa adventista possa ter ao se utilizar destas teorias para explicar e tratar seus desejos. Imagino o quão decepcionante pode ser lutar a vida inteira para deixar ter desejos homoeróticos e nunca deixar de sentir algo tão forte.

Ainda que o Ministério se pautasse em diversas orientações vindas de outras fontes evangélicas, o grupo também desenvolvia seus próprios discursos de verdade, estratégias e técnicas de ação a partir das práticas de aconselhamento e das falas das pessoas que recebiam orientação. Alice afirmou numa das palestras que a hipótese de que meninas masculinizadas não se tornavam lésbicas por conta da atenção e da afirmação que o pai fazia da feminilidade delas, as fazendo admiradoras do pai e da masculinidade, era resultado da análise de seus atendimentos e não de algo que ela leu:

“Se a mãe for super problemática em todos os aspectos, se ela tiver um pai atencioso que firme ela, ela se firma. São aquelas meninas, por exemplo, que dizem ‘eu não quero ser igual a minha mãe’. Elas são até quando crianças um pouco machonas. Gostam de futebol, tudo. Elas podem ter uma grande admiração pelo pai e querer imitar o pai, e quando isso acontece [...] ela não vai ter essa rejeição ao mundo masculino [...], ela vai rejeitar o mundo feminino, mas vai amar tanto o mundo masculino que ela vai querer um homem do lado dela. Isso é o que eu tenho observado, eu não li em nenhum lugar, isso é a minha prática com as meninas e é bem interessante”.

A palestrante afirmava que a igreja não conseguiria ajudar os homossexuais a deixarem seus desejos e suas práticas homoeróticas dizendo “*Vira homem!*”, “*Ore!*”, “*Aumente sua comunhão com Deus!*”, mas sim através da compreensão de que a atração pelo mesmo sexo era um sintoma de um trauma que deveria ser tratado.

Alice explicava que o processo de cura das feridas emocionais que causam tais atrações se dá em três etapas. A primeira seria a etapa do conhecimento: saber que fatores da trajetória de vida geraram a atração pelo mesmo sexo. Assim, através de terapia ou de consulta espiritual ou religiosa se construiria um diálogo em que o entrevistador aplicaria questionários e faria perguntas abertas e fechadas sobre o passado desta pessoa com desejos homoeróticos. A proposta se baseia na lembrança das experiências da infância e da adolescência, das características dos familiares e da relação com eles, das sensações de agressão, de abandono familiar, de rejeição social, e das demais experiências que causaram feridas emocionais. É uma garantia que se a pessoa tem atrações homoeróticas, existem feridas emocionais a serem identificadas e tratadas: feridas causadas ou por um meio hostil ou por uma personalidade hipersensível.

Alice relatava que pastores e anciãos de igreja podem trabalhar com esta primeira etapa, que é a do conhecimento, sendo atenciosos, conversando e perguntando sobre como era relacionamento com o pai, como era a infância da pessoa, se o rapaz, por exemplo, se sentia menos que os meninos da idade dele e por quê, etc. A partir deste diálogo a pessoa atendida poderia abrir o coração e assim descobrir o que aconteceu na infância que gerou a ferida emocional. Também era sugerido que a pessoa que estava sendo atendida fosse informada com literaturas desta abordagem sobre o tema para que ela mesma conhecesse e se aprofundasse no assunto.

A segunda etapa seria a cura das feridas emocionais do passado: a partir da lista de traumas descobertos na etapa anterior, uma terapia de cura destas feridas se diz necessária por Alice. Cada trauma causado por, por exemplo, falta de amor, rejeição, agressão, por exemplo, deve ser agora elaborado e tratado. Cada experiência lembrada seria considerada especificamente para a elaboração psíquica. Desta maneira, quando a pessoa não consegue perdoar o agressor, se trabalha o perdão; quando a pessoa se autorrejeita, se sente inferior, tem baixa autoestima, trabalha-se o amor próprio; quando a pessoa tem conflito com os pais e vê-se a

necessidade de reconciliação e perdão entre os entes, as questões de relacionamentos são abordadas.

Eram apresentadas estratégias para esta elaboração psíquica relacionadas a exercícios catárticos, de exteriorização dos sentimentos pela fala e pela escrita – como na elaboração de cartas. Também eram expostos exercícios de experimentação comportamental, de encenação ou de *role play*, quando o conselheiro pode incorporar nas cenas um agressor do passado para a confrontação dos medos e a expressão de emoções reprimidas. A pessoa oferecendo o tratamento pode propor à pessoa auxiliada coisas que ela nunca recebeu no passado, como pedidos de perdão; atitudes de companheirismo e compreensão; expressões de acolhimento, afeto, consolo e demonstração de complacência; expressões de motivação e admiração pela pessoa. De acordo com Alice, esta etapa já traz à algumas pessoas alívio emocional porque podem vivenciar pela primeira vez a exteriorização de sentimentos reprimidos da infância e podem sentir pela primeira vez alguém demonstrando empatia, cuidado, compaixão e reconhecimento.

“A ferida com certeza começa a sarar aí. Às vezes começa, às vezes cura aí [...] mas a cura mesmo vai acontecer quando essa pessoa sentir que pode perdoar o pai dela e a mãe. E ela fala, ou pra mim ou pra o pai e pra mãe: ‘nesse momento, estou lhe perdando’. Então nós vamos queimar essa carta, outras vezes enterrar essa carta, o assunto vai ficar para trás. Vai chegar o momento que essa pessoa vai se lembrar de tudo o que aconteceu, mas sem chorar. Ela vai perceber que tudo que aconteceu, aconteceu, mas já não é ferida por isso. Então isso é cura emocional”.

Com relação a quem seria adequado para oferecer essa terapia, a palestrante relatou:

“O psicólogo, o psiquiatra. O pastor pode fazer? Depende. [...] O pastor sabe que casos saem da área dele e precisam de um psicólogo. Então, você que é pastor, o que você vai fazer? Igual você atende qualquer pessoa ferida emocionalmente. Tem coisas que você pode tratar. Mas você como pastor que tem experiência sabe que tem pessoas que você vai ter que levar no psiquiatra, que tem uma crise de depressão, de ansiedade, que precisam de um remédio, então o pastor sabe em que momento derivar e em que momento ele pode continuar esse tratamento”.

Por fim, dizia-se que a terceira etapa era o estágio do crescimento na maturidade psicológica e, portanto, na masculinidade e na feminilidade. É a reintegração integral da pessoa trazendo à tona a masculinidade e a feminilidade que estão subjacentes. De acordo com Alice, aqui trabalha-se o desbloqueio emocional que causou a imaturidade psicológica da pessoa e seus desejos homoeróticos a partir da construção de vínculos fraternos, de amizades profundas com pessoas do mesmo sexo para que nestas relações a pessoa que tem atrações pelo mesmo sexo se identifique com o amigo ou a amiga e, se percebendo como igual, replique as condutas, as performances e consequentemente o desejo sexual dele ou dela. Para este estágio, ter mentores é necessário – questão que será abordada a seguir.

8.2 A Mentoria

Algumas palestras focavam em como ser um mentor, uma pessoa que serviria de apoio para quem estava passando pelo processo de cura das feridas emocionais causadoras da homossexualidade. O mentor seria uma pessoa do mesmo sexo da pessoa que está sendo ajudada, que teria atrações sexuais pelo sexo oposto e que trabalharia como um pai ou uma mãe desta criança imatura que está no corpo de um jovem ou adulto. Alice explicava que o mentor precisa ter tempo e afeto disponíveis.

Com o homem com atrações homoeróticas, o mentor trabalharia o afeto do pai, dos irmãos, dos amigos que este homem nunca teve: gastaria tempo de qualidade saindo para restaurantes e pagando a refeição, saindo para fazer esportes juntos, saindo para eventos de recreação, expressando afeto através de abraços calorosos, demonstrando admiração por comportamentos bem realizados, demonstrando que a pessoa em tratamento pode ser como o mentor. Numa das palestras, Alice dizia, *“Você vai ensinar ele a ser homem. O que ele não aprendeu quando era menino [...] então o mentor vai ser o pai pra essa criança”*. Ela afirmava que por conta do homem que tem desejos homoeróticos nunca ter sido aceito no mundo masculino, incluí-lo nos círculos dos homens era dever da igreja. De acordo com a palestrante, estes círculos somente de homens devem acolher e aceitar outros homens com atrações

pelo mesmo sexo, integrando-os nestes grupos, abraçando-os, incentivando-os a compartilhar atividades somente consideradas masculinas – como atividades que demandem de força física – para demonstrá-los que eles podem fazer o mesmo que os integrantes do grupo e podem se identificar com o grupo.

Numa das reuniões Samuel comentou a necessidade de os mentores serem pessoas seguras de si e de seus desejos, sendo tranquilas para poderem ter amizades íntimas, para poderem abraçar sem que este contato cause conflitos. Além de os mentores não terem atrações homoeróticas, eles tampouco deveriam ser pessoas homofóbicas e deveriam ter estabilidade nos relacionamentos e na família. Alice também completou que se o mentor fosse uma pessoa que houvesse experienciado atrações pelo mesmo sexo em sua vida, deveria estar com estes problemas resolvidos. Dizia ela, *“Mas e se for gay que já curou suas emoções e já não apresenta a homossexualidade? A gente recomenda que só depois de 10 anos que isso aconteceu, que realmente está bem firmada essa cura de emoções”*.

Para Alice, o pastor e a comissão da igreja deveriam ser consultados para escolherem quem seriam os mentores num Ministério como esse. De acordo com ela, os mentores necessitam ser bem escolhidos, pessoas de bom caráter e confiáveis para realizar essa tarefa, sendo que, se fossem casados, precisariam ter a autorização da sua companheira ou companheiro para aceitar o cargo. Alice dizia que uma ação importante dos mentores era a de prestar contas a um supervisor, a um Ministério que esteja gerenciando as estratégias, para que os mentores pudessem receber orientação sobre o que é adequado ou não a se fazer, para que haja controle sobre o que está sendo feito com as pessoas que têm desejos homoeróticos.

Edson também apontava o “Clube dos Desbravadores” como um exemplo de local para mentoria de um menino que fosse considerado efeminado. O Clube dos Desbravadores é uma iniciativa mundial idealizada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia que promove atividades ligadas à natureza, esportes, lazer, aventura, e trabalho comunitário para crianças e adolescentes (OLIVEIRA, 2017). Segundo Edson, as lideranças presentes nestes clubes, ao perceberem a conduta deste garoto, poderiam se aproximar dele e incluí-lo em alguma atividade, poderiam sugerir outros esportes que não causem nele medo, poderiam incentivar outros garotos a brincarem com ele, para que ele conseguisse se sentir mais aceito dentro do grupo. Numa das palestras, também foi dito que o biológico do homem não era conversar, mas sim de fazer coisas

junto, por exemplo, jogar, fazer exercício, trabalhar, etc., portanto a mentoria com homens deveria ter esta configuração mais prática do que dialógica.

Com o sexo feminino, a mentora deveria igualmente ajudar meninas que se identificam como lésbicas ou mesmo mulheres que sentem que são homens a se enquadrarem no mundo feminino e se sentirem parte deste universo.

É imprescindível apontar aqui, após este pequeno parágrafo descrevendo a mentoria da lésbica – e não no fim do desta seção – que é muito perceptível a maior frequência da elaboração sobre a atração sexual pelo mesmo sexo em homens do que nas mulheres nas palestras. Não parece, mesmo assim, que esta maior atenção no homem seja uma atitude proposital do Ministério. Ao contrário, indago aqui se esta desigualdade nos focos para o gay e para a lésbica não é na verdade um reflexo da desigualdade na valorização dos gêneros presente na sociedade machista e misógina que vivemos, uma invasão invisível da desigualdade de gênero que toma conta de todos os espaços; ou se talvez isso ocorra pelo incômodo gerado na noção de que os desejos homoeróticos em homens seja constituída pela presença da feminilidade nos corpos masculinos e por isso a necessidade de se falar mais sobre tal assunto. No fim, cabe indagar se em ambos os casos a resposta seja a mesma: a inferioridade e desvalorização daquilo que é considerado feminino.

Voltando à mentoria, era dito que o mentor ou a mentora estaria mais próximo à pessoa com atrações pelo mesmo sexo, faria atividades junto com ela e seria um ombro amigo para escutá-la quando falar das mágoas profundas que tem do passado. Também era dito que as questões voltadas à atração pelo mesmo sexo que o mentor deveria trabalhar com a pessoa que apresentava tais desejos eram a baixa autoestima, o egoísmo – já que a pessoa com AMS quer a atenção total pra si por ter uma criança interior –, a dependência e a codependência emocional e a idolatria – o desejo de viver a vida de outra pessoa.

Segundo Edson, uma “família funcional”, que não teve os mesmos problemas que a família da pessoa com desejo homoeróticos, também poderia auxiliar nesse processo. Numa palestra ele aconselhou:

“Se puder ser levado para uma família funcional [para] passar um tempo dentro de uma família e ver como é uma família funcional, uma família que não teve os problemas que a sua família teve, isso também é muito bom”.

Tendo acompanhado as palestras até aquele momento, foi possível deduzir que a família dita disfuncional seria aquela que tivesse pais com as características apontadas nas palestras anteriores e que, por conta disso, poderiam gerar os desejos homoeróticos na pessoa que sente tais atrações: pai e mãe agressivos e hostis; pai e mãe que abandonam os filhos; pai e mãe adotivos; parentes abusadores sexuais; pai que menospreza a feminilidade no contexto da menina e que seja ausente e negligente no cuidado e criação do menino; mãe superprotetora, muito apegada e controladora no contexto do menino e que seja muito controladora, muito oprimida pelo marido, indefesa e não admirável no contexto da menina.

Um desafio desta estratégia – da inserção na família considerada funcional – seria com as pessoas consideradas hipersensíveis, que tiveram atrações homoeróticas surgidas mesmo num contexto sem parentes com estas características. Para estas pessoas a estratégia de inserção em famílias ditas funcionais seria cabível? Como lidar com pessoas que são hipersensíveis e ao mesmo tempo foram criadas em contextos familiares hostis? Pessoas hipersensíveis não verão hostilidade em comportamentos não hostis destas famílias funcionais?

Também questionamos se é de fato possível fazer um diagnóstico de hipersensibilidade na infância ao observar que, nos questionários e inquéritos verbalizados sobre o primeiro estágio do processo de cura das feridas emocionais, há perguntas para constatar se na infância da pessoa existiram momentos de tristeza, frustração, trauma ou mal-estar nos relacionamentos paternos ou maternos. Primeiro, é evidentemente impossível que pessoas digam que na infância nunca passaram por momentos de tristeza, frustração ou mal-estar na relação com os pais; as relações humanas sempre apresentam conflitos, isso faz parte da nossa existência. Mas, em segundo lugar, se considerarmos que de fato existam pessoas hipersensíveis, estas também dirão que pelas suas interpretações, os pais no passado foram hostis e agressivos em suas ações, o que poderá levar o Ministério a considerar um tratamento através do convívio da pessoa com uma família dita funcional. Portanto, como esta ação poderia ser implementada se não é possível diagnosticar a hipersensibilidade dos indivíduos, já que uma personalidade essencialmente hipersensível sempre perceberá a atitude dos outros como hostis? Haveria outra maneira de constatar a hipersensibilidade nas crianças? Ou mesmo, seria possível tratá-la se a hipersensibilidade é um fator natural da pessoa? Seriam, portanto, as pessoas com

atrações pelo mesmo sexo que são hipersensíveis aquelas que, de fato, nasceram assim?

Sobre os mentores, Edson também dizia que todo o trabalho de acolhimento poderia ser feito sem mencionar expressões como “tendência homossexual”, de forma a pensar o desejo homoerótico não como um sintoma mais importante dos traumas do passado, mas um indício, como qualquer outro em qualquer outra pessoa, de que houve um problema no passado. Num desses encontros, Samuel interveio na fala de Edson e adicionou:

“Todos estamos no mesmo barco. Todos temos questões a resolver. Na verdade, a homossexualidade eu não vejo como uma doença, ela é um sintoma, um sintoma de que algo não foi bem, e todos nós temos coisas que não foram bem na vida, né? Então, pastores e anciãos, não tratem o homossexual como se fossem outra coisa. É pessoa, como qualquer um”.

Numa das palestras uma ouvinte decidiu contar a história de superação de um rapaz que frequentava sua igreja e que passou por um processo parecido como este apresentado pelo Ministério. Ela falou sobre um homem, que se identificava como homossexual, que conheceu a igreja, que se apaixonou por Cristo e que, por conta da conduta acolhedora e integradora de seus amigos homens – que o abraçaram e o trataram como um deles sem discriminação – descobriu o mundo masculino e se sentiu um igual. Ela comenta que pessoas com desejos homoeróticos devem ser tratadas de igual para igual pelos membros da igreja, percebendo nelas pessoas com sentimentos e necessidades como todo mundo. Seu testemunho ia de encontro com o que Edson já havia exposto, da necessidade de incluir o homem com atrações pelo mesmo sexo num grupo de homens para que ele aprenda a se ambientar num círculo masculino e cresça em sua masculinidade, se acostumando com as performances e modos adequados de ser homem.

8.3 O Contexto Religioso do “Tratamento”

Edson complementava as palestras sobre os mentores falando sobre como era necessário que existissem duas pessoas chave nessa fase de crescimento na masculinidade e feminilidade: um mentor espiritual e outro mentor pessoal. Diferente do mentor pessoal descrito no tópico acima, o mentor espiritual iria escutar a pessoa, acolhê-la e trabalharia sua espiritualidade, especialmente quando há resistência e revolta contra Deus por achá-lo cruel ao crer que, por exemplo, Ele a puniu ao permitir que estes desejos involuntários surgissem.

Por ser um Ministério cristão, seus palestrantes também terão um embasamento religioso para o fenômeno da homoafetividade como sendo algo inadequado. Conseguimos observar claramente esta visão no testemunho de Rebeca, ao dizer que o envolvimento com pessoas do mesmo sexo era pecado.

Em suas palestras, Edson também dizia que era a prática homoerótica aquilo que seria condenável, não a atração homoerótica. Segundo ele, é comum confundir tendência com prática, mas que ter a tendência não é o problema, o problema é realizar os desejos por pessoas do mesmo sexo. O palestrante, então, justificará esta frase alegando que Deus condena a prática por querer proteger seus filhos, por querer o bem de seus filhos.

Como evidência para fundamentar esta fala, Edson cita o livro de Mattison e McWhirter (1984) chamado “The male couple: how relationships develop”. Edson fala que o livro foi escrito por um casal de homens, um psiquiatra e outro psicólogo, que descreve os relacionamentos amorosos homoafetivos, mostrando que em 95% dos casos estudados havia infidelidade conjugal e uma busca incessante do prazer sexual, o que acarretava em promiscuidade intensa. Quando comparado com o casal entre pessoas de sexos opostos, Edson diz que a taxa é exatamente oposta: 95% dos casais heterossexuais são fiéis ao casamento, enquanto 5% são infiéis. O palestrante, ao interpretar os dados de promiscuidade e infidelidade conjugal como danosos para o ser humano considera que os comportamentos citados trarão um agravamento ainda maior das feridas emocionais presentes nas pessoas homoafetivas, o que explica as proibições divinas das relações entre pessoas do mesmo sexo com a intenção de prevenir agravos à humanidade. Numa das conclusões de suas palestras, Edson disse:

“Por que será que Deus aconselha claramente na palavra dele que Ele não quer um relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo? Porque Ele sabe que

vão causar mais feridas. [...] Quando Deus diz um não bem claro, não é porque ele não te aceita, é porque ele te ama. É porque ele sabe que tem feridas ali que não vão se resolver num relacionamento homossexual, mas que elas vão ser mais abertas. [...] Existe uma criança emocional que não cresceu, que precisa de aceitação, afeto e carinho para poder crescer. A criança não quer sexo. A criança, quanto mais contato ela tem com o sexo, mais traumatizada ela fica. Por isso que quando a gente fala com homossexuais, ‘O que mais você deseja?’, [eles respondem,] ‘eu queria o abraço de homens, eu queria segurar a mão de um homem, eu queria me sentir incluído no grupo’, não era o sexo, percebe? Com essa fala eu queria que cada um aqui pensasse, quanto liderança, o que vocês podem fazer, o que a gente pode fazer para que, então, a gente possa acolher esse grupo que por tanto tempo se sentiu perdido dentro da igreja”.

Ao dizer que Deus só quer o bem do ser humano ao proibir práticas homossexuais, observa-se neste discurso de Edson fatores que correspondem ao que Foucault descreveu como biopoder ao, em “Nascimento da Biopolítica” (FOUCAULT, 2008b) falar sobre como a arte de se governar se baseava no discurso de preservar a vida e o bem-estar social. Numa lógica de governamentalidade, um convite é feito às pessoas para que se controlem, que contenham seus desejos homossexuais pelo bem que farão para si mesmas, pela vida que preservarão, pelos traumas psicológicos que prevenirão, sendo este convite baseado na verdade pregada no discurso religioso da Igreja Adventista do Sétimo Dia e legitimada por uma teoria psicológica. Teoria esta que provém de uma interpretação da psicanálise sobre a homossexualidade – claro, uma interpretação, já que existem diversas outras na própria psicanálise que não observam a homossexualidade como passível de tratamento.

O Ministério observava comportamentos discriminatórios presentes em algumas pessoas dentro das igrejas como o resultado de sua ignorância sobre o tema e criticava fortemente tal postura. Edson mesmo comenta numa de suas falas que:

“Muitas pessoas com a tendência homossexual se sentem excluídas da igreja. Por que? Talvez vocês não percebam, mas a gente que está do lado de fora, que vem com a tendência, a gente percebe isso muito forte. A questão de falar que casamento é a solução de todos os problemas. Os programas e os treinamentos são só pra casados. A semana da família é pro casado. A pessoa que tem a tendência se sente

como? Alguns pastores, com certeza hoje melhorou muito, mas no passado falavam que a pessoa ia pro inferno porque ela tem a tendência”.

Ainda que o objetivo deste Ministério seja de desestimular a atividade homoerótica, por outro lado sua atuação nas igrejas prega uma atitude menos invasiva com pessoas que por elas passam e que têm atrações homoeróticas. É possível ver este posicionamento do Ministério em alguns dos debates surgidos nos momentos das perguntas dos espectadores. Um desses debates surgiu com uma pergunta que questionava como lidar com a pessoa que tem atrações pelo mesmo sexo e que crê que Deus a fez assim, mas se afasta de Deus. Edson respondeu que muitas pessoas com atrações homoeróticas têm essa crença como autodefesa porque não querem trabalhar suas feridas emocionais, mas elas têm todo o direito de assim o fazerem, sendo que não se pode forçá-las a mudarem de opinião. Nesse momento, outro ouvinte interpelou a Edson quanto a como abordar o membro da igreja que tem trejeitos considerados femininos, mas é muito atuante na igreja. Edson defendeu que, primeiramente, comportamentos efeminados não demonstram necessariamente que o homem tivesse atrações homoeróticas e que não se pode fazer esse tipo de inferência – algo que se contrasta um pouco com os discursos do próprio Ministério sobre a forte vinculação entre performance de gênero e atração sexual. Edson utilizou as seguintes palavras neste embate dialógico: *“o menino que cresce de repente com tias, com mãe, ele pode adquirir um trejeito feminino porque ele não tem muito a figura masculina, e ele é heterossexual”.*

Em segundo lugar, Edson também aconselhou que se a pessoa não pedisse ajuda, independente de quem ela fosse, ninguém deveria intervir e que a igreja deveria manter uma postura fraterna e amigável, não julgando nem invadindo o espaço do outro. Após sua resposta, outro ouvinte o interrogou dizendo que a igreja tem dificuldade de assimilar essas questões. Por conta disso Edson foi enfático ao dizer, *“a igreja tem dificuldade? Então a igreja tem que ser ensinada! Por isso nosso Ministério está aqui. Eu não posso supor que a pessoa tem a tendência homossexual porque ela tem trejeito efeminado”.*

Edson foi confrontado novamente por outro ouvinte que afirmou que talvez, o trejeito efeminado sinalize que a pessoa está em sofrimento. Ele então respondeu: *“Se uma pessoa que é efeminada, enquanto ela não estiver pedindo ajuda, a igreja não pode intervir”.*

Mesmo assim outra pessoa, reafirmando a fala do ouvinte anterior, ainda disse que às vezes o efeminado não está pedindo ajuda, mas está demonstrando alguma necessidade de ajuda por seu comportamento. Neste mesmo rumo, outro ouvinte se levantou dizendo que a maneira como a pessoa está e como age demonstra aos que estão ao seu redor que a pessoa tem atrações homoeróticas, o que faz com que a igreja a rejeite. Edson então respondeu que o máximo que se pode fazer é se aproximar como amigo, dando possibilidade para o diálogo. Mas ele foi veemente ao dizer:

“O que a gente não pode inferir é que aquela pessoa tá precisando de ajuda. Só a pessoa ela mesma vai poder falar que ela está precisando de ajuda, porque a gente faz inferência errada. Tem que tomar cuidado com isso. A gente sair inferindo coisas, às vezes aí também tem um pouco de preconceito. Eu não gosto do jeito dela, então eu vou tentar acertá-la, ela tá precisando de ajuda porque eu não gosto do jeito dela. Não é como eu gostaria que fosse. Daí a gente faz um desastre”.

Concordando com a resposta de Edson, Alice acrescentava que a ajuda eficaz da igreja viria através da amizade verdadeira. Ela dizia que até para as pessoas que têm, de fato, relações com parceiros ou parceiras do mesmo sexo, os membros e mentores não deveriam dizer que as pessoas estão pecando, mas deveriam se aproximar fraternalmente, sendo amigos acolhedores, já que quem faria o trabalho de admoestação e advertência seria o Espírito Santo. Ela apontava que o dever do pastor era de fazer amizade profunda com o jovem efeminado, por exemplo, levando-o para almoçar, abraçando o rapaz e acolhendo a pessoa. Alice afirmava:

“Se esse rapaz for realmente homossexual, quando ele vir esse pastor acolhedor, num papel de pai abraçando, ele vai em pouco tempo abrir o coração. Se o pastor não faz isso, o ancião de igreja pode fazer isso, qualquer homem da igreja pode fazer isso. [...] De repente nessa amizade mais íntima, nesse abraço acolhedor ele vai confiar em você e você vai descobrir que ele tem problemas e você vai poder, então, ajudá-lo. [...] Se aproxime sem oferecer ajuda. Faça amizade”.

Rebeca, que geralmente se mantinha mais silenciosa nas palestras dos outros colegas de Ministério, neste momento decidiu fazer um comentário relacionado à

maneira como membros da igreja com uma atitude preconceituosa afastavam pessoas com atrações pelo mesmo sexo da Igreja. De acordo com ela, num momento em que estava muito confusa, decidiu procurar uma igreja inclusiva e encontrou uma no centro da cidade de São Paulo. Rebeca relatou que ao conversar com o reverendo da igreja, descobriu que ele era um ex-adventista que saiu da igreja por conta de uma reação de um pastor:

“Ele estava num campori [acampamento dos desbravadores] quando era adolescente, estava angustiado, procurou um pastor da nossa igreja e esse pastor falou assim pra ele com essas palavras, ‘ou você muda isso ou você sai da igreja’. Ele saiu da igreja, supermagoadado, e hoje ele é o diretor presidente de uma igreja inclusiva para homossexuais no centro de São Paulo”.

Rebeca terminava sua fala dando graças a Deus porque os líderes das igrejas que estavam ali naquele encontro poderiam ter atitudes melhores do que muitos outros pastores que, mesmo ungidos por Deus, erram com estas atitudes.

É nítida a diferença entre o olhar do Ministério e o olhar dos ouvintes a pessoas com comportamentos fora do padrão. Enquanto os ouvintes demonstravam desconforto e dificuldade em conviver com pessoas de comportamentos considerados não heteronormativos, observando nestas condutas pedidos de ajuda e sinais de sofrimento, querendo nelas intervir, o Ministério se colocava de forma menos invasiva. A presença de pessoas com atrações pelo mesmo sexo dentro do Ministério e o maior contato e convivência do Ministério com pessoas que têm desejos homoeróticos gerava a utilização maneiras mais sedutoras e menos aversivas para promover o controle de práticas homoeróticas.

A atração pelo mesmo sexo como um distúrbio tinha sua fundamentação psicanalítica, como veremos no próximo tópico, mas era sustentada a partir de um viés religioso, como observado nos estudos de Natividade e Oliveira (2013), Machado e Piccolo (2010), Gomes (2006) e Macedo e Sivori (2018).

Num dado momento aberto para perguntas, questionou-se se existe vínculo entre a possessão demoníaca e a prática homoerótica. Alice responde que por conta desta prática ser um pecado descrito na Bíblia ela conseqüentemente leva o ser a um distanciamento de Deus. Citando que a Bíblia, especificamente no capítulo 6 do livro de Provérbios, afirma que existem pecados mais graves que outros, que destroem

mais a imagem divina que outros. Neste sentido, ela diz que as relações sexuais ilícitas são piores porque são pecados que vão contra uma instituição sagrada e sublime – o intercuro sexual – e contra o corpo – que é considerado o templo do espírito santo pelos Cristãos. Ela também diz que no livro bíblico de Gênesis, está escrito que o homem e a mulher se tornam um ao terem uma relação sexual, e é esta unidade que representa criatura humana formada por Deus.

“Você fazer sexo com a sua namorada é pecado? É. Mas você fazer com duas mulheres não é pior? Não te degrada mais como ser humano? Te degrada mais! Ter relações sexuais com um cavalo não te degrada mais? Claro que te degrada mais. Então tem diferenças. [...] Deus criou o homem, dois pontos, seria a pontuação correta, homem e mulher os criou. Homem e mulher formam o homem, o ser humano, [...] então na relação sexual um homem e uma mulher se tornam homem, a humanidade”.

Alice então, concluiu que existe sim um vínculo entre possessão demoníaca e a prática homoerótica, já que esta leva o distanciamento da pessoa a Deus, o que a deixa mais vulnerável nas mãos do Diabo.

“A relação sexual correta ela é profundamente espiritual e te aproxima de Deus. O sexo ilícito destrói a imagem de Deus no ser humano. [...] Orgias sexuais, sexo homossexual, sexo com animais, eles destroem mais. Por isso que lá em Levíticos fala, junto com a lista de pecados sexuais [...] que é abominável. [...] Então te separa sim mais de Deus, [...] quanto mais longe de Deus você está, mais fácil do Diabo te influenciar, mais fácil de Satanás ter acesso a você. Então sim, tem uma relação espiritual, com certeza”.

Samuel complementou a fala de Alice dizendo não haver um demônio específico das atrações pelo mesmo sexo, como alguns podem conceber e que a origem destas atrações não tem a ver com uma entidade demoníaca específica, mas sim dos conflitos nos vínculos familiares.

Nos encontros, Edson dizia que muitas vezes o Ministério tinha dificuldades em acessar as igrejas por elas não conhecerem a iniciativa, ou seja, pelo preconceito com relação ao tema, mas afirmava que no momento que as igrejas se informavam

mais sobre o trabalho, o preconceito caía. Numa das palestras, Alice complementou uma dessas falas de Edson afirmando que há a necessidade de a igreja ir em busca de pessoas com atração pelo mesmo sexo para conduzir estas pessoas de volta aos caminhos de Deus e para curar suas feridas. Ela falava que Deus condena fortemente os pastores e membros da igreja que não vão em busca destas ovelhas perdidas e assim fazia um apelo aos ouvintes para que eles não fossem tais pastores negligentes e que buscassem e cuidassem das pessoas homoafetivas e de suas famílias. Num de seus testemunhos, Samuel também adicionava à sua fala que necessitava muito do apoio da igreja para que o Ministério pudesse permanecer e continuar mesmo após as prováveis retaliações vindas de outros setores da sociedade:

“Nós precisamos das orações de vocês. A gente está vendo que a esquerda progressista, o loby gay, está ficando cada vez mais poderoso e a gente precisa se armar das armas corretas com amor, porque a gente não deve combater ódio com ódio, de forma alguma. Homofobia jamais. Os gays dizem que esse tipo de iniciativa gera maior homofobia. De forma alguma. Pelo contrário, você mostra que essas pessoas que querem deixar a homossexualidade elas precisam ser abraçadas. Então a gente precisa de oração porque a gente sabe que vai vir muita carga pesada por aí e a gente tá aguentando com fé em Deus. [...] Existe um medo da igreja em questão de processo, essas coisas todas, mas a gente precisa enfrentar tudo isso, precisa se armar entre nós com as armas de Deus porque vai ser difícil mesmo”.

Se torna evidente que o tratamento das atrações pelo mesmo sexo apresentado pelo Ministério não vem separado de um fortalecimento espiritual e de um engajamento religioso. Ele depende da filiação do sujeito a uma crença espiritual que sustente a noção de que o exercício homoerótico é pecaminoso, como prega a fé cristã fundamentalista. Ou seja, para que haja tratamento, é necessário que haja a crença. Esta associação é descrita por Macedo e Sivori (2018), quando apresentam a articulação entre igrejas protestantes e psicólogas cristãs no Brasil ao reciclarem o julgamento da atração sexual entre pessoa de mesmo sexo como um fenômeno decadente, maldoso e doentio, num movimento de repatologização deste fato. Importante ressaltar que, neste ponto, o homoerotismo é desatrelado dos outros transtornos mentais, já que estes não dependem necessariamente de uma ligação

espiritual e religiosa para serem tratados psicologicamente, enquanto o homoerotismo sim.

Na terceira palestra que participei, uma liderança de outro Ministério cristão de apoio para o não exercício das práticas homoeróticas, que afirmava ser um estudante de psicologia que queria se especializar no campo da sexualidade, foi convidado para contribuir com as palestras. Numa de suas falas, ele disse que a terapia para quem sentia AMS era muito importante, mas que não poderia ser feita com qualquer psicólogo: tinha que ser feita com alguém que fosse cristão, que não misturasse religião com a terapia, mas que visse a atração homoerótica como um sintoma. Havia certa incongruência nesta afirmação: como não misturar religião com terapia se a necessidade da procura por um terapeuta cristão vinha estritamente de uma demanda religiosa de assegurar que o sujeito não seria confrontado com suas crenças religiosas?

É possível aqui distinguir entre o trabalho de um profissional em psicologia e do pastorado. Segundo o código de ética profissional do psicólogo no Brasil, é vedado ao psicólogo “induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito” (CÓDIGO..., 2005, p. 4).

Caso a(o) psicóloga(o) seja comprometida(o) com sua profissão e preocupada(o) em buscar a qualidade de vida da pessoa, promovendo a liberdade, a igualdade, a integralidade, em fazer um trabalho com responsabilidade social e visando a eliminação de opressões, crueldades e violência, não importa qual seja a ideologia pessoal do profissional para acolher desconfortos da pessoa com relação a seus desejos homoeróticos. Não deve ser a(o) psicóloga(o) quem diz à pessoa o que fazer de sua vida, que comportamentos ter ou pelo que decidir; mas sim acompanhá-la ao ela mesma construir um modo de vida que lhe pareça adequado através da conscientização das influências estruturais às sensações, emoções e comportamentos e de elaboração dos valores e sentidos da própria existência.

É necessário considerar aqui que o profundo sofrimento, a angústia, a ideação e a tentativa de suicídio em pessoas com atrações homoeróticas provenientes de comunidades religiosas acontecem principalmente por influência de comportamentos discriminatórios sustentados por crenças na pecaminosidade da homossexualidade e nas prescrições religiosas quanto à obrigatoriedade do celibato (FREEMAN-COPPADGE, 2018) ou à heteronormatividade compulsória (NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2009a). Natividade e Oliveira (2013) já descreveram sobre este tema,

discorrendo como as ideações suicidas providas de sujeitos LGBTQIA+ estão embasadas nas relações de poder encontradas nos ambientes religiosos que promovem guerras contra orientações não heterossexuais.

Existem relatos na literatura científica que descrevem o bem-estar gerado pelo exercício homoerótico após o rompimento com as crenças religiosas mais ortodoxas sobre a sexualidade, como em Castro Filho (2016). A partir daí deduz-se que se não fosse pelas crenças religiosas, estas angústias não viriam à tona quando os desejos por vivenciar as práticas homoafetivas e homoeróticas surgissem. Esta hipótese vai contra o que dizia Samuel ao explicar que pessoas com atrações pelo mesmo sexo sentem um vazio existencial ao não trabalharem e elaborarem os traumas emocionais que causaram a homoafetividade e o homoerotismo, como sendo tais desejos problemas em si mesmos e necessários de tratamento.

8.4 A Adoção da Psicanálise Pós Freudiana Para Uma Concepção da Atração Homoerótica e Homoafetiva Como Um Distúrbio

Como já apontado na seção do testemunho de superação da atração homoerótica feminina, Blevins (2007a) já observava que os discursos de verdade sobre este fenômeno providos dos Ministérios de cura religiosos têm um forte teor psicanalítico em sua linguagem. De fato, na trajetória histórica da psicanálise houve expressiva produção teórica que observava a atração homoerótica como algo a ser tratado (HAYDÉE, 1999), mas isso não parece ocorrer com a atitude dos psicanalistas brasileiros dos últimos anos. O estudo de Vezzosi, Ramos, Almeida Segundo e Costa (2019), que investigou as crenças e atitudes corretivas de profissionais brasileiros de psicologia sobre a atração homoerótica, mostra que psicólogos das abordagens psicanalistas e psicodinâmicas, ao serem comparados com os psicólogos de abordagens comportamentais, sistêmicas, humanistas e outras, são os que apresentam menores níveis de atitudes corretivas tanto quando são solicitados pelos usuários por tratamento de suas atrações homoeróticas quanto quando não são solicitados. Para estes autores isso é resultado da extensa crítica que a abordagem recebeu em relação a sua postura à diversidade sexual de gênero durante sua história,

o que fez com que os terapeutas da psicanálise mudassem seu posicionamento teórico e técnico.

Ainda assim, é importante salientar que esta concepção patológica da atração pelo mesmo sexo não vem dos fundamentos do criador desta abordagem. Segundo Paoliello (2013) Freud esclarecia que não existe sexualidade humana determinada, sendo ela sempre polimorfa e originariamente bissexual. A atração pelo mesmo sexo seria somente uma de suas nuances, uma das orientações sexuais, havendo a possibilidade da atração pelo mesmo sexo e pelo sexo oposto terem tanto um aspecto de saúde quanto de patologia. Esta afirmação se encontra numa nota acrescentada ao livro “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, em que Freud descreve:

“a psicanálise considera que a escolha de um objeto, independentemente de seu sexo - que recai igualmente em objetos femininos e masculinos-, tal como ocorre na infância, nos estágios primitivos da sociedade e nos primeiros períodos da história, é a base original da qual, como consequência da restrição num ou noutro sentido, se desenvolvem tanto os tipos normais como os invertidos. Assim, do ponto de vista da psicanálise, o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também constitui um problema que precisa ser elucidado, pois não é fato evidente em si mesmo, baseado em uma atração, afinal de natureza química” (FREUD, 1905/1972, p. 146).

Desta maneira, Freud ressaltava que a homossexualidade não deveria ser tratada nem no âmbito jurídico, nem na esfera da saúde mental, opondo-se à ideia de que pessoas com atrações homoeróticas deveriam ser destacadas como um grupo à parte do resto da humanidade, e possuidores de características específicas. Numa resposta de Freud a um jornal que pediu seu pronunciamento sobre um escândalo envolvendo uma importante personalidade acusada de práticas homossexuais, ele se preocupa quanto a percepção dos homossexuais como doentes:

“A homossexualidade não é algo a ser tratado nos tribunais. [...] Eu tenho a firme convicção que os homossexuais não devem ser tratados como doentes, pois uma tal orientação não é uma doença. Isto nos obrigaria a qualificar como doentes um grande número de pensadores que admiramos justamente em razão de sua saúde mental. (FREUD, 1903 apud MENAHEN, 2003, p. 14).

Freud também defendeu a tolerância e o empenho humano em conviver com as questões emergentes no cotidiano da sexualidade:

“Em matéria de sexualidade, somos todos, no momento, doentes ou sãos, não mais do que hipócritas. Será muito bom se obtivermos, em consequência

dessa franqueza geral, uma certa dose de tolerância quanto às questões sexuais. [...] E também aqui há trabalho suficiente para se fazer nos próximos cem anos – nos quais nossa civilização terá de aprender a conviver com as reivindicações de nossa sexualidade” (FREUD, 1898/2006, pp. 254, 264).

Respondendo a uma mãe preocupada com as atrações homoeróticas de seu filho, Freud afirmou:

“A homossexualidade não é, certamente, nenhuma vantagem, mas não é nada de que se tenha de envergonhar; nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual” (FREUD *apud* JONES, 1979, p. 739).

Freud não se opunha à admissão de psicanalistas que tivessem atrações pelo mesmo sexo para as associações de psicanálise. Ao responder ao presidente da Associação Internacional de Psicanálise em 1921, Ernest Jones, que era contra a admissão destes profissionais, Freud afirmou:

“Sua pergunta, estimado Ernest, sobre a possibilidade de filiação dos homossexuais à Sociedade, foi avaliada por nós e não concordamos com você. Com efeito, não podemos excluir estas pessoas sem outras razões suficientes [...] em tais casos, a decisão dependerá de uma minuciosa análise de outras qualidades do candidato” (FREUD *apud* LEWIS, 1988, p. 33).

Segundo Ceccarelli (2008), numa posição também contrária ao impedimento da entrada de pessoas com desejos homoeróticos nas sociedades de psicanálise, Jacques-Marie-Émile Lacan “os recebia em análise, aceitava-os como membros da École Freudienne de Paris, fundada por ele, e nunca tentou transformá-los em heterossexuais” (p. 78). Este mesmo autor demonstra uma posição lacaniana que valorizava a atração por contestar a ordem social burguesa:

“Lacan, que dizia haver sempre uma disposição perversa em toda forma de amor, entendia o homossexual de uma maneira bem próxima à de Proust: um personagem sublime e maldito; um ‘perverso’ pois ele subverte, perverte o discurso dominante da civilização. Por conseguinte, o reconhecimento da homossexualidade como ‘subversão’ não levava nem à discriminação nem a discursos repressivos” (Ceccarelli, 2008, p. 78).

Continuando a exposição das visões psicanalíticas contrárias à condenação das pessoas que sentem atrações homoeróticas, Freud afirmou que a psicanálise não deveria se ater a resolver o assunto do desejo sexual entre pessoas do mesmo sexo:

“Não compete à psicanálise solucionar o problema do homossexualismo. Ela deve contentar-se com revelar os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha de objeto, e remontar os caminhos que levam deles até as disposições pulsionais” (FREUD, 1920/1076, p. 211).

Em concordância com Freud, Haydée (1999) discorre que a psicanálise não deve ser uma ciência normativa, normalizadora, que promove o modelo reprodutivista, considerando-o como natural, porque para a psicanálise “não há naturalidade na sexualidade humana” (p. 51). Ao apresentar uma postura voltada à isenção da psicanálise e do psicanalista de ocupar uma posição ideológica e moral, a autora escreve:

“Nosso dever como psicanalistas frente aos direitos de quem sofre, pelos seus sintomas ou pelos sintomas sociais, é o de apresentar uma teoria que diferencie claramente os aspectos descritivos e as construções metapsicológicas daqueles aspectos normativos, ideológicos e preconceituosos com os que muitas vezes são confundidos. A Psicanálise não pode atribuir para si o poder de legislar ou de emitir juízos sobre o que está certo ou errado, sobre se a forma de estruturação da identidade ou do desejo sexual ‘escolhida’ pelo sujeito é a adequada” (p. 51).

De acordo com Ceccarelli (2008) considerar o desejo sexual pelo mesmo sexo como um problema a ser tratado é uma construção simbólica própria da cultura ocidental. A invenção da atração homoerótica como patologia e a manutenção desta noção estão atreladas a elementos mitológicos constitutivos do imaginário ocidental, baseados nos ideais judaico-cristãos de normalidade que definem as regras de conduta e determinam como a sexualidade deve ser vivida. Da mesma maneira que a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo era aceita e tolerada em algumas culturas, como na Grécia, Pérsia, Roma e China, o autor relata que o cristianismo não foi a única ideologia que condenou e rejeitou a prática homoerótica no local onde se estabeleceu: os assírios, os hebreus e os egípcios também o fizeram. Entretanto, com o evento do estabelecimento do cristianismo no ocidente, onde seria futuramente o berço da ciência moderna, sua ideologia influenciaria todas as esferas da vida humana, como a ciência e o direito por exemplo, fazendo com que a homoafetividade e o homoerotismo se tornassem, em alguns momentos da história, um crime passível de morte e um transtorno a ser tratado.

Mas essa análise histórica da trajetória da psicanálise não é considerada por alguns psicanalistas mais atuais e claramente não era concebida por alguns pós freudianos. Contrapondo às atitudes apresentadas anteriormente, alguns

psicanalistas que vieram após Sigmund Freud não tinham a mesma opinião que ele quanto ao tema do amor e sexo entre iguais. De acordo com Ceccarelli (2008), a sociedade psicanalítica de Berlim não aceitava a admissão de analistas com atrações homoeróticas porque eles nunca poderiam ser curados da inversão que sofriam através da análise.

Segundo o mesmo autor, Anna Freud, filha de Sigmund Freud, também não concordava com seu pai e era contra o acesso de pessoas com estes desejos à profissão de psicanalista. Ceccarelli (2008) aponta que em sua prática clínica, a filha de Freud “tentou transformar homossexuais em pais de famílias heterossexuais, o que redundou em grandes fracassos” (p. 77). O autor diz que César Botella (1999) vai pelo mesmo viés de Anna Freud, dizendo que é possível afirmar que a psicanálise consegue resolver o problema da atração homoerótica, ainda que afirme estar trabalhando com modelos teóricos sem sustentação clínica.

Ceccarelli (2008) continua mostrando que outra vertente da psicanálise, a escola de Melanie Klein, também considerava a atração pelo mesmo sexo uma patologia grave, “uma variante de um estado psicótico mortífero e destruidor” (p. 78), o que impossibilitava pessoas com tais atrações, consideradas como doentes e desviantes, de se tornarem psicanalistas.

“A corrente ligada a Melanie Klein, entendia a homossexualidade feminina como uma identificação a um pênis sádico, e a masculina como um problema esquizóide da personalidade ou como uma defesa contra a paranoia” (p. 78).

Ceccarelli (2008) também faz menção a outros psicanalistas pós freudianos que não escondiam sua homofobia: é o caso de Edmund Bergler (1956), que assim escrevia:

Não tenho preconceito contra a homossexualidade [...] [mas] os homossexuais são, por essência, pessoas desagradáveis, que não se preocupam se suas atitudes agradam ou não. Possuem uma mistura de arrogância, falsa agressão e lamúria. Como todos os masoquistas psíquicos, são obsequiosos quando se encontram confrontados a uma pessoa mais forte; impiedosos quando têm o poder, sem escrúpulos quando se trata de esmagar alguém mais fraco [...] raramente encontramos um ego intacto entre eles (BERGLER, 1956, p. 26).

Também é o caso de Carles Socarides (1995), coma seguinte descrição:

O homossexual pode parecer não ser doente, exceto na hipocrisia de sua vida sexual. Certos homossexuais muito perturbados não têm angústia, pois estão constantemente engajados em relações sexuais com pessoas do mesmo sexo – o que alivia sua ansiedade (SOCARIDES, 1995, p. 110).

Analisando como a psicanálise influenciou os manuais de transtornos mentais, Dunker e Neto (2010) apontam como as tentativas mais atuais de colocar a homossexualidade num patamar menos patológico não pareceram ter eficácia suficiente para tal feito:

“se é verdade que uma determinada forma de psicanálise teria inspirado diretamente a formação do sistema DSM (pelo menos até sua segunda edição) e se é verdade que a psicanálise teria, assim, transmitido um modelo adrocêntrico, heterossexual e neuroticocêntrico ao DSM, que culminou na associação entre homossexualidade e perversão, teria de fato a solução nominalista representada pela "homossexualidade egodistônica" resolvido o problema? Ou a presença dessa categoria representa justamente um sintoma dessa razão diagnóstica?” (p. 429).

Apesar de Freud, sentimentos e atitudes homofóbicas fizeram parte da história da psicanálise. Da mesma forma, a Igreja Adventista do Sétimo Dia também se demonstra de acordo com alguns destes discursos: em meios de comunicação da denominação, estes conteúdos são bastante utilizados para se falar sobre a homossexualidade.

Num vídeo disponibilizado no *Youtube* em 21 de Novembro de 2019, o pastor adventista Leandro Quadros defende a atitude do Colégio Adventista de Belém do Pará em aplicar uma prova com a pergunta “como evitar o homossexualismo” (BALLOUSSIER, 2019b). O pastor afirma que para que haja democracia, a sociedade também precisa permitir opiniões que vão contra o exercício de práticas homoeróticas. Segundo ele, caso os meios de comunicação julguem o posicionamento da igreja de homofóbico, são eles que se comportam de forma preconceituosa, “heterofóbica” e antidemocrática, não estimulando este tipo de debate. No vídeo, o pastor refere que há provas científicas para a divulgação e o incentivo da família tradicional constituída por homem e mulher, mas que a mídia teria o interesse político de esconder e não dar acesso a tais provas científicas de que a atração pelo mesmo sexo não é natural do comportamento humano.

“Você vai ver que muita informação que a mídia passa na verdade é desinformação. Você vai ver que na verdade há preconceito para com o

heterossexual também, além do preconceito para com o homossexual. Porque se um heterossexual expressa sua opinião com base na bíblia e com base na ciência esse heterossexual tem que ser respeitado da mesma forma que um homossexual expressa sua opinião com base na ciência, na filosofia, ou naquilo ao qual ele se apegue e que possa servir como base. Isso é democracia” (QUADROS, 2019, online).

Ele apresenta citações do psicólogo Joseph Nicolosi (1991), citado pelo Ministério para demonstrar como “existem opiniões na psicanálise e na psicologia que estão de acordo com a Bíblia” (QUADROS, 2019, online). O pastor até mesmo se utiliza da ideia de Lacan sobre o desejo homoerótico como uma perversão para fundamentar a visão cristã condenatória da prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, provavelmente sem ter conhecimento da postura subversiva lacaniana frente à ordem e ao controle social. Este mesmo pastor tem dois outros vídeos publicados em 2015 no canal do Youtube chamado de “Na Mira da Verdade” em que ele fala especificamente sobre a prática homoerótica através do mesmo viés (QUADROS, 2015a e 2015b). Num desses vídeos, para mostrar que a retirada das atrações pelo mesmo sexo como uma doença dos manuais diagnósticos de psiquiatria foi de ordem não científica, Quadros diz:

“Por incrível que pareça, esta mudança não ocorreu por dados científicos, [...] mas por pressão do ativismo gay. [...] A imprensa infelizmente não faz questão de divulgar essas informações. [...] A homossexualidade deixou de ser classificada como transtorno em 1973 pela associação americana de psiquiatria. O detalhe é que ativistas por duas vezes, tanto em 1970 quanto em 1971 invadiram o encontro anual da associação de psiquiatria e pressionaram para que fosse tirado do manual de diagnóstico e estatística, o DSM. E aí o que ocorreu? Foi feita uma votação em 9 de abril de 1974 e aí, olha o que aconteceu: 55% das pessoas que participaram dessa votação votaram a favor da retirada da homossexualidade entre os transtornos. Porém, 42% das pessoas, dos especialistas, se abstiveram de votar. O que isso nos indica: longe de ser um consenso científico a retirada da homossexualidade da lista de transtornos foi por votação e por pressão do ativismo e não por numerosas informações científicas que pudessem realmente justificar essa votação” (QUADROS, 2015b, online).

O canal “Na Mira da Verdade” é, em realidade, um dos programas apresentados pela “TV Novo Tempo”, a rede de televisão brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esta rede tem outro programa, com seu canal próprio no *Youtube* chamado de “Sem Tabus” que se especializa em promover entrevistas com convidados sobre temas focados na sexualidade humana a partir da visão da Igreja

Adventista do Sétimo Dia; de acordo com sua descrição no *Youtube*, o programa tem o objetivo de falar de sexo sem medo e sem vergonha.

Após uma breve pesquisa realizada em 24 de setembro de 2019 sobre os temas abordados por cada programa do canal “Sem Tabus” do *Youtube*, contabilizamos 16 programas que abordam o tema da atração pelo mesmo sexo especificamente. Destes, 6 programas apresentam testemunhos de pessoas que afirmam se sentirem realizadas por haver renunciado suas atrações homoeróticas; 5 programas expõem como lidar com espiritualmente com esta questão; um programa se empenha em abordar o respeito com que as pessoas com estes desejos devem ser tratadas; outro programa é dedicado especialmente para falar sobre a ciência e a atração homoerótica, recebendo um médico neurocientista cristão para defender a visão de que esta atração é algo incoerente à natureza humana; e por fim três programas são separados para falar sobre a existência nefasta da suposta ideologia de gênero.

Em dois destes últimos três programas citados, o canal recebeu como entrevistada a psicóloga Marisa Lobo. A entrevistada já travou algumas batalhas jurídicas contra o Conselho Regional de Psicologia do Paraná – CRP-PR – por conta de seu posicionamento. De acordo com Galani (2014) a psicóloga recebeu penalidade de cassação da licença profissional imposta pelo CRP-PR por “fundamentar suas práticas profissionais em dogmas religiosos, oferecendo ‘cura gay’ aos pacientes” (GALANI, 2014, online). Em notícia expedida pelo site do CRP-PR (2016), o conselho aponta que a psicóloga interpôs um Mandado de Segurança na 2ª Vara Federal de Curitiba alegando falhas procedimentais e desrespeito a dispositivos constitucionais em seu processo disciplinar. A notícia continua explicando que após a sentença de primeiro grau favorável a Marisa, esta veio à mídia dizendo sofrer perseguição do conselho por ser cristã. O CRP-PR recorreu ao Tribunal Regional Federal da 4ª Região que acatou o recurso interposto e reformou a decisão de primeiro grau. Segundo o CRP-PR (2016) a partir desta decisão, todos os recursos movidos pela psicóloga tiveram decisões favoráveis ao CRP-PR.

“O Superior Tribunal Federal (STF) não deu seguimento ao Recurso Extraordinário interposto pela Psicóloga Marisa Lobo [...] que pleiteava o reconhecimento de ofensa ao texto constitucional na condução dos procedimentos ligados ao Processo Disciplinar Ético no qual é parte denunciada. A Ministra Rosa Weber entendeu que não há afronta a questões constitucionais no caso, conferindo, portanto, legalidade aos procedimentos

adotados pelo Conselho Regional de Psicologia do Paraná (CRP-PR). [...] O CFP [Conselho Federal de Psicologia] realizou o julgamento do recurso administrativo interposto pela Psicóloga e reformou a penalidade de cassação do exercício profissional para a penalidade de Censura Pública. [...] Todos os recursos foram negados [à psicóloga], inclusive pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ), em 04 de março de 2016. Em 12 abril de 2016, a decisão do STF põe fim à questão” (CRP-PR, 2016, online).

Entretanto, noutra situação a psicóloga obteve êxito no embate contra o conselho. Numa ação indenizatória por dano moral movida pelo CRP-PR contra Marisa Lobo, que a acusava de submeter a autarquia a situação vexatória e constrangedora na mídia, degradando a dignidade e a atuação do conselho, em março de 2017 a juíza Soraia Tullio, da 4ª Vara Federal de Curitiba decidiu em favor da psicóloga, justificando sua sentença no direito à liberdade de opinião e à liberdade de crítica às instituições (BALLOUSSIER 2017).

Quando entrevistada pela Folha de São Paulo em 2014 (BALLOUSSIER, 2014) a psicóloga garantiu que existem pessoas que renunciam seus desejos pelo mesmo sexo, que muitas vezes são humilhadas e que a procuram por ajuda. Ela negava oferecer tratamentos para curar tais desejos, mas afirmou ter “um grupo de 49 amigos ex-gays no Whatsapp e um grupo no Facebook com mais de 150 ex-gays” (BALLOUSSIER, 2014, online).

Lobo tem alguns livros publicados, tanto com ênfase cristã – como “Psicopatas da fé” (LOBO, 2011) – quanto com ênfase psicológica – como “Limites: O caminho para o equilíbrio emocional dos seus filhos” (LOBO, 2019). A psicóloga também escreveu um livro falando sobre a chamada ideologia de gênero, com o título “Famílias em perigo: O que todos devem saber sobre a ideologia de gênero” (LOBO, 2016). Por conta desta pauta, ela se envolveu com partidos políticos conservadores, vendo no pastor e deputado federal Marco Feliciano seu mentor, a quem se uniu politicamente para denunciar o ensino da ideologia de gênero nas escolas (BALLOUSSIER, 2017).

A proximidade do discurso de Lobo com o discurso da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre questões de gênero e sexualidade lhe renderam vários convites para entrevistas do canal televisivo da igreja. No episódio intitulado “História da Ideologia de Gênero Parte 1” de 29 de Novembro de 2017, Lobo diz ao programa “Sem Tabus” que a ideologia de gênero tem uma agenda ideológica baseada no marxismo e no feminismo para promover uma nova ordem mundial e acabar com o cristianismo.

“[A ideologia de gênero] é um braço de uma revolução cultural mundial que visa implantar o socialismo no mundo e aqui no Brasil. É um braço dessa desconstrução cultural, dessa nova ordem mundial que visa a reorientação da sexualidade humana e do gênero humano. [...] É uma guerra ideológica, política, de gênero contra uma religião [o cristianismo] que é uma maioria numa população. Então eu visto destruir essa maioria como? Acabando com a fé. É difícil acabar com a fé de uma pessoa. Não se você desconstruir e erotizar a criança. Porque em menos de 14 anos, acabou. Você vai criar um colapso cultural. [...] Nós estamos lutando contra a cultura. O nosso movimento não é um movimento cultural, é um movimento contra essa cultura que quer ser implantada no Brasil e entrou dentro da educação de um jeito que dá medo do que eles estão fazendo com as crianças” (LOBO, 2017a, online).

Na Parte 2 deste programa, que foi ao ar no dia 06 de Dezembro de 2017, Marisa continua advertindo os espectadores sobre como os professores, influenciados pela ideologia de gênero, estão oprimindo as crianças com a imposição da diversidade sexual e de gênero e gerando conflitos psíquicos ao apresentarem ideias diferentes da moral e das tradições cristãs:

“Muitos professores estão usando da sala de aula como uma ferramenta de revolução, uma ferramenta para impor essa revolução socialista, estão partindo para o marxismo cultural; desde pequenininha a criança estudando sobre Marx no ensino básico; então desde pequenininho a criança aprendendo coisas de militância, de ativismo, e professores sendo usados inclusive politicamente. E isso está mexendo muito com a criança. E essa banalização da sexualidade está criando transtornos gravíssimos. Inclusive crianças com pesadelo, crianças com compulsão sexual, crianças que estão, pela fala do professor, sendo erotizadas e vão na internet, porque é muito fácil, buscar essas falas na internet. E encontram o que? Pornografia. E a pornografia é um vício que acomete o sujeito que é pior do que a cocaína. Então crianças estão sendo viciadas em sexo” (LOBO, 2017b, online).

Noutro episódio deste mesmo programa, chamado “Filhos Homossexuais”, que foi ao ar no dia 31 de Janeiro de 2018, Lobo diz que a atração pelo mesmo sexo atualmente não está necessariamente pautada nos traumas do passado familiar da pessoa, mas também com a erotização da criança na escola.

“Hoje em dia é muito diferente de anos atrás. Anos atrás nós podíamos dizer que todo o conflito familiar poderia gerar uma pessoa insatisfeita com sua sexualidade heterossexual. Nós poderíamos dizer que toda a criança abusada é hoje um homossexual. Mas hoje não é mais assim. Por que? Porque com essa diversidade, essa erotização infantil há muito tempo, desde os últimos 20 anos que a gente vê isso muito presente na escola, então muita coisa mudou, até o sentido das coisas né?” (LOBO, 2018, online).

Ela também afirma que somente uma conversão verdadeira ao cristianismo pode dar forças para que o quem tem atrações pelo mesmo sexo possa lutar contra sua tendência:

“O que faz uma pessoa buscar um outro estilo de vida, digamos assim, é a fé, queira ou não queira. Então primeiro ele vai ter que se apaixonar por esse Deus para querer viver conforme esse Deus ensina. [...] Se o filho está nesse momento sentindo desejo homossexual ele só vai desistir disso, é uma desistência, se ele entender o plano da salvação, se ele olhar pra esse Jesus e querer seguir esse Jesus. Se ele não quiser seguir esse Jesus, nada vai mudar. [...] Quando o ser humano entende o propósito de Deus na vida dele, ele toma aquilo pra ele de um jeito que não tem desejo sexual que o prenda. E isso pra heterossexualidade, pra qualquer coisa. Não tem. Porque ele resolve servir esse Deus. Quando a gente fala, Deus cura, sara e liberta é nesse sentido que a gente está falando mesmo” (LOBO, 2018, online).

Na entrevista a psicóloga também afirma que não se pode dar falsas expectativas às pessoas dizendo que o desejo homoerótico desaparecerá, ainda que isso aconteça com algumas pessoas. Ela diz que o trabalho não deve focar na ausência da atração, mas na sublimação do desejo, deslocando, canalizando essa energia psíquica para outras atividades, como para servir a Deus. Assim, com a constante e diária rejeição, renúncia, domínio próprio e distanciamento do desejo, a atração pode não aparecer tão frequentemente, pode ficar adormecida ou mesmo pode se transformar em outro sentimento. Ela diz também que a extinção do comportamento vem através do desvio da atenção dele e não no foco da atenção nele.

Utilizando o nome eleitoral “Marisa Lobo Psicóloga Cristã” a psicóloga já foi candidata em 2014 para o cargo de deputada federal, em 2016 para o cargo de vereadora e em 2018 para o cargo de deputada federal novamente, não tendo conseguido eleger-se para tais cargos. Atualmente a psicóloga atua no cargo de presidente do partido político “Avante” no estado do Paraná.

Balloussier (2019a) mostra que Marisa Lobo também apoiou em 2019 a chapa “Movimento Psicólogos em Ação” liderada por Rozangela Justino para a gestão trienal do Conselho Federal de Psicologia a partir de Dezembro de 2019. Como já observado por Gonçalves (2019) Justino também se envolveu em batalhas judiciais por motivos similares aos de Marisa Lobo: em 2009 recebeu censura pública pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) por propagar e atuar em terapias de reorientação sexual.

Segundo Gonçalves (2019), Justino afirma já ter aliviado o sofrimento de várias pessoas com atrações pelo mesmo sexo, percebendo este fenômeno como

uma perversão a ser tratada, um distúrbio provocado por traumas da infância que é resolvido à medida que a pessoa compreende o porquê de ter se prendido a tal comportamento.

Em 2017, Justino liderou com mais 22 psicólogos uma ação popular contra o Conselho Federal de Psicologia (CFP) para derrubar sua Resolução 01/99 que proíbe psicólogos brasileiros de colaborarem com eventos e serviços que ofereçam tratamento e cura dos desejos homoeróticos. De acordo com Gonçalves (2019), por conta desta ação, em setembro de 2017 o juiz federal Waldemar Cláudio de Carvalho concedeu liminar que sustava os efeitos de parte da Resolução 01/99. No entanto, em abril de 2019, por solicitação do CFP ao STF de suspender os efeitos da sentença de Carvalho e extinguir a ação popular com o objetivo de manter a integralidade da Resolução 01/99, “o Supremo Tribunal Federal concedeu liminar mantendo a total eficácia e integralidade da Resolução, determinando a suspensão da tramitação da ação popular e os efeitos de atos judiciais nela praticados” (p. 192).

Ao analisarmos todos estes fenômenos, é possível presumir que quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia, em seus programas de televisão, se aproxima de médicos, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas que denunciam os estudos de gênero e sexualidade como perigosos para a humanidade, ela não somente o faz em função de alertar as pessoas sobre suas supostas consequências negativas, mas também para apoiar posições políticas favoráveis à sua visão e legitimar suas crenças e seu trabalho de evangelização através destes discursos de verdade.

Questionamos, no entanto, a adoção da psicanálise – e da própria ciência moderna – para legitimar os preceitos bíblicos especialmente no que se refere à condenação da atração homoerótica. A consideração de Freud sobre a bissexualidade como natural e universal nos seres humanos em seus anos iniciais de vida, por exemplo, contraria a ideia bíblica de que homem e mulher foram criados por Deus naturalmente um para o outro, como exposto pelo Ministério. Esta ideia de criação para a complementaridade descarta a necessidade de um processo de desenvolvimento psicosssexual para isso: seus corpos já teriam sido feitos com esta função a partir desta concepção.

Outra incoerência visível na adoção da psicanálise pelo Ministério é o próprio fato de Freud perceber a religião como originária de mecanismos inconscientes semelhantes aos que dão origem aos sonhos. Para Freud, a religião não é uma instituição criada por Deus para religar o humano à Ele, mas sim mais uma expressão

do desejo inconsciente humano, mais uma criação humana igual às demais produções da cultura que é passível de ser explicada pela própria psicanálise (KERBS, 2000).

Neste sentido, concordamos com este filósofo adventista Raúl Kerbs (2000) ao perceber certa contradição no movimento de legitimar o cristianismo com a ciência moderna ou com a filosofia. Vemos contradição em fundamentar o propósito de Deus em criar homem e mulher, um para o outro, a partir da teoria psicanalítica ao invés de perceber os textos bíblicos como suficientes em si mesmos para fazê-lo. Segundo este autor, quando se utiliza a ciência moderna e a razão não bíblica para sustentar os preceitos encontrados na Bíblia, cai-se no equívoco de tentar explicar os preceitos ali encontrados utilizando ferramentas que têm princípios completamente antagônicos aos apresentados pela escritura.

“La práctica científica no renuncia a la explicación de los fenómenos por sus causas, génesis o funciones naturales. Y, por más que la ciencia se base en lo inobservable a simple vista o en constructos teóricos, nunca abandona el continuo cerrado y espacio-temporal de causas y efectos naturales. Esto implica que la ciencia siempre verá los relatos bíblicos sobre las intervenciones divinas en la historia como algo extraño a su propia racionalidad. La ciencia podrá aportar muchas verificaciones de lo que dice la Biblia, pero para verlas como tales hay que mirar desde la Biblia y ya no desde la ciencia. La ciencia, más allá de las ideas particulares que cada científico pueda tener de ella, nació como una alternativa tanto a la explicación mitológica y filosófica del mundo como a la bíblica. De otro modo, ¿cómo explicaríamos todas las verificaciones científicas discordantes con la Biblia? Esto ya no constituye un problema para la ciencia, sino para el hombre que hace ciencia o que evalúa la ciencia desde la Biblia” (KERBS, 2000, p. 71).

Ao debater sobre o problema entre fé e razão, Kerbs (2001) apresenta uma alternativa de solução deste dilema a partir da criação de um conhecimento que seja criado completamente a partir dos textos bíblicos. O filósofo afirma que a Bíblia contém uma interpretação das pressuposições primordiais sobre o ser e sobre o conhecer que a razão necessita para produzir significados e que não necessita de saberes anteriores e externos para sustentar-se a si mesma.

“Lo que aquí proponemos es que, si se parte de los supuestos filosóficos propios de la Biblia, sin identificarlos con los de ningún otro saber, lo que se hace no es dar otra respuesta al problema ya que así éste no existe: la fe (Revelación) es verdadera interpretación de la razón frente a las otras interpretaciones de la razón; la fe es verdadera filosofía frente a otras filosofías; la fe es saber y no está a la espera de un saber que la eleve a inteligibilidad” (KERBS, 2001, p. 16 e 17).

De qualquer maneira, o que apresentamos aqui não é uma opinião de anuência com uma ortodoxia epistemológica que busca “purificar” a ciência a partir de um método que possa julgar o que é ou não é um conhecimento legítimo e aceitável, como muitas vezes o positivismo se coloca. Não é que acreditamos na necessidade da formulação de uma epistemologia cristã, muito menos que consideramos inaceitável certo sincretismo epistemológico. Ao contrário, concordamos com a necessidade de aproximar teorias e cosmovisões controversas numa tentativa de dar conta da complexidade dos fenômenos na construção de uma realidade mais intelectualmente rica.

Entretanto, o que problematizamos aqui é que se a Igreja Adventista do Sétimo Dia pretende alcançar aquilo que diz buscar alcançar, esta pureza de crença bíblica, este discurso de verdade totalmente fundamentado pelos princípios cristãos, esta rejeição das cosmovisões contrárias às suas interpretações bíblicas, este distanciamento daquilo que é considerado como conhecimento mundano e profano, ela necessita então criar uma epistemologia própria para produzir conhecimentos que verifiquem seus próprios valores e prescrições. O que afirmamos é que se o Ministério tem fé naquilo que a Igreja Adventista interpreta sobre a prática homoerótica a partir da Bíblia, ele não necessita buscar a aprovação, a validação e a legitimação de sua crença pelo método científico, especialmente quando este método científico é um sistema de crenças com uma visão cosmológica completamente diferente da sua. A Igreja Adventista não necessita da psicanálise para respaldar sua crença na heteronormatividade. Se quiser provar sua legitimidade, mais logicamente viável e legítimo seria fazê-lo, então, por epistemologias compatíveis à suas premissas.

9. A FAMÍLIA E O ACOMPANHAMENTO DOS PAIS

O Ministério observa a ocorrência do fenômeno do homoerotismo ou da homoafetividade como um fenômeno familiar, sistêmico, como algo que envolve todos os membros da família, e não somente a pessoa que sente tais atrações. Desta forma é apresentado que os pais também precisam estar abertos para trabalhar suas questões emocionais e suas dificuldades nos relacionamentos, principalmente quanto

às questões de controle, dominação e superproteção no cuidado, ausência afetiva, indiferença, hostilidade ou violência.

Por isso, algumas palestras eram direcionadas à orientação dos pais e à discussão de como a dinâmica familiar pode ser alterada em função de criar um ambiente propício para a cura das feridas emocionais e a manutenção de um espaço emocionalmente saudável e, por conseguinte, inóspito para o surgimento de desejos homoeróticos e homoafetivos.

Se dizia nas palestras que os pais não deveriam tratar filhos ou filhas com AMS de maneira diferente, como se possuíssem algo estranho das demais pessoas. Estes filhos e estas filhas deveriam ser percebidos como iguais às outras pessoas e deveriam receber um tratamento acolhedor, próximo e respeitoso, especialmente entre membros familiares do mesmo sexo – pai-filho, mãe-filha.

Em todos os encontros que participei encontravam-se muitos pais e mães de pessoas com atrações homoeróticas em busca de explicações e orientações sobre como agir. E em todos os encontros observei algum pai ou alguma mãe dando depoimentos sobre os processos de mudança do filho ou da filha que tinha AMS e hoje tem um relacionamento com uma pessoa do sexo oposto, ou do desafio de lidar com um filho ou filha que ainda não mudou de desejo e de comportamento. Os testemunhos serviam de incentivo e encorajamento para que os demais pais presentes na plateia se sentissem motivados a continuar batalhando em favor do alcance da suposta maturidade emocional dos filhos.

Por conta das várias afirmações providas do Ministério quanto a como os desejos homoeróticos das pessoas estão imbricados na relação com seus pais, seria impossível deixar de considerar as possíveis implicações que esta ideia geraria, como as respostas sentimentais dos pais e mães. É evidente que pode surgir sentimento de culpa nos pais, nas mães e nos cuidadores e cuidadoras ao constatarem que seus filhos ou filhas têm atrações sexuais por pessoas do mesmo sexo principalmente por conta de seus comportamentos. Ouvir do Ministério que sua família é considerada disfuncional – ao menos a família que não tem filhos hipersensíveis, se consideramos as hipóteses apresentadas pelo Ministério – não é a coisa mais agradável do mundo.

Num dos encontros, ao Edson perceber o desconforto dos pais e mães de pessoas com AMS que estavam presentes nas palestras, ele comenta que, como a homossexualidade é um resultado de uma influência multifatorial, eles deveriam considerar também a resposta dos filhos a estes fatores e não somente sua atuação:

“Parece que tudo é muita culpa dos pais né? O pai maltratou, a mãe maltratou, só que a gente não pode esquecer da percepção da criança também. Eu posso ter pais saudáveis, mas se a criança percebeu de uma maneira trocada, errada, isso é um problema da criança, não é dos pais. Então é lá na terapia que você vai conseguir acessar isso. [...] Toda a família tem coisas pra melhorar, não é? Nossos avós tinham coisas pra melhorar, os nossos pais têm coisas pra melhorar, nós temos coisas pra melhorar, não existe família perfeita. Então a gente não fala em culpa porque não sei se realmente houve alguma ferida causada pelos pais, nessa ferida de gênero, ou se a criança tem uma percepção errada de algo que aconteceu. Isso é muito importante. Por isso a gente tira a palavra culpa, a gente fala agora em mudanças que precisam ser feitas, porque a gente sabe que sempre tem o que melhorar. As causas são multivariadas. Os pais podem ter desajustes [...] e a criança pode ter tido uma percepção errada do que aconteceu ali”.

Também foi afirmado nas palestras que os pais não deveriam se sentir culpados por aquilo que não sabiam que estavam fazendo, por aquilo que não fizeram de propósito. Eles tinham parte nas atrações homoeróticas dos filhos – caso os filhos não fossem hipersensíveis –, mas não culpa. O Ministério dizia que após obterem conhecimento sobre o assunto, agora eles deveriam ter a responsabilidade em ser melhores pais e parentes, agindo de forma mais adequada no relacionamento com os filhos.

Ao serem aceitas as teorias apresentadas, a provável sensação de vergonha presente nos pais por estarem inseridos num contexto social religioso pode ser sobreposta pela percepção de responsabilidade sobre os desejos homoeróticos e homoafetivos de seus filhos e filhas. De acordo com “As 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia”, “as escrituras condenam as práticas homossexuais em termos fortemente negativos. [...] Práticas desse tipo produzem séria distorção da imagem de Deus sobre homens e mulheres” (ASSOCIAÇÃO..., 2008, p. 376).

Imaginamos que deva ser desconfortante aos pais adventistas supor que seus comportamentos inadequados na criação de sua prole puderam ter sido os fatores originários que predispueram os filhos ou filhas à uma possível perdição eterna. Mais angustiante ainda pode ser a verificação de que os próprios parentes não podem

controlar as escolhas dos filhos adultos pelo exercício de suas atrações pelo mesmo sexo. Num dos encontros, surgiu uma pergunta vinda de uma mãe que indagava: se as atrações homoeróticas tinham uma raiz emocional de uma família desestruturada, como Deus poderia julgar alguém que não é culpado de estar nessa situação? Um pastor adventista que se encontrava nesta reunião respondeu, então, que só Deus tinha o poder de julgar quem seria salvo ou não e que não havia sido conferido ao ser humano o poder de fazer esse tipo de julgamento. O pastor também afirmou que quando as pessoas chegassem no céu elas ficariam muito surpresas por verem pessoas que nunca imaginariam que estariam ali e afirmou que somente pela graça e pela fé em Jesus que a salvação aconteceria.

Se por um lado pais e mães podem se sentir culpados, por outro lado, seus filhos e filhas também podem vivenciar emoções de raiva ao ouvirem nas palestras que seus progenitores não lhe deram a atenção e o carinho suficientes para que um desenvolvimento considerado como “normal” acontecesse no passado. Percepções de injustiça também podem ser desencadeadas quando filhos e filhas concluem que foi pelo comportamento de outras pessoas que estas performances de gênero não hegemônicas e estes desejos homoeróticos e homoafetivos amplamente rejeitados e condenados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiram.

Também nos indagamos se a autoestima da pessoa que tem AMS não poderia ser prejudicada por ela se julgar como hipersensível, como a pessoa que não consegue distinguir apropriadamente os atos agressivos e hostis dos que são considerados normais ou adequados para a boa criação de filhos. Surge, então a pergunta: será que a teoria adotada pelo Ministério não gera certa frustração nas pessoas que não conseguem se relacionar afetiva ou sexualmente com as do sexo oposto já que não poderão alcançar a complementaridade na falta do “segundo eu”? Será que esta noção de alcance e superação da etapa do desenvolvimento normal pelo relacionamento heterossexual não gera um sentimento de fracasso existencial naquele ou naquela que não tem nem terá interesses pelo outro sexo? Estes questionamentos continuaram nos sensibilizando mesmo após o término dos encontros e mesmo com as respostas anteriormente dadas, como a do aspecto multifatorial da atração pelo mesmo sexo.

Voltando aos encontros, numa das palestras uma mãe presente na plateia levantou a pergunta sobre como saber quando o filho está interpretando as coisas de forma hipersensível e quais seriam os indícios de que a criança não está entendendo

bem os comportamentos dos pais. Edson respondeu à esta mãe que quando a criança começa a brincar com brinquedos do sexo oposto e permanece fazendo isso por 6 meses – quando o menino vive no mundo da fantasia, brincando com fadas e princesas e quando a menina foge do universo femininos e adota as brincadeiras e os trejeitos masculinos –, isso já seria um indício de que ela está interpretando erroneamente seu ambiente. Quando isso acontecesse, os progenitores de mesmo sexo deveriam se aproximar mais do filho e da filha com tal comportamento diferente para realizar mais atividades em conjunto, promovendo nele ou nela o aprendizado e o crescimento das performances masculinas ou femininas. Percebemos que tal resposta não direcionou as orientações para o tratamento da percepção hipersensível da criança, mas sim para a aproximação dos progenitores no cuidado e criação dela.

Esta presença e proximidade dos pais é uma das estratégias mais importantes apontadas pelo Ministério para o tratamento das feridas de gênero. Numa das palestras, o Ministério exemplificou esta necessidade apresentando o filme “James” de Connor Clements (2008); no filme, o personagem principal, James, é um adolescente estudioso, apreciador de música, que não tem amigos e que sofre *bullying* na escola. Em casa, os pais de James estão em contínuo conflito de relacionamento, seu pai não se interessa por ele nem por sua mãe e também demonstra ser hostil e ausente. É apresentado no filme que o personagem tem curiosidade por corpos masculinos e que geralmente espia outros homens que fazem uso do banheiro público. Numa dessas espreitadas, um usuário bem mais velho que já o viu ali tendo os mesmos comportamentos aborda o menino e tenta seduzi-lo, convidando-o para sair. O rapaz foge do banheiro amedrontado dando uma falsa justificativa ao estranho de que seu pai o está esperando. Na escola, James tenta conversar com um professor de música e literatura para encontrar algum apoio emocional já que se sente sozinho e não compreendido, mas este também não o provê com a ajuda e o acolhimento que ele necessita. Sem apoio de ninguém, James volta ao banheiro público para, então, buscar o apoio da única pessoa que o deu atenção: aquele homem desconhecido. Após o fim do filme, Rebeca interpretava o curta metragem e explicava como que, se não houvesse o apoio emocional dos pais e mães, os filhos e filhas poderiam buscar este suporte em outras pessoas, com o risco de estas serem perigosas e abusadoras. Ela reforçava que os progenitores precisavam ter paciência para passar tempo com os filhos e filhas e para ensiná-los os modos adequados de ser na vida.

Muitos pais também apresentavam não saber como falar para os filhos que estavam buscando ajuda para lidar com a situação. Uma mãe perguntou numa reunião se ela deveria contar a seu filho, que se identificava como gay, que ela esteve ali. Samuel respondeu à pergunta dizendo que caso ela tivesse um bom relacionamento com o filho, não haveria problema em falar; mas caso o filho estivesse muito arremido com relação à questão de a mãe não concordar com suas atrações homoeróticas, seria melhor não falar sobre isso e manter o jejum e a oração pelo filho.

Um dos encontros que participei foi organizado especialmente para a orientação dos pais. Era um encontro num formato de roda de conversa, num outro espaço da igreja mais iluminado e arejado, onde se possibilitava o diálogo entre pais e mães, os depoimentos de casos de “sucesso”, as narrativas de histórias de vida familiar, os desabafos dos sentimentos negativos em ter filhos com atrações homoeróticas e os relatos de desafios em conviver com filhos que não querem mudar. Muitos pais diziam que era somente naquele espaço que se sentiam entendidos, escutados, que não se sentiam sozinhos e que podiam se abrir completamente, percebendo outros espaços como não acolhedores e ignorantes sobre o assunto.

Entre falas cheias de emoção e comoção, os discursos catárticos destes pais e mães serviam para aliviá-los dos desafios que enfrentavam, das frustrações que sentiam, dos sentimentos de luto que tinham, das dificuldades de aceitar o diferente e do não saber lidar com o evento do filho ou da filha informar que é gay ou lésbica, ou do evento de saber que seu filho ou sua filha está num relacionamento homoafetivo. Muitas angústias eram compartilhadas; segundo os relatos ali revelados, a exposição que os filhos faziam, falando sobre seus desejos homoeróticos na internet e nas redes sociais trazia muito incômodo aos pais e mães. A presença dos parceiros ou parceiras na casa dos parentes e a observação das ações de afeto e contato físico homoerótico que os filhos ou as filhas tinham também geravam muito mal-estar nestes parentes.

Por outro lado, os discursos observados ali também continham frases de amor ao próximo, de combate ao preconceito, de mudança de conduta para um comportamento mais acolhedor e afetivo, de motivação à maior tolerância do diferente e à manutenção da relação com os filhos. Alguns dos pais associavam as pessoas com atrações pelo mesmo sexo no mesmo grupo dos, em suas palavras, funkeiros, bandidos, macumbeiros e drogados e diziam que ainda que os filhos fossem assim, eles não deveriam ser abandonados, mas amados incondicionalmente. Da mesma forma que os pais incentivavam a si mesmos a tolerarem estas alteridades, também

externalizavam frases que estimulavam a confiança em Deus e a fé de que Ele poderia fazer um milagre de transformação na vida do familiar que tinha AMS ou na dinâmica da própria família. Era dito pelo Ministério que só a fé em Deus poderia sustentar os pais nesses períodos de sofrimento.

Uma das mães que estava neste encontro expressou a ideia de que nada era por acaso e que se Deus tinha permitido que filhos que se identificavam como gays e lésbicas nascessem nas famílias era porque Deus queria ensinar os pais e mães a desenvolverem habilidades de amor, acolhimento, aceitação e não preconceito – esta afirmação também foi verbalizada por outra participante em outro momento.

Reconhecia-se neste encontro que às vezes os pais e mães passam a imagem de um Deus cruel que vai mandar as pessoas com desejos homoeróticos para o inferno, sendo esta a razão da evasão de muitos deles da igreja. Assim, afirmava-se que os pais e mães deveriam mudar a atitude: abraçar, amar e acolher estas pessoas de forma a mantê-las mais próximas, já que ninguém sabe como será o dia de amanhã.

Associada a essa ideia, outro pai presente referiu que Deus não dava uma provação à família que ela não pudesse aguentar, sendo que a atração pelo mesmo sexo poderia ser uma dessas provações. O mesmo participante que fez este discurso afirmou que Deus traria livramento à família que confiasse nEle

O palestrante escolhido para orientar os progenitores nesta sessão especial foi Samuel. Em sua fala, ele se preocupava em passar, basicamente dois aspectos fundamentais: 1- o cuidado que os pais deveriam ter consigo mesmos; 2- a necessidade de aceitar, acolher e amar incondicionalmente filhos e filhas com desejos homoeróticos.

Em primeiro lugar, Samuel dizia que a preocupação frequente que os pais tinham sobre o que as outras pessoas iriam pensar deveria ser trabalhada e superada. Segundo ele, estas preocupações mostram que às vezes os pais estão mais preocupados consigo mesmos e com sua imagem do que com seus filhos e filhas. De acordo com Samuel, outra afirmação que demonstrava isso era quando os pais e as mães diziam e pensavam que iriam solucionar o caso da atração homoerótica dos filhos e filhas. O palestrante explicava que mesmo que os desejos homoeróticos fossem um sintoma sistêmico, eram os filhos e filhas que escolheriam que vida teriam e era responsabilidade deles resolver ou não esta questão. Os pais não iriam resolver nada, mas deveriam estar numa postura de aceitação e acolhimento de sua prole.

Samuel também reconhecia que a igreja era muitas vezes preconceituosa e que não conseguia abordar o tema com tanta profundidade quanto o Ministério, mas que esta iniciativa estava ali para educar a igreja e fazê-la mais acolhedora e amável. O palestrante chegava a dizer que muitos da igreja iriam, de fato, fazer falatório da família que tinha membros com AMS porque eles eram, na verdade, novos fariseus e julgadores da vida alheia. Samuel, então, motivava os pais a se preocuparem com o cuidado de si mesmos para que, a partir daí, conseguissem acolher e cuidar bem dos filhos e das filhas fazendo psicoterapia, praticando esportes, gastando tempo com lazer, viajando mais, estudando, crescendo na carreira profissional, etc.

Em segundo lugar, o palestrante dizia que era importante que pai e mãe fossem respeitosos, amorosos, não violentos e que não rejeitassem seus filhos e filhas, considerando que eles eram muito mais que os desejos homoeróticos e homoafetivos. Samuel afirmava que era imprescindível que os pais reconhecessem e pontuassem todos os outros valores positivos dos filhos e que fossem exemplos de boas maneiras para eles e para a sociedade.

Samuel continuava relatando que percebia um padrão de resposta das famílias quando elas se tornavam conscientes de que um dos filhos ou filhas tinham atrações homoeróticas: o pai se distanciava e a mãe tomava a frente do cuidado e acolhimento. Samuel afirmava que aquilo não deveria acontecer e que o pai tinha um papel importantíssimo neste cuidado, devendo, portanto, estar igualmente presente.

A palestra de Samuel também apresentava que a aceitação não consistia em mostrar concordância com os atos pecaminosos das pessoas, mas sim em mostrar atos de carinho e afeto a despeito disso. Também se apresentava que mesmo que a aceitação ocorresse, havia a necessidade de imposição das regras que os pais achassem pertinentes a serem seguidas dentro da casa deles, como não deixar o filho dormir com namorado no mesmo quarto quando fossem visitar os pais, se fosse esse o caso.

O palestrante afirmava que como a criança, que aceita a todos sem distinção, os pais deveriam aceitar seus filhos sendo e estando eles de qualquer maneira. Num determinado momento, Samuel dizia:

“Você vai aceitar o seu filho, sua filha, inclusive você vai abraçar também o namorado do seu filho, sabe por quê? Porque o namorado do seu filho precisa de Jesus Cristo, precisa de você, precisa de amor”.

Já finalizando a palestra, mas no mesmo caminho, era dito que a igreja errava ao dar mais foco no pecado da prática homoerótica do que nos demais pecados descritos na Bíblia, na Primeira Carta aos Coríntios, no capítulo 6, nos versos 9, 10 e 11. O palestrante afirmava que a admoestação bíblica é para todas as pessoas, e não somente às pessoas que tem relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, já que todas as pessoas tinham algum pecado ali descrito. De acordo com Samuel, era esta atitude que repelia pessoas com AMS da igreja, sendo necessário fazer o contrário: atraí-los e amá-los.

Este ato de atrair as pessoas que têm desejos homoeróticos através da demonstração de amor me pareceu uma nova maneira de a igreja conseguir reproduzir suas crenças e manter discursos normativos, proibicionistas e restritivos ao desejo e ao comportamento homoerótico se utilizando de uma linguagem psicológica para embasar tais proibições, explicando que as atrações homoeróticas são o resultado de um suposto transtorno de desenvolvimento psicosssexual e que, ao serem postas em prática, geram mais prejuízos psicológicos.

Abraçar e aceitar a pessoa com práticas homoeróticas no meio familiar e na comunidade religiosa, por exemplo, deixar de utilizar de violência física e não proferir palavras hostis contra pessoas que dizem ter atrações pelo mesmo sexo, reconhecer que grupos de pessoas religiosas dentro da igreja tinham pensamentos preconceituosos e comportamentos discriminatórios tentando mudar a atitude institucional e congregacional são práticas que reduzem a violência anteriormente promovida, mas não a extinguem. Ela permanece na culpa gerada pela percepção da hipersensibilidade na pessoa com atrações pelo mesmo sexo, na responsabilização da família pelo desejo homoerótico do filho ou da filha, na necessidade de perceber-se com um transtorno psicológico em função de explicar as atrações e performances de gênero não heteronormativas, na autocobrança para o surgimento de atrações por pessoas do sexo oposto – ou pelo desaparecimento de atrações homoeróticas –, na necessidade de passar por processos terapêuticos e intervenções de aprendizagem de comportamentos “mais masculinos” ou “mais femininos”, na percepção de que se seus desejos eróticos e afetivos forem realizados um pecado estará sendo cometido, te afastando do divino, te privando da salvação espiritual e te degradando como ser humano. A homofobia permanece com as várias das atitudes cordiais descritas por Natividade e Oliveira (2009a; 2009b).

Utiliza-se a linguagem da esperança de uma vida melhor pela abnegação e renúncia completa de si. O discurso de interesse pelo outro, de querer o bem-estar do outro, de compreender o sofrimento do outro e de ter empatia pela angústia do outro são os analgésicos encontrados para anestesiar a dor da submissão.

10. UM OUTRO TIPO DE MINISTÉRIO

Tive o privilégio de, a partir do contato com este Ministério brasileiro, alcançar outras pessoas fora dele que me concederam entrevistas muito ricas sobre a experiência de não praticar os desejos homoeróticos percebidos. Foi por intermédio do “Ministério Perseverar em Cristo” que também consegui entrar em contato com outro Ministério da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos que chamaremos de “Finding Peace Ministries”, o qual também trabalha com esta mesma temática. O Ministério, também encontrado na internet, produziu um filme em formato de documentário que expõe diversos depoimentos de pessoas que abdicaram de suas práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo a procura de pureza sexual e santidade espiritual. O filme mostra as diversas trajetórias dos personagens, as dificuldades que eles enfrentaram para a decisão de se abdicarem de práticas homoeróticas e afirma o bem-estar que eles encontraram ao fazerem tal escolha.

Ao contatá-los, percebi que o Ministério estadunidense diz trabalhar com bases argumentativas um tanto diferentes das bases do “Ministério Perseverar em Cristo”. “Finding Peace Ministries” é explícito em dizer que eles não promovem terapias reparadoras nem utilizam os métodos destas terapias – às vezes chamadas de terapias de conversão –, mas que buscam curas a partir da espiritualidade. Ao entrevistar um dos coordenadores deste Ministério norte americano, a quem darei o nome fictício de Frederico, ele me disse:

“Todo o cristão passa por uma conversão de uma forma ou de outra. Nós somos acusados de fazer terapia de conversão. [...] Nós não acreditamos em nossa prática na abordagem humana da terapia de conversão. Entretanto, nós sim acreditamos que todos que vão a Jesus Cristo buscando-o como salvador de seus pecados alegremente aceitam e procuram uma conversão do coração. E então eles

recalibram sua jornada de vida e seu destino. Não é terapia de conversão, mas conversão do coração. [...] É a negação de si”.

Em outro momento, Frederico também responde:

“Eu não ensino terapia de conversão, eu ensino conversão do coração. Uma conversão do coração não é terapia de conversão. Isso é humanista. Isso é quando você manipula e faz coisas na mente e, bom, eu não sei muito sobre terapia de conversão, mas eu sei que isso não é uma abordagem bíblica”.

É possível que estas diferenças estejam atreladas a como nos Estados Unidos as críticas e retaliações sociais contra os Ministérios de conversão sexual, principalmente contra o “Exodus International”, tenham sido frequentes. Como abordado por Freeman-Coppadge (2018), Cruz (2015), Merritt (2015) e Steffan (2013), após o colapso do “Exodus International” com o pedido de desculpas de seu presidente e o posterior encerramento dos trabalhos da instituição, os Ministérios de reorientação das atrações homoeróticas começaram a entrar em descrédito nos Estados Unidos mesmo entre comunidades religiosas mais conservadoras. Bailey (2014) e Creek (2013) apontam que após estas críticas à terapia reparadora, o cenário com relação a como lidar com as atrações pelo mesmo sexo no contexto religioso norte-americano tem mudado, vendo no celibato uma alternativa para o gerenciamento dos desejos e uma técnica de si necessária para a manutenção dos padrões tradicionais doutrinários.

Ainda que Edson reiteradamente afirme que seu Ministério não é um Ministério de conversão da sexualidade, seus métodos têm respaldo técnico e epistemológico na literatura própria da terapia reparadora de Joseph Nicolosi (1991), sendo um tanto incoerente afirmar que uma coisa não tem a ver com a outra. Entretanto, apesar da diferença de abordagem dos Ministérios, ambos vêm da mesma igreja e concordam com a crença de que a maior emancipação humana será com a volta de Jesus. Ambos concordam que a salvação do ser humano é espiritual e vem com o resultado da soma da crença em Jesus como o Cristo – como o filho de Deus que veio salvar o mundo do pecado – com as ações individuais que testemunham esta crença e este processo de santificação. Assim escreve a fundadora e escritora mais importante para a igreja Adventista:

“É necessário ter fé em Jesus e crer que sois salvos por Ele; mas há perigo em assumir a posição que muitos assumem, dizendo: ‘Estou salvo’. Muitos têm dito: ‘Deveis praticar boas obras, e então vivereis’; mas, à parte de Cristo, ninguém pode praticar boas obras. Muitos, hoje, dizem: ‘Crê, tão somente crê, e viverás’. A fé e as obras vão juntas, crer e fazer se combinam. O Senhor não requer da alma humana menos hoje do que exigiu de Adão no Paraíso, antes da queda: perfeita obediência, justiça sem mácula. O que Deus requer, sob o concerto da graça, é exatamente tão amplo como o que requereu no Paraíso: harmonia com Sua lei, que é santa, justa e boa. O evangelho não enfraquece as reivindicações da lei; ele exalta a lei e a torna gloriosa. Sob o Novo Testamento, não se requer menos do que foi exigido sob o Antigo Testamento. Que ninguém se entregue à ilusão, tão agradável ao coração humano, de que Deus aceitará a sinceridade, não importa qual seja a fé, não importa quão imperfeita seja a vida. Deus requer de Seu filho obediência perfeita” (WHITE, 1985, P. 373).

É necessário, portanto, compreender que os dois Ministérios pregam a necessidade de o crente negar a si mesmo e, assim, combater suas tendências pecaminosas para alcançar esta santidade e a salvação. Nas duas vertentes acredita-se que mesmo que pessoas com atrações homoeróticas tenham sido vítimas dos atos inadequados dos pais, de outros adultos, ou de sua natureza hipersensível – ou da junção destes fenômenos – eles devem lutar contra seus desejos, evitando exercê-los, para demonstrar que, de fato, têm fé em Jesus Cristo e alcançar, aí, a salvação.

11. O DESAFIO QUE FOI ETNOGRAFAR

Não foi fácil realizar uma etnografia como esta. Além dos entraves mais burocráticos como encontrar um Ministério adventista para fazer observações, procurar por membros do grupo e pedir permissão para acessar o campo, me organizar para comparecer nas datas propostas, organizar o material para fazer o diário de campo, havia também outra questão que tornava o trabalho mais desafiador.

O estranhamento etnográfico – a alteridade contida na relação com a igreja, o distanciamento entre a instituição e o pesquisador – não era um fato dado desde sempre, mas uma sensação de alienação construída ao longo de minimamente 10 anos, desde que me afastei da prática religiosa. O campo que eu pretendia etnografar não me era completamente novo, inesperado, mas tinha se transformado neste “outro que não eu” durante os últimos anos de minha vida. Esta situação de distanciamento

próximo, de estranhamento conhecido, da ambivalência entre procedência passada e radicação presente demandou cuidado na produção das reflexões e análises críticas.

Éramos recebidos de forma cordial nas reuniões, algo que facilitava a realização das observações num ambiente religioso. Como anteriormente demonstrado, o Ministério, ainda que mantenha um discurso sobre as práticas homoeróticas como pecaminosas e produtoras de sofrimento, vem aconselhar que a sociedade e a família de praticantes do culto religioso se aproximem de pessoas com atrações homoeróticas, tendo atitudes que demonstrem interesse e aceitação pelo outro como forma de realizar uma doutrinação persuasiva de condenação dessas práticas.

Mas era dolorido escutar que atrações pelo mesmo sexo eram sintomas de um transtorno de desenvolvimento emocional, que pessoas com desejos homoeróticos eram imaturas e talvez hipersensíveis, que essas pessoas se autorrejeitavam ao máximo e que suas famílias eram disfuncionais. Talvez seja este o impacto que o Ministério queira promover nas pessoas com quem trabalha para gerar um desconforto que promova nelas uma varredura em função de descobrir qualquer experiência ruim do passado que poderia ser propulsora e produtora da atração homoerótica.

É notória a oscilação no discurso do Ministério quando fala sobre os modos de ser da pessoa que tem atrações pelo mesmo sexo. Por vezes utilizava comentários generalizantes, por vezes admitia que alguns podem ser de uma forma enquanto outros de outra. Isso pode ser percebido quando, por um lado, Edson fala que o homoerotismo está atrelado à fuga da pessoa das questões de seu próprio gênero e a respectiva aproximação às questões do gênero oposto, aderindo-se às performances, às socializações, e os gostos deste outro gênero, enquanto por outro lado, o próprio Edson fala que não há como inferir que homens efeminados têm atrações pelo mesmo sexo. Ora, se há a possibilidade da diversidade de performances de gênero, não estando elas atreladas necessariamente as atrações sexuais, então não há como generalizar que o homoerotismo está necessariamente ligado à fuga da pessoa de seu próprio gênero, no sentido de performances e jeitos de se comportar como homem ou como mulher.

Outro exemplo de generalização apareceu quando, numa das complementações de suas palestras, Alice adicionou sua percepção generalizada da constituição do sujeito que tem atrações pelo mesmo sexo. Ela dizia que “[os

homossexuais] são tão carentes emocionais que se você for um amigo verdadeiro [...] se ele encontrar em você um amigo verdadeiro [...] ele quebra o coração para o homem [...] porque esse é um conflito que ele tem, e ele não tem pra quem contar. O homossexual precisa de amigos verdadeiros”.

Ainda que este último recorte mostre certa compaixão no olhar do Ministério, ele também aponta claramente uma noção generalizante de pessoas com atrações homoeróticas, como sujeitos carentes emocionalmente. Entretanto, nas falas de Edson, ele dá a entender que não se deve inferir que pessoas com atrações homoeróticas estão em sofrimento e estão pedindo ajuda, sendo que não se deve invadi-las oferecendo por acolhimento e tratamento.

Em outras falas do Ministério é possível ver mais generalizações, como a fala sobre o desejo homoerótico ser causado por uma ferida emocional, a fala sobre pessoas com desejos homoeróticos serem emocionalmente crianças em corpos de adultos, e a fala sobre casais entre pessoas de sexo masculino serem quase todos promíscuos. Entretanto, há um comedimento maior nas falas de Edson do que nas falas de Alice. Alice era muito mais objetiva e rígida em suas expressões enquanto Edson algumas vezes considerava a possibilidade da diversidade. É de Alice, por exemplo, a afirmação dada no fim de uma palestra: *“Não existe ovelha mais ferida que a ovelha o homossexual. Ela foi completamente destruída e destroçada. Ela está desesperadamente buscando encontrar o seu eu perdido, quem ela é, a imagem de Deus foi destruída na vida dela”.*

Além do incômodo causado pela fala anterior, outro desconforto também era gerado com a expressão “ideologia de gênero” sendo verbalizada como, de fato, uma ideologia, como um consenso amplamente aceito nos variados segmentos da sociedade, como um paradigma sedimentado que refletia uma realidade concreta. Também era desagradável estarmos num lugar onde os movimentos feministas eram considerados diabólicos, eram depreciados e não percebidos como iniciativas de luta por igualdade de direitos promovidas por pessoas que passaram por um longo processo histórico de opressão.

Certo desânimo também me ocorria ao perceber o olhar de descrédito dirigido aos profissionais não cristãos da psicologia e aos estudos de gênero e sexualidade que não se alinhavam aos preceitos religiosos. Uma das queixas do Ministério reclama da falta de tolerância da sociedade em dialogar e conviver com opiniões como as da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que se opõem a visões seculares sobre a sexualidade

humana. Mas se formos observar o tema da atração homoerótica por uma perspectiva da história do mundo ocidental dominado pelo pensamento judaico-cristão – especialmente a partir do Século XVII com a proliferação dos discursos sobre o sexo e da criação do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2014a) – vê-se que a visão dominante da sociedade concordou com discursos – geralmente opressores – que condenaram a prática homoerótica por um período de ao menos quatro séculos, sendo que a luta por direitos e aceitação das pessoas com atrações sexuais e identidades de gênero não convencionais teve maior intensidade somente no Sec. XX. Ou seja, a queixa do Ministério é uma reação aos movimentos de mudança, é uma reação para a conservação da ideia dominante e corroborada da heterossexualidade como norma, como regra, como objetivo, como o que é apropriado.

Neste sentido, outra importante diferença é que enquanto uma ideia, que por pelo menos 4 séculos foi dominante na sociedade, condena modos de vida não convencionais e dificulta sua existência e sobrevivência a partir de atos de dominação e controle, ideias atuais que fomentam o respeito às diversidades, que lutam pelo direito da sobrevivência e da atuação social de pessoas com modos de vida diferentes não promovem o impedimento da permanência e do funcionamento dos modos de vida dos demais atores. A “plataforma política” de identidades LGBTQIA+ se amplifica, podendo caber nela inclusive pessoas que têm uma relação “indiferente” com a sexualidade; ela é inclusiva, enquanto que a percepção da igreja é excludente, constrói desejos excludentes e promove uma exclusividade da sexualidade hétero reprodutiva.

Portanto, a intolerância aos discursos que condenam a homoafetividade por grupos favoráveis aos direitos de expressão sexual e de gênero das pessoas LGBTQIA+ percebida pela igreja não pode ser minimamente comparada com a intolerância – ainda presente em nossa sociedade – e a discriminação que as pessoas que não se enquadram à heteronormatividade sofrem.

As intervenções apresentadas por este Ministério têm uma linguagem que substitui termos que geram repulsa – como abominação – por expressões mais técnicas, como “ferida emocional”. Deslocam o foco da “perdição eterna” – ainda que a considerem parte do discurso de verdade – para associar práticas homoeróticas à perda da saúde integral do sujeito que as exerce.

O ministério não aconselha nem faz orientações a quem está feliz em exercer o homoerotismo e a homoafetividade; ele não trabalha com quem não quer uma mudança nas atrações pelo mesmo sexo, mas não se questiona sobre as relações de poder que fundamentam tal vontade e o peso do discurso de verdade religioso que incide nos pedidos de ajuda de quem busca por transformação nos desejos. O discurso que alicerça o pedido de ajuda é de que as práticas homoeróticas levam à perdição eterna por serem abomináveis e repulsivas. Pede-se, portanto, por tratamento para se autocontrolar melhor e não mais cair nesta tentação que causa tanta exclusão social.

Ao trabalhar com pessoas cristãs que apresentam algum problema ou sofrimento de ordem moral voltado ao homoerotismo, o ministério focaliza sua atuação naqueles que estão em situação mais vulnerável ao discurso. Assim, o discurso de verdade sobre a atração pelo mesmo sexo se torna mais perspicaz, tem maior força de influência e pode amplificar os sofrimentos cotidianos e estruturais destes sujeitos por apontar o homoerotismo como forma mortificada na existência das pessoas.

Numa conversa com Edson, ele disse que o intuito de criar um Ministério como este foi de dar um apoio emocional às pessoas da igreja que tem atrações homossexuais:

“Eu quero que as pessoas consigam entender o que elas sentem, que elas tenham a oportunidade e chance de entender o porquê do sofrimento delas e tenham ferramentas para trabalhar isso, que eu não tive na época. E eu percebo o alívio que isso traz pra muitas pessoas. [...] E essa alegria, quando a pessoa percebe, quando ela entende o que está acontecendo com ela, que ela não nasceu desse jeito, que ela tem oportunidade de ser aceita... mesmo que ela não queira trabalhar nada, mas que ela entenda que ela é amada por Deus, isso que eu acho o mais importante. [...] é levar pra outros aquilo que eu não tive na época. O susto, o medo, o pavor que eu senti na época da minha adolescência na minha igreja, não ter resposta, eu quero muito que as pessoas tenham o direito de ter essa resposta”.

É possível que o Ministério opere numa lógica que tente conciliar, por um lado, a elaboração da angústia existencial, a escuta das queixas de preconceito e as reivindicações de respeito feitas pelas pessoas com atrações pelo mesmo sexo que decidem permanecer na igreja, com, por outro lado, a admoestação da

homoafetividade e a manutenção das crenças tradicionais da religião que concebem a prática homoerótica como pecaminosa e degradante. Assim o Ministério se utiliza de discursos que mostram supostos malefícios da prática homoerótica – baseados em práticas de escuta espiritual, em escritos de psicólogos e psiquiatras cristãos e em estudos científicos que criticam a origem genética da atração homoerótica – e promove a criação de uma rede de apoio nas igrejas para dar suporte emocional a quem tem atrações homoeróticas e que não quer praticá-las.

Desta forma, o Ministério tem se apropriado de um discurso sedutor para promover a abstinência sexual homoerótica, buscando oferecer ao membro da igreja com atrações pelo mesmo sexo condições mais favoráveis e confortáveis para a renúncia de si. Tal discurso tem inerente a ele a visão de que a pessoa com atrações homoeróticas tem problemas a serem resolvidos por conta desta atração; de que a pessoa é carente, é imatura, tem transtornos a serem tratados e, portanto, tem que continuar a ser conduzida pelos preceitos religiosos e explicações de uma teoria que patologiza o desejo e a prática homoerótica. Assim, pessoas com atrações pelo mesmo sexo precisam estar nessa situação subalterna para serem orientadas, aconselhadas, direcionadas, necessitando se manter dependentes do cuidado do outro para retornarem a um desenvolvimento psicológico são.

Pensamos no quão difícil deve ser à pessoa com atrações homoeróticas que convive dentro dos limites da comunidade religiosa exercer uma crítica ao discurso deste Ministério caso não tenha acesso a outros discursos, outros textos, outros argumentos, caso não conviva com outras pessoas de ideias diferentes e de percepções diferentes sobre o fenômeno. Talvez o conselho encontrado no Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia de que seus membros evitem relacionamentos íntimos entre pessoas de ideologias diferentes – em que haja jugo desigual – tenha a ver com a diminuição do acesso a outras maneiras de pensar para prevenir rupturas ideológicas.

“A unidade de marido e mulher nos ideais e propósitos é um requisito para um lar feliz e bem-sucedido. Divergências no aspecto religioso provavelmente arruinarão a felicidade do lar e conduzirão a confusão, perplexidade e fracasso na educação dos filhos. A Bíblia aconselha: ‘Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos’ (2Co 6:14)” (MANUAL..., 2016, p. 157).

Entretanto, como já vimos neste trabalho, ainda que o acesso e o contato com outras cosmovisões possam gerar maior capacidade crítica de confrontação à

ideologia religiosa – como aconteceu com Hugo e com Charles –, estas outras visões não necessariamente mudam a opinião e a prática de vida em algumas pessoas ao fazerem este movimento de exploração do que está para além das premissas da igreja e de seu discurso – como visto no depoimento de Jack, de Douglas. Ou seja, as escolhas dos sujeitos não acontecem por modelos de causalidade simples e somente por conta de uma ideologia determinante, mas procedem de um complexo sistema composto por várias dimensões que se relacionam e se interconectam. Além da renúncia estar associada à experiência da atração homoerótica no meio religioso – que envolve a adoção de discursos de verdade da igreja, a aderência a tipos de normatividade provindas da igreja e a construção de subjetividades que sirvam à igreja – ela se relaciona com aspectos não religiosos, mas que sofrem influência desta religião, como as decepções sensoriais e relacionais, as representações de identidades homossexuais como promíscuas, imaturas e vulneráveis a infecções sexualmente transmissíveis, os fatores de exclusão familiar e comunitário, as violências estatais e a ausência de outras perspectivas vocacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As chamadas questões de gênero, as sexualidades, bem como ao reconhecimento da constituição de identidades a partir dessas condições acrescidas às questões de classe social, origem, etnia, são parte das demandas e dos movimentos sociais e urbanos contemporâneos. A relação dos sujeitos com o lugar identitário em que se reconhecem ou são reconhecidos expressam conflitos que tornam parte de suas subjetividades e opressões / emancipações cotidianas. O tema das subjetividades construídas a partir de constrangimentos locais e estruturais e as táticas de cuidado de si são hoje parte do sofrimento social contemporâneo em esfera global. Como parte desta condição está o tema da visibilidade dos desejos e relações homoeróticas e suas tensões no campo político e institucional. Em contextos globais o direito a identidade e vivência das diferentes formas de sexualidade tornou-se uma questão política, social e existencial.

Esse foi um trabalho sobre o conflito entre visibilidade e “abnegação religiosa” em relação aos desejos homoeróticos. A maior frequência da exposição das atrações e das relações homoeróticas no âmbito público foi um fenômeno que gerou o aumento e a intensificação dos discursos religiosos condenatórios à prática. Como no passado, a grande maioria das pessoas não publicaria seus desejos homoeróticos, suas práticas corriqueiras permaneciam imperceptíveis nos diversos ambientes sociais sem que houvesse maior preocupação com relação a isso.

Desta maneira, o discurso sobre a “abnegação” homoerótica tem sua permanência viabilizada em um momento histórico de retrocessos voltados às políticas de direitos à população LGBTQIA+, em alguns países do mundo, mas especialmente no Brasil. Este estudo atravessa um momento historicamente tenso, e ao mesmo tempo procura demonstrar como instituições religiosas globalizadas e que atuam também como corporações de peso econômico / político colocam-se na vertente conservadora ante a expressão desses direitos. No caso brasileiro especificamente, essa questão assume um caráter mais presente à medida em que a polarização ideológica resultante das crises no cenário político de 2016 acentuou-se com a posse do presidente Jair Bolsonaro em 2019, culminando numa onda conservadora apoiada por diversas lideranças cristãs. Neste sentido, é nítido perceber os objetivos deste governo quando delega à uma pastora evangélica um ministério

criado com o nome de “Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos” que extingue comitês de gênero, diversidade e inclusão (ZAREMBA, 2019) e comemora a tomada do governo com os dizeres “menino veste azul e menina veste rosa”. O conflito político, portanto, está entre a vida prática, secular, cotidiana e seus afetos e desejos, e os preceitos e normas religiosas em um contexto de forte emergência de ideias e prescrições fundamentalistas do poder político. Direcionar desejos e afetos continua sendo uma forma de opressão e constrangimentos das subjetividades. São estas as condições pelas quais se tornou possível observar e analisar atos de promoção e implementação da renúncia a práticas homoeróticas.

O conceito de governamentalidade de Foucault pode ser amplamente utilizado para analisar práticas de autorrenúncia promovidas por um “poder pastoral” que, observado pelos discursos do “Ministério Perseverar em Cristo” e do “Finding Peace Ministries”, promove uma austeridade sexual em favor de uma santidade religiosa e de suposta saúde mental e qualidade de vida. A Igreja Adventista do Sétimo Dia não somente se diz contra as práticas homoeróticas, mas milita em oposição a tais condutas se utilizando de seus canais de comunicação para discutir e divulgar supostas teorias que possam dar um caráter de “verdade” científica à crença da pecaminosidade do exercício homoafetivo para poder condená-lo.

Através de observações feitas nos encontros deste Ministério de apoio ao não exercício da homoafetividade, entendemos que a sofisticação dos argumentos utilizados nos discursos para defender tal abstinência podem gerar ainda maior fragilidade justamente nas pessoas que sofrem por maior preconceito da sociedade por performances, atrações e práticas afetivas e sexuais não convencionais. Os discursos de acolhimento e de aceitação tornam o apelo à renúncia de si mais sedutor, justificando tal abdicação com generalizações que retratam as pessoas com atrações homoeróticas como traumatizadas, imaturas, carentes, hipersensíveis, transtornadas e suas famílias como disfuncionais e inadequadas. O apoio emocional provido pelo Ministério seria, então, um analgésico contra a dor da renúncia para os que decidem fugir de seus desejos e não os colocar em prática. É uma iniciativa que também tenta, por um lado, gerar mudanças nos comportamentos considerados hostis dos membros da igreja – buscando promover um espaço mais confortável para a permanência de pessoas com atrações pelo mesmo sexo – e por outro apresentar um suposto apoio psicológico para o que chamam de “transtorno de gênero”.

Entretanto, até que ponto estas tentativas de mudança institucional conseguirão surtir algum efeito de real acolhimento quando ainda se acredita que a prática homoerótica seja degradante, abominável, inferior, pecadora e problemática? Como perceber real aceitação quando se utiliza das fragilidades de quem têm atrações homoeróticas – suas dúvidas, representações, fantasias, conflitos, inseguranças – para convencer da “inexistência” do desejo homoerótico no sentido de ser um suposto sintoma ao invés de um fenômeno legítimo e não patológico? A igreja é ainda mais cruel e opressiva ao se utilizar de “teorias psicológicas” que fundamentam tal percepção de degradação humana para desestimular práticas homoafetivas.

Nos discursos e encontros que analisamos com as pessoas que se encontravam espalhadas pelo Brasil, França, Inglaterra, Estados Unidos e Zimbábue, percebemos que não há um entendimento homogêneo com relação a diversos temas sobre a atração homoerótica, desde a concepção do fenômeno até questões como identidade, transformação do desejo, condições para o alcance da paz, aceitação da atração, obrigação do celibato ou das relações eróticas entre pessoas do sexo oposto e pecaminosidade de práticas homoeróticas. Mesmo assim, é possível notar como a religião envolve a história, o contexto social e a identidade das pessoas contempladas por esta pesquisa a ponto de se associar a outros fatores que influenciavam a adoção da abstinência homoerótica, como conflitos familiares e perseguições sociais, frustrações nas relações homoeróticas, percepções patológicas quanto a atração pelo mesmo sexo e medo de infecções sexualmente transmissíveis. É a religião que sustenta com suas crenças e dogmas a homofobia e que, ao mesmo tempo, se utiliza dos resultados cruéis da homofobia na sociedade para construir a imagem da homossexualidade como inferior e subalterna.

Vimos que as experiências de renúncia trouxeram para todos os interlocutores muito sofrimento, mas para alguns dos participantes esta angústia era por vezes sobreposta por uma sensação de paz e bem-estar causada pela aderência mais intensa aos preceitos da igreja associadas à crença da salvação eterna como recompensa da abnegação. Um dos aspectos que evidenciamos foi que esse fenômeno acontecia principalmente nos participantes mais velhos, como Douglas, 63 anos, Jack, 56 anos, Evandro, 56 anos, Rute, 47 anos, Andrea, 38 anos, Jeremias, 37 anos, e Lúcio, 37 anos. À medida que a idade dos participantes diminuía, os discursos tendiam a se tornar menos ortodoxos à visão institucional da Igreja Adventista sobre

o tema da atração homoerótica e mais cheios de angústia e tristeza pela situação em que se encontravam a ponto de vermos decisões de cessação das renúncias homoafetivas, como aconteceu com William, 31 anos, Hugo, 27 anos e Charles, 21 anos. Esta diferença no aspecto geracional indica, de certa maneira, que a resistência no recorte geracional mais jovem pode ser resultado do contato com outras formações discursivas nos contextos contemporâneos, possibilitando novos diálogos e novas maneiras antes impensadas de incorporar a religião e colocá-la em prática na vida cotidiana.

Também se faz importante discutir a questão da inexistência de um “puro abnegado”; não há como fazer uma distinção entre aquelas pessoas que se curvaram à abnegação e as que a põem em dúvida. O curso da vida das pessoas que conversamos é pautado por descontinuidades, momentos de saídas e retornos à igreja ou às relações homoafetivas e possibilidades de futuras mudanças. Assim, é totalmente plausível afirmar que os sentidos e os valores encontrados nos discursos possam ser, com o tempo, reconstruídos, modificados ou atualizados. O atravessamento deste estudo faz, portanto, com que percebamos como, no momento em que conversamos com as pessoas, elas se constituam em “contextos” de experiências e cuidados de si diversificados, desde a percepção de serem oprimidas – como acontecia com Charles – até a ação empresarial e doutrinária de se tornar um exemplo para realizar atividades e viagens internacionais como um “empresário” da corporação – como acontecia com Evandro e Douglas

As afirmações de Rute, Douglas e Lúcio sobre as mudanças drásticas que aconteceram em seus comportamentos e atrações homoeróticas não ocorreram instantaneamente e dependeram da implementação exaustiva de técnicas de si e de afastamento contínuo de espaços e de estímulos que pudessem gerar práticas homoeróticas. Tais mudanças também eram acompanhadas por resquícios das experiências homoafetivas anteriores que influenciavam a conduta atual dos participantes, como o “*gaydar*” em Douglas e as preocupações com relação a um casamento com uma mulher em Lúcio. E ainda que Rute afirme que não precisa mais se manter afastada de locais que a tentem a ter práticas homoeróticas, suas experiências homoafetivas do passado a acompanham em sua trajetória de vida; elas não simplesmente desapareceram, mas fazem parte de sua existência. É esta questão que queremos fomentar ao falar sobre a inexistência do “puro abnegado”. Ou seja, não existe uma transformação completa de uma subjetividade para outra

completamente diferente, mas sim uma jornada existencial de um sujeito que é continuamente constituído pelas normatividades e pelos discursos de verdade dos locais de onde transita.

É necessário considerarmos, portanto, que ainda que a religião seja o centro de significado para os participantes, suas vidas são interpeladas por diversos outros fatores e discursos que podem tanto intensificar o controle de si – como as influências familiares, as representações sobre o que é ser e como é atuar como um homossexual, as decepções amorosas, as proibições civis, as aspirações profissionais e os prazeres da vida religiosa – quanto, ao contrário, confrontar as normativas religiosas e fragilizar as bases para a renúncia homossexual – como as influências da sociedade secular, as experiências homossexuais positivas, o contato com pessoas publicamente assumidas e suas histórias, as angústias insuportáveis da abstinência homoerótica e homoafetiva, a aproximação a grupos de defesa dos direitos das pessoas LGBTQIA+. Desta maneira, o controle de si se torna flexível e relativo às situações as quais as pessoas são expostas, sendo que a constituição de suas subjetividades pode se movimentar de mais assujeitadas para mais subversivas dependendo do contexto em que se encontram e dos acontecimentos que surgem em suas trajetórias.

Outra questão fundamental que este trabalho apresenta é que os esforços da religião para controlar e tentar transformar os homossexuais estão baseados numa ideia de normalidade sexual, na ideia de natureza da sexualidade e de verdade absoluta e imutável da sexualidade que surgiria na biologia dos corpos. A partir de uma noção essencialista, concebe-se que corpos saudáveis sempre se atrairão pelo sexo oposto. Para o Ministério estudado, é impossível que haja fluidez sexual saudável, sendo as expressões não heterossexuais movimentos patológicos e necessitantes de apoio para o retorno à sexualidade chamada de normal. Quando o Ministério estudado diz que quer curar as feridas emocionais, ele também diz que o surgimento da homossexualidade está baseado nestas feridas e que a cura das feridas curará também a homossexualidade. Assim, quando o Ministério faz uma propaganda de acolhimento e de aceitação ao diferente, ele não o agrega em sua congregação considerando que ele possa compartilhar da experiência religiosa num estado de saúde sexual ao vivenciar a homossexualidade. Busca-se aquele que é diferente esperando seu convencimento, esperando que ele retorne à suposta normalidade, num movimento para fins próprios da religião, para o reforço dos dogmas

e preceitos denominacionais e não para o acolhimento dos sujeitos nas suas subjetividades e nas suas saúdes física e mental, o que no fim promove mais sofrimento.

Por fim, ao entrarmos em contato com a narrativa de vida das pessoas é possível perceber que enquanto para algumas delas a renúncia da prática homoerótica trazia, em algum momento, sentido e propósito para a existência – não ausente de seus prejuízos –, para outras tal abdicação era um fardo insuportável, desolador e causador de diversos sofrimentos e ideações suicidas. Há, portanto que se alertar quanto a periculosidade do monopólio do discurso religioso fundamentalista voltado ao direcionamento da vida, principalmente às formas de se lidar com a atração e prática homoeróticas.

Uma vez que alternativas discursivas podem ser amplamente divulgadas, tendo assim uma capacidade de competir com os discursos religiosos fundamentalistas, subjetividades não convencionais são também capazes de coexistir dignamente com as demais por terem maior acesso a outras “verdades” sobre a vida e poderem, assim, se aderir a elas. Assegurar e promover os direitos das pessoas LGBTQIA+ e também manter uma postura de abertura para enfrentar novas opressões na sociedade pode sustentar modos de vida alternativos e possibilitar maior autonomia para as diversas existências humanas.

Assim, é possível pensarmos em formas de se lidar com o consumo do fundamentalismo cristão ao nos aproximarmos da maneira como a perspectiva da redução de danos trabalha em relação ao uso de drogas. Da mesma forma como se utiliza a lógica da redução de danos para se abordar o consumo de substâncias em contextos de risco é também possível perceber situações de risco para o consumo abusivo de uma religião cristã fundamentalista – especialmente em condições de ausência de outros discursos de verdade – e assim adicionar outros discursos que possam ressignificar os modos de uso desta crença e assim reduzir possíveis agravos.

REFERÊNCIAS

ABOIM, S.; WALL, K.; CUNHA, V. **A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades**. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE), 2010.

ALMONTE, C.; INSUNZA, C.; RUIZ, C. Abuso sexual en niños y adolescentes de ambos sexos. **Revista Chilena de Neuro-psiquiatria**, 40 (1), 2002.

ANNUAL STATISTICAL REPORT: 155th Report of the General Conference of Seventh-day Adventists for 2017, 2019. Disponível em <http://documents.adventistarchives.org/Statistics/ASR/ASR2019.pdf>. Acesso em 05/05/2020.

ARNARSSON, A., SVEINBJORNSDOTTIR, S., THORSTEINSSON, E. B., & BJARNASON, T. Suicidal risk and sexual orientation in adolescence: A population-based study in Iceland. **Scandinavian Journal of Public Health**, 43(5), 497–505, 2015. <https://doi.org/10.1177/1403494815585402>

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos**: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tradução: Helio L. Grellman. 8ª ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

BAILEY, S. P. Gay, Christian and celibate: The changing face of the homosexuality debate. **The Washington Post**. Online, 2014. Disponível em https://www.washingtonpost.com/national/religion/gay-christian-and--celibate-the-changing-face-of-the-homosexuality-debate/2014/08/04/65a73d6c-1c1a-11e4-9b6c-12e30cbe86a3_story.html. Acesso em 25/04/2020.

BALLOUSSIER, A. V. 'Psicóloga cristã' na mira. **Folha de São Paulo**. Online, 2014. Disponível em: <https://religiosamente.blogfolha.uol.com.br/2014/05/23/psicologa-crista-na-mira/>. Acesso em 26/02/2020.

BALLOUSSIER, A. V. Psicóloga evangélica ganha batalha contra conselho na Justiça. **Folha de São Paulo**. Online, 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/09/1915592-psicologa-evangelica-ganha-batalha-contra-conselho-na-justica.shtml>. Acesso em 25/02/2020.

BALLOUSSIER, A. V. Apoiada por nora de Bolsonaro, chapa de 'cura gay' é derrotada em conselho de psicologia. **Folha de São Paulo**. Online, 2019a. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/eleicao-do-conselho-de-psicologia-derrota-candidata-da-cura-gay.shtml>. Acesso em 26/02/2020.

BALLOUSSIER, A. V. Escola cristã pergunta em prova 'como evitar homossexualismo' e é acusada de homofobia. **Folha de São Paulo**. Online. 2019b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/11/escola-crista-e-acusada-de-homofobia-por-questoes-como-como-evitar-o-homossexualismo.shtml>. Acesso em 25/02/2020.

BAUMEISTER, R. F. Gender differences in erotic plasticity: The female sex drive as socially flexible and responsive. **Psychological Bulletin**, 126, 347–374, 2000.

BEAUD, S. El uso de la entrevista en las ciencias sociales. En defensa de la entrevista etnográfica. **Revista colombiana de antropologia**, 54(1), 175-218. 2018.

BECKSTEAD, A. L. Can we change sexual orientation? **Archives of Sexual Behavior**, 41, 121–134. 2012. <http://doi.org/10.1007/s10508-012-9922-x>

BECKSTEAD, A. L., & MORROW, S. L. Mormon clients' experiences of conversion therapy: The need for a new treatment approach. **The Counseling Psychologist**, 32, 651–690, 2004. <http://doi.org/10.1177/0011000004267555>

BERGLER, E. *Homosexuality*: Disease or Way of life. New York: Hill & Wang, 1956.

BERMAN, S. **Como um filme de James Franco entendeu errado a história de 'conversão' de um pastor 'ex-gay'.** Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/mbjpab/filme-james-franco-errou-conversao-de-um-pastor-ex-gay> Acesso em 29/12/2017.

BIZERRIL, J. O vínculo etnográfico: intersubjetividade e coautoria na pesquisa qualitativa. **Universitas: Ciências da Saúde**, 2(2), 153-163, 2008.

BLEVINS, J. Ex-gay Ministries. In: SIKER, J. S. **Homosexuality and Religion: An Encyclopedia.** Westport: Greenwood Press, 2007a.

BLEVINS, J. Exodus International. In: SIKER, J. S. **Homosexuality and Religion: An Encyclopedia.** Westport: Greenwood Press, 2007b.

BOTELLA, C. L'homosexualité(s): vicissitude du narcissisme. **Revue Française de Psychanalyse**, 4(63), 1999.

BRADSHAW, K., DEHLIN, J. P., CROWELL, K. A., GALLIHER, R. V., & BRADSHAW, W. S. Sexual orientation change efforts through psychotherapy for LGBTQ individuals affiliated with the Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints. **Journal of Sex & Marital Therapy**, 41, 391–412, 2015. <http://doi.org/10.1080/0092623X.2014.915907>

BUTLER, J. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. **Theatre Journal**, 40(4) 519-531, 1988.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CAMERON, P.; CAMERON, K. What proportion of heterosexuals is ex-homosexual? **Psychological reports**, 91(3), 2002.

CAREY, B. Psychiatry Giant Sorry for Backing Gay 'Cure'. **The New York Times.** Online, 2012. Disponível em <https://www.nytimes.com/2012/05/19/health/dr-robert-l->

spitzer-noted-psychiatrist-apologizes-for-study-on-gay-cure.html. Acesso em 18/04/2020.

CARRETTE, J. R. **Foucault and religion**: spiritual corporality and political spirituality. London; Routledge, 2000

CARVALHO, F. L. G. A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: inserção e desenvolvimento institucional. **Revista Pistis & Praxis**: Teologia e Pastoral, 6(3), 2014.

CASTRO FILHO, J. SDA Kinship e a resposta à marginalização LGBT na Igreja Adventista do Sétimo Dia: uma etnografia das masculinidades rejeitadas. 2016. Dissertação (Mestrado em Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.6.2017.tde-07122016-154239. Acesso em: 2019-09-24.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. **Revista Bagoas**, 2, 71-93. 2008.

CENTRO DE PESQUISAS ELEN WHITE. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br>>. Acesso em 03/05/2021.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO. Conselho Federal de Psicologia. **Brasília**, 2005.

COMO diz a Bíblia. Direção de Daniel G. Karlslake. Produção de Daniel G. Karlslake Nova York: First Run Features, 2007.

CONNELL, R. W. **Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics.**

Stanford: Stanford University Press, 1987.

CRAMER, R. J., GOLOM, F. D., LOPRESTO, C. T., & KIRKLEY, S. M. Weighing the evidence: Empirical assessment and ethical implications of conversion therapy. **Ethics & Behavior**, 18, 93–114, 2008. <http://doi.org/10.1080/10508420701713014>

CREEK, S. J. “Not getting any because of Jesus”: The centrality of desire management to the identity work of gay, celibate Christians. **Symbolic Interaction**, 36, 119–136, 2013. <http://doi.org/10.1002/SYMB.58>

CRP-PR. STF indefere pedido da Psicóloga Marisa Lobo e confirma a legalidade das ações do CRP-PR. Online, 2016? Disponível em <https://crppr.org.br/stf-indefere-pedido-da-psicologa-marisa-lobo-e-confirma-a-legalidade-das-aco-es-do-crp-pr/>. Acesso em 26/02/2020.

CRUZ, E. Alan Chambers: “Same-sex relationships can be holy.” **Religion News Services**. Online, 2015. Disponível em <http://www.religionnews.com>. Acesso em 26/02/2020.

DE GRAAF, R., SANDFORT, T.M. & TEN HAVE, M. Suicidality and Sexual Orientation: Differences Between Men and Women in a General Population-Based Sample From The Netherlands. **Arch Sex Behav** 35, 253–262, 2006. <https://doi.org/10.1007/s10508-006-9020-z>

DE MATTOS, P. L. C. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista de Administração Pública-RAP**, 39(4), 823-846, 2005.

DEHLIN, J. P., GALLIHER, R. V., BRADSHAW, W. S., HYDE, D. C., & CROWELL, K. A. Sexual orientation change efforts among current or former LDS church members.

Journal of Counseling Psychology, 62, 95–105, 2015.
<http://doi.org/10.1037/cou0000011>

DEUS, Luiz Fabio Alves de. Contextos de revelação da orientação sexual: no final do arco-íris tem um pote de ouro. 2014. Dissertação (Mestrado em Saúde Materno Infantil) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.6.2014.tde-03072014-110006. Acesso em: 2020-05-17.

DIAMOND, L. M. Sexual identity, attractions, and behavior among young sexual-minority women over a 2-year period. **Developmental psychology**, 36(2), 241, 2000.

DIAMOND, L. **Sexual fluidity**. Understanding women's love and desire. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

DRESCHER, J. Can sexual orientation be changed? **Journal of Gay & Lesbian Mental Health**, 19, 84–93, 2015. <http://doi.org/10.1080/19359705.2014.944460>

DRUMM, R. No Longer an Oxymoron: Integrating Gay and Lesbian Seventh-day Adventist Identities. In S. Thumma, & E. R. Gray (Eds.), **Gay Religion**. Walnut Creek, CA: Altamira Press, 2005.

DRUMM, R. D. Perspectives Interaction and Angst: The Social Experiences of Gay and Lesbian Seventh-day Adventists. In D. Ferguson, F. Guy, & D. R. Larson (Eds.), **Christianity and Homosexuality - Some Seventh-day Adventist Perspectives**. Roseville, CA: Adventist Forum, 2008.

DRUMM, R. D. Gay and Lesbian Seventh-day Adventists: Strategies and Outcomes of Resisting Homosexuality. Online, 2011. Disponível em: <https://www.sdakinship.org/es/175-uncategorised/who-cares-newsletters/july-2011/1328-gay-and-lesbian-seventh-day-adventists-strategies-and-outcomes-of-resisting-homosexuality>. Acesso em 18/04/2020.

DUNKER, C. I. L.; NETO, F. K. Curar a Homossexualidade? A psicopatologia prática do DSM no Brasil. **Revista mal-estar e subjetividade**, 10(2), 425-446, 2010.

EHRHARDT, A. A.; GREENBERG, N.; MONEY, J. Female gender identity and absence of fetal gonadal hormones: Turner's syndrome. **John Hopkins Med Journal**. 126, 237-248, 1970.

FERNANDES, L. O. R. L. **Homofobia Cordial** (palestra). Salvador UNEB/ DIADORIM: Mimeo, 2007.

FONTANA, A.; FREY, J.H. The Interview: from structured questions to negotiated text. In: Denzin, N.; Lincoln, Y.S. (orgs.), **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publications Inc., 2000.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Em defesa da sociedade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2002.

_____. Tecnologias de si, 1982. **verve**, 6: 321-360, 2004.

_____. **Segurança, Território, População**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. Nascimento da biopolítica: Trad. Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **O Governo de si e dos outros**. Curso no Collège de France (1982-1983) Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **História da Sexualidade 1: A vontade de sabers**. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

_____. **História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres.** 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

_____. **História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si.** 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014c.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, vol. 14, n. 28, 2004.

FREEMAN-COPPADGE, D. J. Harmony, Dissonance, or Harm? The Psychological and Spiritual Promises and Perils of Gay Christian Celibacy. Tese de doutorado University of Massachusetts. Boston Counseling and School Psychology, 2018.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In _____. **Obras completas.** Rio de Janeiro: Imago. 1972.

_____. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In: _____. **Obras completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. A sexualidade na etiologia das neuroses. In _____. **Obras completas.** Rio de Janeiro: Imago. 2006.

FRY, P., & CARRARA, S. Se oriente, rapaz!. Onde ficam os antropólogos em relação a pastores, geneticistas e tantos “outros” na controvérsia sobre as causas da homossexualidade? **Revista de Antropologia**, 59(1), 258-280, 2016

GALANI, L. Justiça anula cassação de psicóloga acusada de oferecer “cura gay”. **Gazeta do Povo.** Online. 2014. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/justica-anula-cassacao-de-psicologa-acusada-de-oferecer-cura-gay-efwfc6ynim1lv5q4rvx76kwge/> . Acesso em 26/02/2020.

GOMES, A. M. A. As Representações sociais do corpo e da sexualidade no protestantismo brasileiro. **Rever: Revista de Estudo da Religião**, 1(6), 1-38, 2006

GONÇALVES, A. O. Religião, política e direitos sexuais: controvérsias públicas em torno da “cura gay”. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, 39(2), 175-199, 2019.

HALDEMAN, D. C. Therapeutic antidotes: Helping gay and bisexual men recover from conversion therapies. **Journal of Gay & Lesbian Mental Health**, 5, 117–130, 2001. <http://doi.org/10.1080/19359705.2001.9962288>

HAMER, D. H.; HU, S.; MAGNUSON, V. L.; HU, N.; PATTATUCCI, A. M. A linkage between DNA markers on the X chromosome and male sexual orientation. **Science**, 261(5119), 321-327, 1993.

HAYDÉE, G. A psicanálise e os modernos movimentos de "afirmação homossexual". **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, 19(2), 50-53, 1999

HEILBORN, M. L. Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

HORGAN, J. Gay genes, revisited: Doubts arise over research on the biology of homosexuality. **Scientific American**, 26, 1995.

HORGAN, J. Queer notions: How Christian homophobes misuse my "gay gene" report. **Scientific American**. Online, 2010. Disponível em <https://blogs.scientificamerican.com/cross-check/queer-notions-how-christian-homophobes-misuse-my-gay-gene-report/>. Acesso em 21/01/2020.

I Am Michael. Direção: Justin Kelly. Produção: Rabbit Bandini Productions, 2015.

MENDOS, L. R. **State-Sponsored Homophobia 2019: Global Legislation Overview Update**. Geneva: ILGA, 2019. Online. Disponível em https://ilga.org/downloads/ILGA_World_State_Sponsored_Homophobia_report_global_legislation_overview_update_December_2019.pdf . Acesso em 05/05/2020

INGLATERRA. The Overseas Marriage (Armed Forces) Order. Online, 2014. Disponível em http://www.legislation.gov.uk/ukxi/2014/1108/pdfs/ukxi_20141108_en.pdf. Acesso em 15/01/2020.

JAMES. Direção: Connor Clements. Produção: Connor Clements, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8hhNKZ5hvao&feature=youtu.be>. Acesso em 25/04/2020.

JONES, E. **Vida e obra de Sigmund Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

JUCA, V. J. S. A multivocalidade da cura na saúde mental: uma análise do discurso psiquiátrico. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, 10(3), 771-779, 2005.

KENDEL, D. K. O. Negotiating identities: the case of Adventist-raised gays and lesbians in Norway. Dissertação de Mestrado. MF Norwegian School of Theology, Religion and Society, 2019. Disponível em <https://mfopen.mf.no/mf-xmlui/handle/11250/2620555>. Acesso em 22/01/2021.

KERBS, R. A. El problema fé-razón (II). **Enfoques**. 12 (2) 65-82, 2000.

KERBS, R. A. El problema fé-razón (III). **Enfoques** 13 (2) 13-32, 2001.

KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E. **Sexual behavior in the human male**. Londres: W.B. Saunders Company, 1948.

KUHLE, B. X., & RADTKE, S. Born both ways: The alloparenting hypothesis for sexual fluidity in women. **Evolutionary Psychology**, 11(2), 2013.

LEHMANN, R. P. A segunda vinda de Jesus. In: DREDEN, R. **Tratado de Teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

LEWIS, K. **The psychoanalytic theory of man homosexuality**. New York: Simon and Schuster, 1988.

MACEDO, C. M. R.; SIVORI, H. F. Repatologizando a homossexualidade: a perspectiva de "psicólogos cristãos" brasileiros no século XXI. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, 18, 1415-1436, 2018.

MACHADO, M. D. C. Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de aids: notas de uma pesquisa. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, (11), 275–301, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634635>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MACHADO, M. D. C., & PICCOLO, F. D. **Religiões e Homossexualidades**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

MAGNANI, J. E TORRES, Lilian (orgs.). **Quando o campo é a cidade**. Na metrópole – textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, 1996.

MANUAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA / tradução Ranieri Sales. – 22. ed. – Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

MCCORMICK, C. M., WITELSON, S. F., & KINGSTONE, E. Left-handedness in homosexual men and women: Neuroendocrine implications. **Psychoneuroendocrinology**, 15(1), p. 69-76, 1990.

MELGOSA, J. **Mente positiva**: como desenvolver um estilo de vida saudável. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

MENDONÇA NETO, C. C.; MADUREIRA, A. F. A. **Espiritualidade e sexualidade**: as influências da lgbtfobia em contextos religiosos. Programa de Iniciação Científica-PIC/UniCEUB - Relatórios de Pesquisa. 2018.

MERRITT, J. The downfall of the ex-gay movement. **The Atlantic**. Online, 2015. Disponível em <http://www.theatlantic.com/politics/archive/2015/10/the-man-whodismantled-the-ex-gay-ministry/408970/>. Acesso em 19/04/2020.

MICHAEL Lost And Found. Direção: Daniel Wilner. Produção: Gillian Nycum, 2017.

NATIVIDADE, M. “Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 21(61), São Paulo, Edusc, 2006.

_____. O combate da castidade: autonomia e exercício da sexualidade entre homens evangélicos com práticas homossexuais. **Debates do NER**, 2(12), 2007.

_____. **Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil**. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, PPGSA/ IFCS/UFRJ, 2008a.

_____. Diversidade sexual e religião: a controvérsia sobre a cura da homossexualidade no Brasil. In: LIMA, R. K. **Antropologia e Direitos Humanos 5**. Brasília/ Rio de Janeiro: ABA/ BookLink, 2008b.

NATIVIDADE, M. T.; OLIVEIRA, L. Religião e Intolerância à Homossexualidade: tendências contemporâneas no Brasil”. In: SILVA, Vagner Gonçalves. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007.

_____; _____. Sexualidades Ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**; (2), 2009a. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/32/445>.

_____; _____. “Nós acolhemos os homossexuais”: homofobia pastoral e regulação da sexualidade. **TOMO**, São Cristóvão, (14), 2009b.

_____; _____. Diversidade sexual e religião: a construção de um problema. In ____; _____, **As Novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil** (39-71). Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NIELSEN, J. Klinefelter's syndrome and the XYY syndrome. A genetical, endocrinological and psychiatric- psychological study of thirty-three severely severely hypogonadal male patients and two patients with the XYY syndrome. **Acta Psychiat Scand.** 209, 1-333, 1969.

OLIVEIRA FILHO, J. J. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos avançados.** São Paulo, v. 18, n. 52, p. 157-179, 2004.

OLIVEIRA, T. R. M. S. de. O “fim do mundo” e os “desbravadores da fé”: a disciplina como meio de salvação na escrita de Ellen White. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2017.

PAOLIELLO, G. A despatologização da homossexualidade. In QUINET, A.; JORGE, M. A. C. **As Homossexualidades na Psicanálise:** na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

PASSOS, J. D. **Como a religião se organiza:** tipos e processos. São Paulo: Paulinas, 2006.

PEIXOTO, V. B. Violência contra LGBTs no Brasil: fundamentos históricos dos corpos abjetos. **Revista Periódicus**, Vol. 1, n. 10, p. 7-23, 2018.

PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F. CARRARA, S. **Sexualidade e saberes:** convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

RAIKHEL, E.; GARRIOTT, W. **Addiction Trajectories.** Durham, NC: Duke University Press, 2013.

RAMZY, A. Taiwan Legislature Approves Asia's First Same-Sex Marriage Law. **The New York Times**. Online. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/05/17/world/asia/taiwan-gay-marriage.html>. Acesso em 15/01/2020.

ROAZZI, A. Lar-doce-lar: Rainha ou rei? A representação da participação masculina nas tarefas domésticas e a lógica de sua distribuição em casais de nível sócio-doméstico baixo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 51(4), 7-38, 1999.

RUBIN, G. **Thinking sex**: notes for a radical theory of politics of sexuality. Companion Encyclopedia of Anthropology. London: Routledge, 1985.

SACER, D; FONSECA, R; SACER, V. Deus de Promessas. **Deus de promessas. Nova Iguaçu: Independente**, 2005.

SANTOS, F. V. D. Os limites do “re-fazer” etnográfico. O revisit de “Sociedade de Esquina”, de William Foote Whyte, e a crítica etnográfica contemporânea. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, (11). 2012.

SANTOS, M. C.; CALDANA, R. H. L.; ALVES, Z. M. M. B. O papel masculino dos anos quarenta aos noventa: transformações no ideário. **Paidéia** (Ribeirão Preto), 11(21), 57-68, 2001.

SCHWARZ, R.; GREENLEAF, F. **Portadores de luz**: história da igreja adventista do sétimo dia. 1ª ed. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.

SEVENTH-DAY ADVENTIST WORLD CHURCH STATISTICS 2016, 2017. Online, 2018. Disponível em: <https://www.adventist.org/en/information/statistics/article/go/-/seventh-day-adventist-world-church-statistics-2016-2017/>. Acesso em 26/02/2020.

SHIDLO, A., & SCHROEDER, M. Changing sexual orientation: A consumers' report. **Professional Psychology: Research and Practice**, 33, 249–25, 2002 <http://doi.org/10.1037/0735-7028.33.3.249>

SILVA, H. R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, 2009.

SILVA, O. R. M. D.; & MENANDRO, M. C. S. " Como se produz um homossexual?": a origem da homossexualidade na percepção de indivíduos que alegaram ter mudado de identidade sexual. *Gerais: revista interinstitucional de psicologia*, 12(1), 62-78, 2019.

SPITZER, R. L. Can Some Gay Men and Lesbians Change Their Sexual Orientation? 200 Participants Reporting a Change from Homosexual to Heterosexual Orientation. **Arch Sex Behav**, 32, 403–417, 2003. <https://doi.org/10.1023/A:1025647527010>

_____. Spitzer Reassesses His 2003 Study of Reparative Therapy of Homosexuality. **Arch Sex Behav**, 41, 757, 2012. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9966-y>

STEFFAN, M. Alan chambers apologizes to gay community, Exodus International to shut down. **Christianity Today**. Online, 2013. Disponível em <https://www.christianitytoday.com/news/2013/june/alan-chambers-apologizes-to-gay-community-exodus.html>. Acesso em 22/01/21.

STOLLER, R. **Sex and Gender: On the Development of Masculinity and Femininity**, New York: Science House, 1968.

_____. **Perversion: The Erotic Form of Hatred**, New York: Pantheon, 1975.

SUÁREZ, A. S. O ensino da escola sabatina: compreendendo o ciclo de aprendizagem. **Revista estrategias para el cumplimiento de la misión**. 13(1), 150-160, 2015.

URIARTE, U. M.; O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Revista PontoUrbe**. Edição 11. Ano 6, 2012.

VEZZOSI, J. I. P., RAMOS, M. M., ALMEIDA SEGUNDO, D. S., & COSTA, A. B. Crenças e atitudes corretivas de profissionais de psicologia sobre a homossexualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 39(3), 174-193., 2019 <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228539>

WARD, J. **Not Gay: Sex Between Straight White Men**. New York: NYU Press, 2015

WEISS, E. M., MOREHOUSE, J., YEAGER, T., & BERRY, T. A qualitative study of ex-gay and ex-ex-gay experiences. **Journal of Gay & Lesbian Mental Health**, 14, 291–319, 2010. <http://doi.org/10.1080/19359705.2010.506412>

WHITE, E. G. H. **The ministry of healing**. Silver Spring: Review and Herald, 1905.

_____. **Mensagens escolhidas 1**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

_____. **O lar adventista**. 14ª ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, W. F. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução: Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

YARHOUSE, M. A., BURKETT, L. A., & KREEFT, E. M. Paraprofessional Christian ministries for sexual behavior and same-sex identity concerns. **Journal of Psychology & Theology**, 30, 209–227, 2002.

ZAREMBA, J. Damares extingue comitês de enfrentamento à violência contra mulher e minorias. **Folha de São Paulo**. Online, 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/damares-extingue-comites-de-enfrentamento-a-violencia-contra-mulher-e-minorias.shtml>. Acesso em 22/01/21.

REFERÊNCIAS DE COMBATE À HOMOSSEXUALIDADE E MANUAIS DE “CURA GAY”

ALLEN, S. & ALLAN, P. **Compreendendo as Raízes do Lesbianismo**. 2ª Ed. Londrina: Ed. Exodus Brasil, 2006.

COHEN, R. **Gay children, straight parents: a plan for family healing**. Sydney: ReadHowYouWant, 2012.

CUNHA, D. F. **Aconselhando cristãos em luta com a homossexualidade**. São Paulo: Abba Press, 2012.

DALLAS, J. **Desires in conflict: answering the struggle for sexual identity**. Eugene: Harvest House Publishers, 1991.

ENRIGHT, R. D., & FITZGIBBONS, R. P. **Helping clients forgive: An empirical guide for resolving anger and restoring hope**. Washington DC.: American Psychological Association, 2000.

FERRON, J. **Cansei de ser Gay**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2016.

FITZGIBBONS, R. **Habits for a Healthy Marriage: A Handbook for Catholic Couples**. São Francisco: Ignatius Press, 2019.

_____. Same-Sex Attractions in Youth and Their Right to Informed Consent. **Homiletic & Pastoral Review**. Online, 2012. Disponível em <https://www.hprweb.com/2012/05/same-sex-attractions-in-youth-and-their-right-to-informed-consent/>. Acesso em 19/04/2020.

_____. The Transgender Agenda vs. the Science. **The Catholic Thing**. Online, 2017. Disponível em <https://www.thecatholicthing.org/2017/06/28/the-transgender-agenda-vs-the-science/>. Acesso em: 24/01/2020.

FITZGIBBONS, R., & NICOLOSI, J. **When Boys Won't Be Boys**: Childhood Gender Identity Disorder. Catholic Education Resource Center, 2001. Disponível em <https://www.catholiceducation.org/en/marriage-and-family/sexuality/when-boys-won-t-be-boys-childhood-gender-indentity-disorder.html>. Acesso em 16/01/2020.

KIŠ, M. M. Estilo de vida e conduta Cristã. In: DREDEN, R. **Tratado de Teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

LEMOS, F. Ministério adventista pioneiro no Brasil atua com homossexuais. **Notícias Adventistas**, 2018. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comportamento/ministerio-adventista-pioneiro-no-brasil-atua-com-homossexuais/> . Acesso em 21/11/2019.

LOBO, M. **Famílias em Perigo**: o que Todos Devem Saber Sobre a Ideologia de Gênero. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2016.

LOBO, M. Filhos Homossexuais. In: Sem Tabus. **Youtube**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=umdpZhp6dYA>. Acesso em 17/04/2020.

LOBO, M. História da Ideologia de Gênero: Parte 1. In: Sem Tabus. **Youtube**, 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v3rQMb0rEA0>. Acesso em 26/02/2020.

LOBO, M. História da Ideologia de Gênero: Parte 2. In: Sem Tabus. **Youtube**, 2017b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eBwU_RTCiKs&t=407s. Acesso em 26/02/2020.

LOBO, M. **Limites**: O caminho para o equilíbrio emocional dos seus filhos. Curitiba: V.E.M, 2019.

LOBO, M. **Psicopatas da fé**: manipuladores do evangelho. São Paulo: Editora Fôlego, 2011.

MEIRA, V. P. **Sexualidade Plena**. 2ª ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

MENEZES, E. V. A. Prisioneiros da esperança: a limitação da autonomia da vontade no atendimento psicológico de homossexuais egodistônicos no Brasil. **Revista Jurídica da Seção Judiciária de Pernambuco**, (7) 91-113, 2014.

MOBERLY, E. R. **Homosexuality**: A new Christian ethic. Cambridge: James Clarke & Co.1983a.

MOBERLY, E. R. **Psychogenesis**: The Early Development of Gender Identity. Henley-on-Thames: Routledge & Kegan Paul, 1983b.

NICOLOSI, J. **Reparative Therapy of Male Homosexuality**: A New Clinical Approach. Lanham: Jason Aronson, 1991.

NICOLOSI, J. **Homossexualidade**: Guia de orientação aos pais para formação da criança. São Paulo: Shedd Publicações, 2016.

NICOLOSI, J.; FREEMAN, L. **Healing homosexuality**: Case stories of reparative therapy. Lanham: Jason Aronson, 1997.

PAYNE, L. **Imagens Partidas**. São Paulo: Sepal, 2001.

QUADROS, L. Na Mira da Verdade – Homossexualidade (parte 1). In: Na mira da verdade. **Youtube**, 2015a. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6ZjArFCLgFg>, acesso em 25/02/2020.

_____. Na Mira da Verdade – Homossexualidade (parte 2). In: NA MIRA DA VERDADE. **Youtube**, 2015b. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=oHs_YjubDmw&t=3s, acesso em 25/02/2020.

_____. Colégio cristão adventista de Belém foi preconceituoso? In: Leandro Quadros. **Youtube**, 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ydr0QB-ZjHM&t=914>. Acesso em 25/02/2020.

SOCARIDES, C. **Homosexuality**: A Freedom Too Far: A Psychoanalyst Answers 1000 Questions About Causes and Cure and the Impact of Gay Rights Movement on American Society. Phoenix: Adam Margrave Books, 1995.

TAY, J. S. H. **Nascido gay?** – existem evidências científicas para a homossexualidade? Rio de Janeiro: Central Gospel, 2011.